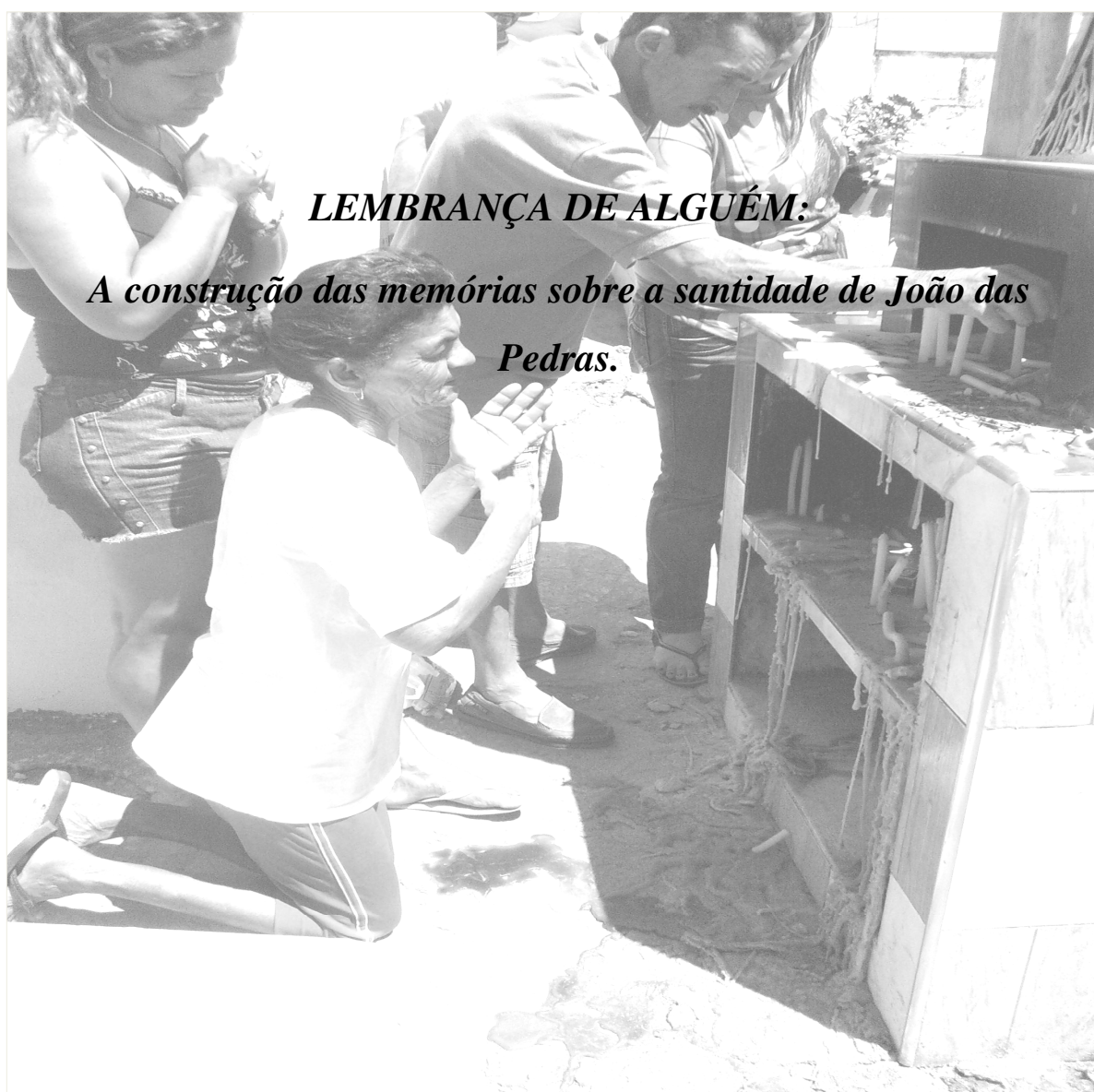




UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

Michelle Ferreira Maia



LEMBRANÇA DE ALGUÉM:

A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras.

FORTALEZA

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Michelle Ferreira Maia

LEMBRANÇA DE ALGUÉM:

A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Régis Lopes, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História.

FORTALEZA

2008

M1841 Maia, Michelle Ferreira

Lembrança de Alguém: a construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras / Michelle Ferreira Maia; Francisco Régis Lopes Ramos (orientador). 2008.

000 f. : il. ; 30cm

Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Departamento de História, Fortaleza, 2008

1. Religiosidade popular – São Benedito-CE. 2. João das Pedras – Biografia. I. Ramos, Francisco Régis Lopes. II. Universidade Federal do Ceará. Departamento de História. III. Título.

Michelle Ferreira Maia

LEMBRANÇA DE ALGUÉM:

A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História Social.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes (Orientador)

Universidade Federal do Ceará – UFC.

Prof. Dr. Edilberto Cavalcante Reis

Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Prof.^a Dra. Kênia Sousa Rios

Universidade Federal do Ceará – UFC.

Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho (Suplente)

Universidade Federal do Ceará – UFC

FORTALEZA

2008.

Se existe mesmo destino ter sido recebida em teus braços foi a maior sorte do mundo. Se não me gestaste em teu ventre me nutriu com teu amor, teus carinhos, conselhos, dedicação ano após ano. Quando me perguntam o que quero ser, asseguro: quero ser doce, valente, obstinada, honesta, e ter um coração maravilhoso como o de minha amável mãe. Por tudo te agradeço e te dedico além desta dissertação toda a minha vida.

*Te amo Mãe Raimunda Ferreira Maia
Obrigada meu Deus por ser minha Fortaleza.*

AGRADECIMENTOS

A caminhada foi longa, árdua como diz a música do Cidade Negra: “você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui. Percorri milhas e milhas antes de dormir, eu não cochilei, os mais belos montes escalei, nas noites escuras de frio chorei”. Difícil, entretanto feliz.

Minha felicidade veio cedo. Tive a oportunidade de conviver com um orientador, que em minha graduação no curso de História da UVA, o admirava pelas leituras sobre Padre Cícero, Juazeiro e o Caldeirão. No mestrado, a satisfação foi perceber o quanto o Prof. Dr. Régis Lopes é generoso, zeloso, historiador dedicado e paciente. Muitas vezes me indaguei: o que seria da minha pesquisa e estada no mestrado sem o professor Régis? Graças a todos os anjos, santos e o meu bom Deus posso somente narrar que a convivência foi tranqüila e satisfatória: a liberdade que tive de escolher caminhos, a sutileza, sensibilidade e astúcia que direcionava suas sugestões, me permitindo vencer cada etapa de incertezas, valorizando minhas descobertas, a escrita e a pesquisa. Me fez amadurecer enquanto pesquisadora. Minha pieguice não é maior do que meu sincero agradecimento e gratidão eterna.

Agradeço a FUNCAP pelo apoio recebido logo no início do mestrado para a realização desta pesquisa. Sem o arrimo como bolsista minha pesquisa teria sido dificultada.

A Prof.^a Dra. Kênia Sousa Rios pela sensibilidade das meticolosas e necessárias observações no trabalho de qualificação. Considerações que permitiram a maturidade da pesquisa e da escrita. Meu agradecimento e minha admiração.

A Prof.^a Dra. Meize Lucas que tão clara me fez perceber na qualificação com sua frase: “João das Pedras é a porta. Você a abriu para todos os fantasmas” outros fantasmas. Obrigada por me apontar caminhos tão indispensáveis nessa trajetória.

A Prof.^a Dra. Telma Bessa pela acolhida sempre gentil no grupo de pesquisa História Oral, embora eu estivesse ausente nas reuniões devido aos afazeres da escrita. Meu agradecimento pela sua atenção e carinho.

Ao Prof. Dr. João Ernani pela indicação de livros, sugestões de abordagem e pela gentileza nos corredores do departamento de História.

Uma vez ouvi na disciplina Seminário de Dissertação: Michelle você está dando um tiro num iceberg e não sabe onde esse tiro irá parar e te levar. Frase esta que sempre me peguei pensando. Agradeço a você Prof. Dr. Almir Leal que me permitiu compreender o sentido da passagem. Finda a dissertação entendi no caminho trilhado o tiro e o alvo.

Aos professores Dr. Frederico de Castro Neves, Dr. Eurípedes Funes e a professora Dra. Adelaide Gonçalves que também contribuíram para esta pesquisa nas discussões desenvolvidas nas disciplinas cursadas.

Agradeço Antonio Luiz Filho pela clareza e rigor de sua correção.

A Regina Jucá, Silvia e Telma pela cordialidade e prontidão que sempre receberam os alunos do mestrado. O auxílio recebido foi valioso.

A Terezinha ou Tetê pela amizade construída em meios aos cafés da tarde. Obrigada pelo carinho.

Agradeço ao auxílio de Seu Augusto e Elineusa na biblioteca do NUDOC.

A Kelly Cristina amiga de todas as horas, obrigada pelos bons conselhos, pelo companheirismo, pela dedicação, pela generosidade e carinho. Ensinando-me principalmente que uma amizade verdadeira não se desfaz com a distância ou tempo, talvez somente tire férias.

In memória a Dona Maria das Graças que tão bem me acolheu em sua casa. Ao seu esposo José Edilson (um grande homem e grande pai) que tanto admiro e respeito. Meu agradecimento por me permitir conviver no meio dessa linda e abençoada família: André, Ângelo e Paulo Eduardo, Kelly Benjamim Viana. Todos sempre me fizeram sentir em casa.

No mestrado também se firma laços. Assim foi com meu querido amigo Daniel Varela um doce de pessoa. Amigo fiel, verdadeiro que mesmo ausente sempre se fez presente. Há momentos surpreendentes, encontrava Lucília ligeiramente ora na biblioteca, pelos corredores da faculdade, pelas ruas do Benfica quando nas limitadas conversas dialogávamos sobre a arte de viver. De repente, num momento em que as portas pareciam fechadas, vocês dois divinamente me ajudaram a abrir. Agradeço de coração.

Igor Alves Moreira companheiro que sempre admirei. Traçamos o mesmo caminho: viemos do curso de História da UVA com a bagagem cheia de sonhos e perspectivas: ele com seu santo Dom Expedito, e eu cá com João das Pedras.

A Karoline Viana que desde o início das aulas do mestrado dizia: “muito interessante a história do ladrão”. Obrigada por consentir com sua reportagem (o ladrão que virou santo) que a história de João das Pedras percorresse as páginas do Jornal Diário do Nordeste e com este o mundo dos leitores.

A todos os professores do curso de História da UVA em Sobral: a Prof.^a Dra. Chrislene Santos e Prof.^a Ms. Edvanir Maia, ao Prof.^o Dr. Carlos Augusto Pereira dos Santos e Ms. Gleison Monteiro, Ms. Raimundo Nonato, Ms. Dênis Melo pelo apoio nos tempos idos da graduação onde partilhamos o florescer desta pesquisa.

A Gilson querido amigo que sempre amável me tributou admiração.

Ana Keyla Lopes pelas primeiras correções do trabalho, pela leitura sempre participativa. Amiga carinhosa e companheira.

A Cristiana Holanda, amiga compreensiva que mesmo atarefada em Sobral sempre me rendeu gentilmente seu tempo e zelo.

André, Zélia, Carlos Emanuel, Ana Paula, Luciana Ximenes pelo estímulo sempre verdadeiro.

Anaxsuell Fernando pelo primoroso presente (A dissertação sobre o Cangaceiro Jararaca) que me enviou de Natal.

A Ana Delizier pelo livro valioso (História Geral e Política de São Benedito) que me dedicou.

As minhas eternas amigas Niulene, Gláucia, Eunice e Joyce.

Danielle pelas preces que sempre me rendeu. A Raphael Arraes pelas palavras de incentivo e bondade.

Rodrigo Alves Ribeiro pela amizade compartilhada no ardor da chegada em Fortaleza: “como se fora brincadeira de roda memória” (Gonzaguinha).

In memória o meu avô José e minha avó Antonia Barbosa de Sousa.

A Minha tia Cleonice que sempre me salvava nas horas de sufoco. Meus tios Francisco das Chagas e Paulo, a minha tia Ester por suas rezas e desejos de boa sorte. A Cleomar minha tia devota de João das Pedras.

Ao meu pai Valderí Maia Duarte, homem simples que aprendi a amar e respeitar mesmo diante das suas limitações e complexidades. Acompanhando a minha estada em Fortaleza sempre me amparando nos momentos difíceis. Obrigada pelo carinho, dedicação, conselhos, incentivos e apoio.

Aos meus amados: Juliana jovem linda e de fibra, Valdeci excelente desenhista, e, meu príncipe de seis anos, Davi. Adoro vocês. Confesso que foi muito difícil ficar longe de tudo: de nossas risadas, brincadeiras, conversas e até desentendimentos. Nada paga o carinho verdadeiro que sempre recebi de vocês doces e queridos irmãos.

Lembro de tudo: das vezes que me buscava no colégio lá nas noites de inverno em São Benedito. Das vezes que acompanhou minhas alegrias e minhas tristezas. Cresci admirando esse grande homem, honrado e de bom coração, pai dedicado e sensível, amigo, companheiro, lutador. A você Edvan César Soares a minha eterna admiração e agradecimento. Obrigada por sempre ter sido um porto seguro nessa caminhada.

Agradeço Francisco, Ieda, Vicente, Rosângela pela amizade sincera que sempre me devotaram.

A Rosa e toda sua linda e abençoada família pela acolhida sempre prazerosa a mim e minha mãe.

Aos meus padrinhos, Albana e Halisson pelas diversas vezes que com ternura e atenção me ouviam falar sobre minha pesquisa.

A todos os meus entrevistados. Vocês tornaram possível a feitura deste trabalho.

A Maria Ferreira Gomes por tudo.

RESUMO

Lembrança de Alguém: a construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras é uma pesquisa que tem como objetivo estudar as formas, os gestos, as narrativas, enfim as práticas populares que se relacionam com a vida, morte e devoção a João das Pedras um ladrão que morreu aproximadamente em 04 de Abril de 1978 na cidade de São Benedito, Ceará. Não se trata de uma biografia. Procuo cruzar a vida e a morte de João não seguindo uma ordem cronológica dos acontecimentos: da vida para a morte ou da morte para vida. Busco, nas práticas de devoção, aquilo que dá sentido ao passado de João. Investigo, no presente, o que alude ao passado, (re) significando-o. Para compreender o culto a João das Pedras foi necessário ter uma aproximação com a relação dos entrevistados com a morte, os mortos, os sonhos, as promessas e devoções, com o cemitério, com o mundo visível, e invisível. Um estudo possibilitado pelas entrevistas, pelos ex-votos, pelas marcações de intenções de missas colhidos

Palavras- Chave: memórias – fé - promessas- corpo.

SUMMARY

“Lembrança de Alguém” (Memories about someone): the construction of memories about João das Pedras’ sanctity is a research that has as its main objective to study the forms, the gestures, the narratives, finally the popular practices that are related with João das Pedras’ life story, death and devotion towards a thief who died around April 4th, 1978 in a small town called São Benedito, Ceará. Biography is not the case here. I intend to cross João das Pedras’ life story and death, not following a chronological order of the facts: from life to death or from death to life. I seek, by devotion practices, what may give a meaningful sense to João’s past life. I inquire into present what alludes to the past, by making it meaningful once or twice. In order to comprehend the veneration towards João das Pedras, it was necessary to have an approach with the relating interviewees with the death, the deads, the dreams, the promises and devotions, with the cemetery, with the visible and invisible worlds. A study enabled by the interviews, by the ex-vows, by marking intentions of the collected masses.

Keywords: memories – faith – premises – body.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1: Fotografia de João das Pedras em meio a um time de Futebol	23
Fonte: monóculo pertencente a Maria Ferreira Gomes.	
Figura 2: Agenda de marcação da Igreja Matriz de São Benedito do dia 10 de Janeiro de 2005.....	99
Fonte: acervo da autora fotografado em 03/11/2007.	
Figura 3: Túmulo de João das Pedras	112
Fonte: acervo da autora fotografado em Fevereiro de 2003.	
Figura 4: Bilhete escrito por um devoto desconhecido	117
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2007.	
Figura 5: Fotografia de Gonçala Araújo	119
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2005.	
Figura 6: Fotografia deixada por um (a) devoto (a) no Túmulo de João das Pedras	120
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2007.	
Figura 7: Túmulo de João das Pedras	126
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2005.	
Figura 8: Túmulo de João das Pedras	127
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2005.	
Figura 9: Túmulo de João das Pedras	129
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2006.	
Figura 10: Túmulo de João das Pedras	129
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2006.	
Figura 11: Túmulo de João das Pedras	134
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2006.	
Figura 12: Fotografia de Aparecida Araújo pagando promessa no Túmulo de João das Pedras	180
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2006.	
Figura 13: Fotografia Fúnebre de ano desconhecido.....	198
Fonte: acervo particular de Raimunda Ferreira Maia.	
Figura 14: Túmulo de João das Pedras	199
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2008.	

Figura 15: Túmulo de João das Pedras	204
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2008.	
Figura 16: Túmulo de João das Pedras	216
Fonte: acervo da autora fotografado em 02/11/2008.	
Figura 17: Anexo I - Fotografia de Maria Ferreira Gomes.....	217
Fonte: acervo da autora fotografado em Agosto de 2008.	
Figura(s) 18: Anexo II – Páginas das agendas de marcação de 2005 a 2006	217
Fonte: acervo da Secretária Paroquial da Igreja Matriz de São Benedito.	
Figura(s) 19: Anexo III – Dia de Finados de 2003 no Cemitério de São Benedito ...	218
Fonte: acervo da autora.	
Figura(s) 20: Anexo IV - Dia de Finados de 2004	218
Fonte: acervo da autora.	
Figuras(s) 21: Anexo V - Dia de Finados de 2005	219
Fonte: acervo da autora.	
Figura(s) 22: Anexo VI – Dia de Finados de 2006	219
Fonte: acervo da autora.	
Figura(s) 23: Anexo VII – Túmulo de João das Pedras em 03/11/2007	219
Fonte: acervo da autora.	
Figura(s) 24: Anexo VIII – Túmulo de João das Pedras em de 08/07/2008.....	220
Fonte: acervo da autora.	

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização geográfica da Cidade de São Benedito e suas divisas municipais	16
Fonte: Mapa Básico do Estado do Ceará.	
Mapa 2: Apresentação da localização do Túmulo de João das Pedras no Cemitério de São Benedito.....	113
Mapa 3: Traçado do percurso de condução do Corpo de João das Pedras do Bairro do Cruzeiro a Rua Deputado Vicente Ribeiro	166

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição em dias e meses das marcações de intenções de missas a João das Pedras na Igreja Matriz de São Benedito em 2003.....	84
Tabela 2: Distribuição em dias e meses das marcações de intenções em 2004.....	85
Tabela 3: Distribuição em dias e meses das marcações de intenções de em 2005	85
Tabela 4: Distribuição em dias e meses das marcações de intenções de missas a João das Pedras na Igreja Matriz de São Benedito em 2006.....	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I – A VIDA DEPOIS DA MORTE	27
1.1 . No meio do caminho tinha Pedra e um Patuá.....	27
1.2 . Ladrão por destino.....	45
1.3 O Destino do Ladrão	66
CAPÍTULO II – ENTRE O PEDIDO E O RECEBIDO	79
2.1. Confissões de Fé	79
2.2. O alcance da Graça.....	108
CAPÍTULO III – CAMINHOS DO CORPO	138
3.1. O Corpo desumano.....	138
3.2. Do corpo Seco ao Corpo Santo.....	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
FONTES	205
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	211
ANEXOS	216

SÃO BENEDITO



MAPA DE LOCALIZAÇÃO



LEGENDA

CAPITAL	★
CIDADE (ACIMA DE 100.000 HAB.)	■
CIDADE (DE 50.001 ATÉ 100.000 HAB.)	□
CIDADE (DE 20.001 ATÉ 50.000 HAB.)	⊙
CIDADE (DE 5.001 ATÉ 20.000 HAB.)	⊙
CIDADE (MENOS DE 5.000 HAB.) / DISTRITO	●
OUTRAS LOCALIDADES	○
LIMITES	—
FERROVIA IMPLANTADA	—+—+—+—
FERROVIA PLANEJADA	—+—+—+—
AERÓDROMO	✈
AEROPORTO	✈
PORTO	⚓
PREFIXO RODOVIAS:	
FEDERAL	BR
ESTADUAL	CE
TRANSITÓRIA	—
CONSTRUÍDAS:	
PAVIMENTADA PISTA SIMPLES	—
PAVIMENTADA PISTA DUPLA	—
IMPLANTADA	—
LEITO NATURAL	—
EM CONSTRUÇÃO:	
PAVIMENTADA PISTA SIMPLES	- - -
PAVIMENTADA PISTA DUPLA	- - -
IMPLANTAÇÃO (EOI)	- - -
PLANEJADA	- - -
CONVENÇÕES	
CURSO D'ÁGUA PERMANENTE	—
CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE	—
LAGOA, LAGO	—
AÇUDE, BARRAGEM	—

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando, não sei explicar
Fui assim levando ele a me levar
E na sua meninice ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí
Olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega
Chega suado e veloz do batente
E traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega
Chega no morro com o carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assaltos tá um horror
Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega
Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo, de papo pro ar
Desde o começo, eu não disse, seu moço
Ele disse que chegava lá
Olha aí, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri

INTRODUÇÃO

Ele me escapava, ou melhor, eu começava a perceber que ele me escapava. É desse momento, sempre repartido no tempo, que data o nascimento do historiador, é essa ausência que constituiu o discurso histórico. [...] Não que esse mundo antigo e passado se mexa! Esse mundo não se mexe mais. Nós mexemos nele.

Michel de Certeau¹

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador.

Jacques Le Goff²

Tudo começou no dia de finados de 1999. Visitando o sepulcro onde estava o pai de um amigo, fui atraída pela fumaça que cercava um túmulo. Era o de João das Pedras. Localizado nas extremidades que demarcavam o início das terras dos fundos do cemitério de São Benedito, Ceará³. A construção retangular apresentava um aspecto desgastado; as velas roubavam a tonalidade da cerâmica que o revestia, tornando-o preto. Desordenadamente, as velas, ao redor, derramavam cera, que pareciam atear fogo e queimar mais e mais a cerâmica.

¹ CERTEAU, Michel de. Apud DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. Trad. Fernanda Abreu. Bauru: Edusc, 2004. p. 197.

² LE GOFF, Jaques. Documento/Monumento. In: **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. p. 525.

³ A cidade de São Benedito está localizada na serra da Ibiapaba, a aproximadamente 269 km de Fortaleza, capital do Ceará. Latitude 4° 02' 55"; Longitude 40° 51' 54"; Localização: Norte: Mucambo, Ibiapina; Sul: Carnaubal, Guaraciaba do Norte; Leste: Graça; Oeste: Piauí. Sua população recensada e estimada em 2007 era de 43.077 hab. Dados disponibilizados no site [pt.wikipedia.org/wiki/São_Benedito_\(Ceará\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/São_Benedito_(Ceará)).

O chão, pintado de negro, apontava que, no fim, as velas escorriam para a terra, fixando uma cor enrijecida, anunciando que, noutros dias, outras velas haviam sido ali acesas. O fogo expelia uma fumaça, que, mesmo a distância considerável, podia ser observada.

Como muitos que estavam em volta do túmulo, observei por instantes algumas pessoas que, silenciosamente, balbuciavam as orações sugeridas pelos terços em suas mãos. Não havia inscrição alguma que identificasse o dono do jazigo. Apenas uma cruz preta na cabeceira do túmulo ornada por fitas e coroas de flores. Havia alguns pedaços de madeira reproduzindo partes do corpo humano. As imagens diferenciavam o túmulo de João das Pedras diante dos demais.

Não consegui calar a pergunta: quem ali estaria sepultado? “Morreu queimado!”, afirmavam. Junto à resposta, as imagens da fumaça e o cheiro queimado das velas se esvaíam, pesando o ar daquele espaço, tornando-o quente e incômodo. Nada compreendi. Dúvidas surgiam: qual a razão de tantas velas? Por que as pessoas pagavam promessas? Posteriormente, soube que se tratava do túmulo de um ladrão.

O túmulo de João das Pedras, recoberto por pedaços de madeira em forma de cabeça, braços, pernas, também apresenta terços e santos. A relação do devoto com o *santo popular* é *posta* de forma mais efetiva: a fé é a relação do sujeito com o sagrado. Afinal, um espaço não é sagrado por si mesmo, mas por uma qualidade recebida pelas práticas dos devotos⁴.

Três anos depois, surgem inquietações regadas pela necessidade de escrever uma monografia. Passei a visitar o túmulo a partir de 2002, como pesquisadora de minha investigação monográfica desenvolvida no curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA em Sobral, Ceará. Na monografia intitulada *De ladrão a santo popular: a construção do imaginário sobre João das Pedras. (São Benedito-Ceará)*, propus investigar a trajetória de João das Pedras.

Fiquei embaraçada pelas narrativas sobre o ladrão que virou santo. Afinal, não conseguia compreender como um ladrão poderia ser cultuado como santo.

⁴ A concepção de sagrado, proposta por Roger Caillois, é a de que o sujeito insinua e inscreve o que é sagrado: “é uma qualidade que as coisas não possuem por si mesmas: uma graça misteriosa vem-na acrescentar a ela” (CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Ed. 70, [s.d.]. p. 20.

Seguindo as conversas informais, tomei conhecimento de que o defunto que não tinha seu nome lapidado no túmulo era João Ferreira Gomes, filho primogênito de dona Maria Ferreira Gomes. Falecido aproximadamente no dia 4 de abril de 1978, no bairro do Cruzeiro, periferia de São Benedito. A morte decorria, segundo entrevistas, da tentativa de furto.

Logo no princípio da pesquisa, percebi a escassez de fontes escritas. O Fórum Dr. Rubens Brandão foi o primeiro lugar a ser visitado. Encontrei processos de morte, furtos e outros delitos, nos autos arquivados numa sala úmida e esquecida. Pesquisei as décadas de 1960 e 1970. Nenhuma das pastas pesquisadas mencionava João das Pedras. Tendo sido preso na delegacia de São Benedito e outras vezes transferido para a colônia agrícola Amanari, próximo a Fortaleza, acreditei que haveria boletins de ocorrência ou processos de transferência sobre João das Pedras.

A ausência pode ser compreendida porque o fórum foi transferido de prédio, reformado ao longo dos anos e a suposta documentação pode ter-se perdido. Outra possibilidade vislumbrada: João das Pedras não passou por um julgamento no fórum. Constantemente acusado de roubo e de incitar medo, seu delito à época não tinha uma gravidade maior se comparado aos assassinatos, tomando assim uma proporção de *reclusão/detenção* e não de uma condenação por júri.

Fiquei sabendo que a mãe de João das Pedras, Maria Ferreira Gomes, estava viva. Com isso veio a possibilidade de tatear a certidão de óbito que me apontasse a causa da morte. Vê-lo por foto, tocar um objeto, uma carta ou qualquer inscrição pertencente a João das Pedras. Tudo isso parecia palpável.

Maria foi minha segunda entrevistada. Com sua saia abaixo do joelho, a blusa cobrindo seus braços. Uma senhora de estatura mediana. O cabelo tingido pelo branco da idade, dando voltas e voltas até moldá-lo num círculo preso a um pente preto. Suas vestimentas e até a forma como amarra o cabelo acompanharam a velhice, distinguindo-se da juventude, quando seus cabelos negros corriam soltos. Recebeu-me com a face séria, voz grave, as mãos ressecadas por uma lida que deixou muitas marcas, como a

própria seriedade de sua expressão. Para sua surpresa, Maria não esperava que eu desejasse ouvir sobre sua vida e a de seu filho⁵.

Foi-me difícil fazer perguntas e, mais ainda, fazer que Maria falasse. Queria perguntar sobre os roubos, as fugas, a morte de João das Pedras. Contudo, Maria era sua mãe. E João das Pedras, antes de qualquer adjetivo que o precedesse, era seu filho: o que morreu de forma trágica. Sendo assim, as perguntas foram meticulosamente escolhidas. Comecei pelo que eu pensava ser o mais acertado. Perguntei-lhe o porquê do nome João das Pedras e segui inquirindo acerca da infância, da mudança da família ocorrida do município Graça para São Benedito.

A entrevista foi lenta, se comparada às que depois se seguiram. Saí de sua casa sem o que esperava encontrar. Durante a entrevista, desviei o olhar da face de Maria, direcionando para as paredes de barro de sua antiga casa (hoje demolida), à procura de uma foto de João das Pedras. Nenhuma imagem dele. Mostravam-se fotografias das filhas, dos netos e das netas, dos calendários, das imagens de santo, o espelho que refletia os tamboretos da casa, mas João das Pedras não estava lá. Como não havia ainda se construído uma cumplicidade entre nós, ela não me revelou sobre a morte de João das Pedras.

Era nosso primeiro de muitos encontros. Os que se seguiram foram mais proveitosos, e também mais dolorosos. Eu era tomada por um constrangimento, ao segurar o gravador, ao *perceber* que incitava a lembrança que Maria queria esquecer. Finalmente, o laço de confiança transformou as nossas entrevistas em conversas.

Na quinta visita tomei conhecimento de uma única foto de João das Pedras que Maria guardava⁶. A fotografia num monóculo azul me permitia visualizar por um limitado círculo as feições de João das Pedras, capturadas pela lente de um fotógrafo

⁵ Portelli nos adverte para observar como se porta a entrevistada. Segundo ele, é necessário compreender que o momento da entrevista está aberto para certa espontaneidade por parte do entrevistado, e isso porque: “O caminho do pesquisador se cruza com o caminho do narrador em momentos imprevisíveis, e a história de vida coletada é o resultado dessas eventualidades. É claro que o pesquisador pode ter planejado o encontro, mas o entrevistado não. Normalmente, não há motivo inerente na vida dos narradores para que pesquisadores batam à sua porta em algum momento específico” (PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na História Oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (org.) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’Água, 2004. p. 298).

⁶ As repetidas e freqüentes visitas que fiz à residência de Maria propiciaram uma abertura de outros detalhes, e isso ocorre, de acordo com Alessandro Portelli, porque ao “repetir entrevistas [...] o entendimento e a amizade aumentam, os detalhes que no começo foram reprimidos podem ser revelados” (Ibid. p. 299).

amador. Iluminada pela luz do sol, a foto *enquadrada* havia sido encenada num campinho de futebol improvisado, num “terreiro” vazio posicionado ao lado da antiga casa de João das Pedras na beira da Central, nome como era conhecido a avenida da Confiança Norte. Central por ser, ao mesmo tempo, início da cidade de São Benedito para quem adentrasse pelo lado norte e o fim do perímetro urbano para aqueles vindos do lado sul da cidade.

Não há data. Apesar disso, os uniformes e o molde de cabelo anunciam que se trata da década de 1970. Vestidos com uniformes brancos, posaram antes de uma partida de futebol, visto a limpidez dos uniformes; não é possível ver com nitidez um emblema ou uma sigla que estão grafados sobre o peito direito de cada jogador.

João das Pedras não está uniformizado, e sim de camiseta de listras horizontais de cor verde. Os braços desnudos apontam a figura de um homem alto, forte e de meia idade. A falta do uniforme suscita a questão de que, naquele jogo, João das Pedras não iria jogar; entretanto, estar posicionado com os demais significa pertencer ao time. Talvez não jogasse de forma freqüente. Não podemos esquecer que João das Pedras era ladrão e seu paradeiro era incerto:



Depois do primeiro diálogo com dona Maria, fui ao Cartório Amaral do 2º Ofício e lá não encontrei a certidão de óbito, quando pesquisei as décadas de 1960, 1970

e até 1980. Antes disso, Maria havia confiado que não tinha solicitado certidão de óbito, porque João das Pedras era “um ladrão, foragido” e, portanto, acreditava que o defunto não tinha o direito a esse documento. João das Pedras, mesmo morto, na sua concepção, não apagou a sua condição de bandido.

De fato, não há registro. Seja no cartório ou na prefeitura municipal, responsável pelo cemitério da cidade. De qualquer modo, é bom ressaltar: é praxe, nas prefeituras do interior, fazerem a queima de arquivos na passagem de um prefeito para outro.

João das Pedras não sabia ler nem escrever. Não frequentou escola. Sua mãe, Maria Ferreira Gomes, assegurou-me que ele “nunca estudou, nesse tempo, o povo era doido, né? Não liga assim pra coisa de estudo, tinha que trabalhar”⁷. Outros tempos: seus cinco filhos cresceram sem nenhuma instrução formal. Não pude *fazer uso* da trajetória escolar de João das Pedras. Maria não lembra a data de nascimento ou morte do filho. Os registros se perderam com o tempo.

Pesquisei as décadas de 1960 e 1970, no hebdomadário católico *Correio da Semana*⁸, jornal de circulação em Sobral, Ceará, e não há nota alguma sobre qualquer assunto relacionado a João das Pedras.

Cada grão de lembrança sobre João das Pedras que sobreviveu às armadilhas do esquecimento foi e está *(res)guardado* na memória de alguns habitantes de São Benedito, *permitindo e alimentando* a sua presença, uma memória que é (re)elaborada⁹.

Nos arredores da cidade de São Benedito, João das Pedras é capturado *pelo falar e pelo ouvir dizer*. João é um fantasma falado, uma ausência presente, um morto que age aos olhos e aos ouvidos dos devotos. Uma presença feita pela fé e pela devoção e admiração a João.

⁷ GOMES, Maria Ferreira. Casada. Aposentada. 64 anos. Nascida no dia 30/03/1930. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Pimenteira, em São Benedito, no dia 01/06/2003. Atualmente a senhora reside no bairro do Corrente, na mesma cidade.

⁸ Semanário católico organizado pela Diocese de Sobral, o *Correio da Semana* teve sua primeira publicação no ano de 1918.

⁹ De acordo com Raphael Samuel, “a memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da ‘tradição’, ela é progressivamente alterada de geração em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Tem, estampadas, as paixões dominantes em seu tempo. Como a história, a memória é inerentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual” (SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev. 1997. p. 42).

François Dosse assegura que “a história envereda cada vez mais pelos caminhos obscuros e complexos da memória até em seus modos extremos de cristalização, tanto ideais quanto materiais, a fim de compreender melhor os processos de transformação, as ressurgências e as rupturas instauradoras do passado. Bem longe das leituras esquemáticas cuja única ambição é preencher lacunas e buscar suas causas, a história social da memória permanece atenta a qualquer alteração como fonte de movimento da qual é preciso acompanhar os efeitos. Seu objeto é um ausente que age, um ato que só pode se confirmar se for objeto da interrogação de seu outro”¹⁰.

Podemos compreender que João das Pedras age no presente pelas súplicas configuradas numa graça solicitada por seus devotos. Mas os outros que também favorecem sua presença no presente são aqueles que, embora não acreditem no poder do ladrão, mencionam críticas à devoção, tecendo comentários sobre a conduta de vida do santo.

O objetivo da dissertação é interpretar as formas, os gestos, as narrativas, enfim as práticas populares que se relacionam com a vida, morte e devoção a João das Pedras. Um estudo possibilitado pelas entrevistas, pelos ex-votos, pelas marcações de intenções de missas.

Não se trata de uma biografia. Procuo cruzar a vida e a morte de João das Pedras, não seguindo uma ordem cronológica dos acontecimentos: da vida para a morte ou da morte para vida. Busco, nas práticas de devoção, aquilo que dá sentido ao passado de João. Investigo, no presente, o que alude ao passado, (res)significando-o.

Inicialmente escolhi meus entrevistados por idade: queria me aproximar desse tempo vivido por João das Pedras e, para o intento, preferi entrevistar contemporâneos ao seu período. Entretanto, ser contemporâneo não significa ter tido uma relação direta com João, basta ter vivido em São Benedito e ouvido falar de narrativas sobre o ladrão. A preponderância de mulheres nas entrevistas não se deve a uma escolha proposital. Busquei, como definiu Antonio Torres Montenegro, “romper com as armadilhas de uma polifonia memorialística”, pois meu interesse maior se delineava na possibilidade de perceber “a construção do relato histórico como produtor de significados”. Além disso, cada entrevista, permite que, “ao estudá-la, se tenha também um conhecimento das

¹⁰ DOSSE, op. cit. p. 184.

formas de elaboração do passado de parcelas da população ou do grupo social em que o entrevistado se encontra inserido”¹¹, compreendendo como são transmitidas essas percepções do mundo de cada um. As entrevistas foram o novelo que permitiram a costura do tecido¹².

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro, intitulado **A vida depois da morte**, aborda fragmentos da vida de João das Pedras que são (re)elaborados. Enfoca a divergência em torno do que é idealizado como santo para a Igreja católica: o ser que serve de modelo, um exemplo a ser seguido pelos fiéis; demonstração de fé, caridade, abnegação, renúncia, abstinência dos prazeres mundanos.

João das Pedras era ladrão. Então, em que sentido sua vida é posta como um exemplo? Como uma sociedade alimenta o culto a João das Pedras? Em que a imagem do homem santo está sustentada? Quais são os que entram em desacordo com os devotos? Como esta oposição é percebida?

O segundo capítulo, intitulado **Entre o pedido e o recebido**, é direcionado para os lugares da devoção: a igreja Matriz de São Benedito e o cemitério. Analiso como é vivenciado pelos devotos o processo que se estende desde a feitura da promessa ao pagamento desta. Um ritual de fé particular que percorre o coletivo e chega até aqueles que desacreditam no poder milagroso do ladrão.

Problematizar os *fazeres* dos devotos é compreender que a materialidade da fé se concretiza na relação cotidiana de cada devoto diante do “santo popular” conessor de graças¹³.

Nesse capítulo, há a utilização de fotografias do túmulo de João das Pedras, referentes aos anos de 2003 a 2007. Um recurso de análise para a compreensão da relação dos devotos com o lugar onde o santo ladrão está sepultado. O santo é

¹¹ MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela História. **História Oral** – Revista da Associação Brasileira de História Oral, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, jan.-dez. 2006. p. 32-41.

¹² LIMA, Francisco Assis. **Conto popular e comunidade narrativa**. Rio de Janeiro: Funarte; Instituto Nacional do Folclore, 1985. p. 29.

¹³ De acordo com Francisco Régis Lopes Ramos, a relação, estabelecida entre o devoto e o santo é pautada pela fé que a precede, implicando uma relação de “confiança com características próprias. Para o devoto, o milagre é plausível. Todos os fiéis contam histórias sobre a realização de milagres, ou seja, possuem ‘dados’ que confirmam a existência do fato miraculoso. A crença, portanto, possui uma fundamentação no que é visto, ou melhor, na forma pela qual certos acontecimentos são percebidos” (RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos**. Ijuí: e. Unijuí, 1998. p. 24).

construído também neste espaço tumular. Aqui estão inscritas as marcas de fé dos devotos, os ex-votos e suas preces e seus agradecimentos feitos em bilhetes, fotografias, imagens de santos, objetos pessoais, marcas das velas, fitas de cetim, coroas de flores, jarros. Fotografar o túmulo e seu acervo a cada ano da pesquisa foi uma forma de documentar as mudanças ocorridas na *sepultura/altar*.

Posso afirmar que o interesse se destinou em flagrar o pagamento das promessas. As imagens, juntamente com as diversas entrevistas, formam o acervo construído.

No terceiro capítulo, **Caminhos do corpo**, abordo outros fatores que alimentam a devoção, como: sua morte, seu cortejo, seu velório, seu sepultamento.

A morte e o corpo são os temas centrais. O tratamento rendido ao corpo do ladrão é interpretado pelos devotos como o momento em que João das Pedras é apresentado como santo. O corpo sacrificado é o sinal da remissão dos pecados? Afinal, como a morte constrói “um santo popular”? O que, na morte de João das Pedras, favorece o florescer da santidade? Qual a relação construída sobre o corpo de João das Pedras e o corpo morto? Este capítulo tece algumas comparações com outros mortos, para aprofundar a compreensão sobre João das Pedras na perspectiva da História Social da memória.

A “devoção popular”, que pretendo estudar nestes três capítulos, assume um caráter peculiar por não ter sido desenvolvida dentro de uma ordem institucional. Popular, porque, mesmo diante da impossibilidade de João das Pedras ser considerado santo pela Igreja Católica Apostólica Romana, sua santidade já existe no imaginário dos devotos.

Um “santo popular” fabricado pela fé, pela estima de cada devoto destinada a João das Pedras. Religiosidade que é dinâmica e que encontra brechas para sobreviver no cotidiano dos devotos, seja nas intenções ou nos pagamentos de promessas no túmulo de João. Devoção que se insere nos estudos da História Social, quando é vislumbrada pela ótica das construções dos sujeitos. A devoção a João das Pedras está em curso no presente e se interpenetra com as maneiras de construir o passado e os desejos de futuro.

CAPÍTULO I: A vida depois da morte

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legitimidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim, simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo [...] é uma prática do espaço este bem-estar tranqüilo sobre a linguagem onde se traça, um instante, como um clarão¹⁴.

Michel de Certeau

Não são só os ladrões os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa: os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título, são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. [...] o ladrão que furta para comer, não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera¹⁵.

Padre Antônio Vieira

1.1 No meio do caminho tinha uma Pedra e um Patuá

Pedrinhas, Ceará¹⁶. Era assim conhecido um bairro nas extremidades do município de Graça. Cidade onde estava circunscrita a casa da senhora Francisca Ferreira Gomes e de sua família.

Francisca Ferreira Gomes, natural de Nova Russas, interior do Ceará, nascida no dia 20/01/1910. Filha de Marculino Ferreira Gomes e Antonia Bento do Nascimento.

¹⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 189-190.

¹⁵ VIEIRA, Antônio. **Sermão do Bom Ladrão**. São Paulo: Principio, 1993.

¹⁶ Ao lado leste de São Benedito, o município Graça localiza-se a uma latitude 04°02'46" sul e a uma longitude 40°45'10" oeste, estando a uma altitude de 179 metros acima do mar. Sua população estimada em 2004 era de 15 043 habitantes. Possui uma área de 261,35 km². Dados disponibilizados no site: [pt.wikipedia.org/wiki/Graça_\(Ceará\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Graça_(Ceará)).

Dados extraídos no dia 11/04/2007 da Carteira de trabalho número: 0925-6, série 00010, emitida no dia 11/04/1983 em São Benedito, Ceará. A carteira não existe mais. Passados dois meses da nossa conversa informal em julho de 2007, Maria Ferreira Gomes informou-me em entrevista que havia se desfeito do documento de trabalho de sua mãe:

Eu joguei. Me fizeram medo que fazia mal a pessoa guardar papel assim de gente que morre. Retrato, até retrato, faz mal. Logo era cheinha minha bolsa, eu agarrei, joguei. Eu ia, às vezes, [...] mais a Maria do Carmo [...] caçar documento. Eu achava ela [a entrevistada se refere a Francisca Ferreira Gomes] só com o quadrozim do retrato da mamãe sem ela, sem o retrato, que adiantava? Não servia para ela, né? Eu joguei¹⁷.

A carteira foi amontoada junto aos restos domésticos e destinada ao depósito de lixo mais próximo. Findou-se pelo medo sentido pela amostragem da falta da fotografia da falecida mãe: Francisca Ferreira Gomes. De acordo com Maria Ferreira Gomes, e aqui vale ressaltar que muitos em São Benedito ou em outras cidades partilham de sua interpretação, guardar algo de um falecido não é permitido, não é sinônimo de bom sinal.

Maria de Fátima do Carmo Lopes, professora aposentada, católica, lembra: “se a gente tiver as coisas, a gente não esquece da pessoa que morreu. E também diz que não é bom guardar [...] fica aquela lembrança e a alma fica pensando”¹⁸.

Em parte, a presença dos objetos desperta a ausência do dono, juntando-se ao medo de tirar do sossego o defunto. Mas, a saudade tem um sentido e um peso significativo. Quando isso ocorre, desfazer-se dos pertences não é a decisão primeira. Corporificando presença da perda, a solução é não ver os objetos para não lembrar, os objetos se tornam portadores de certos significados¹⁹. Os objetos do falecido ficam

¹⁷ GOMES, Maria Ferreira. Aposentada. Nascida no dia 30/03/1930. Entrevista realizada no dia 03/07/2007 em sua residência, no bairro do Corrente em São Benedito, quando Maria contava 77 anos.

¹⁸ LOPES, Maria de Fátima do Carmo. 53 anos. Professora aposentada. Casada. Natural de Crateús. Residente na rua Washington nº 307, bairro Santa Rita em Crateús. Entrevista realizada no dia 19/07/2008 em Fortaleza, quando esta senhora estava de visita à casa de sua filha Ana Keyla Lopes, que reside na avenida Jovita Feitosa.

¹⁹ Carlo Ginzburg, comentando sobre as discussões de Krzysztof Pomian acerca de coleções funerárias, ressalta que este autor, “por sua vez, para entender o que unifica os objetos tão díspares que encontramos nas coleções, partiu das ofertas funerárias: nelas reconheceu, assim como nas relíquias, nas curiosidades, nas imagens, ‘intermediários entre o aquém e o além, entre o profano e o sagrado [...] objetos que representam o distante, o escondido, o ausente [...] intermediários entre o espectador que os mira e o invisível de que provêm [...]’. No momento em que são subtraídos dos

escondidos até uma segunda opção: desfazer-se deles de vez ou guardar como se fossem relíquias. Entretanto, há casos em que o próprio defunto reivindica. Assim ocorreu com a senhora Maria de Fátima:

Eu comecei a sonhar e ela não me largou mais no sonho, passei seis anos sonhando com ela. Todas as vezes ela dizia [...], sempre ela acompanhada de muita galinha, peru, sempre ela sentada [...] e ela arrodada de coisas de pena. E eu perguntei: Lucinha, por que é que eu só te vejo arrodada de galinha? Ela disse: As penas. Ela só disse assim, são as penas. Eu sentia muito medo dela, passei seis anos [...] eu ia pegar água [...] pra me colocar essa lata na cabeça, pra mim ela tava do lado, se eu ia dormir, pra mim ela tava do lado. Eu rezava tanto para Nossa Senhora, me ensinaram: Reza para Nossa Senhora, pede para tomar de conta dela, pede a Jesus pra tomar de conta dela²⁰.

Em meio a lágrimas, Maria de Fátima disse-me ter passado esses seis anos de sua vida recebendo em sonhos a visita de uma amiga morta. Lúcia Maria Rodrigues havia morrido aos dezesseis anos:

[...] ela morava em Crateús na mesma casa que eu morava, porque eu morava com a minha tia. Era minha prima carnal, o pai dela era irmão do meu pai, e a mãe dela irmã da minha mãe, a gente era assim como irmãs. Ela adoeceu, tava menstruada e andou na chuva, saiu no sereno e quando voltou já foi com uma dor de cabeça, aí falou para a minha tia, e minha tia disse: Não, toma umas gotinhas que você fica boa. Quando foi nove horas ela tava assim só babando, a minha tia chamou: Lúcia, Lúcia - e ela já não respondeu mais. [...] levaram para o hospital, [...] quando deu três horas da manhã, ela morreu, morreu na minha perna. Foi muito rápido. Muito amigas, a gente andava juntas, festa, brincadeiras, festas, tirávamos muito fotos, eu namorava o mesmo rapaz que ela namorava, [...] era uma amizade perfeita²¹.

Lucinha recorria à amiga para acudir-lhe, desejava deixar de estar “rodeada” de “penas” e assim deixar de “penar”. É necessário perceber que a aparição de um falecido é apresentada como um assombro, ou seja, o morto geralmente vem importunar um sujeito em particular, seja em sonho ou mesmo estando este acordado:

Eu tava deitada na cama, sete horas, eu era casada, mas ainda não tinha nem um filho, eu deitada, eu só vivia angustiada, assim, por causa da morte dela, porque ela morreu no mesmo ano que eu casei. Ela apareceu na

objetos de uso para serem isolados no espaço à parte do túmulo ou da coleção, esses objetos se tornam ‘semióforos’, portadores de significados” (GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo. Companhia das Letras, 2001. p. 93). Os significados mencionados por Ginzburg podem ser compreendidos nos diversos aspectos religiosos e também nas atribuições particulares sentimentais dirigidas por cada pessoa aos objetos dos moribundos.

²⁰ LOPES, Maria de Fátima do Carmo.

²¹ Id.

porta (a Lucinha). Na hora do balão, que deram o balão, que ela tava deitada no meu colo, tiraram ela, eu disse que a Lucinha tá morrendo, o balão de oxigênio quebrou dois dentes dela, a metade de um dente e um quase todo. E quando ela falou comigo, eu vi os dentes²².

Os pertences de Maria Lúcia (*res*)*guardados* proporcionavam seu penar? Os objetos favoreciam a sua aparição, pois lhe causavam o aprisionamento da alma:

Eu rezei, rezei, até que um dia eu tive coragem, [...] Lucinha, eu sonho tanto contigo, o que é que tu quer? Aí ela disse: Fátima, eu quero que você peça a minha mãe que dê todas as minhas roupas. Ela morreu Quinta-feira da Paixão [sic], e ela tava costurando antes, fazendo um vestido para vestir sexta-feira, ela deixou até a agulha na barra do vestido. [...] Fátima, eu queria que desse todas as minhas roupas para a filha da moradeira do meu pai, porque ela não tem roupa quase, e ela gostava muito de minhas roupas, dê todos, só não dê minha saia vermelha de crochê, que eu tenho, e nem dê aquele vestido que a agulha ficou na barra. E assim minha tia fez²³.

Maria de Fátima não é a única que sonhou com um falecido a pedir algo para o sossego de sua alma, crença que surge em demasia nos seguidores do catolicismo e do espiritismo²⁴.

Tudo foi cumprido de acordo com o que havia pedido *Lucinha*. Os pertences foram entregues à filha do caseiro de seu pai. Os dois vestidos, guardados:

Foi a última vez que eu sonhei. Eu tenho certeza. O sonho foi real. Agora eu não sei por que ela tava penando, mandaram celebrar muitas missas. Ninguém nunca sonhou, e eu sonhei seis anos, e fiquei atormentada, angustiada com aquela presença. Graças a Deus foi o último sonho, eu esqueci e parece que eu nunca conheci²⁵.

A carteira de trabalho, assim como outros artigos já citados, é para Maria Ferreira Gomes, a mãe de João das Pedras, um objeto que deve ser deixado longe das vistas dos familiares. Além disso, em nossa compreensão, o mal maior para a entrevistada não é somente ver na carteira a lacuna do retrato, mas, na mesma medida,

²² Ibid.

²³ LOPES, Maria de Fátima do Carmo.

²⁴ Oscar Calavia Sáez ressalta que: “A relação entre vivos e mortos atravessa inúmeras vias. O sonho, o transe, a psicografia, a aparição, a oração, a adivinhação, a analogia. Na medida em que se elabora um culto, alguns desses canais de comunicação são escolhidos e privilegiados sobre outros; outros ainda são desprezados ou interditados” (SÁEZ, Oscar Calavia. O Além do Brasil. In: **Fantasmalados**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 162).

²⁵ LOPES, Maria de Fátima do Carmo.

com o medo dos mortos e do além, comprovar com sua observação visual e palpável que o registro apresenta a falta de sua mãe.

Francisca Ferreira Gomes, no município de Graça, viera residir no Bairro Pedrinhas, acompanhando seu pai Marculino e sua mãe Antonia Benta, emigrados do município de Reriutaba, também no Ceará. Seguiram em busca de melhores condições de sobrevivência. Era Solteira e analfabeta. Francisca teve quatro filhas: Maria, Antonia, Prazeres e Tereza. Ajudava no sustento da casa, trabalhando na agricultura; sendo ainda mais conhecida como parteira e “rezadeira”²⁶. Francisca pertence a um tempo em que o nascimento e a morte estavam circunscritos a um lugar: a casa²⁷. Seus pais, no município de Graça, foram sepultados. E Francisca ficou na companhia de suas filhas.

Nos arredores do centro do município de Graça, a responsável pelo parto era a parteira. A cidadela possuía certa assistência médica hospitalar, mas por vários motivos muitas mulheres pobres preferiam *parir* em casa, aos olhos e cuidados da parteira. O parto era, para a parteira experiente, um procedimento costumeiro, pois “sabia fazer”²⁸. Além disso, levava consigo outro trunfo, mais uma ferramenta: a oração de Nossa Senhora do Bom Parto, que, já decorada, era rezada. A oração tinha o poder de conduzir alívio aos gemidos, à agonia e às dores sentidas pela parturiente. O parto: momento tecido pela fé da parturiente e da parteira. Acreditar na reza e na “experiência” indicava a possibilidade de um parto ligeiro, normal, sem complicações e sem maiores

²⁶ SOUZA, Maria Ferreira de. 67 anos. Aposentada. Casada. Entrevista realizada em sua residência na rua Deputado Francisco Júlio Filizola, no bairro do Corrente, no dia 03/07/2007.

²⁷ A modernidade que levou os partos para o âmbito dos hospitais foi a mesma que conduziu a morte solitária para o mesmo espaço: “[...] a morte solitária e desumana nos hospitais e em uma sociedade em que o morto perdeu seu lugar eminente reconhecido pela tradição durante milênios, em que o interdito sobre a morte paralisa, inibe as reações do círculo médico e familiar” (ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 99).

²⁸ No Brasil Colônia, mesmo dispondo do auxílio de médicos para fazer-se o parto, as mulheres desdenhavam em parte de seus cuidados, segundo Mary Del Priore, pelo fato de os “médicos mostrarem-se insensíveis à dor das parturientes”; além disso, “as mulheres pareciam também atingidas pelo tabu de mostrar seus genitais, preferindo, por razões psicológicas e humanitárias, a companhia das parteiras. Com práticas tomadas de empréstimo à medicina antiga, os recursos fitoterápicos extraídos do quintal e gestos transmitidos pela família, as mulheres se desincumbiam dos partos não tanto pelo saber, mas pelo ‘saber-fazer’” (DEL PRIORE, Mary. Mentalidades e práticas em torno do parto. In: **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. p. 263).

sofrimentos. As dores marcavam o nascimento em dois chãos: um no plano físico e o outro no nível religioso da fé²⁹.

Maria Ferreira Gomes contou-me que Francisca Ferreira Gomes, enquanto parteira ajudava no nascimento da criança e em troca recebia algo para seu sustento. Acontecia que nem sempre se tinha o que oferecer. E a crença na parteira era expressa num apadrinhamento do rebento ou exposta numa gratidão sentida e falada.

Francisca, carregada com seu fumo, cachimbo e suas orações, sendo parteira, foi a encarregada de trazer ao mundo seu primeiro neto. Tomava, a partir de então, a responsabilidade de também educá-lo, ensinar-lhe as lições de casa e da vida. Maria Ferreira Gomes, aos treze anos, dava à luz seu primeiro filho: João³⁰.

Filho de mãe solteira e analfabeta, como fora sua mãe, Maria. O pai, Antonio Amaro, não reconhecia a paternidade no cartório. João das Pedras foi um fruto de encontros passageiros. A família de Maria não fora reclamar, pois ainda na década de 1930 a culpa era despejada sobre os ombros da mulher, a quem competia respeitar a família e o seu corpo, e principalmente a Deus. Além disso, dentro da casa, Maria viu o “exemplo” de sua genitora, que também era mãe solteira³¹.

²⁹ O trabalho da parteira não perdeu ao longo dos séculos o seu caráter colonial, quando, diante da sociedade que se formava, a parteira, segundo Mary Del Priore, seria a responsável: “Aos cuidados físicos somavam-se os psicológicos, pois a parteira está também encarregada de ‘confortar e admoestar a parturiente’ com ‘alimentos e certas bebidas, mas também com palavras agradáveis, prometendo boas esperanças de feliz e venturoso parto de varão, pois, com tal parto, quase sempre folgavam as mulheres’”. Desse modo, “na comunidade feminina, [...] parteiras, mais além do ‘aparar crianças’ nos partos que realizavam, eram benzedoras e recitavam palavras mágicas para auxiliar a mãe [...]”. Quando me refiro a chão religioso, compreendo-o como práticas sincréticas nas quais o rebento rebentava embalado pelos sons de gemidos da mãe e das rezas balbuciadas, sendo que, mesmo recitando a oração de Nossa senhora do Bom Parto, a parteira recitava outras rezas durante o doloroso e esperado instante, aludindo serem práticas religiosas que não pertenciam ao catolicismo. Maria Ferreira Gomes comentou que assistiu e até auxiliou sua mãe Francisca Ferreira Gomes na feitura de alguns partos, admitindo que a única oração proferida numa voz ouvida por todos seria a de Nossa Senhora do Bom Parto, e que, quanto às demais rezadas, os presentes só percebiam os rumores da boca. Maria ainda acrescentou que a mãe nunca lhe revelara quais seriam estas palavras e o que significavam. No período colonial, a utilização da oração de Nossa Senhora do Bom Parto cumpria o papel de levar ao reduto do lar as práticas da devoção oficial; além disso, a santa invocada estava associada à figura da mãe de Jesus, assegura Mary Del Priore: “[...] Nossa Senhora em suas várias invocações é a mãe do Salvador, e por isso mesmo modelo de maternidade. Seu ‘parto sem dor’ inspirava a todas as gestantes” (Ibid. p. 263-278). Na década de 1930, no interior do Ceará, para Francisca Ferreira Gomes, a utilização e serventia da oração dava-se apenas pela apreciação de que a santa atendia as mulheres na agonia do parto.

³⁰ É possível calcular o período aproximado em que João nasceu. Calculando a partir do nascimento de sua mãe, em 30/03/1930, e somando o ano com mais 13, Maria Ferreira teria dado à luz João das Pedras em 1943. Desconheço o mês tanto quanto o dia desse nascimento.

³¹ Mary Del Priore, estudando a condição feminina no Brasil Colonial, assegura que a maternidade era pregada pela Igreja católica como uma realização feita sob as bênçãos do matrimônio: “O uso dos

A família de Antonio Amaro tinha posses e não se sujeitaria a qualquer inquirição. Sem ter nenhuma intenção de assumir, amparar mãe e filho, Antonio Amaro não concedeu seu sobrenome numa certidão de nascimento a João³²:

Aí ele tinha esse apelido (João das Pedras) sabe por quê? Porque nós morava lá no Graça. E nós tinha muita, pisava, só pisava na pura pedrinha fina. Aí o finado Manuel Bilega inventou isso né: Ora, que era com a mamãe:

- A senhora Chiquinha agora vai morrer, morreu a Chiquinha das Pedras. E a mamãe disse:

- Eu não, eu mesmo não. Ai nós ficou nisso, né. E ele João nasceu no Graça. Lá nesse mesmo, lá onde tinha esse pedregeiro³³.

João Ferreira Gomes foi registrado numa certidão que se perdeu com o tempo. O sobrenome e uma alcunha foram talvez as únicas heranças que Francisca, na qualidade de avó materna, pudera dar e deixar ao neto. Isso porque as alcunhas, assim como o sobrenome, também são herdadas.

Francisca foi na vida de João das Pedras, em particular na fase adulta do neto, a avó-escudo, guardiã dos males e protetora, um anjo da guarda.

corpos no casamento possuía uma perspectiva escatológica, pois somente nas penas da vida conjugal e no sofrimento e angústia do parto encontrava-se a redenção dos pecados e a via ressurrecional; a procriação só tinha legitimidade na expectativa da multiplicação de criaturas prometidas à beatitude eterna". As Santas Mães seriam consideradas as mulheres que obedeciam as leis de Deus, do Estado e da Igreja e do marido: "cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe da família com o seu sexo, dando-lhe filhos que assegurassem a sua descendência e servindo como modelo para a sociedade familiar com que sonhava a Igreja". Mulheres mães solteiras transgrediam a moral e os bons costumes, e assim: "As dores físicas e apreensões das mães somavam-se aos fluxos, às febres, ao desconforto da gestação, ao esgotamento de partos ou abortos anteriores, à preocupação com crianças que seriam mais uma boca para alimentar e, não raro, ao descaso, ao descuido senão ao desaparecimento do companheiro. A maternidade, para a grande maioria das mulheres que não estavam institucionalmente casadas, punha em xeque o uso mesmo que elas faziam de sua sexualidade. O corpo, que fora num dado momento instrumento de prazer e vida, podia tornar-se, num outro instante, ferramenta de luto, dor ou morte: das mães e seus filhos". Longe do período colonial, a história de Maria e de seu processo de sedução amorosa, acarretado por uma gravidez, alude a algumas questões mencionadas por Mary Del Priore: a primeira, os filhos legítimos seriam os provindos dentro do casamento, o reconhecimento paterno de filhos fora dessa instituição caberia somente à boa vontade do genitor, que lhes daria o nome e a herança. A segunda, a Igreja instituiu campanha via sermões, entre outros veículos utilizados para que as mães solteiras educassem para que suas filhas não seguissem o mesmo caminho. Entretanto, Mary Del Priore percebe em parte dos casos analisados que ocorre o inverso. Terceiro, sós, as mães solteiras estavam condenadas a prover junto com o apoio ou não de suas mães o sustento do filho (Ibid. p. 29-49). Maria Ferreira Gomes não é tão diferente das mulheres-Marias analisadas pela autora. A mãe de João das Pedras seguiria rumo ao cumprimento do dito popular: "Quem pariu Mateus que o balance".

³² Quando indagada numa conversa informal em sua residência, no dia 08/04/2007, sobre o nascimento de João, a senhora Maria confessa: "eu era muito nova"; e nada comenta sobre a rejeição do pai de seu filho. Sabemos após uma pesquisa de campo no município de Graça, realizada em 2004, que ele casou com outra pessoa, e, por ser a senhora Maria de condições econômicas inferiores, não teve interesse de firmar laços.

³³ GOMES, Maria Ferreira. Casada. Entrevista realizada em sua residência no sítio Pimenteira em São Benedito, no dia 01/06/2003. Maria estava com 73 anos.

Tinha as bênçãos proferidas pelo cuidado, pelo medo e pela inquietação do que pudesse acontecer a João das Pedras. A bênção vinha mesmo quando o neto não a solicitava, mas Raimunda Marques lembra que via o irmão, com a mão estendida, pedir a bênção da avó:

[...] às vezes, ele aparecia quando nós morava na beira da central acolá, lá na beira perto do hospital. Aí ele às vezes aparecia, ele só fazia pedir a bença:
- Bença, mãe? Bença, mãe Chiquinha?³⁴

A avó de João das Pedras acreditava que suas súplicas aos céus chegariam e seriam atendidas. João, como ela, também era Pedra, que deveria não ser atingido, destruído, alvejado. Um desejo ideal que nem sempre se fazia real num cotidiano conturbado com as perseguições e confronto com a polícia. A crença na força da reza da avó é acreditada por João das Pedras, um vínculo que era também sinônimo de discórdia, como lembrou Raimunda Marques:

[...] aí essa derradeira vez que ele, nessa época, sumiu pra bando do Sobral, quando apareceu, nós tava deitado. Chamou a mãe Chiquinha. Aí a mãe Chiquinha abriu a porta:
- Mãe Chiquinha.
- Que é, meu filho?
- Abre a porta aqui. Olha aqui, você não reza nem por mim – ele disse – você não reza nem por mim. Tá aqui, levei um tiro na minha perna, quase me mataram.
Aí a mãe Chiquinha disse assim:
- Meu filho, eu lhe recomendo a Deus.
- Encomenda não. Se você me recomendasse a Deus, eu não tinha pegado esse tiro nas pernas [...]³⁵.

A tarefa de Francisca de proteger o neto com bênçãos é uma atitude comum nos interiores do Ceará, costume de um relacionamento unido pelo respeito, temor e afeição entre os netos para com os avós, entre filhos com seus pais. As práticas da avó de João das Pedras são lembradas quando lhe tributam o poder de ofuscar as investidas realizadas pelo neto: os roubos em que sua presença de ladrão não era notada. Não o viam chegar e tampouco partir, nem mesmo em suas “caridades”³⁶, que seguiam a

³⁴ MARQUES, Raimunda. Agricultora, casada. Irmã de João das Pedras. Entrevista realizada em sua residência no sítio Baixa Grande no dia 12/02/2004.

³⁵ Id.

³⁶ As caridades são como os devotos e outros sujeitos em São Benedito compreendem os furtos de João das Pedras, que segundo as entrevistas seriam feitos para dar aos pobres.

primazia do não conhecimento do olhar do outro, o do dono da casa. Sobre o assunto, assegura Francisca das Chagas:

Se ele chegasse numa casa, aí entrava dentro da casa. Disse que ninguém via, né? Parece que era uma oração forte que ele tinha. Ele entrava numa casa, num tinha nada na casa, ele ia nas lojas, chegava lá, tirava cuberta, pegava aqueles pano velho que a pessoa tinha e jogava tudo fora. Quando a pessoa acordava, tava imbruíada num pano bonito, num lençol [...] era o João das Pedras, disse que ele fazia muita caridade³⁷.

Francisca das Chagas não menciona diretamente o nome da avó, assegurando-nos que acredita que as empreitadas de João eram bem-sucedidas por conta de “uma oração forte”. É a presença desta oração na narrativa que aponta a marca da avó rezadeira. As fugas da Cadeia Municipal de São Benedito são, na maior parte, descritas seguindo um caráter mítico, fruto do mistério e da oração:

Diz que uma vez ele tava preso, só conversa que o povo conta, ele tava preso. Aí disse que tinha um restaurante lá no centro mesmo, aí ele ficou preso. Quando a polícia veio pra rua, quando chegou lá no restaurante, disse que ele tava sentado lá, tomando café. E ela (a polícia):

- João, o que é que tu tá fazendo aqui? Quem foi que te soltou?

Ele disse:

- Não se preocupe, não, que eu vou já para o mesmo lugar.

Tomou o cafezim. Aí disse:

- Nós vamos levar.

- Não precisa não!

Aí disse que, quando a polícia chegou lá (na Delegacia Municipal), ele já tava lá trancado de cadeado, não sabe como foi que ele entrou, não sabia como ele entrava e saía³⁸.

João das Pedras, nessa premissa, é apresentado como um personagem visível e invisível, principalmente apresentado como invulnerável, recebendo umas das características do ladrão nobre: a invisibilidade de gestos e de modos. O ladrão herói dos pobres não deixa rastros³⁹. A polícia ou os policiais não detinham o poder de soltá-lo, mas ele próprio era dono e senhor de seu destino de ir e vir quando desejasse.

³⁷ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos. Funcionária pública, residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

³⁸ Id.

³⁹ Eric J. Hobsbawm desenvolve um estudo sobre o banditismo em diversas épocas e países. Entre os bandidos e bandoleiros analisados surge na denominação do autor a imagem do ladrão nobre, que segundo ele “define tanto seu papel social como sua relação com os camponeses comuns. Seu papel é o do campeão, aquele que corrige os erros, que dispensa a justiça e promove a equidade social. Sua relação com os camponeses é de solidariedade e identidades totais. A ‘imagem’ reflete ambas as coisas, e pode ser sintetizada em nove pontos” (HOBSBAWM, E. J. O ladrão nobre? In: **Bandidos**. Trad. Donaldo Magalhães Garschagen. 2. ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976. p. 40).

O amuleto de João das Pedras é a avó, afirma a senhora Francisca Roberta da Silva:

[...] Ele fugia das cadeias, entrava dentro das casas, e o povo não via, ele saía, ia s'imbora, a vida dele era assim. Que sempre a avó dele me falava: ela disse que, enquanto ela pudesse rezar direito – porque ela já morreu muito velha –, ele não ia pego [...].⁴⁰

Pegar, segurar, prender. Os sinônimos não se aproximam, porém, do sentido propriamente intencionado pela avó e pela entrevistada Francisca Roberta da Silva. De fato, a única prisão que suscitava mais rezas, e mais crença e medo, era a prisão eterna: a morte de João das Pedras. Afinal, João fora preso diversas vezes, tanto na Cadeia Municipal de São Benedito, quanto na Prisão Colônia Agrícola Amanari em Maranguape, Ceará. O corpo fechado pela oração da avó fora alvo de espancamentos a caminho da prisão sambeneditense, assegura Raimunda Marques:

Muitas vezes, nós tava deitado, aí só se ouvia aquela maldizência vir chorando da banda do Bom Jesus no rumo da rua. Aí nós dizia:
- Minha Nossa Senhora, o que é aquilo?
Aí era a polícia, que já vinha com ele amarrado e batendo nele. Era um tal de Maia, era o mais nojento, era o que batia mais era o Maia. Eu me lembro daquele bicho velho da cara seca. Ele sofreu demais⁴¹.

A oração de são Jorge Guerreiro (apresentada, direta ou indiretamente nas entrevistas, como um amuleto protetor de João das Pedras) mostra a continuidade de práticas peculiares ao período colonial brasileiro; antes considerada como feitiçaria, superstição, impõe-se no presente. Ainda hoje há homens comuns que acreditam que, na posse da oração de são Jorge ou de outro santo, estão livres de todos os males, indicando que bandidos ou não bandidos temem a morte. Assim, buscam “negar os limites da condição humana e alimentam a esperança de vencer o destino”⁴².

Embora o autor defenda que o ladrão nobre surge num espaço campesino, salienta que podemos definir e distinguir o ladrão comum do ladrão considerado pelo povo que o assiste como nobre por algumas questões peculiares: entre estas está a oitava característica: “é pelo menos em teoria – invisível e invulnerável” – a invisibilidade compreendida pelas formas como esse ladrão foge ou se esconde, seja em suas investidas ou fugas; a invulnerabilidade seria, por sua vez, o poder de vencer as intempéries vindas com o desejo daqueles que o querem morto.

⁴⁰ SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte, São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004.

⁴¹ MARQUES, Raimunda.

⁴² Laura de Mello e Souza observa que a necessidade de defender-se do futuro incerto, no Brasil colonial, se corporificava na feitura de *bolsas de mandiga e patuá* por alguns. A autora acredita que essa prática pode ser compreendida como: “A mais consistente das manifestações de tensão por meio de práticas mágicas e feitiçaria [...] bolsas de mandiga foram a forma mais tipicamente colonial da

A oração de São Jorge Guerreiro é repassada de uma geração à seguinte, é uma oração de homens⁴³. Não é difícil encontrá-la, repassadas por suas mães ou avós. Copiadas à mão ou fotocopiadas, são guardadas em suas carteiras como amuletos que devem ser levados por toda a vida, como sinônimo de proteção. Mulher nenhuma e nem mesmo suas esposas, principalmente se menstruadas, podem passar a mão sobre a oração, pois tal gesto lhe tiraria o poder e quebraria sua eficácia. É possível encontrá-la na forma comercial, quando são compradas em gráficas. A que abaixo transcrevo foi tirada de um original escrito à mão numa folha de caderno de pauta dupla. Sobre a oração lê-se:

São Jorge Guerreiro

Chagas abertas, Sagrado Coração todo amor e bondade, o sangue de meu senhor Jesus Cristo, no corpo meu se derrame, hoje e sempre. Eu andarei vestido e armado, com as armas de São Jorge. Para que meus inimigos tendo pés, não me alcancem, tendo mãos, não me peguem; tendo olhos não me enxerguem e nem pensamentos eles possam ter para me fazer o mal. Ramas de fogo o meu corpo não alcançaram; facas e correntes se arrebetem sem o meu corpo amarrarem. Jesus Cristo me proteja e me defenda com o poder da sua Santa e Divina Graça. A virgem Maria de Nazareth me cubra com o seu Sagrado e Divino manto me protegendo em todas as minhas dores e aflições e Deus, com a sua divina misericórdia e grande poder, seja meu defensor contra as maldades e perseguições dos meus inimigos. E o glorioso São Jorge, em nome de Deus, em nome de Maria de Nazareth, em nome da falange do Divino Espírito Santo, estenda-me o seu escudo e as suas poderosas armas, defendo-me com a sua força e com a sua luz.

feitizaria no Brasil”. Uma prática colonial e sincrética, pois as “bolsas são talvez a mais sincrética de todas as práticas mágicas e de feitizaria conhecidas entre nós: são a resolução específica de hábitos culturais europeus, africanos e indígenas; congregam a tradição européia dos amuletos com o fetichismo ameríndio e os costumes das populações da África”. A autora assegura que as bolsas ensacadas podiam conter desde orações como hóstia consagrada, lascas da pedra do altar de uma Igreja, acrescentando que havia um verdadeiro comércio de compra e venda desse amuleto, uma prática e comércio que estava no alvo dos inquisidores, visto ser compreendida como prática de feitizaria. Contudo, trazer estas insígnias junto ao corpo distinguia-se pela raça de seus possuidores: índio, escravo ou branco, e também pelas intenções para as quais se destinavam os patuás. Alguns seriam para: “[...] trazia ao pescoço uma bolsa, [...]. Dentro dela, foram achados um papel com a oração de Nossa Senhora de Monserrate [...], para livrar dos perigos”, outros sujeitos usavam para “ter o corpo fechado” e estar livres de “facas ou tiros”, mas havia aqueles que utilizavam as bolsas e patuás para “conseguir mulher”, a oração para a defesa e fechamento do corpo seria reverenciada a São Marcos. De fato, Laura de Mello e Souza conclui que, no Brasil Colônia, com esses patuás “perdiam eficácia os obstáculos do cotidiano” (SOUZA, Laura de Mello e. Deflagração de conflitos. In: **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitizaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 210-226).

⁴³ Similarmente a nossa análise, no contexto colonial a posse da oração, seja dentro da bolsa de mandiga ou do patuá, seria de homens. Discute Laura de Mello e Souza que: “De Norte a Sul, indivíduos das mais diversas camadas sociais – é verdade que quase sempre homens – trouxeram-na consigo” (Ibid. p. 210). Seria por que os homens estão mais propensos ao perigo?

Rezar 1 Pai Nosso 3 Ave-Maria 3 Santa Maria⁴⁴.

A oração que aqui transcrevi pertence a Renato Ferreira Batista, que a recebeu de sua avó Antonia Barbosa de Sousa, aos dezessete anos, muito embora o recebedor não soubesse ler. Sua avó, além de repassar a oração escrita, incumbiu-se de rezar com o neto várias noites até que tivesse de todo aprendido. Ele foi o único neto que recebeu a oração. Por que dentre os sete netos (homens) que Antonia Barbosa de Sousa possuía, apenas um recebera a oração? Sua avó já faleceu, e com ela a resposta.

Mesmo com a morte da avó, a crença na oração não foi perdida, e Renato Ferreira traz em sua carteira um papelote já gasto da oração. A reza é feita antes de deitar-se, na busca de proteção contra tudo e todos os males. Os que sabem ler a recitam pela leitura; os que, como Renato, são analfabetos, se apegam à memória. O poder da oração reside em sua fé, vinda na pronúncia assídua no cotidiano. Acredita-se que aquele que fielmente reza, todos os dias, está livre dos males que possam atingir o corpo. Entretanto, também se cogita que a vida de um seguidor de São Jorge é condicionada a lutas, batalhas constantes, sem ter ele sossego algum em sua trajetória. Além disso, ainda se crê que a morte vem sempre de forma trágica. Alguns guardam em segredo a pertença da oração.

Em outros casos, a existência das supostas orações toma um conhecimento público, aumentando a crença em torno dos poderes sobrenaturais que circundam o protegido. Acredita-se que Lampião “aparecia onde ninguém o esperava, e sumia-se com a mesma rapidez, sem deixar rastro”⁴⁵. O Rei do Cangaço escapuliu em diversas investidas de volantes, de bandos. Exemplo disso foi ter saído com vida de Mossoró em 13 de junho de 1927.

Maria Isaura Pereira de Queiroz discute que: “Para as gentes do Nordeste, Lampião era invencível, era curado de cobra, tinha o corpo fechado para bala e punhal,

⁴⁴ Essa oração pertence a Renato Ferreira Batista, natural de Crateús, Ceará, 22 anos. Solteiro. Auxiliar de pintura e lanternagem de carro. Residia no bairro do Corrente em São Benedito, agora está em Independência, também interior cearense. Pude tomar contato palpável com a oração numa conversa informal, mas acompanhei algumas vezes em que a avó de Renato Ferreira Batista, Antonia Barbosa de Sousa, rezava junto com o neto a oração. Isso foi possível porque ambos estavam de visita em minha residência em São Benedito em 1999. A sobredita senhora é minha avó e Renato, meu primo, filho de uma irmã de minha mãe.

⁴⁵ ALMEIDA, Fenelon. **Jararaca**: o cangaceiro que virou “santo”. Recife: Guararapes, 1981. p. 25 (Cadernos Guararapes, 1).

tinha parte com Deus e com o diabo”⁴⁶. Em folhetos de cordéis e em canções Lampião teria sido benzido, abençoado para sua graça e sorte por um pai de santo⁴⁷. Acredita-se que o cangaceiro rezava antes de deitar-se. Francisco Régis Lopes afirma: “A devoção não elimina a violência [...] ter a violência como profissão não elimina a devoção. Basta lembrar que Lampião e outros cangaceiros eram devotos de Padre Cícero”⁴⁸.

Jararaca, antes de morrer, teria solicitado que se lhe tirasse do pescoço o amuleto, pois, caso assim não se fizesse, sua agonia não teria fim e a morte seria retardada, mesmo com a garganta sangrando. Kesia Cristina França Alves menciona a presença desse amuleto na construção mítica sobre o cangaceiro, hoje transformado em santo: “a entrevista concedida por D. Julieta, lemos um elemento [...], o amuleto: ‘[...] aí antes de morrer levaram ele pra enterrar vivo. Aí quando chegou lá, antes de entrar no cemitério, ele pediu pra tirar uma oração que ele tinha no pescoço, que senão não morria. Tiraram a oração e enterraram ele ainda morrendo’. A oração no pescoço, com poder de guardar a vida, é o amuleto, a proteção mágica da qual é revestido o herói”⁴⁹. De acordo com Hobsbawm: “A invulnerabilidade dos bandidos nem sempre é simbólica”⁵⁰.

Em São Benedito muitos crêem na oração: ensacada num pano e oferecida a João das Pedras pela avó Francisca Ferreira Gomes, que teria recomendado que sempre João deveria conduzi-la junto ao seu corpo para livrá-lo do mal. Sua irmã, Raimunda Marques, por outro lado defende que o assunto é conversa do “povo que pensavam”,

⁴⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os cangaceiros**. Tradução da autora. São Paulo: Duas Cidades. 1977. p. 120.

⁴⁷ Em nota de rodapé Eric J. Hobsbawm comenta que: “Uma Canção a respeito de Lampião esclarece, como de costume, a questão. O bandido foi tratado por um pai-de-santo com a magia africana que, como todos sabem, é a mais forte, para torná-lo invulnerável a armas de fogo e à arma branca; mas o milagreiro também recomendou que, em caso de necessidade, apelasse a ‘São Pernas, São Vigilante, São Fuzil, São Desconfiança, São Cuidado’, etc.” (HOBSBAWM, op. cit. p. 48).

⁴⁸ Francisco Régis Lopes acrescenta que a relação dos cangaceiros com as orações, patuás, devoção “[e]ra uma religiosidade que se fazia em íntima relação com as táticas de proteção” (RAMOS, Francisco Lopes. Narrativa em fogo cruzado: Padre Cícero, Lampião e a Guerra de 14. **Trajatos** – Revista de História UFC, Fortaleza, vol. 2, n. 3, 2002. p. 160).

⁴⁹ ALVES, Kesia Cristina França. **O santo do purgatório**: a transformação mítica do cangaceiro Jararaca em herói. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. p. 64-65.

⁵⁰ Acerca da crença na invulnerabilidade dos bandidos, Hobsbawm assegura que “quase invariavelmente ela se deve à magia, que reflete o interesse das divindades em seus negócios. Os bandidos do sul da Itália portavam amuletos bentos pelo Papa ou pelo Rei, e consideravam-se sob a proteção da virgem [...]. É isto que torna os ladrões invisíveis e invulneráveis, que paralisa suas vítimas ou as faz dormir, e lhes permite fixar, por adivinhação, o lugar, o dia e a hora de suas atividades – mas que também lhes proíbe modificar o plano depois de determinado por inspiração divina” (HOBSBAWM, op. cit. p. 47).

isso porque, seria João das Pedras “quem tinha oração. Era ele quem tinha essas orações”⁵¹. Raimunda levanta outra proteção, e com esta outra face de João, acrescenta que viu modos estranhos no irmão, que gostava de beber goles de cachaça junto com tragos de cigarro em meio a vela branca. Um ritual de espiritismo? Ela acredita que ele era possuído não por uma entidade, mas ao contrário por um “encosto”, incitando medo:

Às vezes ele chegava e dizia:

- Raimundinha, vai lá na bodega comprar uma cachacinha pra mim.

A mãe diz assim:

- Menino, pra que é que tu quer cachaça?

- Vai Raimundinha.

Às vezes ele mandava eu comprar cachaça, meio litro de pinga, e mandava comprar cigarro e às vezes ele já trazia umas vela branca. Aí chegava por ali, aí com pouco tava bom, com pouco ficava como se tivesse dormindo, ficava em pé. Começava a dizer assim, essa daí (se refere à irmã Graça, que assistia à entrevista) corria logo com medo, e eu ficava com ele em pé na porta. E ele dizia assim:

- Cadê a Graça?

- Ela saiu.

Um dia ele chamou minha avó que morreu:

- Venha cá, mãe Chiquinha.

E ele em pé lá mais como se tivesse dormindo. Pegou essa minha avó e rodou tanto essa mulher, rodando ela, rodou, rodou, pegou na cabeça dela aqui, pegou nos ouvidos dela e outro assim, pegou a cabeça dela e abarcou na cabeça dele. Aí ele dizia:

- Raimundinha é média, mas a Graça não é não, que ela é muito nervosa.

Aí ficava, dava aquela rodada e batia com o pé assim no chão, chega estrondava. Mas ele quem tinha esse encosto, ele tinha era encosto⁵².

O laço de proteção aqui é dado por João à avó, e não o contrário, como sempre vimos. Teria João das Pedras freqüentado algum “centro espírita”? Não sabemos. Não é meu intuito discutir profundamente acerca do “espiritismo”, mas perceber que até neste instante, mesmo quando Raimunda sugere outra face de João, a culpa do que pudesse fazer enquanto ladrão recai sobre outro fator, alheio a ele, o “encosto”, e principalmente é a esse “encosto” que se deve a sua proteção e não à avó rezadeira.

Foi somente nessa entrevista de Raimunda Marques que tomei conhecimento do suposto lado espírita de João. Maria Ferreira Gomes desconhecia a oração e as orações dadas ao filho por Francisca Ferreira, dizendo apenas que a relação era comum de avó e de um neto, e não lhe perguntei acerca desses momentos espíritas do filho, questão que surgiu muito depois de nossas conversas e entrevistas.

⁵¹ MARQUES, Raimunda.

⁵² Id.

Com mais ou menos dez anos de idade, João das Pedras mudou-se para São Benedito com a família. Francisca emigrou mais uma vez, acompanhando agora sua filha Maria e seus netos acrescidos da caçula Maria das Graças.

Muitas foram as famílias (assim como Francisca e Maria) que se descolaram do *pé da serra*, como são conhecidos, ainda hoje, os municípios de Graça, Mucambo e Pacujá, para São Benedito. Maria Stella Furtado, em seu livro *História geral e política de São Benedito*, afirma que este município, ao conviver com as chegadas e partidas, formou e ainda possui uma população *movediça*⁵³.

Os motivos e o período preciso da mudança para São Benedito não são narrados por Maria. Acontecimentos sem data no calendário oficial. Os tempos foram inscritos pelo crescimento dos filhos:

Ele era pequeno o mais que ele podia ter, ele não tinha nem uns dez anos quando a gente veio pra cá. Nós moremos no tope, nós moremos na cinta, no tope, de lá do tope viemos lá pra banda da acolá do cruzeiro. De lá nos mudemos pra cá (sítio Pimenteira). Criei essas minha menina tudim aqui. Todo tempo nós moremos aqui. Cheguei com minhas menina tudo pequena [...]⁵⁴.

No município de Graça nasceu a segunda filha de Maria, Maria das Graças. Em São Benedito Maria Ferreira ainda concebeu: Raimunda, Maria do Carmo e Antonia, todos enlaçadas por um único vínculo – o maternal – visto que provinham de pais distintos. Maria resigna-se a insistir que resistiu trabalhando, ao abandono do pai de João e posteriormente aos demais companheiros, para criar todos:

Nesse tempo eu não tinha marido, tinha mais, tinha ido embora. Tinha ficado com minhas meninas tudo pequena, trabalhava: era lavava roupa, trabalhava de enxada, eu pra mim mesmo eu fazia era brocar. Era só eu e as meninas. E graças a Deus agüentamos até quando Deus quis⁵⁵.

Maria Ferreira, ao descrever o *labor* para justificar suas conquistas, suscita a questão de que tudo que alcançou em sua vida foi a custo do *suor do rosto*. Aqui a palavra trabalho assume uma carga conotativa que descreve o papel de uma *mulher/mãe* solteira e analfabeta que triunfa ao criar os filhos. Vida onde a certeza foi a incerteza:

⁵³ FURTADO, Maria Stella. **História geral e política de São Benedito**. Sobral: Secretaria da Cultura e Turismo, 2005. p. 30.

⁵⁴ GOMES, Maria Ferreira. Os nomes indicados pela senhora Maria são referentes a sítios localizados na zona rural de São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no sítio Pimenteira em São Benedito, no dia 01/06/2003. Maria estava com 73 anos.

⁵⁵ Id.

relacionamentos não duradouros; trabalhos em funções diversas com a finalidade de *criar* os filhos.

Agüentar idas e vindas foi fruto da Providência Divina, assegura Maria. Um Deus que “sustenta ajudando para agüentarem-se as dificuldades”. Para ela, a estada em São Benedito foi marcada por perdas:

Eu não sei do ano que a mamãe morreu. Eu tinha ido comprar um gás na beira da rodagem, numa bodeguinha que tinha que era até do Expedito Vicente. Quando nós tava lá, eu tava lá, fui chegando dentro já da bodega. Aí que era a casa se queimando, aquela estraladeira grande. Quando nós corremo, eu com o litro de gás, eu no lugar de correr para frente, na minha mente eu corria era pra trás, que eu nunca chegava em casa. Pois foi, correu todo mundo. Sei lá [...]. Nós já sofremo tanto, sofremo tanto e por tudo. Aí pronto se acabou tudo⁵⁶.

O fogo foi ateadado por Expedito Cratiú, um dos vizinhos, por ter Francisca escondido, em sua casa, a esposa dele. Não houve punição. O violador fugiu. As chamas se encarregaram de levar tudo quanto quis: roupas, documentos, utensílios, fotografias, uma em especial, a de João das Pedras, localizada sobre uma das paredes da sala. As malas velhas que guardavam os vestidos de chita de Francisca, Maria e Antonia foram todas tragadas pelo fogo. A foto de João das Pedras no monóculo sobreviveu, estava na casa de Maria das Graças. A casa de poucos cômodos “era de palha, mas as paredes eram de barro, bem coisadinha. Era só no chão, no barro, era aterrado”⁵⁷, iluminada pela luz do gás da lamparina.

Mãe Chiquinha, como era chamada pelos netos, tinha em sua companhia apenas uma criança de pouca idade no momento do ocorrido. A idade de Francisca Ferreira já lhe pesava nas pernas. Tentou resistir ao fogo jogando água. Contudo, foi surpreendida pelas labaredas. Por pouco não morreu no próprio local; quando ainda em chamas, foi retirada pelos vizinhos. O menino se salvou, comenta Maria Ferreira Gomes:

Que ela jogando a água e o menino no braço. E esse menino é rapaz hoje em dia. Ele tem a marca de queimadura aqui na testa dele, tem no braço, tem nas costas, tem na perna. Ela com ele no quarto jogando a água. E a casa pegando fogo toda, toda. Apagando o fogo, tava só com o menino⁵⁸.

⁵⁶ GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada no dia 03/07/2007.

⁵⁷ Id.

⁵⁸ Ibid.

A senhora Francisca Roberta residia e ainda reside nas proximidades do lugar onde estava circunscrita a casa de Francisca das Pedras e assegura que foi mesmo obra dum vizinho malfeitor: “[...] Foi um cara [que] tocou fogo na casa dela. Aí a veinha morreu queimada. Morreu queimada também Francisca das Pedras [...]”⁵⁹.

Francisca Ferreira não morreu no local, nem no hospital, pois ficou agonizando durante treze dias na casa da filha Maria dos Prazeres: “Aí o doutor viu que ela não tinha mais vida. Aí a Prazer passou a noite, quando foi no outro dia bem cedo, deram alta. Dessa vez ela não se levantou mais”⁶⁰.

Chiquinha das Pedras tivera as costas atingidas pelo fogo: “No rosto não, foi só as costas dela, no olho dela tinha alguma coisinha porque caiu. Mas o negócio foi nas costas dela só pra trás”⁶¹.

Maria Ferreira de Souza, conhecida de Francisca Ferreira Gomes, fora visitá-la em sua agonia e presenciou: “As costas dela tudo queimada, chega era preta, parecia um torrão. A gente lavava, botava remédio nas costas dela, ela só o bolãozinho em cima duma cama, toda queimada”⁶².

Maria Ferreira Gomes acredita que o pagamento dos erros é feito em vida e na morte, uma vingança divina para aliviar o coração, a vida dos injustiçados na terra. Seja pelas leis ou desmandos dos homens: “É, minha filha, hoje em dia quem faz o mal para os outros, paga é em cima da terra. Esse Expedito Cratiú, ele vive destacado no mundo, mas quando ele morrer nós vamos saber”⁶³.

À Francisca Ferreira Gomes a vida não lhe foi grata. Nem ao menos dera tempo de aposentar-se e viver sossegada. Embora, em abril de 1983, tivesse dado andamento no processo de aposentadoria. Morreu antes mesmo de ter sua aposentadoria concedida⁶⁴. A “lei natural” já havia sido antes quebrada. Seu neto, João das Pedras,

⁵⁹ SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004.

⁶⁰ GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada no dia 03/07/2007.

⁶¹ Id.

⁶² SOUZA, Maria Ferreira de. 67 anos. Aposentada. Casada. Entrevista realizada em sua residência na rua Deputado Francisco Júlio Filizola, no bairro do Corrente, no dia 03/07/07.

⁶³ GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada no dia 03/07/2007.

⁶⁴ Maria Ferreira Gomes disse-me que a certidão de óbito de sua mãe estaria com a irmã Maria dos Prazeres. Infelizmente esta senhora faleceu, não cheguei a ter contato com ela. Da certidão ninguém mais sabe o paradeiro. Durante a pesquisa fui ao Cartório Amaral à procura da certidão; como não havia uma data aproximada e por outros percalços, não dispomos dos dados de data de morte, além da avaliação de idade no momento da morte de Francisca Ferreira Gomes.

findou-se antes de quem lhe apresentou ao mundo e de quem o recomendava a Deus, abençoando-o.

A alcunha, Pedras, carrega fragmentos de um passado de perdas, um peso que deseja deixar no esquecimento:

Aí o povo são besta, né:

- É fulano das Pedras.

Eu tô cansada de dizer, outro dia uma mulher acolá:

- Ei, dona Maria das Pedras.

Eu disse assim:

- Você já reparou a Pedra entre as Pernas, pode reparar que sempre tem.

Encontrei outro homem era crente, né, acolá, vinha:

- A dona Maria das Pedras, mas tá novinha.

Eu digo:

- Tô. Mas repare as Pedras entre as pernas que sê vai podendo arrastar o meno ela entre suas perna?

Minha fia, ele agora passa e nem comigo num fala mais. É por isso, mas nós não tem nada [...] Onde já se viu? Pedra pr'aqui, Pedra pr'acolá. A Graça minha ali [...] Chamo ela Graça das Pedras, mas ela não é. Aí [...] ⁶⁵.

A alcunha não é bem recebida pela família. Tentar apagar a alcunha é crer que o passado deve ser enterrado seja com seus mortos (Francisca e João) ou mesmo com o tempo de hoje: o presente. Destinatários que primeiro fizeram as Pedras serem proferidas nas ruelas do município de Graça, por ser o nome de quem ajudava a trazer o novo ser ao mundo, a parteira e rezadeira Francisca. Depois, seu eco era disseminado na delegacia, nas calçadas, nas buscas, nas fugas pelo bandido, ladrão, preso, fugitivo. E agora, no presente, ouve-se no túmulo de João e durante as homilias.

⁶⁵ GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada em sua residência no sítio Pimenteira em São Benedito, no dia 01/06/2003.

1.2. Ladrão por destino

É impreciso afirmar um período que indique idade ou ano em que João das Pedras começou a roubar. No entanto, alguns indícios foram colhidos durante a pesquisa de campo feita no município de Graça, Ceará. Inicialmente as pessoas se recusaram a conceder uma entrevista gravada, por vergonha ou desconfiança do que significava a entrevista, embora eu explicasse que se tratava de uma pesquisa. Uma atitude compreensível, visto que eu era uma desconhecida na cidade, inquirindo sobre a vida de um falecido. Outros não falaram de João porque não conheceram e nem ouviram falar dele⁶⁶.

Apesar dos limitados diálogos, ainda foi possível obter informações sobre João das Pedras e sua família. A condição financeira da família era logo indicada: poucos recursos. Os trabalhos desenvolvidos pela avó Francisca Ferreira Gomes eram de parteira e rezadeira, a mãe Maria Gomes Ferreira era agricultora, doméstica, lavadora de roupas e outras vezes faxineira, atividades que nem sempre proviam o suficiente para suprir as necessidades básicas como comer e vestir-se.

Outros afirmaram que suspeitavam que o menino João das Pedras roubasse galinhas para se alimentar. Fato sabido quando viam a fumaça que saía do fogão a lenha, e o cheiro de galinha a correr os arredores: dia de frango apresentava que tinha sido dia de roubo. Uma realidade conhecida por seus familiares. A propagação constante da suspeita que apontava João como autor dos sumiços de galinhas da vizinhança teria levado a família a mudar de cidade, pela vergonha sentida diante da inquirição feita constantemente sobre os acontecimentos. Em parte, acusaram haver certa aceitação por parte da avó e da mãe, que não disciplinaram e não castigaram o pequeno infrator, sendo consideradas como as responsáveis pelo futuro de roubos que seguiu João.

João das Pedras nunca teve contato com o pai. Sua mãe ignora o paradeiro do ex-afeto, Antonio Amaro. Mesmo com a falta da relação pautada pelo vínculo sanguíneo ou afetivo com o pai, este teria sua participação em seu destino. Foi o que preferiram dois dos ex-colegas de bar de Antonio Amaro, que ainda residem no

⁶⁶ A pesquisa de campo feita no município de Graça, Ceará, entre os dias 10, 11 e 12 de agosto de 2003.

município de Graça. Quando nasceu o menino, o pai de João das Pedras, entre um gole e outro, sugeria que o filho seria “desordeiro”. O termo é visto como uma profecia do pai, que, sem assumir o primogênito, lançou pela palavra a desordem na vida de João das Pedras, quando um anjo teria passado no instante e, ao ouvir as asneiras, teria dito amém.

As informações sobre o pai de João das Pedras foram repassadas informalmente, uma prerrogativa que se estendeu em toda a pesquisa de campo no município de Graça. Mesmo sem possuir seu armazenamento na fita de um gravador, não quis deixá-las de lado. São sentidos atribuídos a um sujeito, a sua prática de roubos. A trajetória que é interpretada pelos olhos dos intérpretes anônimos como uma escolha que é feita antes pelo pai e pelo além do que pela decisão de João das Pedras. A questão o torna mais uma vítima das circunstâncias do que um meliante por maldade ou ambição.

Os relatos não se restringiram aos delitos. Ouvi também que, quando menino, João pegou na enxada, fazia mandados para ganhar uns trocados na mesma cidade onde foi primeiramente acusado de ladrão, no município de Graça. Sua mãe Maria confirmou essa informação e afirmou que João das Pedras teria também trabalhado em São Benedito: “ele trabalhava comigo na roça. Nesse tempo eu não tinha marido [...]”⁶⁷.

Maria Ferreira Gomes diz desconhecer os motivos que contribuíram para seu filho se tornar um ladrão: “não sei como foi que se deu aquele destino, aquele negócio, eu não sei”⁶⁸. Maria das Graças Marques, irmã de João das Pedras, relatou que o irmão começou a roubar na adolescência, por culpa das más companhias. Para ela, o sentido interpretado é o da separação: uma distância de convivência nas relações entre João e a família:

O convívio com ele até os quinze anos era maravilhoso. Depois dos quinze anos ele começou acompanhado de certas pessoas, que ele começou entrar nesse erro dele, aí ninguém tinha contato com ele, o contato era muito pouco. Ele passava pouco tempo em casa⁶⁹.

⁶⁷ GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada em sua residência, no sítio Pimenteira, em São Benedito, no dia 01/06/2003.

⁶⁸ Id.

⁶⁹ GOMES, Maria das Graças Marques. 53 anos. Dona de casa. Entrevista realizada no dia 12/02/2005, em sua residência, no sítio Pimenteira, em São Benedito.

A senhora Francisca Roberta da Silva concorda com Maria das Graças, afirmando que foi aos quatorze anos que João das Pedras começou a roubar. Vizinha da família, a senhora distingue que João era bem visto por uns e visto com desconfiança por outros. O que chama atenção na entrevista de Francisca Roberta é, porém, a veemente afirmativa sobre a índole do vizinho:

Eu morei perto dele, vivia na casa dele com a família dele. O sistema dele era assim: ele chegava numa casa, se a pessoa tivesse precisando de uma coisa, ele ia, tirava dos outros e dava à pessoa que tinha precisão. Eu acho que ele começou a fazer dentro de quatorze anos. Os vizinhos, tinham uns que gostavam e tinha outros que não gostava. Porque mesmo não tem quem goste de quem tira as coisas das pessoas, que tira assim as coisas dos outros, o povo não gosta⁷⁰.

João das Pedras não teria roubado próximo às redondezas de sua casa, no sítio Pimenteira. Talvez essa ausência de roubos favorecesse a confiança e “simpatia”, e quem sabe “apoio”, de parte dos vizinhos. Entretanto, em volta de sua casa, em suma, residiam pobres como sua família. Havia sua “moral” ou “padrão ético”: pouco se tinha para que ele pudesse roubar⁷¹.

Francisca Roberta (ou Chica Mundola, como é mais conhecida) esqueceu, ou não quis relatar, que ela era uma dentre os vizinhos que se sentiam incomodados com a presença de João das Pedras. Raimunda Marques afirma sobre o irmão João:

Ele não podia acostar lá na minha casa não, na hora que acostava tinha uma tal de Chica Mundola, abastava ela ver o roteiro, ela corria pra polícia dizer, corria pra polícia. Ora, às vezes a gente tava de fora, chegava a policia:
- O João tá aqui?
- Tá não. Muitas vezes ele tava bebendo num barzinho lá, esta dita Chica Mundola ia, chamava a polícia⁷².

A Chica Mundola que antes chamava a polícia, hoje, no presente, tem outra interpretação sobre o que João das Pedras praticava:

⁷⁰SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004.

⁷¹ Em São Benedito a maioria acredita que João das Pedras roubava dos ricos para dar aos pobres, sendo um ato compreendido como uma provação de bom caráter e de bom coração do ladrão. Por sua vez, Eric Hobsbawm salienta, analisando outros casos, que são dois os motivos principais que impedem o bandido de roubar dos pobres: “Se ele tira dos ricos para dar aos pobres, é outra coisa; exceto, é claro, na medida em que ele não se pode permitir tirar dos pobres do lugar, para que conserve seu apoio contra as autoridades. E afinal, pouco há para se tirar deles. Não resta dúvida de que às vezes os bandidos dão aos pobres” (HOBBSAWM, op. cit. p. 40).

⁷² MARQUES, Raimunda. Agricultora, casada. Irmã de João das Pedras. Entrevista realizada em sua residência no sítio Baixa Grande no dia 12/02/2004.

Ele nunca ofendeu ninguém. Nunca ele ofendeu ninguém, nunca ninguém ouviu falar que ele fizesse mal a moça nenhuma, e nem nada no mundo. Era só esse negócio que ele fazia: tirava de quem tinha e dar a quem não tinha⁷³.

A sua afirmação provém, também, pelos fios da memória coletiva que foi e ainda é compartilhada no meio sambeneditense⁷⁴. Outros, como o senhor Nilo Paula Santana, tecem a mesma certeza sobre João das Pedras:

Ele, bom, nesse ponto que o povo fala que ele nunca precipitou ninguém, né. Ele entrava e tirava, mas de um modo que eu acho que nem os donos não via e, na verdade, porque se ele entrava numa casa e via o povo tudo, né, ele não fazia nada com ninguém. E eu nunca vi falar que ele tivesse precipitado ninguém, matado. O povo sempre dizia que ele nunca matou ninguém. Ele fazia essas arrumação, entrava, se a pessoa tinha necessidade como essa velhinha que eu tô falando. Chegou na casa dela [...]. Vivia com fome e coisa e tal. Aí ele foi por ali, adquiriu um frango, adquiriu a farinha e veio deixar pra ela⁷⁵.

De fato, não encontrei nenhum registro na “oralidade sambeneditense” que indicasse diretamente ou indiretamente alguma agressão física cometida por João das Pedras com alguém. Isso é defendido até por aqueles que compunham o quadro de policiais da delegacia de São Benedito. Francisco Arruda Maia, ex-policial, diz que João nunca foi preso por outro motivo que não fossem os furtos:

O finado João das Pedras foi uma pessoa que deu muito trabalho a nós, policiais, nesse ponto assim dele refugiava nos mato, a gente ia atrás dele. Eu mesmo fui um dos policiais que passei muitas noites acordado à procura dele, né. Ele fazia os roubos e se escondia dentro do mato, né, passava a noite atrás dele pra ver se a gente o encontrava, que o pessoal nos procurava muito. O pessoal tinha medo dele, não que ele tivesse o coração de ofender ninguém. Nesse ponto aí, ele fazia os roubos dele, mas ele nunca ofendeu ninguém, nunca matou ninguém, nunca, né, nunca feriu ninguém. Ele entrava dentro da casa duma pessoa e, quando o pessoal acordava, o que

⁷³ SILVA, Francisca Roberta da.

⁷⁴ A memória coletiva, segundo Alessandro Portelli, deve ser compreendida: “Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história ‘social’); mas do mesmo modo que langue se opõe a parole, ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. Ela só se torna memória coletiva quando é abstraída e separada da individual [...]” (PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). Mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 127).

⁷⁵ SANTANA, Nilo Paula. 76 anos. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência, no sítio Pombal, em São Benedito, no dia 03/04/2004.

ele fazia era fugir, saía correndo, mas ele nunca tentou agredir ninguém, né. [...] ⁷⁶.

Para Francisco Maia, o passado de perseguição a João das Pedras passou. E sua entrevista apontou o que, para mim, não era provável. O ex-policial participa da construção da imagem do “bom ladrão”. Como afirma Hobsbawm, o “bandido nobre nunca mata, a não ser em legítima defesa ou vingança justa” ⁷⁷.

Ex-carcereiro, o senhor Joaquim Crescença, assim como o senhor Francisco Maia, expõe que a sociedade temia o ladrão, embora o entrevistado distinguisse João dos demais presos da delegacia:

Michelle: Tinha outros presos acusados por roubos?

Seu Joaquim: Era só ele mesmo. Os outros era de crime, né. De coisa [...] mas [...] que [...] só o que era mais atacado era ele lá nesse negócio de roubo, furto, tinham mais medo, nera? Era dele! Por causa de roubo. Mas sobre crime não, tinham os outros criminosos ⁷⁸.

Crime, para seu Joaquim, se configura como outros delitos que não o de roubar. E por essa razão João das Pedras não está circunscrito na imagem de criminoso. O ex-carcereiro põe a idéia da divisão do tratamento rendido aos presos, um tratamento pautado pela diferenciação do delito. No entanto, João das Pedras, sendo ou não como os “outros criminosos”, viu o sol nascer quadrado várias vezes.

Imagino que se João das Pedras tivesse agredido fisicamente algum sujeito, este rumor teria chegado às ruas e os próprios membros que compunham a delegacia não ocultariam esse episódio, a não ser que tenha ocorrido sem nenhuma testemunha ou falácia. Podemos perceber que mesmo quando os dois entrevistados expõem que João era “trabalhoso” e que era “mais “atacado” pelas acusações de roubos e pelo medo sentido, há certa admiração. Ambos buscam pontuar sua diferença, tanto nestas entrevistas como nas demais que fiz.

O senhor Raimundo Pereira também ouvia falar de João das Pedras:

⁷⁶ MAIA, Francisco Arruda. 64 anos. Policial militar aposentado. Residente no bairro Papicu, em Fortaleza, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 09/05/2005. É chamado de sargento Maia por muitos em São Benedito.

⁷⁷ HOBBSAWM, op. cit. 38.

⁷⁸ CRESCENÇA, Joaquim. 83 anos, aposentado, residente no sítio Pimenteira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004. Seu Joaquim foi Carcereiro da Delegacia Municipal de São Benedito e acompanhou muitas das prisões de João das Pedras.

Minha filha, eu ouvia falar só que ele entrava nas casas por aí, levava as coisa, o que podia levar ele levava, mas de fazer dano com alguém. Muitos tinham, né, porque não tem quem não tema saber que tem um ladrão dentro da casa alheia [...] ⁷⁹.

Creio que se João das Pedras tivesse batido, assassinado alguém, ainda assim haveria especulações e uma suposta admiração, atraindo o interesse de alguns, pois há bandidos que, mesmo com a prática de crimes hediondos, são admirados, perdoados e compreendidos como heróis. Assim foi com Jararaca, que não perdoava nem mesmo as crianças ⁸⁰. Quero dizer, o fato de João ter preservado a vida de outros e a “castidade” das mulheres contribui para ser ele enaltecido como um “bom ladrão”. Entretanto, não é um fator isolado; há outros mais significativos, como observaremos mais adiante em outros capítulos, que têm um peso maior na avaliação sobre a índole de João e a transformação de um ladrão em santo.

Entretanto, não se pode negar que o fato de não ter seduzido ou violentado nenhuma “moça” o torna virtuoso aos olhos de muitos. Francisca das Chagas diz que João das Pedras era zeloso e reparava as mulheres sozinhas, viúva com filhas em casa que ficavam vulneráveis a homens de má fé:

Outra vez diz também que tinha uma mulher viúva que tinha duas filhas, aí os caboclos queriam pegar ela. Disse que tavam combinando pra quando fosse de noite invadir a casa da mulher, da viúva. Ele soube, quando foi de noite ele foi lá pasturar, quando eles chegaram, ele disse:

- Olhe, vocês não vão fazer nada nem com a pobrezinha da viúva e nem com as moças.

Aí disse que ele passou foi a noite, quando foi no outro dia, ele foi dizer à mulher que se mudasse daquela casa que era esquisito pra ela, que tinha uns caras que queriam invadir a casa dela. Ele era bom, é por isso que eu digo que ele era muito caridoso, diz que passou a noite todinha ao redor da casa pra não deixar ninguém entrar ⁸¹.

⁷⁹ PAIVA, Raimundo Pereira. 79 anos. Aposentado. Residente no sítio Lagoa, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, na Rádio Planalto.

⁸⁰ Kesia Cristina França comenta que os crimes praticados por Jararaca são sabidos pela população de Mossoró, inclusive entre aqueles que lhe dedicam a nomeação e fé de santo concessor. Um dos crimes mencionados nas entrevistas que fez a autora seria “quando ele teria matado uma criança aparando-a na ponta de um punhal”. Ao invés de causar o repúdio, a morte da criança é interpretada de outra forma: “Em algumas entrevistas os fiéis falam que Jararaca se arrependeu dos crimes. No entanto, a história que respalda o arrependimento relata apenas um crime do qual o bandido teria se arrependido”; o crime citado pelos entrevistados e analisado por Kesia Cristina seria o da morte da criança. Desse modo, no ideário popular não precisa não ter cometido o crime, basta ter se arrependido (ALVES, op. cit. p. 93).

⁸¹ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos, Funcionária pública, residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

A caridade praticada desta vez não é roubar do rico e dar ao pobre, mas proteger as “pobres” mulheres. Francisca das Chagas não comentou quem seriam essa viúva e suas filhas, e nem o lugar onde tudo se passou. Informações insignificantes para ela, como pudemos perceber. O centro da narrativa é o ladrão que salvou a honra e integridade física das mulheres que padeceriam nas mãos dos caboclos, sacrificando-se ao “passar a noite todinha ao redor da casa”. João das Pedras com “‘a imagem’ de Robin Hood insiste em ações moralmente positivas, como roubar [...]; mais que isso, porém, insiste nos atributos padrões do cidadão que obedece ao sistema ético”⁸².

Nem sempre ele precisava salvá-las de alguém. João das Pedras era o temor das mulheres que seguiam cedo ou tarde pelos caminhos das ruelas da cidade. Quando João cruzava com estas que o temiam, ele tentava modificar a impressão que havia causado. O senhor Vicente Paula de Oliveira me disse, em meio a risos, que João das Pedras fazia companhia às mulheres que encontrava pelo seu caminho, ao invés de maculá-las ou assustá-las. E mesmo aquelas que o temiam recebiam seu auxílio:

Ele ia na estrada, mas eu não vi não. Isso foi o que uma criatura contou. Que umas mulheres [...]. Ele vinha vindo da Carnaúba (sítio de São Benedito), que tinha um comércio pra lá, bem cedinho com escuro. Bem, ele vinha vindo e as mulheres iam pra igreja pra santa missa. E vinham com medo do João das Pedras. E subiu junto com elas. Quando chegou lá no Cemitério, ele ia entrar para o Chora, porque tinha um comércio pra lá, aí quando chegou e despartou dela, disse:

- Dona, o João das Pedras é eu. Mas eu não bulo com ninguém não.

Ele disse pras mulher, mas eu não vi, foi outra pessoa que me disse [...]. E aí também elas aí, eles tinham se despartado. E ele saiu pra banda do Chora e elas subiram. Depois elas contaram a história por aqui, que muita gente soube⁸³.

Maria da Conceição Lopes diz que, no sítio Lagoa, uma mulher teria sido “auxiliada” pela boa vontade do ladrão:

Surgia muita história dele. As mulheres mesmo conversando, aí elas diziam que tinha uma mulherzinha que tinha ganhado menino aí pra banda da Lagoa, e disse que ele chegou, ela tava de resguardo, no escuro sem ter o que cumê. E ele entrou numa bodega, pegou o gás, pegou arroz, fosco. Quando chegou lá, butou o gás na lamparina e deixou tudo cheinha. Quando ela viu, ela quase morre de medo. Ele disse, pediu que ela não ficasse com medo não, que era ele, o João, era ele que chamavam João das

⁸² HOBBSAWM, op. cit. p. 44.

⁸³ OLIVEIRA, Vicente Paula de. 94 anos. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência no dia 03/04/2004 em sua residência no sítio Pombal em São Benedito.

Pedras, que ele não ia fazer nada com ela, só tava ajudando. Ela, no escuro, e o marido dela bebo na budegá⁸⁴.

João das Pedras afasta-se da figura do temido ladrão na descrição feita por Maria da Conceição. Aqui ele está posicionado na imagem de um homem valente, sensível, capaz de sentir compaixão pelo sofrimento do outro. Disposto e dispondo-se a enfrentar as retaliações que poderiam ocorrer, quando até poderia não receber a gratidão da mulher, que se assustara ao vê-lo chegar.

No modo pelo qual essas narrativas se configuram João das Pedras sempre estava atrás de ajudar quem necessitava. Assim, a figura do ladrão e o ato do próprio roubo são, para Maria da Conceição, uma prática gerada pela precisão da *mulher de resguardo*. João faz o que o “marido dela bebo” não faz. E todo o ocorrido é a confirmação de que João das Pedras roubava dos ricos para dar aos pobres, merecendo o perdão pelo delito cometido. Maria da Conceição inscreve a imagem de João, desenhando a sua própria imagem: de uma lavadeira pobre que acredita que haja, no dia-a-dia, uma justiça, uma atitude justa de alguém para com a situação injusta de outro, mesmo que por meios “duvidosos”⁸⁵.

Ao contrário de algumas entrevistas, a de Maria Aparecida Carvalho apresenta que nem sempre o beneficiado tomava conhecimento de quem seria o benfeitor. Ela contou o caso de uma mulher de resguardo que também padecia junto ao marido:

Entrou numa casa, chegou numa casa, tinha uma mulher de resguardo, aí ela tava falando para o marido dela que não tinha o que comer. No outro dia o que é que eles iam fazer para comer. Tinha uma vizinha que era rica e tinha um bocado de capão, gordo no chiqueiro esperando ganhar neném; e ele ouviu a conversa do casal. À noite ele voltou, foi lá no chiqueiro da vizinha, aí trouxe dois capão, e deixou lá dentro da casa na cozinha do vizim, pra mulher que tava de resguardo e não tinha o que comer. Aí então, quando meteram os pés de manhã, que ele deu fé, disse:

- Mulher, tem dois capão aqui.

Aí foi e disse:

⁸⁴ LOPES, Maria da Conceição. 54 anos, lavadeira, residente no bairro da Cachoeira. Entrevista realizada em sua residência, no dia 01/06/2003.

⁸⁵ Construir uma imagem sobre o outro é também construir uma imagem sobre nós, crenças, afeições, repugnâncias, aversões, simpatias. Pois, “enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem. Portanto, enquanto os historiadores muitas vezes se esforçam por ter uma seqüência linear, cronológica, os narradores podem estar mais interessados em buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas, no transcorrer de sua vida” (PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na História Oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’Água, 2004. p. 300).

- E esse capão veio de onde?

- Não sei. O que nós faz?

Ora, se ta aí, se as porta tavam fechada. Foi Deus que mandou, mate um pra comer, que eu tô com fome.

Depois a dita mulher que foi roubada os capão descobriu que tinha sido ele que tinha levado, e que os capão tava na casa da mulher e a mulher já tinha matado um. Quando o cara descobriu, foi deixar o outro capão. E a mulher (a dona do capão) disse:

- Não é meu, se amanheceu o dia lá, o capão é seu, pode comer, eu lhe dou de todo coração.

Sempre as histórias que eu ouvia falar dele sempre eram uma história bonita. Não tinha história triste de ele matar ninguém, fazer mal a ninguém. Era uma pessoa que, que roubava para ajudar [...] ⁸⁶.

Nenhum outro ladrão da cidade de São Benedito recebeu essa denominação, apenas João: é o ladrão que roubava dos ricos para dar aos pobres. O ex-policial Francisco Arruda comenta que muitos dos roubos eram praticados por outros e João das Pedras levava a culpa:

A polícia perseguia muito ele, porque outros ladrões roubava, né, e o povo só colocava a culpa no João das Pedras. Todo roubo que havia em São Benedito o pessoal dizia: “Não, foi o João das Pedras”. Quer dizer, tinha muita gente na sombra dele, nas costa dele. Aqueles ladrões já aproveitaram dele já ser muito marcado, seno procurado pela policia. Então se ele, se os outros aproveitavam, faziam os roubo deles e o pobre do João (era conhecido por João das Pedras) era quem pegava a culpa ⁸⁷.

O senhor Nilo Paula Santana diz que, quando ocorria sua prisão, alguns comerciantes eram atraídos à delegacia municipal para comprovarem que o ladrão estava preso e buscavam zombar do enclausurado:

Pois é [...]. Ele tinha feito por aí alguma coisa irregular, né, e prenderam, tava preso. Chegou um sujeito e foi conversar com ele até assim parece que intimando:

- Rapaz, tu não vai lá em casa não, porque se tu for lá, tu não te dá bem comigo não.

E ele ficou calado, mas aí ele pegou a insistir:

- Não, eu não vou mais lá não. Porque eu fui lá, o que eu vi lá foi um depósito de botar farinha, mas não tinha nada dentro. E outras coisas por lá que nada me serviu.

- Diz que tu entra na casa e vê até o povo dormindo?

- É, às vezes quando dá certo, vejo.

- E o que que tu viu lá em casa?

Ele disse assim:

⁸⁶ CARVALHO, Maria Aparecida de Matos. 53 anos. Agente de saúde. Entrevista realizada em sua residência, na Rodovia da Confiança Norte, em São Benedito, no dia 07/03/2005.

⁸⁷ MAIA, Francisco Arruda.

- Você compre uma roupinha interna pra sua mulher, que ela não tem.
Disse isso. Então se ela não tinha, ela tava dormindo [...], vamos dizer assim, nua, né⁸⁸.

João, de zombado, passa a ser o que zomba. Ele sempre consegue se sobressair da situação e é o que vence quando é desafiado.

Durante toda a pesquisa nunca entrevistei alguém que tivesse, de forma direta, recebido uma “ajuda” e “auxílio” de João. É como se estas pessoas tivessem deixado de existir no real, no cotidiano, para serem realidades mencionadas no plano narrativo, sem nome e sem endereço. É sempre alguém que ouviu falar de alguém. Nenhum dos meus entrevistados foi “beneficiado” por um furto. Os vitimados pelos furtos de João também passam por este desconhecimento, salvo em poucos casos. Os roubos para o bem dos pobres não perdem seu significado e são apresentados nos jogos das oralidades cotidianas, compondo uma rede de mitos⁸⁹.

Nenhuma outra mulher ou outro trecho narrado e nem outra “caridade” foi tão presente e incisiva quanto a narrativa sobre a velhinha. Trata-se de uma senhora que morava sozinha, em condições precárias: sem cobertor, num lugar frio como São Benedito. Além disso, com fome. A fragilidade principal é estar a velha abandonada por todos. Assegura Francisca Roberta que João fora o único que buscou mudar essa realidade.

Lá na Fazendinha tinha uma velhinha que ele foi na casa dela, e ela tava dormindo no chão, aí ele chegou lá. Aí disse assim:
- Me dê uma agüinha.
Aí ela deu a água.
Ela disse:
- Sente.
E ele se sentou.
- Ora, eu durmo no chão aqui, vivo desprezada sozinha aqui. Mas ainda tenho medo de um João das Pedras que anda no mundo.
Aí ele disse:

⁸⁸ SANTANA, Nilo Paula.

⁸⁹ De acordo com Carlo Ginzburg, é necessário fazer uma ressalva quando se utiliza o termo mito: “A continuidade de palavras não significa necessariamente continuidade de significados”. Analisando como Platão associa o significado do termo mito no segundo livro da *República*, Ginzburg afirma que o autor “não associava de maneira estável o termo *mythos* [...] a uma categoria específica de discursos; por outro, procurava distinguir, no interior dos contos transmitidos pela tradição (a começar pelos dos poetas), o verdadeiro do falso. É oportuno repetir: não é o mito o que constitui um alvo para Platão, mas o mito como veículo de afirmações falsas” (GINZBURG, op. cit. p. 42-46). Em São Benedito me refiro ao mito relacionado não somente aos furtos de João das Pedras, mas de suas fugas, sendo ambos compreendidos por muitos entrevistados e outros sambeneditenses como um veículo de afirmações verdadeiras sobre o ladrão. Uma verdade narrada com suas outras verdades, também relativa pelo prisma de cada um.

- Olha, você não tenha medo do João das Pedras, que ele não faz mal a ninguém não.

Aí, quando foi à noite, ele chegou com rede e comida para a velhinha, aí deu e foi embora⁹⁰.

A velhinha é também o centro da narrativa de seu Orácio Pedro. Diferente da senhora Francisca Roberta, Orácio é mais descritivo, inscrevendo sua criatividade e originalidade enquanto narrador⁹¹. Os elementos centrais permanecem no centro: o ladrão e a velhinha. As duas versões, porém, não diferem quanto ao temor da velhinha com a imagem de João. O sítio descrito agora é o Pimenteira:

Ouvi contar muita história do João das Pedras, mas o qual eu não conheci ele. Mas que o pessoal comentavam muito a vida dele, a procedência dele [...], eu ainda sem conhecer [...], achava muito importante a vivência dele. Era ter sentimento com os pobres, o qual os bom de hoje não lembra tanto dos pobres igualmente ele lembrava. Uma vez um criatura me contou uma história que lá na Pimenteira tinha uma velha [...], carente, pobrezinha que nada possuía. Então, ele chegou lá, não se identificou que ele era o João das Pedras. Mas que ele vendo aquela pobreza, aquela carência daquela coitadinha sofredora. [...] saiu à noite, [...] quando foi no outro dia, já chegou na casa dela com um bocado de roupa pra ela [...], quando foi no mesmo dia, ele levou as roupa, quando foi à noite, ele foi lá e encontrou ela dormindo no chão, ele armou a rede que levava e pegou ela e deitou ela na rede e imbruiu e foi embora. Quando foi nos outros dias, no terceiro dia, ele vai lá, chega [...], ela tava naquela vivência [...], contando:

- Meu filho, aqui não tem nada pra cumê e nem pra fazer, nada pra você.

Então, ele disse:

- Olha, é isso mesmo, a senhora não tem o que cumê mais [...] Lá na lagoa tem um noivado muito grande, é muita cumidinha [...] Mataram gado, porco, cabrito, uma festa muito grande, esse noivado lá de fulano de tal. Que eu não vou dizer quem é, que eu ouvi falar.

Então, ela disse:

- Ah, é tem esse noivado lá mesmo?

Ele disse:

- Tem.

[...] Ele saiu, quando foi mais tarde, chegou e [...] fez a diligência dele: entrou [...] na casa do noivado, roubou a carne e tudo e trouxe pra velhinha.

⁹⁰ SILVA, Francisca Roberta da.

⁹¹ Beth Rondelli, analisando a forma de narrar dos contadores de estórias, afirma que é necessário perceber que “As variações de uma narrativa podem diferir quanto às palavras empregadas, quanto à seqüência dos episódios, quanto à introdução de novos elementos e quanto ao próprio conteúdo das estórias”. Segundo a autora, estas diferenciações se devem ao fato de existir “certo grau de criatividade do contador, que também é autor, na medida em que sua recriação contém doses de originalidade”. Dessa forma, quando uma mesma história ou estória é sabida e contada ou recontada por diversos contadores, a questão não “impede que cada estória seja em parte nova à medida que, de um mesmo tema ou enredo básico, se obtêm diferentes armações de episódios, que são exatamente a expressão propriamente artística ou criativa do narrador. A narrativa compõe, portanto, o novo com o velho, e é nessa composição que reside sua originalidade” (RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão**. Rio de Janeiro: Funarte; IBAC – Coordenação de Folclore e Cultura Popular, 1993. p. 26-28).

[...] Entregou à velha e foi embora. [...] Quando foi no quarto dia, ele voltou lá, na casa da velhinha, chegou lá a velhinha disse:

- Ô meu filho, mais eu cumi tanto, cumi bem. Que nesses dias parece que Deus nossinhô andou aqui, parece que Jesus Cristo andou aqui. Eu tava durmindo no pé da parede deitada quando acordei tava dentro duma rede tão bem imbruiada com uma cubertona boa, e a rede tão boa, meu filho, que tá ali, não sei quem trouxe essa rede. Noutros dias, tava com fome o criatura trouxe bastante cumida, carne à vontade, cumi à vontade e ainda tem até carne pra cumê [...].

Ele foi e disse:

- Olha, a senhora sabe quem foi que andou aqui foi o João das Pedras, eu sou ele.

A velhinha tomou aquele susto, assustou-se dele falar aquilo e disse:

- Você é que é o João das Pedras?

- É, mas, velhinha, não tenha medo de mim não, que eu não vou fazer nada com a senhora e nem faço nada com pessoas do seu tipo e nem roubo nada de vocês⁹².

O senhor Orácio Pedro não conheceu João das Pedras. O que sabe sobre ele são fragmentos que lhe foram repassados por terceiros. Mesmo assim, não há um questionamento sobre a veracidade da “história da velhinha” e nem há uma perda de seu sentido moral e religioso: ajudai ao próximo. O ladrão é o protetor e tem sentimento pela situação dos carentes. A beneficiada desconhecia a procedência de seu benfeitor. É a revelação, nos últimos instantes, de quem é João, que sugere que a velhinha foi a encarregada, devido à surpresa e depois gratidão, de divulgar de forma falada o agradecimento e os benefícios do ladrão.

No *Auto da Compadecida*, Jesus se apresenta como um esmolado: pedindo o que comer a João Grilo, Rosinha e Chicó⁹³, que no instante da abordagem tentam partir uma fatia de bolo para eles. Rosinha é a primeira a se compadecer do negro esmolado, aconselhando e persuadindo, principalmente a João Grilo, para doar o pedaço ao pedinte. Antes de falar somente de “repartir” o pão com quem não tem, o ponto presente na narrativa de Ariano Suassuna – e em outros folhetos (cordéis), estórias de trancoso⁹⁴ entre outros – sobre a “partilha” põe nessas passagens que mencionam Cristo a transfiguração do sagrado no humano: Jesus anda pelo mundo em forma de gente: é de carne e osso, testando a piedade e hombridade dos homens. Por outro lado, Jesus assim

⁹² SOUSA, Orácio Pedro. 72 anos, agricultor aposentado, residente no sítio Ingazeira, em São Benedito-Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 22/05/2004.

⁹³ SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Ilustrações de Romero de Andrade Lima. 35. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

⁹⁴ Podemos descrever como sendo esta *Estória de Trancoso*, segundo a identificação descrita por Beth Rondelli, que as define como a “narrativa que se passa com personagens fictícios, que pode ser irreal e fantasiosa, e é derivada da tradição” (RONDELLI, op. cit. p. 77).

se disfarça para ajudar. Na história da velhinha, esta chega a cogitar que seu benfeitor foi o próprio Cristo: “Ô meu filho, mais eu cumi tanto, cumi bem. Que nesses dias parece que Deus nossinhôr andou aqui, parece que Jesus Cristo andou aqui”. Quando João das Pedras se revela, a interpretação é objetiva: se ele não é Cristo, pelo menos é enviado por este ou se assemelha às qualidades do redentor. Essa questão é o denominador comum, seja da história da velhinha ou de outras⁹⁵.

A revelação de João se dá nos últimos instantes não por acaso. É no fim que tudo se resolve: a fome, o frio são problemas superados. Além disso, assentada no chão da tradição oral, a história da velhinha se assemelha a outras narrativas populares, quando também os acertos de contas, prendas, punições são vividos somente no fim⁹⁶.

De fato, quanto mais precária se encontre a situação dos “necessitados” auxiliados por João das Pedras, mais honrosa é sua prática: o roubo. E é por essa razão que a velhinha não deixa de ser mencionada quando se fala nas “caridades” de João das Pedras, até na entrevista do ex-carcereiro, o senhor Joaquim Crescença:

Um dia ele chegou numa casa, tinha uma velhinha lá e tinha um menino, aí a velhinha tava deitada lá na cama sem cobertor, sem nada. E ele:
 - Ei, velhinha, você tá com frio, não tá?
 - Tô, meu filho, tô morrendo de frio aqui.
 - Eu vou arrumar uma coberta pra você se imbruiar.
 Aí ele saiu, encostou a porta como que ele fosse o dono da casa e foi, andou, virou e mexeu. Quando deu fé, ele chegou com a coberta e imbruiu, assim o povo diz, eu não vi não! Aí disse que ele imbruiu a velha, a velha ficou agradecendo muito, ele ter feito aquilo de imbruiar ela [...]. Aí era assim que ele fazia: disse que ele entrava numa casa e saía noutra⁹⁷.

O sentimento e compaixão tributados a João das Pedras não são apenas a descrição sobre a índole do ladrão, mas a distinção de papéis, onde existe o bem e o mal, o certo e o errado, a fartura e a precariedade, a festança e a solidão, a falta de interesse e a preocupação. Contudo, o senhor Orácio indica o sentimento da sua concepção de vida⁹⁸:

⁹⁵ LIMA, Francisco Assis. **Conto popular e comunidade narrativa**. Rio de Janeiro: Funarte; Instituto Nacional do Folclore, 1985. p. 81.

⁹⁶ A articulação e a seqüência final da narrativa da velhinha podem ser observadas na estória do primo pobre e primo rico, embora por outros ângulos: é no fim que o primo rico fica pobre e empregado do primo que antes era pobre (RONDELLI, op. cit. p. 86).

⁹⁷ CRESCENÇA, Joaquim.

⁹⁸ Yara Aun Khoury nos incita a perceber em nossos entrevistados e em nossas entrevistas que: “Ao narrar, as pessoas estão sempre fazendo referências ao passado e projetando imagem, numa relação

Então, eu acho que essa importância, naquele tempo, o pessoal tinha esse medo, era dele levar as bestidades, a bobeira que a pessoa possuía: as roupas, um frango [...], mas que não era como hoje, que naquele tempo da morte dele não existia o seqüestro [...], assalto como existe hoje. A pessoa pega outro durmindo, que se acordar bêbado na rua ou na estrada ele lamina de faca, almeja de bala, degola, tira a orelha, fura os olhos da pessoa, almeja de bala, de ponta a ponta. [...] Hoje em dia a coisa é muito diferente daquele tempo dele, que ninguém ouvia falar nisto⁹⁹.

João das Pedras é o ladrão cavalheiro do bem, sua “diligência” é matar a fome, agasalhar e tirar tudo o que a velhinha precisava do noivado. João é distinguido, também, por não usar a força, não há a apresentação de brigas ou agressões no instante em que roubou. A moral, enfim, é: faça pelos outros não o possível, mas o impossível, mesmo se for necessário infringir a ordem ou a lei.

As mulheres beneficiadas pelos furtos de João das Pedras são sempre passivas na ação do estado de carência em que se encontram: a mulher de resguardo sem comida e sem a presença do marido; a viúva desamparada pela perda do cônjuge e que com as filhas constitui um alvo fácil para os infratores desonrosos; a outra mulher de resguardo, mesmo com a presença do esposo, padece ao lado dele, saciando sua fome somente com os “capões” dados por João¹⁰⁰.

Todas apresentam como únicas reações: o espanto, a surpresa e a gratidão, provindos sejam pelos artigos do furto ou por seu veículo: o ladrão. Somente a velhinha quebra a passividade conseguindo, como o João, ser também protagonista da narrativa. Afinal, além das apreensões e sensações sentidas pelas anteriores, a senhora dialoga com o ladrão, chamando-o de “meu filho”, narrando sua carência – “aqui não tem nada pra cumê e nem pra fazer, nada pra você” –, quebrando assim a barreira dos ligeiros contatos descritos em outras histórias sobre João das Pedras.

imbricada com a consciência de si mesmos, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social” (KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON et al, op. cit. p. 131).

⁹⁹ SOUSA, Orácio Pedro.

¹⁰⁰ Nas estórias de trancoso analisadas por Beth Rondelli, a autora observa que o papel dado à mulher nessas narrativas é em demasia diferente do atribuído aos homens: “As estórias masculinas analisadas até aqui mostram a atribuição de um papel passivo à mulher. Enquanto o herói masculino se movimenta e vive aventuras que lhe darão oportunidade de demonstrar sua coragem e sabedoria, a mulher permanece ou enclausurada nos domínios paternos, ou encantada ou imóvel, ou à espera de que algum homem venha propor-lhe um enigma ou admirá-la sexualmente. Enquanto o homem age, a mulher espera, ocupando durante toda a narrativa uma função secundária” (RONDELLI, op. cit. p. 71).

A figura do “herói dos pobres” não esconde que, de um lado, João das Pedras não deixa a sua pobreza, não se torna rico e nem pretende acumular riqueza, assim diferindo das estórias de trancoso analisadas por Beth Rondelli, nas quais os heróis transitam entre a pobreza e a riqueza, sendo esta última seu destino e recompensa final¹⁰¹. Além disso, o furto de João das Pedras, e sua eficácia para quem o recebe, é uma condição temporária: nenhum dos agraciados deixa a pobreza, apenas vive uma satisfação efêmera; a fome, o frio, a proteção, a falta logo retornam, algo não presente nas entrevistas. É por essa razão que compreendo a identificação com João: ele é ladrão para os pobres, mas é também pobre.

Podemos observar que as narrativas se entrelaçam na construção da percepção da dualidade das vivências humanas: no ser, ter ou sentir. Descritos oralmente por antagonicos sinônimos: riqueza x pobreza, honestidade x desonestidade, sociedade idealizada x sociedade desigual, sensibilidade x indiferença, compaixão x desprezo.

Além da questão de dar aos pobres, João é comparado com a própria figura de Robin Hood, como o faz Otalício Viana:

Falavam que ele era um rapaz humilde, tipo um Robin Hood, roubava dos ricos pra ajudar os pobres. Ele sempre andou nessas casas desses povos mais ricos, roubando mais para ajudar aqueles que necessitavam¹⁰².

Robin Hood, o personagem nobre por nascimento e atitudes, inglês, que se escondia na floresta de Sherwood e lutava contra os desmandos reais. João não é nobre pela nobreza de nascimento. Entretanto, o que aproxima os dois ladrões, na interpretação de Otalício, é roubar dos ricos e dar aos pobres, quando ambos infringem a lei dos homens para ajudar outros homens, sendo João nobre como o outro. Robin Hood é o exemplo, a imagem do ladrão maior e mais conhecido através dos filmes, livros, quadrinhos e até mesmo em livros didáticos. Hobsbawm afirma que o ladrão inglês “é aquilo que todos os bandidos camponeses deviam ser”¹⁰³. João das Pedras, para Otalício Viana, pode ser e é em São Benedito considerado o Robin Hood.

¹⁰¹ Id.

¹⁰² SOARES, Otalício Viana. 22 anos. Residente no Sítio Lagoa. Auxiliar de escritório do Cartório Amaral do 2º Ofício. Entrevista realizada no dia 02/02/2005, no Cemitério de São Benedito.

¹⁰³ HOBSBAWM, op. cit. p. 53.

João das Pedras é o ladrão ideal. O roubo real não precisa ter concretamente acontecido, basta crer que ele existiu num dado momento em algum lugar. Acreditar no ladrão dos pobres é perceber que: “Os pobres necessitam dele, pois ele representa a justiça, sem a qual, como observou Santo Agostinho, os reinos não passam de um imenso roubo”¹⁰⁴. João é o ladrão permitido ou simplesmente aceitável e compreendido, posto contra o poder e os poderosos, bravo, astucioso e determinado¹⁰⁵.

João das Pedras é assim construído em meio à insatisfação do vislumbre da realidade que cerca cada um, neste caso, a dos nossos entrevistados. O senhor Orácio sustenta, em toda sua argumentação, a indicação de que João e seus roubos são a vivência do evangelho:

E eu digo uma coisa: por aquele tempo do João das Pedras, ele ou outro qualquer dele que fazia desta maneira, eles viviam aquilo que Cristo exige da pessoa: amar uns aos outros, assim como eu vos amo. Jesus Cristo ama o próximo. O próprio Jesus Cristo diz: Tudo aquilo que fizer à alma dos meus pequeninos não é a ele que faz, é a mim que farei. Então, tudo isso ele fazia pelos pobres, pela pobreza. [...] No meu modo de pensar, ele fazia o que Deus exige de cada um de nós: amai ao próximo como a ti mesmo; Pai Nosso, aquele que dá o pão àquele que necessita. E Cristo veio ao mundo foi pra amar e servir, e não foi pra ser amado e nem ser servido. E ele fez também isso pra não ser servido, porque ele fazia o roubo e levava e entregava àqueles pobres, sem também utilizar, sem saciar daquilo que ele entrava em sacrifício pra roubar. [...] Ele fazia essas coisas assim no meu modo de pensar, ele fazia melhor do que aqueles que viviam com o livro da vida na mão, com a bíblia. Porque a bíblia diz, Cristo fala: Batei a minha porta, eu abrirei e pedi e receberei tudo que pedi a meu pai, em meu nome, eu vos darei. E ele [...] vivia o evangelho vivo sem conhecer a bíblia, ele na vida da ignorância, mas vivia na vida da imprudência pelos pobres, prudente pelos pobres, pela pobreza. Então, tantos hoje ainda mesmo, hoje mesmo tantas pessoas que vive com a bíblia na mão, mais não sabe amar, porque Cristo diz: Amar uns aos outros, assim como eu vos amo [...]¹⁰⁶. (grifos da autora)

As passagens bíblicas estão no dia-a-dia da população pobre. Como tudo que guardam, os fragmentos bíblicos não estão integralmente resguardados nas lembranças de cada um. O evangelho é ouvido em missas, novenas, vigílias, grupos de oração e, às

¹⁰⁴ Ibid. p. 36.

¹⁰⁵ De acordo com Hobsbawm, “o que existe de fundamental na situação social do bandido é sua ambigüidade. Ele é um marginal e um rebelde, um homem pobre que se recusa a aceitar os papéis normais da pobreza, e que firma sua liberdade através dos únicos recursos ao alcance dos pobres, a força, a bravura, a astúcia e a determinação. Isto o aproxima dos pobres: ele é um deles também. Coloca-o em oposição à hierarquia de poder, riqueza e influência; ele não é um dos que possuem isto” (Ibid., p. 86). João das Pedras é pobre, eis aqui porque sua “luta” configurada nos furtos é vista como uma oposição aos ricos.

¹⁰⁶ SOUSA, Orácio Pedro.

vezes, acompanha os terços tirados na casa de cada um. Em pedaços, é assistido, também, em peças escolares, em momentos festivos, em filmes que buscam retratar a vida de Jesus. Desse modo há uma circulação dos ensinamentos bíblicos e, no cotidiano, eles estão presentes, mesmo sendo proferidos de outro modo. A educação religiosa é assegurada, assim, servindo de ponte para explicar, avaliar e julgar as ações, as decisões, os posicionamentos de si e dos outros. Beth Rondelli, observando que nas estórias de trancoso analisadas, havia semelhanças com passagens bíblicas, observa que seus contadores “com isso formam concepções distanciadas dos cânones doutrinários do catolicismo oficial, embora estes sejam os pontos de partida para uma reflexão original e criativa”¹⁰⁷.

Os ensinamentos de Deus são enxergados por seu Orácio Pedro, estando postos no evangelho. O entrevistado, envolvido com pastorais da Igreja católica, tem uma relação mais efetiva e direta com a bíblia. Desse modo, para ele, a conduta de vida, de tratamento que é rendido ao próximo deve ser pautada pelos exemplos de fé, castigos e abnegação determinados pela palavra de Deus feita escrita no livro sagrado, a bíblia.

Entre o que prega a escritura e o que é feito, há um considerável abismo na vida daqueles que a seguem. Conseguir no cotidiano praticar os ensinamentos bíblicos é uma luta constante em que o homem fruto do pecado e pecador é, muitas vezes, vencido pela falta de praticidade dos ensinamentos, ficando submetido ao mundo da leitura e das idéias da bíblia, esquecendo ou não realizando os ideais religiosos que nela preponderam.

João das Pedras, o ladrão, conseguiu invalidar o fosso que separa os ensinamentos bíblicos e sua concretização. A questão o torna especial e digno de admiração para o senhor Orácio Pedro. O que o dignifica e o possibilita concretizar a escritura, e “o amor ao próximo”, é o destino dado aos roubos, assegurando a vivência do evangelho: “mas vivia na vida da imprudência pelos pobres, prudente pelos pobres, pela pobreza”. As punições sofridas cumpriam a finalidade de ser João como Cristo sacrificado. Os roubos serviam aos pobres, assim como servia a Deus, e servia para puni-lo: o sacrifício de João das Pedras era a própria vida.

Francisca Muniz é uma senhora cristã católica, religiosa assídua não somente no sentido de freqüentar as missas e festejos de santos. Sua religiosidade é vislumbrada

¹⁰⁷ RONDELLI, op. cit. p. 118.

em sua narrativa, na forma como interpreta o cotidiano e os sujeitos e tudo que os cercam: pelos olhos da fé em Deus. Todas as ações praticadas pelos sujeitos na terra passam pelo crivo da vontade do criador. Segundo sua concepção, João é ladrão por destino:

[...] João das Pedras, eu não conheci ele pessoalmente [...]. Mas devido às bravuras dele que chamava a atenção do povo, aí o pessoal tinha um medo dele, mais não sei nem [...] porque sempre tem [...] em saber que a pessoa se dedica a essas coisas, como ele, né. Ele não era mau nem nada, mas as pessoas ficam assustadas, de amanhecer o dia e ter uma pessoa na sua casa assim desconhecida, né, porque as pessoa que entra, as pessoas sempre têm, porque pode não ter boa intenção. Mas que ele não era mau pessoa, faz até pena, parece até um destino. Porque nunca se ouviu falar que ele matasse alguém, nem batesse, nem estropasse, nem assim faltasse com o respeito com as pessoas não. Era só de tirar alguma coisa que ele interessava e parece que não era nem mesmo assim pra usar em benefício dele, que mais adiante ele dava a outras pessoas. Era interessante [...] ¹⁰⁸.

Compreender um lado positivo nas práticas de João das Pedras é mapear quais ou qual dos dez mandamentos, código de lei maior para os católicos, o ladrão infringiu: o de roubar. Francisca Muniz, ao apontar os preceitos que João não transgrediu, busca expor a compreensão do que nele considera bondade em sua trajetória criminosa: “nunca se ouviu falar que ele matasse alguém, nem batesse, nem estropasse, nem faltasse com o respeito com as pessoas”. Eis o que o diferencia aos olhos daqueles que dele falam: um ladrão que não cometeu o delito e pecado maior, o de tirar a vida do próximo.

A aceitação do ladrão dos pobres está fincada num terreno que tem, como santo padroeiro, São Benedito, aquele santo que no convento escondia, nos bolsos e nos baldes que deviam conter água, comida para dar aos pobres sem que seus superiores soubessem ¹⁰⁹. Creio ser este um fator que também indiretamente favoreceu para a condescendência com que são vistos os roubos de João das Pedras.

Seu Antonio José Gomes é um de dois de meus entrevistados que afirmaram que João das Pedras trabalhou em um dado momento. E, para minha surpresa, o serviço

¹⁰⁸ NASCIMENTO, Francisca Muniz do. 81 anos, aposentada, residente na rua Deputado Vicente Ribeiro, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, em sua residência.

¹⁰⁹ A cidade de São Benedito tem como padroeiro o santo de que recebeu o nome. A imagem teria sido trazida para ser cultuada no antigo arraial Árabe pelo índio Jacó, este último considerado pela historiografia local como sendo o fundador da cidade. Em torno da imagem do santo a devoção em si teria sido responsável por ter a cidade crescido (BRANDÃO, José Hudson. Padroeiro da cidade. In: **São Benedito, dos tabajaras ao terceiro milênio**. Fortaleza. Ed. Livro Técnico, 2000. p. 13-16).

prestado teria sido para a Prefeitura Municipal de São Benedito. Não é informado em sua fala o período ou o serviço em que João esteve engajado:

Bom, ele era muito conhecido meu. Joguemo junto futebol. E ele não era gente ruim não, era gente mais ou menos, mas ele gostava de mexer em alguma coisa, mas não fazia mal a ninguém. Se ele via assim uma coisa errada ou a pessoa com fome, ele roubava para dar de cumê aquele outro que tava lá com fome. Pelo menos, ele trabalhou na prefeitura [...].¹¹⁰

João “gente mais ou menos”: sujeito ruim, porque mexia no alheio, mas sua virtude é o outro lado do mexer, “ele roubava para dar de cumê aquele outro que tava lá com fome”. O senhor Antonio José não apresenta João das Pedras como o “errado”, pois o ladrão é que é contra uma “coisa errada”. A figura de João é aqui idealizada como o sujeito que busca a justiça, mesmo que esta seja construída contra a própria justiça.

Antes do senhor Antonio José Gomes, a senhora Expedita Ferreira de Carvalho, numa conversa informal, comentou-me como decorria a relação entre meliantes e o poder público e judiciário de São Benedito. Os serviços desenvolvidos correspondiam a um artifício penal e não empregatício, que deve ser compreendido como uma forma de punir, com o trabalho, os infratores, aproveitando sua mão-de-obra, que por sua vez não seria remunerada. E João das Pedras (como outros detidos) participou desse acerto entre prefeitura e poder judiciário.

Expedita Ferreira foi funcionária pública na referida cidade, durante a década de 1970, em particular trabalhava como secretária na prefeitura. A senhora de 57 anos afirmou que era comum os presos da cadeia municipal serem escoltados e vigiados por policiais para prestarem serviços à prefeitura. Atividades que se destinavam a reparos em prédios públicos. O serviço era requerido pelo juiz, segundo a entrevistada:

Ele tava preso e o juiz requisitou os presos para trabalharem na reforma do mercado. Trabalhar de dia no mercado e dormir na cadeia. Só que ele roubou o dinheiro, o pagamento dos operários do mercado, que entrou na prefeitura [...]. Prenderam e recuperaram parte do dinheiro. Porque ele tinha gastado com bebida e tinha dado¹¹¹.

¹¹⁰ GOMES, Antonio José. Agricultor aposentado, 70 anos, residente no sítio Bom Jesus. Entrevista realizada em sua residência, no dia 02/02/2005.

¹¹¹ CARVALHO, Expedita Ferreira de Carvalho. Funcionária pública aposentada, 57 anos, residente na rua Ministro Antonio Coelho. Embora não permitisse gravar a entrevista, a senhora Expedita me permitiu escrever sua sucinta fala, que aqui transcrevi.

Além dos infratores, as obras seguiam com a participação de outros sujeitos, e estes recebiam pagamentos. A tranquilidade, porém, é abalada pelo ladrão que roubou o dinheiro, mesmo sob a vigília de quem o reparava. O roubo, segundo Expedita Ferreira, teve dois destinos: parte do valor foi desfeito com “bebida” e a outra parte “dada” a algum destino ou destinatário.

O primeiro destino nada possuiu: de caridade, bondade, gentileza, amor ao próximo. O segundo pode ser vislumbrado como sinônimo de justiça a qualquer injustiça social. Expedita Ferreira fez, em sua entrevista, a constatação do mau destino da ocorrência, do dinheiro do roubo; isso, no entanto, não interferiu na complementação de sua argumentação que alimenta o lado “bom” do ladrão. Afinal, o último rumo foi a doação. E esta é o que mais dignifica a compreensão de tudo.

Assim, os atributos que acompanham as narrativas sobre os roubos de João das Pedras prevalecem. O lado bom preponderou, e no fim o autor da façanha foi preso e voltou para a cadeia, não pelo roubo somente, mas também pelo destino de doar aos outros o que conseguiu. É esse o eco que circula e o define em maior força.

O senhor Antonio José Gomes não apresentou o lado contrário do “bom ladrão”. A empreitada para este teve um motivo que não somente o de roubar por roubar. A nobreza e a busca por justiça acompanharam toda a ação. O roubo surgiu pela necessidade de punir os que faltaram com o dinheiro e com a palavra dada, para o dia do recebimento da quantia pelos funcionários, entre eles o próprio João:

[...] Chegou o dia do pagamento, aí num quiseram, não deu certo pagarem, porque o dinheiro faltou e não sei por que foi que faltou e aí ele:

- Vocês não me pagaram, mas quando for mais tarde, eu venho buscar meu dinheiro.

Aí os funcionários:

- Como é que tu vai apanhar esse dinheiro se nós não recebemos, os outros que trabalharam não receberam, tu vai receber?

- Eu recebo, hoje eu recebo.

Aí ele olhou como era que fazia o movimento. Aí entrou por trás de noite, aí pegou a entrada lá e foi lá. Arranjou o dinheiro na prefeitura com as própria mão dele. E aí prissiguiram no outro dia ele, que tinha aparecido o roubo lá na prefeitura, mas [...], foram atrás, era ele que tinha pegado o dinheiro. Parece que, nesse tempo, era trezentos mil-réis. E aí ele [...] Foram atrás [...]

Ele:

- Não, foi eu.

Foi ele lá mesmo que tinha feito o, tinha pegado o dinheiro, e por isso podia entregar o dinheiro, aí foi e entregou novamente, aí pagaram direitim a ele.

O centro da narrativa é enfocar a bravura, a coragem com que João afrontava os que estavam acima dele quanto às condições sociais. A ação é incitada pelo desejo do descontentamento de todos, diante da iniciativa de nenhum, diante da realidade que os assistia, a falta do pagamento. O discurso é o mesmo: a luta de João das Pedras ainda é contra os que tinham poder, dinheiro para aliviar a situação daqueles que não tinham.

Dois entrevistados, duas interpretações narradas de formas diferentes, até porque, segundo Alessandro Portelli, “não se deve esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos, lembram”¹¹². O ato de lembrar de cada um apresenta significados que se cruzam e que conduzem à percepção de como João das Pedras é lembrado quando mencionado nas conversas, além da percepção de como as *falácias* sobre ele circulam hoje em São Benedito. A circulação oral é o fluxo que bombeia a vida após a morte de João das Pedras. Cada um com seu João, e todos reverenciando o ladrão dos pobres e miseráveis.

As entrevistas do senhor Antonio José Gomes e da senhora Expedita Ferreira foram os únicos momentos em que percebi indícios de que João das Pedras trabalhou em algum momento de sua vida.

Em São Benedito, de uma forma em geral, não há, para os que foram inquiridos, uma preocupação em interrogar quando ou por que o sujeito se tornou um meliante, se trabalhou. Como se o sujeito nascesse ou se tornasse meliante por escolha.

¹¹² PORTELLI, O massacre de Civitella... p. 127.

1.3. O destino do Ladrão

A Delegacia Municipal de São Benedito, até o ano 2000, era o único prédio que servia como distrito policial, localizado na Avenida Tabajara. Hoje o mesmo prédio serve somente de alojamento para os policiais.

João das Pedras esteve ali recluso. Minhas fontes não apontaram o número de reclusões e quando estas teriam acontecido. Desconheço os boletins de ocorrência. Entretanto, outras questões foram surgindo com o passar das entrevistas, pois a grande maioria acredita que as fugas da delegacia se dariam pelas orações que João possuía, vindas de sua avó. Interrogava-me quais seriam as considerações feitas, por aqueles que conviveram com o preso na delegacia municipal, acerca das prisões e principalmente sobre as fugas.

Dos que trabalhavam na delegacia, entre as décadas de 1960 e 1970, foi possível identificar e entrevistar apenas dois membros. O senhor Joaquim Crescença, carcereiro, e o senhor Francisco Arruda Maia, policial.

O ex-policial Francisco Arruda Maia não esqueceu João das Pedras, relatando-me principalmente como era fadigoso prendê-lo e mais ainda mantê-lo preso. Ele, o policial aposentado, em particular, foi o que mais atuou dando voz de prisão a João:

Fui um policial que trabalhei muitos anos [...] do destacamento de São Benedito e na delegacia que eu era [...] nessa época, os delegado tudo era militar, nessa época. Então, eu tenho muitas recordações, muitas lembranças de João das Pedras. Ele foi uma pessoa que infelizmente, coitado, ele tinha um coração muito bom, mas tinha, lamentavelmente, tinha essa profissão de desejar as coisas alheias, né, como se diz. Sim, até que um dia, depois de muito tempo, eu não sei quanto dias ou meses que a gente tava atrás dele, a gente prendia ele; com pouco mais, ele se soltava. Ele tinha muita facilidade assim de fugir dentro da cadeia, do presídio certo. Ele cavava um buraco, fugia, pulava o muro, né. Aí tornava a atuar novamente na [...]. Coitado, acho que pra ele era o único meio de vida que ele achava, coitado, de sobreviver era roubando, furtano, tirando do seio da população¹¹³.

¹¹³ MAIA, Francisco Arruda. 64 anos. Policial militar aposentado. Residente no bairro Papicu, em Fortaleza-Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 09/05/2005. É chamado de sargento Maia por muitos em São Benedito.

O senhor Joaquim Crescença assegura que João, quando estava encarcerado, lhe dizia para onde se destinavam os furtos:

Ele disse que tinha roubado só umas galinhas, pra comer. Ele roubava pra comer, ele não roubava pra vender não. Aí ele ficou preso um bocadinho de tempo. [...] os outros falavam.

O João das Pedras nunca entrou na minha casa, nunca fez nada comigo [...], ele não era mau pessoa também.

Ele não era perigoso demais assim não, ele gostava de fazer as cavalhada dele, mas não era perigoso de judiá com uma criança e nem com uma velha e nem nada. O que ele podia agarrar, pegar se tivesse um objeto. Agora eu nunca ouvi dizer nem que ele roubasse uma televisão e nem nada. Ele roubava galinha pra cumê, roubava uma panela pra cozinhar as comida dele lá por os matos. Ele era muito distinto de conversar com a gente e tudo, era respeitador. Ele não agravava a gente com palavra nem nada [...] que às vezes tinha preso que ficava contra o carcereiro, às vezes falava mal e dizia que não prestava, não sei o quê. Quando ele tava preso, nesse dia uma velha disse que aqui em São Benedito tinha gente mais ruim do que ele. Aí o povo dizia:

- É bom mesmo que ele ser preso, [...] é bom levar mesmo.

A velha dizia:

- Você não sabe de nada. Aqui tem gente pior do que ele¹¹⁴.

A questão é que João das Pedras era constantemente acusado na delegacia por aqueles que se sentiam lesados e ameaçados por seus furtos. Segundo o senhor Francisco Arruda Maia, aqueles que o denunciavam seriam os moradores da zona rural de São Benedito:

Quem denunciava mais era o pessoal da área da zona rural, né, que geralmente era que ele atuava mais era na zona rural. Porque na rua ele tinha medo de se aproximar da rua com medo da polícia, porque ele era bastante marcado, já muito conhecido, já tinha sido preso várias vezes. Então ele temia de chegar na rua e ser preso novamente. A atuação dele mais constante era mais na zona rural¹¹⁵.

A Delegacia Municipal, embora representasse a prisão e contenção dos furtos de João das Pedras, impunha apenas uma reclusão temporária. Quem o soltava? Maria Ferreira Gomes diz que: “Quem soltava ele era o pessoal que pediam para soltar, e soltavam”¹¹⁶.

¹¹⁴ CRESCENÇA, Joaquim. 83 anos, aposentado, residente no sítio Pimenteira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004. Seu Joaquim foi carcereiro da Delegacia Municipal de São Benedito e acompanhou muitas das prisões de João das Pedras.

¹¹⁵ MAIA, Francisco Arruda.

¹¹⁶ GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada em sua residência, no sítio Pimenteira, em São Benedito, no dia 01/06/2003.

Segundo seu Joaquim, João voltava às ruas mesmo quando tinha uma vigilância mais “reforçada”:

O delegado butou o soldado para pastorar ele de dia e de noite: era comigo, eu o período da noite, era comigo, do dia era com o soldado. Aí quando foi um dia [...], o juiz tinha marcado a sentença dele pra mandar ele pra Fortaleza, nesse tempo. [...] Antes de chegar o dia dele ir embora, ele rebentou os cadeado¹¹⁷.

João conseguiu fugir, de acordo com seu Joaquim Crescença, com a ajuda de um policial:

O soldado, ele já tava fora do trabalho, ele tava apaisando (à paisana), ele tinha saído do serviço. Aí, como era soldado também, o outro soldado foi e mandou que eu desse a licença pra ele tomar banho. Aí eu ignorei. Eu digo:

- Tu toma banho aí, rapaz, aqui é claro ainda. É claro, tu toma banho.

Não tinha luz lá dentro da cadeia, aí ele:

- Não, mas aqui molha a cadeia, não sei quê [...].

Ele mandou eu procurar uma lamparina e eu meio assim muito constrangido, num queria sair [...] que quem tá empregado numa coisa dessa num pode sair, né? Mas ele:

- Não, é bem aí no vizim, é só ir aí e volta logo!

Nessa arrumação ele já tinha planejado. Os outros disseram:

- Isso foi ele que planejou, que ele só era de vez em quando ele arrudiava assim lá a cadeia.

[...] Chegava lá, acho que cochichava com o João das Pedras lá por outra grade do lado de fora e saía [...].

Ele falou lá com ele lá e pediu pra eu ir lá [...] uma lamparina pra ele, eu fui e ele mesmo me acompanhou; assim que eu saí na porta, que fui lá na budeguinha e perguntei se o homem num tinha uma lamparina pra emprestar pra ele tomar um banho ali, pra clarear e ele disse que num tinha.

- O jeito que tem é você tomar banho aí [...].

Ele foi tomar o banho, aí assim que eu fui voltando lá de pedir a lamparina, ouvi foi a pancada lá na cadeia. O velho que tava preso encostado, tava deitado nos quarto, me gritou:

- Chega, seu Joaquim, que o João das Pedras se soltou-se, quebrou os cadeado e foi s'imbora [...].

Eu corri, corri até mais o mesmo soldado. Cheguei lá, procuramos lá e nada, só tava os pedaço do cadeado no chão. E procuramos dentro da murada e num tinha ninguém e já tinha desabado. O tenente ficou com raiva de mim, porque disse que eu tava pastorando o preso, e deixa o preso fugir. Aí eu num andava, num tava armado, né? Eu num tinha arma. E eu sei lá se ele saiu de lá com um ferro na mão, que quebrou os cadeado. Sabe lá se ele num vem com esse ferro, no escuro, já que tava no escuro, na calçada, até me empurrava, que é fundo, lá é alto, ou mim dava uma pancada com um ferro daquele e me matava, nera? Pode até ter sido, até, o meu favor [...]¹¹⁸.

¹¹⁷ CRESCENÇA, Joaquim.

¹¹⁸ Id.

João das Pedras fugiu. E agora era o procurado:

Os soldados, no outro dia, andaram por aí, deram umas voltas, ver se pegavam ele... Não sabia onde ele andava. Ele já tinha ido pro sertão. Dizendo ele que pegou o rádio que eu tinha na grade da cadeia e se mandou-se com ele e foi s'imbora. Quando, na segunda vez que ele vêi preso de novo, que encontraram ele, prenderam, e ele foi e dizia:

- Ora, eu peguei o rádio do seu Joaquim e vendi por quarenta real, que eu não tinha dinheiro, vendi por quarenta mil-réis, quarenta cruzeiro.

Aí eu:

- Rapaz, pra que tu faz uma coisa dessa, agarra meu rádio e vende?

- Ora pra quê que eu queria? Eu tava precisando era de dinheiro [...]. (risos do entrevistado)¹¹⁹.

Na entrevista de seu Joaquim Crescença, a raiva sentida, já passada, pela perda do objeto roubado por João das Pedras, é agora sinônimo de concordância, apreciada pelos risos no fim da narrativa do ex-carcereiro numa forma de compreender – o que não significa aceitar – a atitude tomada pelo ladrão. Afinal, que serventia teria para o infrator o rádio se não a da venda?

Os vizinhos davam conta tanto das fugas quanto das prisões de João das Pedras. Francisca Roberta da Silva aponta a facilidade que o preso tinha de sair da delegacia, indicando também que, além de preso, ele era açoitado:

Perseguido muito ele era, levavam ele, açoitavam ele, faziam judiação com ele. Ele fugia das cadeia, entrava dentro das casas, o povo não via, ele saía e ia embora, a vida dele era assim. Aqui mesmo na Pimenteira ele foi, às vezes ele passava dez dias, passava cinco, passava quinze, era assim. Aí ele saía, não precisava ninguém tirar ele não, ele mesmo saía. Iam atrás dele e não achavam, quando dava certo para achar, botavam ele de novo¹²⁰.

Seu Joaquim Crescença, por sua vez, defende a si e aos policiais, relatando que nunca João das Pedras foi agredido, pois o preso era bem visto por todos, até pelos seus companheiros de clausura:

Michelle: O João chegou a ser maltratado?

Seu Joaquim: O João? Que eu saiba não. Quando ele tava no comando dos outros, eu não sei. Mas no meu comando lá, eu não via ninguém maltratar ele. Sempre tinha deles que fazia era agarrar ele:

- Não, o João é uma boa pessoa, que ele nunca matou ninguém.

¹¹⁹ Ibid.

¹²⁰ SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004 em sua residência.

Que o povo pensa que só é ruim quem mata.
E muitos dos presos mesmo – falar a verdade é preciso – me achava eu era bom, que eu graças a Deus não maltratava ninguém, recebia tudo direitinho, eu não agravava nenhum¹²¹.

Raimunda Marques era a irmã encarregada de levar a alimentação de João das Pedras na Delegacia Municipal de São Benedito. Em sua entrevista não há de forma direta a menção de alguma surra sofrida pelo irmão. Entretanto, se observamos com cautela, a irmã de João aponta que a aparência dele chocava. Seriam estas “modificações” vindas por castigos físicos dos policiais ou companheiros de cela?

Eu levava a comida pra ele. Muitas vezes, minha mãe ainda foi presa ainda. Porque eu ia deixar de comer pra ele. Mas a maior parte era eu que ia deixar a comida pra ele, aí muitas vezes eu chegava lá, ficava até assombrada com o jeito dele, aquela coisa mais feia do mundo, não tinha cabelo na cabeça, nem nos olhos, nem pestana, nem nada. Só eu mesmo que agüentava mesmo¹²².

Sua mãe, Maria Ferreira Gomes, talvez não fosse com frequência visitar o filho, pois, além do choque por vê-lo em condições “anormais”, também havia a questão de ser ela acusada de facilitar as fugas e de acobertar o filho. Raimunda Marques chegou a ser detida com a mãe:

Aí, nessa época, um dia, eu fui mais ela, aí eles culpavam ela, que disse que ela tinha levado ferro pra se soltar, mas ela não tinha levado. Aí ela ainda foi presa ainda com o buchão, quando nós chegamos lá na cadeia, ela chorando lá com buchão. A comade Graça era trabalhadeira do doutor Rubens [...] Aí nós se valemo de Deus, chorando, eu chorando, fumos arriba, fumos abaixo, soltaram minha mãe. E ela, desse tempo pra cá, ela chorava, chorava [...] mas num foi desse caso dela ter levado nada pra ele se soltar. Acho que ele tinha as orações fortes ou então era algum amigo que soltavam ele¹²³.

Maria Ferreira Gomes foi presa duas vezes. A primeira vez estava ela grávida da filha caçula Antonia. Quem a teria prendido seria o ex-policia Francisco Arruda Maia assegura Raimunda:

Aí nós tava lá até jantando, aí com pouco o carro bateu:
- Cadê sua mãe?
Aí nós dissemos:

¹²¹ CRESCENÇA, Joaquim.

¹²² MARQUES, Raimunda. Agricultora, casada. Irmã de João das Pedras. Entrevista realizada em sua residência, no sítio Baixa Grande, no dia 12/02/2004.

¹²³ Id.

- Tá ali.
- Dona Maria, ande aqui. Disse que era pra senhora ir lá na delegacia. Aí nós ficamo chorando:
- E pra que é que vocês querem ela?
- Não, ela volta já, já.
- Aí essa daí ficou chorando (ela se refere a irmã Graça que assistia à entrevista). E eu pra ir mais ela. Aí eles:
- Não, pode ficar em casa. É já nós vem deixar ela.
- Aí ela ficou lá. Do jeito que levaram ela, trancaram lá. Aí eu voltei era bem umas dez horas da noite, eu e ela¹²⁴.

A segunda prisão de Maria se deu no período em que amamentava Antonia, que era conduzida pela irmã mais velha Graça, para que a mãe presa a aleitasse. A própria Antonia Ferreira de Lima cresceu ouvindo estes boatos:

O Maia era todo tempo perseguindo a mãe. Como muitas vezes levou a mãe presa. Nessa época eu só fazia mamar, aí minha irmã levava lá (na delegacia) pra mim mamar, que me dava de comer era a dona Raimundinha Belém. Aí minha irmã, a comadre Graça, ia na dona Raimundinha e ela mandava soltar a mãe¹²⁵.

A velha senhora não esconde o descontentamento apresentado no desejo de justiça:

- Ele chegava lá em casa e dizia assim.
- Cadê o João? Ele tá aqui!
- Então, se o senhor diz que tá aqui dentro de casa, cascaveie por aí todim. Se tiver aqui, taí.
- Aí ele disse assim:
- Mas você dá conta dele, você sabe onde ele anda.
- E eu digo:
- Mas eu não posso dar conta dele, porque eu não ando com ele.
- Pois agora você vai presa.
- Pois tá bom, você pode me levar, mas culpa eu não tenho.
- Chegava lá a dona Raimundinha Belém, a finada, me soltava:
- Pode soltar, pode soltar ela.
- Outra vez, ai outra vez foi a aquela mulher do Cícero Kadete, a finada loira que me tirou de lá. Foi duas (foi presa duas vezes), por causa do Raimundo Lobão e daquele Maia, mas eles ainda vão me pagar, vão. Eu não tinha culpa, que eu nunca mandei ele roubar, e se ele roubava, ele não trazia para minha casa¹²⁶.

¹²⁴ Ibid.

¹²⁵ LIMA, Antonia Ferreira de. 37 anos. Casada. Agricultora. Residente no sítio Pimenteira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 01/06/2003.

¹²⁶ GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Pimenteira, em São Benedito, no dia 01/06/2003.

Francisco Arruda Maia assegura: Maria tinha sim facilitado a fuga do filho, embora o entrevistado não relate como teria se procedido esse auxílio.

Michelle: A mãe dele chegou a ser presa?

Sr. Francisco: Chegou. A mãe dele chegou a ser presa, porque o delegado, eu não lembro qual era o delegado, nessa época, acusava ela, dela dá cobertura a ele. Aí uma vez prendeu ela e a irmã dele.

Michelle: As duas passaram muitos dias presas?

Sr. Francisco: Não. No máximo vinte e quatro horas¹²⁷.

A tática policial expressava a crença de que, tendo a mãe presa, se haveria de conseguir a rendição de João das Pedras. Foi uma perspectiva que não se cumpriu.

Diante do contexto das acusações contra João das Pedras, das fugas, vemos uma construção dos motivos que levavam o ladrão de galinha a ser transferido para Fortaleza. A prisão mais segura seria o presídio conhecido como Colônia Agrícola Amanari, hoje circunscrito em Maranguape, região metropolitana. Assegura o senhor Joaquim Crescença que a “cadeia” era “perigosa”, dando aos sambeneditenses a certeza de que o preso estava finalmente “preso”:

[...] A maioria, quando prendiam ele, mandavam pra Fortaleza. Para um tal de Amanari. [...] Tinha umas cadeia perigosa de butar os preso. E ele lá dava um jeitinho lá, e não sei o que era que fazia lá [...] e vinha embora. Não sei se era a polícia que soltavam ou era ele que arrumava um meio lá. Eu sei que dessa vez que ele disse, ele mesmo disse a mim que tinha ido, tava preso, aí a polícia botaram ele pra trabalhar. Eles foram lá por mato trabalhar e lá pro trabalho ele pediu para beber uma água e de lá ele escapuliu, veio embora¹²⁸.

A cadeia não segurou o ladrão, que voltou a agir em São Benedito. A cada vez que fugia, seja da cadeia local ou da Colônia Agrícola Amanari, a proporção da fuga na compreensão popular tomava o caminho do mito e do sobrenatural. A oração de São Jorge se cumpria, todas as correntes se arrebatavam e o destino de João era a liberdade para furtar quantas vezes quisesse ou quantas vezes os “pobres” necessitassem.

Maria Ferreira Gomes nunca teceu qualquer comentário sobre estas transferências de João das Pedras para o Amanari. Outro senhor, o Manoel Franco, nos dá conta de que a mãe de João das Pedras quase esmolava quando o filho estava no presídio:

¹²⁷ MAIA, Francisco Arruda.

¹²⁸ CRESCENÇA, Joaquim.

Eu me lembro do João das Pedras. A primeira vez, quando eu vim e encontrei com ele das oito pras nove hora da noite. Eu tava ali [...]. Quando me encontrei com aquele homem alto, desdentado, aí ele falou comigo:

- O senhor quer tomar uma cerveja?

Eu digo:

- Não. Não quero!

- Tome, homem, tome.

- Quero não.

Ele botou uma cerveja pra mim, eu tomei. Mandou assar um pedaço de carne, me deu um pedaço, eu ajudei comer a carne. Eu vinha viajar aqui pra Fortaleza, era lá em São Benedito. Ele pegou a contar, o que passou comigo. Passou que eu tava, chegou lá no meu comércio, aí abriu o carro, o carro tava com a chave do carro e a bodega aberta. Ele abriu, tirou a chave, chegou lá, botou a chave, pegou no meu bolso, apalpou meu bolso, viu que eu tava com dinheiro. Voltou, encostou a porta, ficou olhando prum lado e pra outro se vinha alguém, não veio. Ele seguiu pra uma bodega lá perto, aí lá assaltou a bodega, entrou, tirou quatro pacote de cigarro, tirou um pedaço de queijo, tirou lingüiça. Assou, comeu, encheu o bucho e foi embora.

Sim, contou por que era que não tinha mim roubado: porque quando ele ia pro Manarim (Amanari), a mãe dele chegava lá no meu comércio, me pedia umas coisinha pra cumê e eu dava aquela sacolazinha a ela com carne, com feijão, com ossadazinha, que eu gostava de dar. Aí disse que não tinha feito aquilo porque me devia muito favor¹²⁹.

O ladrão nobre sabe ser grato e retribui o apoio dirigido a sua mãe. Uma questão que surge na entrevista do senhor Manoel Franco é perceber como ela se apresenta numa penúria, reduzida à condição de pedinte, na falta do filho, que preso estava.

João não conseguia ajudar sua família. Os roubos recebiam outro sentido. Seus familiares também eram pobres e careciam de muitas “coisas”, segundo Raimunda Marques. Entretanto, ninguém recebia o que o seu irmão trazia, embora ele insistisse em “presentear-lhes”:

Michelle: Das coisas que ele arranjava, ele ajudava vocês?

Raimunda: Não, senhora. [...]. Nós era pobre mesmo, nós era pobre, não possuía nada. Eu mais ela aí (Graça), nós usava roupinha assim de chita, uns panim velho que se vestia e se via lá acolá. E às vezes, de noite ele chegava com um saco desse tamanho de fazenda. Ele dizia, assim:

- Pega, Graça, uma pra tu fazer uma roupa [...]. Pega, Raimundinha.

A mamãe dizia assim:

- Não, senhor, pode levar suas merda, pras meninas não é pra deixar isso aí não, porque elas não possuía nada, e se elas andar com roupa boa, vão dizer que é tu que dá.

Aí levava, aí com pouco, nos outros dia, chegava aqueles negócio assim de relógio, de cordão, uns relógio mais lindo do mundo.

¹²⁹ PAIVA, Manoel Franco. 78 anos. Casado. Aposentado. Residente na 1ª Etapa, Conjunto José Walter, rua 59, Em Fortaleza. Entrevista realizada no dia 08/05/2005.

- Pega Raimundinha um cordão, pega Graça um relógio.

E a mamãe toda vez brigava:

- Não, senhor, pode levar seus diabo pra onde você quiser, p'as menina não fica, não.

Aí era assim. Aí desse tempo nós sofremo com ele, com polícia, com tudo. [...] Nós não possuía nada, [...] dormia numa cama velha de vara, que elas (as outras irmãs de Raimunda) mangam de mim, porque disse que eu dormia na cama, assim quando eu me deitava, afundava. E, às vezes, muitas vezes quando eu era pixota (jovem), eu caí da rede, a mamãe só vivia costurando minha rede¹³⁰.

Os roubos são compreendidos como “ajuda” aos pobres, aos olhos de muitos sambeneditenses. Para a família de João, o roubo é sinônimo de problemas, objeto de discussão e desarmonia familiar. A limitação já sofrida pela precariedade da vida estava acrescida com a presença de João das Pedras. Mesmo trabalhando, suas irmãs e sua família, de forma geral, estariam em constante suspeita de estar usando e usufruindo dos artigos roubados. Segundo Raimunda Marques, João vendia o roubado a terceiros, que seriam os verdadeiros beneficiados:

Às vezes o povo me dizia que ele tinha pra banda de baixo, tinha uma tal de Raimunda Amadeus, mas ela já morreu. Aí muitas vezes ele ia atrás deles pra lá, aí muitas vezes ele pegava o roubo dele que ele levava pra lá, negócio daquelas peças de fazendo. Aí o povo falavam que ela tinha mais recurso porque ela pegava as coisa que ele roubava, ele dava a ela. Aí ela morreu, pronto¹³¹.

A família não desfrutava dos furtos, então tinha que suar trabalhando para manter a casa das seis mulheres: Francisca, Maria, Maria das Graças, Raimunda, Maria do Carmo e Antonia. As duas irmãs, Graça e Raimunda, sendo as mais velhas depois de João das Pedras, eram também as responsáveis para contribuir, para prover o sustento da casa, e trabalhavam no centro da cidade como domésticas. Além disso, as duas, em particular, foram as que mais acompanharam o cotidiano atribulado da família, afirma Raimunda Marques:

Eu mais essa minha irmã aí (Graça), nós tava na nossa casa, não tinha homem, era eu e ela. Quando a mamãe tava doente, trabalhava pra comprar uma coisa pra ela, aí aquela semana eu sustentava a casa. Quando eu ia comprar uma coisa pra mim, ela sustentava a casa¹³².

¹³⁰ MARQUES, Raimunda.

¹³¹ Id.

¹³² Ibid.

De fato, a família de João das Pedras não tinha sossego com sua presença. Nem mesmo o sono era sossegado, admite sua mãe Maria Ferreira Gomes:

E eu não dormia imaginando. Aí ele chegava:

- Mãe, mãe.

Eu me levantava, ia abrir a porta, aí quando ele entrava, me abraçava, me beijava e era tudo. Aí ia para a mãe Chiquinha dele, que ele só chamava mãe Chiquinha:

- Mãe Chiquinha.

E ela dizia:

- O que é, meu filho?

Aí ela se alvoroçava logo, se levantava da redinha dela e se abraçava com ele e tudo. Eu dizia:

- João, d'aonde tu já vem, meu filho?

- Mãe, eu venho de Sobral. É que eu tenho saudade da mamãe e das minhas irmãs e da minha avó e eu vim.

Ô, mulher, era só para sofrer! Eu dizia:

- Meu filho, tu já comeu hoje?

- Eu comi em Sobral, antes d'eu vir a mulher fez de comer pra mim, mas eu não quero comer não, mãe. A mãe tem café?

Eu digo:

- Tenho.

- Então bote um bocadinho pra mim.

Eu botava pra ele.

Aí eu já não podia dormir mais, assombrada. Eu sofri tanto que eu não gosto nem de me lembrar. Às vezes, quando ele chegava, às vezes ainda passava assim um dia. Tinha um jogo perto, aquele jogo que tem o retrato, era bem na frente da cozinha. Às vezes ele ia lá para baixa pela casa da Raimunda, andava por lá. Ainda quando ele começava, parece que dava aquela vontade dele andar, aí ele se mandava no mundo. Aí ele dizia:

- Mãe, eu já vou dar umas voltas por acolá.

Às vezes ele chegava de noite. Tinha noite que ele não aparecia. Ô, mulher, isso era um sofrimento! Quando começou este negócio (os furtos), começou, começou. Quando ele saía (fugindo da polícia), ele saía três horas da madrugada nesse ônibus que passa, ele saía nele, lá de casa, e ia esperar ele lá na beira da pista, (a casa) era na beira da pista. Aí quando ele parava o ônibus, lá em casa, eu escutando, quando parava o ônibus que ele entrava, aí eu me deitava de novo¹³³.

Com o passar das entrevistas fui percebendo as ausências. Compreendi por que durante as conversas que sempre tinha na presença de Maria e de suas filhas outros assuntos, outras pessoas eram dignas de comentário, e que João das Pedras somente surgia com minha inquirição. As entrevistas com suas irmãs sempre seguiram o padrão de apresentar João como o perseguido, temido, judiado, martirizado. Essa questão explica por que ele é ausente. Maria das Graças, após longas conversas, comentou: “Eu

¹³³ GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada no dia 03/07/2007.

não gosto de lembrar muita coisa, porque é muito triste o passado dele, e resta muita lembrança dele”¹³⁴.

João é um tempo passado que lembra a preocupação sentida pelas idas e vindas, a humilhação vinda com a prisão de João e de Maria, e principalmente com a invasão dos policiais na casa, na vistoria das malas e na vigilância a que elas também estavam sujeitas. Qual seria o destino da família? E do próprio João?

Aí ele turbava pra dentro da mata, aí quando era meio-dia, a mamãe dizia assim:

- Nós ficava só na estrada com medo da polícia chegar.

Nós não dormia de dia assim, não. Quando a polícia sabia que ele tava por ali, só era foco de lanterna nos flechais da casa aqui, com pouco chamavam pra ver se ele tava aí. Às vezes ele chegava dessas parte de longe, aí só fazia entrar de casa a dentro e tibungava pra dentro da mata se esconder. Aí a mamãe chegava e dizia:

- Raimunda, vai deixar um cafezinho pro João.

Aí ela fazia o café até numa latrinha velha, aí eu levava, atisorava dentro da mata. Ele tinha uma caminha velha que já era liso só dos mato onde ele se deitava. Aí ele dizia assim:

- Raimundinha, pede um cigarro de fumo à mamãe pra mim espantar as muriçoca.

Aí eu levava café, às vezes levava a comidinha pra ele, eu era pra tudo pra ele [...] Ele aparecia meia-noite, quando nós tava dormindo assim com pouco [...] Eu tinha minha avó que dormia bem na cozinha, aí ele batia na porta da cozinha e chamava:

- Mãe Chiquinha.

Aí nós ficava tudo com medo, com medo da polícia. Aí muitas vezes a polícia chegava, ele chegava, às vezes com pouco tempo a polícia chegava, aí dizia assim:

- Cadê o João?

Aí a mãe Chiquinha disse assim:

- Ele num tá aqui, não.

- Pois dá licença eu entrar aqui na sua casa.

Aí eles entravam, ia atrás de coisa de roubo. Mas ele nunca deixou roubo aqui na casa, eles andava, andava. Aí eu tinha uma mala, minhas irmã tudo tinha uma mala, aí ele chegava, e minha vó dizia assim:

- Se você não tiver acreditando, você pode abrir a mala das moças.

Aí eles iam, abriam, arreganhavam nossas mala velha, nossas caixa velha, aí buliam pra lá, buliam pra cá. Mas nunca levaram um palito de fósforo da nossa casa, negócio de roubo, aí muitas vezes eles vinham e não reparavam mais não, porque nunca levaram, aí eles não procuraram mais¹³⁵.

Laçados pelo sangue, pela carne, pela convivência, o ladrão, mesmo ladrão, ainda era o filho, o irmão, o neto, o membro ausente mais, contudo pertencente àquela

¹³⁴ GOMES, Maria das Graças Marques. 53 anos. Doméstica. Entrevista realizada em sua residência, no sítio Pimenteira, em São Benedito, no dia 12/02/2005.

¹³⁵ MARQUES, Raimunda.

linhagem, àquela família. Esta que também pagou o preço amargo da liberdade, da falta de estabilidade do lar, vinda com as perseguições a João, cujos membros também viveriam, cada um a sua maneira, os perigos e principalmente a morte do ladrão¹³⁶.

João gera muitas contradições. A diferença de interpretações surge dentro de casa. Antonia Ferreira de Lima é a única defensora dos roubos do irmão. Nesse caso, o ladrão continua sendo o dos necessitados:

Fizeram isso para ver se acaba o roubo no mundo. Porque parece que era só ele que roubava, e agora vivem no mundo da droga, tanto ladrão. A dona Ritinha me disse que ele entrou na casa mais rica dum homem do pé de serra, aí passou numa casa, tinha só uma velhinha dormindo no chão sem ter um lençol pra se embrulhar e uma rede. Ele entrou abriu o guarda-roupa desse senhor homem que era muito bem de vida, tirou uma rede e um cobertor e deu para a velhinha dormir. Quando ele chegou na casa da velhinha, ela ficou assustada, porque o João das Pedras, o povo tinha o maior medo dele.

- Não, vó, se acalme, eu só faço o bem, eu não faço o mal. T'aqui uma rede que eu trouxe para você e um lençol para você se embrulhar. E o que você tem para comer amanhã?

- Ô, meu filho, eu não tenho nada.

- Pois amanhã de manhã, quando você se acordar, a casa vai está cheia de coisa para você comer.

E assim fez. Acho que é por isso que obra milagre muito. Ele nunca matou ninguém para roubar. Ele tirava de quem tinha para dar a quem não tinha¹³⁷.

Antonia não lembra muito do irmão, o que sabe dele é o que contaram. Era menina quando ele morreu. Talvez seja isso que lhe favoreça acreditar mais na versão do João de muitos, pois não vivenciou, como Maria das Graças, Raimunda e Maria do Carmo, a trajetória do irmão ladrão.

Como compreender nesta família o peso da presença ou o da ausência de João das Pedras?

A Dona Ritinha do seu Joaquim Marques, outro dia eu estive conversando com ela. E ela me perguntando de qual família que eu era. Eu disse. E ela disse assim:

- Pois você é de uma família muito bem querida, principalmente pelo finado João, porque além dele ter sofrido muito quando era jovem, porque as polícias perseguiam muito ele. Para você vê que as policias perseguiam muito ele, que qualquer roubinho era ele.

¹³⁶ Hobsbawm afirma que os bandidos pagam caro o preço de suas façanhas, quantia calculada ou faturada com a vida: “Não são homens que, em sua própria maneira limitada, mostraram que a vida selvagem no agreste pode trazer liberdade, igualdade e fraternidade para aqueles que pagam o preço da falta do lar, do perigo e da morte certa?” (HOBSBAWM, 1976. p. 22). Na vida de João das Pedras podemos dizer que sua família também foi alvo dessa cobrança.

¹³⁷ LIMA, Antonia Ferreira de.

E ela dizendo que a maioria hoje em dia taí. Ele já morreu, já tá salvo pelas mãos de Deus, e hoje é tanto malandro no meio da rua, maconheiro e tudo enquanto. E ela disse que morava no pé de serra, na casa do pai dela, ele entrava lá, ele passava por debaixo das redes e não mexia com seu ninguém¹³⁸.

João das Pedras trouxe orgulho ou pelo menos uma satisfação compensatória para suas mulheres parentas diante dos vizinhos, diante da sociedade sambeneditense como um todo, pois hoje “ele obra milagre”. João, mesmo morto, conseguiu, compensar o sofrer de sua família?

¹³⁸ Id.

CAPÍTULO II: Entre o pedido e o recebido

O homem que se aproxima da morte deve desfazer-se pouco a pouco de tudo, começando por abandonar as honrarias do mundo. [...] a alma do morto precisa que os vivos orem por ela¹³⁹.

Georges Duby

Talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais de vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos¹⁴⁰.

Carlos Rodrigues Brandão

2.1 Confissões de fé

Maria das Pedras admite-nos a falta de hábito de mandar celebrar intenções de missas a João das Pedras. Uma conduta incomum para uma parenta tão próxima do falecido:

Eu não vou negar. Quem celebra é o pessoal. O pessoal manda celebrar e me dizem, né, que mandam. [...] o finado João, o pessoal faz voto com a alma dele, aí alcançam as graças que pede e manda celebrar a missa [...]. Nós tem assistido muita missa nessa igreja (igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) aqui dele. É de vez em quando¹⁴¹.

João não recebe celebração de sua mãe. O desvelo da genitora com a alma do primogênito, para um olhar de estrangeiro, pode soar como desleixo. Em parte, sua atitude é encaminhada pela certeza de que a alma do filho já é celebrada por outros: os seus devotos. As orações que a velha senhora lhe destina são proferidas num reduto particular, quando de olhos fechados, no escuro de seu quarto, secretamente são feitas:

¹³⁹ DUBY, Georges. **Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo**. Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Graal, 1987. p. 9-34.

¹⁴⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. Prefácio de José de Sousa Martins. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 15.

¹⁴¹ GOMES, Maria Ferreira. Entrevistas realizadas nos dias 01/06/2003 e 03/07/2007.

nem o esposo Expedito, que repousa ao lado, percebe. Discrição procedente da necessidade de estar só com sua contemplação religiosa. Os votos pedidos e dedicados devem ser proferidos sem interrupção para assegurar que sejam plenamente ouvidos e atendidos. O teto de telha é a única testemunha do balbuciar de seus padres-nossos e ave-marias: direcionados, dedicados ao caminho de seus mortos e vivos. Maria é seguidora do dito popular que diz: “Não saiba a esquerda o que faz a direita”.

Sua presença é marcante no fim da tarde, de frente ao alpendre na calçada de casa (ver Anexo 1), conversando com vizinhas ou com a filha Maria do Carmo, que mora na esquina de sua rua. Não frequenta muito os arredores da cidade. Sua saída é marcada pela necessidade de ir receber a aposentadoria a cada início de mês. O dinheiro ganho é o responsável pelas compras mensais. A *mistura*, como se refere ao frango, à ossada de boi, à carne de sol ou porco, e outros condimentos, geralmente, são comprados para consumo no mesmo dia, visto não possuir refrigerador. Além disso, o saboreio de tais iguarias é um luxo permitido somente após o saldo das contas, entre elas as “dívidas”¹⁴², a exemplo do empréstimo bancário feito para a construção de sua atual residência no bairro do Corrente.

Maria, hoje, é a avó de vários netos. A casa torna-se pequena. Na sala, somente uma mesa de madeira e em cima uma TV preto e branco de dez polegadas, aparelho que pertence aos inícios da década de 1960. Os tamboretos servem de assento ao visitante. Na parede todos os santos em calendários, e agora também todos os filhos e netos em suas fotografias que a enfeitam. João das Pedras ali agora está. Um devoto, o senhor Tomaz Bezerra, pediu o monóculo que Maria possui para ampliar a fotografia de João das Pedras e colocar em seu túmulo. O senhor presenteou a mãe de João das Pedras com uma fotografia de 10 por 15 centímetros, emoldurada pelo porta-retrato no fim do ano de 2007.

A simplicidade dos cômodos é notada pela falta de objetos. Talvez Maria não careça de sua presença e pertencimento, ou já tenha se acostumado com o pouco, quem sabe não tem interesse de ter mais. Das vezes que lá estive, nunca a ouvi se maldizendo de sua realidade atual. Da sala, o corredor leva aos dois últimos cômodos: a cozinha e o quarto. A primeira segue o padrão da sala, o espaço é maior pela falta de objetos, apenas uma mesa segura os pratos e colheres. Em cima, na parede, as latas de leite servem para

¹⁴² As dívidas são em suma os pagamentos de água e luz, mercearia, açougue, farmácia, entre outras.

guardar o arroz, açúcar e feijão, farinha. No chão, mais tamboretas. E um pote e os canecos de alumínio presos nos pregos da parede. No fim do espaço, o fogão a lenha com suas panelas escurecidas pelo fogo. Não fui convidada a conhecer o quarto. No fim, o quintal e as madeiras presas. O combustível de seu fogão quase esconde a entrada do banheiro. Essa é casa de Maria.

Outra saída realizada pela mãe de João é quando vai ao Sítio Pimenteira, onde anteriormente residia, visitar suas filhas Maria das Graças e Antonia. Suas pernas parecem preferir o sossego de receber visitas a ter que visitar.

Não visita com assiduidade a igreja Matriz de São Benedito. E, quando pode, junta-se a outros que possuem o mesmo comportamento. A visitação à igreja é rara. Limitando-se a uma ou duas vezes por mês, quando vai ao templo de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que assiste os fiéis do bairro do Corrente, localizada próximo a sua casa. Esta igreja é um pequeno e novo reduto de oração, se comparado ao templo maior da cidade.

A igreja de São Benedito é a igreja maior. É o templo primeiro erigido em São Benedito servindo de casa de oração. Os fragmentos da taipa que antes a revolviam foram substituídos por uma capela revestida de pedra e cal, coberta por telhas: templo de maior capacidade física para os fiéis da cidade dos anos de 1841, segundo Brandão¹⁴³.

O templo de hoje sepultou as ruínas e a memória da velha casa de taipa que antes abrigara sobre um altar de pedra a imagem do santo de devoção do índio Jacó, São Benedito¹⁴⁴.

¹⁴³ De acordo com José Hudson Brandão, a reforma na estrutura da igreja Matriz de São Benedito teve maior intensidade nos anos entre 1847 a 1859 com a administração clerical do padre João Crisóstomo: “Em 1847 para aqui veio residir o padre João Crisóstomo de Oliveira Freire [...] Em 1859, empreendeu o mesmo sacerdote construir um templo de maior capacidade, e, tendo obtido a necessária permissão, foi nesse trabalho auxiliado pelos moradores e não menos pelo administrador da província, o vice-presidente dr. Sebastião Gonçalves da Silva, que mandou um conto de réis para essa obra. Com aquela quantia, alguns donativos de particulares e o produto de leilões em dias de festa, concluiu-se a excelente igreja Matriz” (BRANDÃO, José Hudson. **São Benedito**: dos tabajaras ao terceiro milênio. Fortaleza: Premius; Livro Técnico, 2002. p. 25).

¹⁴⁴ A primeira imagem de São Benedito teria sido trazida pelo índio Jacó de Sousa Castro. Um índio catequizado pelos frades franciscanos, vindos de Pernambuco, acompanhando alguns jesuítas para o Ceará. Segundo Brandão, a devoção ao santo, como a própria nomeação da cidade, faz referência à estima sentida pelo índio Jacó: “O nome ‘São Benedito’, ainda conservado pela sua antiguidade, vem da devoção consagrada a esse santo pelo índio Jacó, que o festejava anualmente em sua cabana em local onde hoje faz parte sua Igreja matriz, no perímetro urbano da cidade” (Ibid. p. 24).

Uma vez lapidada pelas (re)formas arquiteturais, a igreja Matriz persevera no presente, aludindo a uma necessidade de adequação do templo às exigências dos tempos modernos. As acomodações e o conforto de seus usuários, os fiéis, se configuram como os principais argumentos do (*re*)fazer inacabado em que as obras são custeadas por uma parcimônia entre os leigos e o clero de São Benedito, com a arrecadação do dízimo e outras doações.

A secretaria é, a propósito, uma dessas constantes (re)modelações idealizadas pelo padre Antonio¹⁴⁵. O espaço retangular impõe ao observador a impressão de ter sido construído com o propósito de acolher e servir com modernidade quem por sua porta entrar. Suas instalações estão divididas em duas salas-escritórios, uma copa, dois banheiros e, logo na entrada, pela sala principal.

O visitante, ao entrar, sente-se acolhido pelos olhos ternos da imagem de Nossa Senhora de Fátima. É ela, pois, a santa dos três pastorinhos, quem tributa as honras da casa santa, abençoando a todos. Com suas mãos postas sobre um terço, a santa, exposta no alto da parede, é apresentada sobreposta no calendário que informa a planta do futuro santuário de Fátima, em construção em São Benedito¹⁴⁶. Logo acima da imagem da santa, na parede verde, estão postas as fotografias emolduradas dos 14 vigários que passaram pela paróquia ao longo de sua formação.

Ao vislumbrar os objetos da sala principal, o fiel avista uma mesa de madeira revolvida pelo tom caramelo esmaltado. Um armário embutido se junta ao quadro de poucos móveis, a compor a aparência do ambiente. O armário vestido pelo marfim envernizado e pelas duas fechaduras que anunciam sua abertura. Em seu interior, as

¹⁴⁵ No livro de Stella Furtado, há uma síntese da trajetória do padre Antonio, 14º vigário da paróquia de São Benedito: “É filho de José Irineu Filho e de Maria do Carmo Martins Irineu. Nasceu a 13 de Março de 1961, na cidade de Barra do Corda, estado do Maranhão. [...] Em 1986, entrou para o Seminário da Ordem dos Agostinianos Recoletos, na cidade de Franca, no estado de São Paulo, onde cursou três anos de Filosofia. Em 1985, entrou para o noviciado em Castelo, no estado do Espírito Santo, onde fez os primeiros votos na ordem dos Agostinianos Recoletos, em 1º de janeiro de 1987 [...]. No final do ano de 1991, foi convidado por dom Javier, recém-eleito bispo de Tianguá, para fazer uma experiência aqui no Ceará [...]. A 6 de outubro de 1992, recebeu a ordenação diaconal na catedral de Santana-Tianguá, por dom Javier. Ordenação Presbiteral a 10 de julho de 1993 na igreja de N. Sra. do Perpétuo Socorro em Taguatinga-DF, também por dom Javier. Voltando a Tianguá foi nomeado pároco de São Benedito” (FURTADO, Maria Stella. **História geral e política de São Benedito**. Sobral: Secretaria da Cultura e Turismo, 2005. p. 167).

¹⁴⁶ Desde 2004 teve início em São Benedito uma campanha arrecadando fundos para a construção do santuário de Nossa Senhora de Fátima. Localizado no bairro do Chora, a construção segue em andamento. Obra que teve como principal articulador o padre Antonio Martins Irineu, que presidiu a paróquia de São Benedito desde 15 de Agosto de 1993 a abril de 2005.

quatro prateleiras seguram horizontalmente os grossos livros de batismo referentes a vários decênios.

Em uma das prateleiras, quatro agendas, posicionadas uma sobre a outra, parecem disputar espaço com os grossos livros. Agendas referentes aos anos de 2003, 2004, 2005 e 2006. Ainda estão *guardadas* como se tivessem a reclamar um lugar, no presente, mesmo quando o seu valor de uso foi perdido, já que não servem mais para suas respectivas funções: as de agendar, marcar.

De cor bege, as agendas trazem na capa o título *Dia-a-Dia Paroquial*. Diferenciam-se das agendas comuns também pela logomarca que trazem em seu verso: são da Ordem Vicentina. A cada fim de ano, a paróquia recebe de São Paulo outra para substituir a do ano que finda. Num formato retangular, apresenta no início de cada mês um versículo bíblico. Não é possível encontrá-la em papelarias, sugerindo ser um artigo exclusivo para uso das paróquias¹⁴⁷.

Mesmo dispondo de um sistema computadorizado, algumas funções ainda permanecem fazendo uso da escrita: são as marcações de intenções feitas por Fransquinha, Maria Helena ou Edvar, os três mais antigos funcionários da secretaria.

Trabalhos burocráticos são ali, na sala principal, desenvolvidos. É na secretaria paroquial que é informado o calendário das celebrações de missas, adorações ao Santíssimo. Espaço no qual são agendados muitos dos sacramentos de batismo, crisma, casamento. Sacramentos isentos de taxa¹⁴⁸. Ali os dízimos são recebidos, as intenções em ação de graças aos vivos ou as intenções aos mortos são rendidas. Dois reais é o valor de cada intenção. Admite Helena, funcionária paroquial, que esta é uma quantia inferior à de R\$ 35,00 reais, ditada pela diocese com sede em Tianguá, Ceará, para a espórtula:

[...] a intenção aqui não é cobrada, no caso a espórtula. É cobrada uma taxa de dois reais. Mas não é a espórtula, a espórtula de uma missa é trinta reais, né, em toda a diocese. Então aqui só é cobrada uma taxa de dois reais¹⁴⁹.

¹⁴⁷ No anexo II apresento fotografadas três páginas de distintos anos das agendas.

¹⁴⁸ As taxas não são cobradas por conta da “implantação do dízimo, a paróquia isentou as taxas de batizados, casamentos e certidões de batismo” (FURTADO, op. cit. p.169).

¹⁴⁹ SANTOS, Maria Helena Sousa dos. 29 anos. Casada. Secretária da Paróquia desde Março de 1999. Residente no bairro Cidade Alta, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 03/11/2007, na Secretaria Paroquial.

Espórtula significa na definição do dicionário “esmola, gratificação, gorjeta. Gratificação em dinheiro dada ao sacerdote quando no exercício de suas funções (casamento, batizado etc.)”¹⁵⁰. Na paróquia, a espórtula significa uma celebração particular. A quantia de trinta e cinco reais é o preço da dedicação exclusiva do sacerdote. A característica da celebração em que é paga a espórtula reside na observação de que no instante da homilia o nome de ação de graças ao fulano ou ao defunto é proferido de forma única, sem a presença de outros, como ocorre nas intenções de dois reais. A exclusividade, para os fiéis pobres ou não, nem sempre é tão priorizada, seja por suas posses ou por crer que o que importa de fato é alimentar a alma ou trazer luz e prosperidade para a vida terrena.

Página por página, mês a mês, ano a ano, em meio aos nomes dos falecidos a quem são rendidas as intenções, o nome de um morto, em particular, João Ferreira Gomes, conhecido por João das Pedras, impõe-se de forma mais contínua. João é celebrado na igreja pelas intenções:

Ano 2003			
Nome	Data/Dia da Semana/ Hora		
João de Deus	12 de Janeiro.	Domingo.	07:00
João de Deus	02 de Maio.	Sexta.	07:00
João de Deus	20 de Maio.	Terça.	06:45
João Ferreira Gomes	03 de Julho.	Quinta.	21:00
João das Pedras	16 de Julho.	Quarta.	19:00
João Ferreira Gomes	17 de Julho.	Quinta.	19:00
João Ferreira Gomes	01 de Agosto.	Sexta.	18:00
João Ferreira Gomes	12 de Agosto.	Terça.	06:45
João Ferreira Gomes	21 de Agosto.	Quinta.	21:00
João Ferreira Gomes	01 de Outubro.	Quarta.	19:00
João Ferreira Gomes	03 de Outubro.	Sexta.	07:00
João Ferreira Gomes	14 de Outubro.	Terça.	06:45
João Ferreira Gomes	15 de Outubro.	Quarta.	06:45
João Ferreira Gomes	26 de Outubro.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	01 de Novembro.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	20 de Novembro.	Quinta.	06:45
João Ferreira Gomes	08 de Dezembro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	16 de Dezembro.	Terça.	18:00
João Ferreira Gomes	25 de Dezembro.	Quinta.	07:00

¹⁵⁰ ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. Ilustrações Maria Luiza Ferguson. São Paulo: Scipione. 10ª Edição, 1996.

Ano 2004

João Ferreira Gomes	04 de Janeiro.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	17 de Janeiro.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	09 de Fevereiro.	Segunda.	09:00
João Ferreira Gomes	03 de Abril.	Sábado.	–
João Ferreira Gomes	04 de Abril.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	24 de Maio.	Segunda.	09:00
João Ferreira Gomes	30 de Maio.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	08 de Julho.	Quinta.	21:00
João Ferreira Gomes	12 de Julho.	Segunda.	19:00
João Ferreira Gomes	18 de Julho.	Domingo.	09:00
João de Deus	05 de Agosto.	Quinta.	–
João de Deus	09 de Agosto.	Segunda.	09:00
João de Deus	13 de Agosto.	Sexta.	19:00
João Ferreira Gomes	23 de Agosto.	Segunda.	09:00
João Ferreira Gomes	30 de Agosto.	Segunda.	09:00
João Ferreira Gomes	05 de Setembro.	Segunda.	09:00
João de Deus	28 de Setembro.	Terça.	19:00
João Ferreira Gomes (2 intenções)	08 de Outubro.	Sexta.	19:00
João Ferreira Gomes	10 de Outubro.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	16 de Outubro.	Sábado.	–
João Ferreira Gomes	13 de Novembro.	Domingo.	–
João Ferreira Gomes	05 de Dezembro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes (2 intenções)	11 de Dezembro.	Sábado.	–
João Ferreira Gomes	28 de Dezembro.	Terça.	07:00
João Ferreira Gomes	31 de Dezembro.	Sexta.	07:00

Ano de 2005

João Ferreira Gomes	02 de Janeiro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	10 de Janeiro.	Segunda.	09:00
João Ferreira Gomes	14 de Janeiro.	Sexta.	07:00
João Ferreira Gomes	15 de Janeiro.	Sábado.	–
João Ferreira Gomes	02 de Fevereiro.	Quarta.	18:00
João das Pedras	26 de Fevereiro.	Sábado.	19:00
João de Deus	27 de Fevereiro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	05 de Março.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	10 de Março.	Quinta.	18:30
João Ferreira Gomes	14 de Maio.	Sábado.	–
João Ferreira Gomes	07 de Junho (Missa no Santuário).	Terça.	–
João Ferreira Gomes	09 de Julho.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	23 de Julho.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	27 de Julho.	Quarta.	07:00
João Ferreira Gomes (2intenções)	06 de Agosto.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	07 de Agosto.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	08 de Agosto.	Segunda.	-
João de Deus	13 de Setembro.	Terça.	07:00
João Ferreira Gomes	25 de Setembro.	Domingo.	17:00
João Ferreira Gomes	03 de Dezembro.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	13 de Dezembro.	Terça.	12:00

João Ferreira Gomes	25 de Dezembro.	Domingo.	09:00
---------------------	-----------------	----------	-------

Ano de 2006

João Ferreira Gomes	06 de Janeiro.	Sexta.	07:00
João Ferreira Gomes	07 de Janeiro.	Sábado.	07:00
João Ferreira Gomes	08 de Janeiro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	18 de Janeiro.	Quarta.	18:00
João Ferreira Gomes	29 de Janeiro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	19 de Fevereiro.	Domingo.	07:00
João de Deus	21 de Fevereiro.	Terça.	07:00
João Ferreira Gomes	05 de Março.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	09 de Abril.	Domingo.	09:00
João de Deus	12 de Abril.	Quarta.	07:00
João Ferreira Gomes	16 de Abril.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	12 de Maio.	Sexta.	17:00
João Ferreira Gomes	30 de Maio.	Terça.	07:00
João Ferreira Gomes	13 de Junho.	Terça.	07:00
João de Deus	02 de Julho.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	15 de Julho.	Sábado.	19:00
João de Deus	23 de Julho.	Domingo.	09:00
João Ferreira Gomes	05 de Agosto.	Sábado	–
João das Pedras	09 de Setembro.	Sábado.	19:00
João Ferreira Gomes	07 de Outubro.	Sábado.	19:00
João das Pedras	13 de Outubro.	Sexta	07:00
João Ferreira Gomes	12 de Novembro.	Domingo.	07:00
João Ferreira Gomes	16 de Novembro.	Quinta.	19:00
João Ferreira Gomes	22 de Novembro.	Quarta.	09:00
João das Pedras	03 de Dezembro.	Domingo.	09:00

OBS.: não tinha horário descrito nas agendas¹⁵¹.

As intenções grafadas estão sobre o papel de pauta dupla, distinguindo-se pelas três formas em que são inscritas: *João de Deus*, *João das Pedras* e *João Ferreira Gomes*. A trindade, que não é a santíssima, apresenta o mesmo sujeito perante as homilias: o ladrão e o santo João. Inscreve-se, nas agendas, o nome do *destinatário* e não o de seu *emissor*.

Em São Benedito a diferenciação, em relação aos “sobrenomes” de João, surgiu como uma política de “conscientização” incitada pelos funcionários da paróquia, comentou Maria Helena Sousa dos Santos:

¹⁵¹ Acredito que a presença das intenções tendo uma seqüência presente desde o ano de 2003, seguindo aos anos de 2004, 2005 e 2006, não é limitada apenas a estes respectivos anos. No entanto, é exclusivamente nesse período que nos é possível elucidar sua descrição. Uma análise que é mediada, por sua vez, pela fonte documental aqui apresentada: as agendas de marcações. As outras intenções rabiscadas em outras agendas foram desembocar no lixo do esquecimento.

Michelle: Quando você começou a trabalhar aqui, já tinha alguma marcação de intenção ao João das Pedras?

Helena: Já tinha.

Michelle: Como é que as pessoas chegam aqui para agendar? Elas dizem o nome que é para ser agendado ou são vocês que determinam? Como é o processo?

Helena: Antes, sempre quando alguém chegava para colocar intenção, aí dizia:

- Eu queria marcar uma intenção para a alma do João das Pedras.

Uma graça alcançada que eles teriam conseguido. Então, com o passar do tempo, quando chegou o frei Marcos aqui na paróquia, ele ficou curioso de saber quem era esse João das Pedras. Mas até aí era só João das Pedras, chamavam João das Pedras. Aí [...] a gente foi atrás de saber realmente como era o nome dele para poder colocar a intenção. Porque ele achou curioso João das Pedras, mas aí é bom colocar na pessoa dele, a intenção no nome dele. Aí ficou certo: João Ferreira Gomes. A gente foi atrás da família, saber o nome correto dele para poder colocar a intenção. A partir daí, a gente foi trabalhando a questão de conscientização. A pessoa vinha:

- Eu queria marcar uma missa para o João das Pedras.

A gente falava:

- O nome dele é João Ferreira Gomes.

- Pode colocar?

- Pode, porque é a mesma pessoa.

Mas as pessoas não sabiam o nome correto dele. Só conheciam por nome de João das Pedras, eles não tinham consciência do nome correto dele. A partir daí, foi que agora eles já falam o nome correto: João Ferreira Gomes.

Michelle: Geralmente, quando as pessoas vêm marcar, o que elas dizem?

Helena: Dizem que foram se valer do João das Pedras e foram atendidos. Aí eles marcam a intenção.

Michelle: Quando a gente vai mandar celebrar uma intenção, tem que ser no nome de batismo, não pode ser um apelido?

Helena: Não tem nada contra. É porque, se ele tem um nome próprio, então ele achou interessante a gente ir atrás e colocar.

Michelle: Desde o início até hoje, essas intenções tiveram um aumento ou diminuíram. Têm a mesma frequência?

Helena: Olhe, quando eu ficava no balcão do atendimento, a gente sempre marcava. Agora eu não posso mais falar, porque eu já não estou mais nesse setor. [...] Estou na parte financeira da paróquia, não posso afirmar a frequência¹⁵².

Frei Marcos, citado por Helena, foi um pároco que em 2004 permaneceu, durante três meses, substituindo o padre Antonio, que se encontrava em São Paulo. Antes disso, na agenda de 2003, observamos a presença de outro nome, João de Deus: ou seja, a necessidade de trocar o nome Pedras, por outro, já existia antes do frei. É necessário perceber que o nome João de Deus é um intermédio entre Pedras e Ferreira Gomes, entretanto, sem atentar, inscreveram no ladrão o nome que também ficou conhecido em todo o mundo o Papa João Paulo II.

¹⁵² SANTOS, Maria Helena Sousa dos.

A alternância implica o incômodo causado pelo ladrão, mas, principalmente, pela figura do milagreiro concessor. É a funcionária que nos afirma a existência das intenções como um pagamento de promessas: “Dizem que foram se valer do João das Pedras e foram atendidos”.

De fato, a questão é delicada. De um lado, a igreja de São Benedito, um lugar de culto do catolicismo oficial, que deve estar de portas abertas a receber todos os fiéis: ricos e pobres, católicos assíduos, conservadores ou católicos sincréticos ou não. A igreja só existe pela presença dos fiéis. Além do mais, a Igreja católica, nas últimas décadas, tem buscado ganhar adeptos e não perdê-los.

Então, como conviver com as intenções a João, sabendo que são, para aqueles que as solicitam, um veículo que cultua a alma do ladrão e santo popular? E a igreja servindo, nessa perspectiva, como espaço de devoção?

A proibição não ocorre de forma direta. Afinal, como impedir um fiel de dedicar uma celebração a um falecido? Banir o culto severamente se configuraria numa imposição contra João das Pedras, e contra os seus devotos, que adentram as portas da igreja, também seguindo outros rituais e outra devoção do catolicismo oficial.

A sutileza reside na construção doutro sentido, sendo edificado numa precaução de não indicar a contrariedade e não correr o risco de desagradar ninguém. A “conscientização” surge como uma benfeitoria, na indicação do nome “correto” de João: “João das Pedras. Mas é bom colocar na pessoa dele, a intenção no nome dele. Aí ficou ‘certo’: João Ferreira Gomes”. É possível perceber nas agendas que há intenções escritas para falecidos com outras alcunhas, e que não foram modificadas e nem houve essa preocupação.

Seja qual tenha sido o pároco que suscitou a mudança, a finalidade parece ser clara. A homilia tem uma consistência na difusão e afirmação da devoção a João das Pedras. Conforme observamos na tabela, as intenções percorrem os diversos dias da semana, dos meses e dos anos. De um lado, os devotos desconhecem o nome de João, como afirmou Helena: “Só conheciam por nome de João das Pedras”. Outros, como os fiéis freqüentadores da igreja de São Benedito, também o desconhecem como tal. Ou seja, pouco a pouco sendo mencionado de outra forma, a memória de João das Pedras se dispersaria numa redução de sentidos para o público ouvinte. A linguagem é

responsável pela construção do santo perante os ouvintes e devotos. E as mudanças são percebidas, mas nem sempre compreendidas:

Michelle: O senhor já fez alguma promessa com ele?

Seu Exedito: Não. Nunca fiz não.

Michelle: O que o senhor pensa sobre esse povo que faz promessa com ele?

Seu Exedito: Diz o povo que até o padre também, aqui, acolá, falava no nome dele na missa. Aí não chamava, deixa eu ver como era que o padre chamava, meu Deus [...] ¹⁵³.

As intenções, uma vez proferidas durante a santa missa, são assimiladas por muitos dos ouvintes ou fiéis frequentadores da igreja Matriz de São Benedito ou de outras Igrejas circunscritas na cidade, como nos comentou a senhora Maria Ferreira de Souza: “Eu vejo na igreja o povo agradecendo as graças que alcançam dele. Nas missas, nas novenas de São Francisco, agradecendo graça que alcança dele” ¹⁵⁴.

São os ouvintes, que, mesmo não tendo vínculo com João das Pedras, auxiliam na difusão de que ele seja o falecido que mais receba celebração ¹⁵⁵, crença que vai sendo afirmada e fincada na e pela homilia. Não é difícil ouvir uma afirmação como a da senhora Francisca Muniz: “Eu escuto muita missa que são celebrada aqui, em São Benedito, na intenção da alma dele” ¹⁵⁶.

Além de observar o valor das intenções na difusão da memória de milagreiro de João, o que me atraiu a atenção foi atestar que, diante da ausência de documentos escritos, João das Pedras está desta vez por escrito na Igreja, que não o aceita como santo. A secretária Fransquinha sempre se contentava em dizer: “Aqui só tem as intenções! Você já procurou a família dele? Você já foi na cadeia? Lá você pode encontrar alguma coisa sobre ele.”

¹⁵³ COUTINHO, Exedito Jorge. 78 anos. Pedreiro aposentado. Residente na travessa Francisco Cavalcante, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 03/01/2008.

¹⁵⁴ SOUZA, Maria Ferreira de. 67 anos. Aposentada. Casada. Entrevista realizada em sua residência na rua Deputado Francisco Júlio Filizola, no bairro do Corrente, no dia 03/07/07. A novena de São Francisco q que se referiu a entrevistada ocorre nos fins de setembro na igreja de São Francisco, localizada próximo à praça dos Índios Tabajaras, na área conhecida como quadro de São Francisco.

¹⁵⁵ O fato de os ouvintes e fiéis das celebrações se referirem às intenções como práticas costumeiras é fruto de ouvidos definidos que compreendem na intenção a prática das promessas. De acordo com Certeau, tem-se a definição: “As palavras flutuam, vagas, quando não estão destinadas a ouvidos definidos” (CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1993, p. 224).

¹⁵⁶ NASCIMENTO, Francisca Muniz do. 81 anos. Funcionária aposentada do Colégio Estadual Ministro Antonio Coelho, na função de auxiliar de serviço. Rua Deputado Vicente Ribeiro. Entrevista realizada em sua residência no dia 01/05/2005, em São Benedito-Ceará.

Na igreja de São Benedito, a mudança do nome pode ocorrer nas agendas, proferidas na homilia, mas a “conscientização” não é *propagada ou aceita* de maneira uniforme pela cidade. Nem mesmo a funcionária paroquial Helena é convencida de todo. É só observar que, em sua entrevista, após explicações em torno da mudança dos substantivos, quando faz menção a João, chama-o assim: “Dizem que foram se valer do João das Pedras e foram atendidos. Aí eles marcam a intenção”.

Em número menor nos agendamentos, a alcunha Pedras teima em se apresentar. Fruto de descuido, ou não, o fato é que sua presença indica o vigor de uma memória que é (re)elaborada pela perspectiva individual de cada um, mas uma memória pública¹⁵⁷, que constrói um nexos entre o passado e o presente¹⁵⁸. Afinal a alcunha não apresenta apenas o ladrão João das Pedras, mas também apresenta o santo, a alma milagrosa diante da homilia.

Maria Auxiliadora fez promessas com João das Pedras, e a missa foi um dos passos para o pagamento ao santo:

Meu menino, Carlos Eduardo, deu uma infecção intestinal muito forte, eu levei ele pro hospital, três vezes no hospital municipal, e o médico consultou ele e desenganou, que eu levasse pra casa que não tinha jeito. Aí eu fui, levei pra casa, já mesmo como morto que ele não se mexia. Aí eu fiz uma promessa com o finado João das Pedras que, se ele escapasse, quando o menino tivesse dez anos é pra ele pagar uma missa pra ele com as mãos dele. Aí eu internei o menino, quando foi no outro dia, seis horas da manhã, ele começou a se mexer. Aplicaram um soro nele e ele se mexeu e chorou com fome. Ele só mamava, eu passei oito dias com ele internado, e aí o médico deu alta que ele já tava bom. E todas as promessas que eu faço com ele, eu consigo. Eu já fiz três. Inclusive quando eu quebrei meu braço, faz nove anos, tem um milagre aí (no túmulo) que eu butei, que eu me apeguei com ele. Não engessei e nem nada, e tá aí o braço normal, eu faço tudo [...].

¹⁵⁷ Quando me refiro às intenções nos termos de uma memória pública sobre João das Pedras, utilizo o termo público por dois prismas. Primeiro, estas são proferidas num espaço público, seja ele dentro ou fora da igreja. Segundo, a memória pública, segundo Alessandro Portelli, é a memória mais difundida “na maneira de recordar da gente comum”. Além disso, o autor salienta que não se deve esquecer que: “A memória pública está, muito, sob a influência [...]”. Vimos que em São Benedito não é raro ouvir que João recebe mais intenção; por outro lado, essa memória pública está sob influência também dos devotos (PORTELLI, Alessandro. *As fronteiras da memória. O massacre das Fossas Ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos*. Trad. Leandro José Nunes. **História e Perspectivas**, Uberlândia, Nº 25 e 26, 2002. p.12-22).

¹⁵⁸ Vimos que João das Pedras não está presente na historiografia local. As intenções, entretanto, podem ser consideradas como um rito que constrói a ponte que traz João do passado para o presente, onde é celebrado, e aqui não é questionada a distância que separa estes tempos. Nesse sentido, Carlo Ginzburg observa que: “Em qualquer cultura, a memória coletiva, transmitida por ritos, cerimônias e eventos semelhantes, reforça um nexos com o passado que não pressupõe uma reflexão explícita sobre a distância que nos separa dele” (GINZBURG, Carlo. *Distância e perspectiva. Duas metáforas*. In: **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 179).

Graças a Deus, eu tenho muita fé nele, ele é uma alma muito milagrosa¹⁵⁹.
(grifo da autora)

É pela terminologia Pedras que ele é evocado no dia-a-dia pelos devotos. A razão pela qual a alcunha não tenha desaparecido nas agendas. Cabe ao devoto nomear sua prática. A cada homilia em que o nome de João das Pedras é proferido, sua alma é alimentada, assim como a sua memória de concessor é difundida, fortalecida por aqueles que afirmam terem alcançado uma graça. Assim, as intenções são um veículo de troca simbólica entre o santo-ladrão, que concede, e o devoto, que cumpre o estabelecido.

A fé de Maria Auxiliadora não é maior ou menor porque desconhece o nome “correto” de João. Os devotos não necessitam saber da biografia do santo popular¹⁶⁰ ou de detalhes que, para nós pesquisadores, ou para a Igreja, são significativos. Aqui, o registro feito é outro. O que importa, para a devota, é a certeza de que “todas as promessas que eu faço com ele, eu consigo”.

Feito o pedido, e tendo a graça alcançada, o ritual que se segue é o do pagamento. As intenções devem ser cumpridas. A mãe, feitora da promessa, assegura: “Eu fiz uma promessa com o finado João das Pedras que, se ele escapasse, quando o menino tivesse dez anos é pra ele pagar”. Pagar é ir à secretaria paroquial munido de R\$ 2,00 (dois reais) para pagar com suas mãos de menino, ressuscitado pelo suspiro invisível de João das Pedras. Assistir à missa e ouvir o nome do santo é o fim do pagamento. A partir daí, o devoto segue uma devoção contínua, admitindo a feitura de uma, duas ou, como admite a mãe devota, “eu já fiz três”.

As intenções suscitam interpretações que se confrontam. Uma oposição criada pelos questionamentos acerca da vida de João das Pedras e da própria função social das

¹⁵⁹ SOUSA, Maria Auxiliadora Ribeiro. 33 anos, agricultora. Residente na Rodovia da Confiança Sul. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, neste local, no dia 02/02/2005.

¹⁶⁰ Francisco Régis Lopes, ao discutir acerca do corpo e sexualidade do padre Cícero no imaginário dos devotos, observa que o santo é imperecível, dotado de um corpo não pecador, que na vida terrena não se rendeu às tentações. Essa interpretação sobre o santo é construída, porque, segundo o autor, “o que importa para os limites da presente abordagem (sobre os devotos) não é o ‘resgate’ do real e sim o imaginário social que constrói a realidade de uma determinada forma. A biografia oficial do Pe. Cícero não seduz, não se origina da fé nem lhe dá força. A consistência do Pe. Cícero é criação e criadora do prodigioso mundo da fé sertaneja” (RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Unijuí, 1998. p. 57). O nome de João, seja Deus, Pedras ou Gomes, só tem sentido se passar pelo crivo da fé da religiosidade de seus devotos.

intenções como prática religiosa cristã. Cada sentido é traçado junto com a biografia, o mundo particular e social de quem profere o discurso questionador¹⁶¹. Assim, a trajetória de vida, a posição e profissão no mundo social são elementos que influenciam na vida do mundo religioso, das crenças: seja em suas vivências particulares, como da mesma forma na avaliação da aceitação ou rejeição das práticas de fé de alheios, postas diante dos olhos no cotidiano.

Padre João Batista é natural de São Benedito. A cidade, que o viu nascer, crescer, hoje é apenas reduto de sua passagem. Quando isso ocorre, é celebrante de missas na Matriz e em outros arredores da cidade. Nas homilias que conduziu, tanto no âmbito de São Benedito quanto em municípios próximos, existiam intenções dedicadas a João das Pedras. O padre, apesar de reconhecer que os fiéis percebem no ladrão a imagem de concessor, desconversa acerca da imagem de milagreiro rendida ao ladrão-santo. O padre João Batista constrói outro sentido, fincado na sua concepção de religioso:

Eu acho que [...] celebrar missa [...] é algo muito normal. Porque todo falecido recebe sempre as intenções, não é?! Hoje mesmo, nas festas que eu faço aí no sertão ou daqui, você encontra muitas intenções pro João das Pedras, não é? E você reza por um cristão como todo cristão que foi batizado, né. E então a ação dele que roubou ou que não roubou aí não cabe a gente julgar. Cabe a Deus, não é? Mas cristão ele foi e, como se celebra pros outro, pode se celebrar também pra ele, não é. [...] eu peguei mais no âmbito de São Benedito e Graça, por exemplo: Lapa, Vila. São pessoas que na época era tão ligados pra cá¹⁶². (grifo da autora)

Padre João Batista, para se desfazer das intenções como veículo de promessa a João das Pedras, trata de identificá-las como ação cristã comum dirigida aos falecidos, batizados.

¹⁶¹ A fala e, conseqüentemente, a opinião de cada um estão inscritas nos limites do lugar que ocupamos na sociedade, um lugar pautado pela formação seja profissional, intelectual, religiosa, leiga, sugerida por Certeau: “Estamos, portanto, sujeitos à lei tácita de um lugar particular. Por lugar, entendo o conjunto de determinações que fixam seus limites em um encontro de especialistas e que circunscrevem a quem e como lhes é possível falar quando abordam a cultura entre si. Por mais científica que seja, uma análise permanece uma prática localizada e produz somente um discurso particularizado” (CERTEAU, op. cit. p. 222).

¹⁶² RODRIGUES, João Batista. 38 anos. Sacerdote. Entrevista realizada na secretária paroquial de São Benedito, no dia 02/10/2005. O padre está encarregado da paróquia de Camocim, Ceará. No período da entrevista, padre João Batista estava visitando sua família que ali reside. Apesar de não residir em São Benedito, o padre participa de festas religiosas nos municípios vizinhos, e por essa razão ressaltou em sua entrevista ter celebrado missas em que são proferidas intenções a João das Pedras.

O batismo é um divisor de águas e de pertencimento. O sujeito, ao receber sobre a cabeça a água benta, na pia batismal, adquire, além da bênção do padre, a sua nomeação como cristão batizado. O ritual se configura num registro, vislumbrado pelos olhos dos homens católicos, de que a vida do sujeito batizado e, conseqüentemente, sua morte estarão vinculadas pelos laços da religião católica e asseguradas pelos cuidados divinos.

Em São Benedito, ao nascer, logo nos primeiros dias ou meses, o pequeno que pertence a um lar católico é batizado. Teme-se que uma doença repentina ou alguma complicação venha atormentar a vida do recém-nascido e o leve, sendo um pagão. Os pais ficam em pecado quando o filho morre sem batismo, por terem negligenciado o recebimento da luz e a proteção divina. Sendo assim considerado o batismo: a luz que ilumina o caminho do filho ao do criador. Além disso, antes de ser batizado, o recém-nascido não tem sossego: adocece constantemente, sofre de vento caído, cai e é possível vê-lo rir quando dorme, é outro pagão que morto lhe vem desassossegar. O batismo, um cordão umbilical que se segue mesmo após a morte. A criança pagã pena na terra, a chorar pela falta da bênção sagrada.

João das Pedras foi batizado no município de Graça, teve como padrinhos Mariquinha e Pedro, comentou-me Maria Ferreira Gomes¹⁶³.

As intenções são uma continuidade do laço instituído com o batismo. De fato, a normalidade afirmada pelo padre João Batista está inserida num contexto historicamente apresentado no mundo religioso cristão. As intenções são práticas que apresentam a relação do sujeito com a vida, a morte e o além.

João José Reis, ao analisar testamentos baianos do século XIX, assegura-nos que as ordens testamentárias se configuravam num espaço destinado à distribuição de bens materiais; uma escrita reparadora servindo para a confissão de erros cometidos no pulsar da vida; confissões; pedidos de perdão; reconhecimento de filhos e pagamento de

¹⁶³ Estive em 2003 realizando a pesquisa de campo no município de Graça, Ceará precisamente entre os dias 10, 11 e 12 de agosto. Fui à paróquia local e procurei saber sobre os livros de batismo da década de 1940, registro que traria luz sobre algumas questões como o dia e ano em que João das Pedras nasceu, nome do pai, padrinhos, entre outras informações que buscava compreender na fonte. Fui informada que os livros desse período não estavam no poder desta paróquia, a hipótese era que estariam no município de Reriutaba, Ceará, ou em São Benedito, que eram paróquias que se relacionavam de forma assídua. Fui à paróquia de São Benedito e pesquisei nos livros de batismo, porém não encontrei nenhuma menção a João. A secretária Fransquinha acredita que os livros de batismo do município de Graça estejam mesmo em Reriutaba, mas não fui a esta cidade.

dívidas eram no testamento descritos. Além disso, o testamento envolvia-se pelo medo do testador frente ao destino derradeiro: o além. As intenções de missas eram propostas pelos baianos em glória de sua alma, configurando-se na garantia da salvação e sossego eterno. As missas davam continuidade aos ritos fúnebres que se iniciavam à cabeceira do moribundo. Em geral, os familiares, os padres ou as irmandades religiosas ficavam encarregados de contribuir para a salvação da alma do falecido. As determinações testamentárias, em parte, cumpridas pelo medo dos vivos em relação ao retorno da alma do falecido, afastavam o risco de a alma ficar penada e vagar mundo afora, sofrendo e cobrando o que fora estabelecido. Os baianos, em particular os pertencentes às irmandades religiosas, gastavam consideráveis quantias para assegurar missas e logo sua passagem para o céu. A missa era uma mercadoria¹⁶⁴.

É possível compreender que a preocupação dos vivos com o destino da alma, na contemporaneidade, ainda alimenta o medo do destino derradeiro. As intenções são os guinchos que têm o poder de livrar, salvar o falecido das chamas e da escuridão do inferno. O testamento não é feito pelo pobre que pouco possui, sendo a memória a guardiã das missas que serão rendidas aos falecidos.

Em São Benedito, as intenções são compreendidas numa prática particular, exclusiva da família do morto. Costumeiramente rendidas num calendário coletivo, as intenções seguem distribuídas: nos aniversários de nascimento e morte do finado, na semana santa, nos festejos de santos padroeiros, dia de finados, Natal, ano novo. A senhora Raimunda Ferreira Maia dedica suas intenções a seus familiares nas datas que marcam sua partida para o mundo dos mortos: “Em aniversário de morte. Tem minha mãe que foi em 2000, 3 de dezembro de 2000. Tem meu irmão que foi 3 de dezembro

¹⁶⁴ Analisando os testamentos na Bahia do século XIX, o autor João José Reis infere: “A boa morte significava que o fim não chegaria de surpresa para o indivíduo, sem que ele prestasse conta aos que ficavam e também os instruisse sobre como dispor de seu cadáver, de sua alma e de seus bens terrenos. Um dos meios de se preparar, principalmente mas não exclusivamente entre as pessoas mais abastadas, era redigir um testamento [...] O temor da morte, no entanto, não deve ser visto como o medo sem controle. O grande medo era mesmo morrer sem um plano, o que para muitos incluía a feitura do testamento. A preparação facilitava a espera da morte e aliviava a apreensão da passagem para o além [...]”. Nesse sentido, não fazer um testamento era correr o risco de conseqüentemente não receber missas, sendo que “as missas eram vistas como a mais acertada providência para a salvação da alma” (REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 92, 95, 218, 219).

de 2003; e tem meu pai que vai fazer dois anos agora: é 9 de julho. São essas datas que eu mando”¹⁶⁵.

As intenções assumem, nas interpretações populares, o caráter de obrigação. É a saudade e o dever sentidos pelos familiares que são corporificados na celebração. As datas lembradas marcam a cronologia que separa a presença do ente e seu desaparecimento fúnebre.

Além do espaço sagrado da Igreja, outro se insurge na vigília aos mortos: o reduto da casa onde as orações como o pai-nosso e a ave-maria também compõem o alimento da alma e da lembrança dos carecidos, como a senhora Francisca das Chagas:

Eu rezo p’as almas, p’a minha mãe, p’a todo mundo que morreu eu rezo. Só que eu acho assim, eu acho que a pessoa tiver de fazer é enquanto tá vivo. Im morrer acho que nada serve mais, né. Rezo p’a alma da minha mãe, do meu povo que já morreu, eu rezo. Mas eu acho que o que só o que a pessoa deve fazer é quando tá vivo [...].¹⁶⁶

Francisca das Chagas, dona Chaguinha, funcionária pública pela tarde, quando trabalha como faxineira num colégio, e vendedora de roscas, bolos e doces pela cidade nas manhãs de feira, questiona para si o sentido da reza para os mortos. O conflito surge na dúvida em torno da crença de uma vida após a morte: “Im morrer acho que nada serve mais, né”. As rezas teriam ou não o poder de alimentar a alma do falecido? Em meio à incerteza, a entrevistada não deixa de velar pelo seu “povo que já morreu”. Afinal, se estiver errada em seu julgamento, as rezas servirão.

No cotidiano de devoção popular, outra forma de dedicar uma missa é quando o falecido vem visitar em sonho o parente. A interpretação do sonho deve levar em consideração todos os detalhes, desde o ambiente onde se passou como a expressão da alma e, principalmente, a sensação experimentada. O sonho que apresenta o falecido com vestes brancas, geralmente a mortalha com que foi vestido, num lugar florido, de verdes matas, céu limpo sem nuvens, água límpida e corrente e frutas, indica que o lugar no qual vive a alma é bom. Se a aparência estiver acrescida de um semblante tranqüilo e sereno, a presença no sonho foi somente para visitá-lo. Além disso, se não sentir o

¹⁶⁵ MAIA, Raimunda Ferreira. Dona de Casa. Casada. 50 anos. Residente no bairro do Corrente. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/07/2007.

¹⁶⁶ ASSIS, Francisca das Chagas.

arrepio e temor da visão do morto, isso é o último sinal que indica que ele descansa em paz.

Lugares obscuros, de água parada e suja, paisagem de galhos ressequidos, desertos, ventanias, o sonhador que não consegue olhar para o defunto e a sensação de frio indicam um lugar ruim. A necessidade de acordar é maior do que a curiosidade de ouvir e perguntar ou requerer: as sensações são compreendidas como o anúncio de que o morto pena por não estar num bom lugar. E sua visita é uma súplica por rezas e celebrações de missas.

A lembrança do morto é alimentada quando estes sonhos ocorrem. O respeito e temor mesclam-se no cumprimento da interpretação particular que compreende no sonho a necessidade de dedicar uma intenção: seja para que o falecido continue num bom lugar ou na esperança de aliviar a alma que sofre.

Maria de Fátima, aquela senhora que analisamos no capítulo anterior em sua entrevista sobre um sonho com Lucinha (prima falecida), passou a questionar o sentido religioso e o valor simbólico atribuído ao costume de dedicar celebração a falecidos, e também diz não crer que o morto venha ao mundo dos vivos:

Michelle: A senhora acreditava nessas coisas: que gente que já morreu vem em sonho para pedir as coisas:

Maria de Fátima: Hoje eu já não acredito mais, não. Acredito em pouca coisa. Mas eu acreditava.

Michelle: Por que a senhora deixou de acreditar?

Maria de Fátima: Sei lá, comecei a ler a bíblia e deixei de acreditar nessas coisas. Eu não acredito mais, eu acho que morreu a pessoa, eu não acredito que a pessoa se comunique com ninguém aqui da terra não, passei a ler a bíblia, a conversar com outras pessoas, comecei a conhecer novos horizontes. [...] Eu não coloco uma vela. Morreu, acabou. Quem quiser fazer, faça em riba do chão. Porque no outro a Deus pertence. [...] Eu não quero mais acreditar nessas coisas¹⁶⁷.

Maria de Fátima não informou qual seria a outra igreja freqüentada por ela. Entretanto, podemos crer que a mudança vinda com o tempo e com a leitura da bíblia foi um divisor de posições. Precisamente, a senhora, ao defender que lê a bíblia, dá a

¹⁶⁷ LOPES, Maria de Fátima do Carmo. 53 anos. Professora aposentada. Casada. Natural de Crateús. Residente na rua Washington nº 307, bairro Santa Rita em Crateús, Ceará. Entrevista realizada no dia 19/07/2008 em Fortaleza ,quando esta senhora estava de visita à casa de sua filha Ana Keyla Lopes, que reside na avenida Jovita Feitosa.

entender que, quando católica, a leitura era feita de forma indireta, através do evangelho proferido na homilia pelo padre.

De fato, as intenções sempre foram motivo de discussão e discordância. O moleiro friulano Domenico Scandella, o Menocchio, não relutou em proferir para o Tribunal da Inquisição que “morto o corpo, morre a alma”¹⁶⁸. A alma não vive para receber as intenções, sendo uma prática sem serventia para a salvação dos mortos.

Mas, para muitos, as almas necessitam de rezas. Em sua pesquisa Kesia Cristina Alves acredita que, num primeiro instante, as orações e missas rezadas para o cangaceiro Jararaca, em Mossoró, apresentavam o bandoleiro carente das preces para obter a salvação, saindo do purgatório. Posteriormente, as missas também são compreendidas pela autora como veículo de pagamento de promessa¹⁶⁹.

Existem outras almas, porém, que, ao invés de receber rezas e missas para salvação, são concessoiras de graças. Quando estão num lugar de luz superior, são designadas por Deus a auxiliar os que aqui na terra clamam por sua intercessão. As mais conhecidas são as 13 almas benditas e santas, as quais são atribuídos diversos milagres:

ORAÇÃO ÀS TREZE ALMAS

Oh! Minhas 13 Almas Benditas, sabidas e entendidas, a Vós peço, pelo amor de Deus atendei ao meu pedido. Minhas 13 Almas, Benditas, sabidas e entendidas, a vós peço, pelo sangue que Jesus derramou, atendei ao meu pedido. Pelas gotas de suor que Jesus derramou do seu Sagrado Corpo, atendei ao meu pedido. Meu Senhor Jesus Cristo, que a vossa proteção me cubra, vossos braços me guardem no vosso coração e me proteja com os vossos olhos. Oh Deus de bondade! Vós sois meu advogado na vida e na morte; peço-vos que atendei aos meus pedidos, livrai-me dos males e dai-me sorte na vida. Segui meus inimigos; que olhos do mal não me vejam; cortai as forças dos meus inimigos. Minhas 13 Almas Benditas, sabidas e entendidas, se me fizerem alcançar esta graça (Dizer a Graça), ficarei devoto de vós e mandarei publicar um milheiro desta oração, mandando também rezar uma missa. Reza-se 13 Pai Nosso e 13 Ave Maria, 13 dias.

Logo após meu pedido, mandei publicar e distribuir um milheiro desta oração, em agradecimento e para propagar as graças alcançadas através das 13 almas¹⁷⁰.

¹⁶⁸ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betania Amoroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 135.

¹⁶⁹ ALVES, Kesia Cristina França. **O santo do purgatório**. A transformação mítica do cangaceiro Jararaca em herói. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. p. 71.

¹⁷⁰ No fim da oração há uma inscrição que nos informa que sua distribuição é feita através da editora Santo Expedito: “Faça sua encomenda na Editora Santo Expedito R\$ 38,00 + taxa de entrega. De São Paulo, ligue: 2105. 3099. De outras cidades, ligue grátis: 0800.703.1904. E aproveite para pedir o

A oração é repassada em folhetos distribuídos em missas pelos devotos que receberam as dádivas. A doação se firma como um dos passos do pagamento da promessa: a celebração de missa é o outro componente de significado imposto ao pagamento às almas. As treze almas benditas são uma exceção num quadro de devoção popular que é reconhecido pela oficialidade católica apostólica romana. Assegura Oscar Calavia Sáez que “as almas são entidades que contam com um espaço legítimo dentro do catolicismo romano”¹⁷¹.

As almas benditas são cultuadas principalmente na segunda-feira, que é o dia das almas. As intenções são marcadas e celebradas nas igrejas, mas na mesma medida em casa, em seu reduto particular e familiar, Francisca Mota afirma que o dia é bom para pedir e receber as graças das almas benditas: “Segunda-feira é o dia que a gente mais recebe aquelas preces que a gente pede”¹⁷². A segunda-feira para o culto das almas não é um dia instituído apenas pela devoção popular, pois se trata de um “dia consagrado pela Igreja ao culto das almas”¹⁷³.

Os santos oficiais também são recebedores das intenções como pagamento de promessas. Exemplo disso é perceber, numa página da agenda de marcação da paróquia de São Benedito, a indicação de uma graça alcançada:

Livro Santo Expedito: “Um Show de Graças”. Apenas R\$ 25,00. Loja Virtual: www.santoexpedito.com.br”.

¹⁷¹ SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasma falados**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: E. Unicamp, 1996. p. 88.

¹⁷² RODRIGUES, Francisca Mota. A senhora Francisca, conhecida como Chica da Égua, concedeu-me a entrevista em sua residência, na avenida Tabajara, no dia 19/03/2004. Aposentada, estava com 68 anos. Nascida em 25/10/1936. Em 18/06/2006, contando então 70 anos, a senhora faleceu vítima de um AVC.

¹⁷³ SÁEZ, op. cit. p. 118.

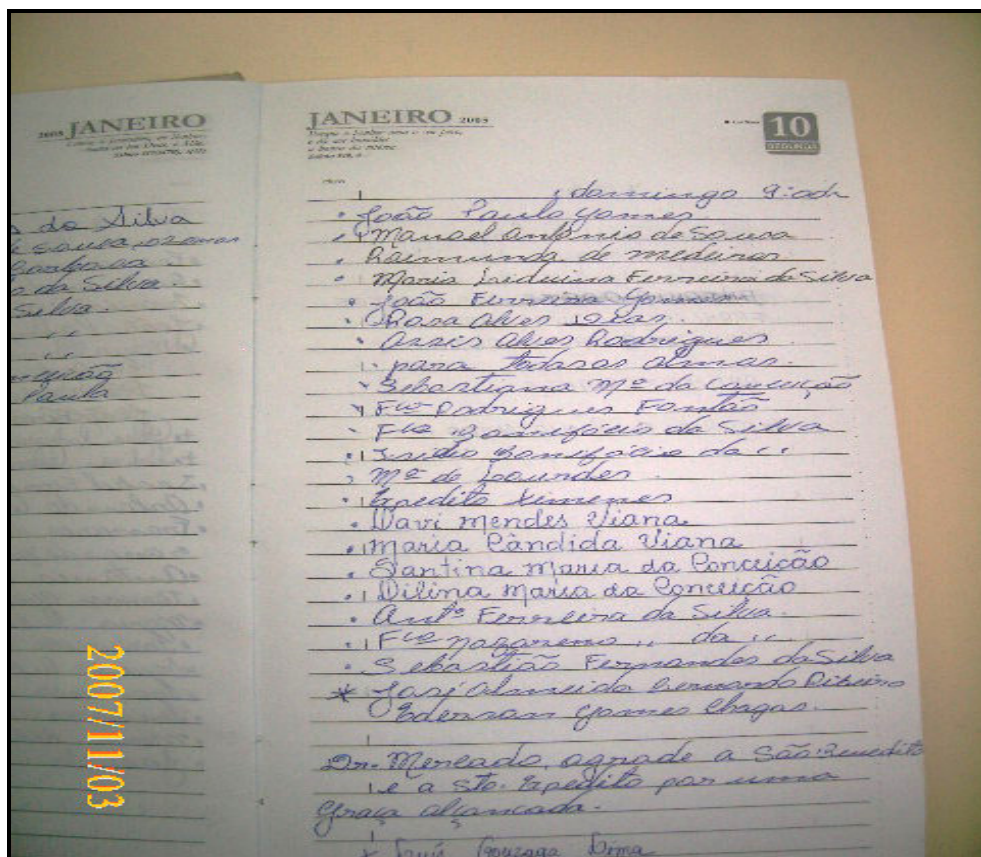


Figura 2: página referente ao dia 10 de janeiro de 2005, fotografada pela autora no dia 03/11/2007.

É no fim da página da agenda acima que observamos a presença de um pagamento de promessa a São Benedito e a Santo Expedito. Interessante é atestar que, neste agradecimento, o nome do devoto é informado: “Dr. Mercado”, ao contrário do que acontece com as marcações destinadas a João das Pedras.

Precisamente na quinta linha da página da agenda está o nome de João, seguido de seu sobrenome, Ferreira e Gomes, em meio a outros falecidos. Uma vez pedi a Fransquinha, a secretária da paróquia, que, ao marcar uma intenção a João das Pedras, informasse o nome do devoto, pois posteriormente poderia realizar uma entrevista. Propus-me pagar o serviço se fosse necessário, e deixar uma agenda exclusiva para a marcação. A senhora relutou, alegando que seria imprópria a prática, afinal nenhuma intenção a outro falecido teria o nome do oferecedor da intenção; além disso, o tempo também não permitiria o intento. Então como se explica o que vimos acima: seria

porque ele é doutor que seu nome de devoto foi mencionado ou por que o santo é do catolicismo oficial?

De fato, as intenções dirigidas a João não pertencem ao surgir de sonhos. E nem são rendidas apenas por familiares. Apesar disso, e observando que os emissores das celebrações não são parentes e nem as intenções podem ser medidas no mesmo sentido que a atribuída a qualquer falecido, o padre João Batista insistiu na defesa da normalidade das práticas à memória do falecido. O padre sugeriu ainda a deturpação da intenção feita por aqueles que a dedicam a João das Pedras, pois a interpretação dos devotos os leva à idolatria da imagem e conseqüentemente da trajetória de vida do ladrão¹⁷⁴:

Agora, pra endeusar uma pessoa assim, santificar uma pessoa, sem conhecer muito a história dele, não é? Foi coisas tão obscuras, assim não foi uma pessoa que tava no meio da comunidade fazendo o bem, que se fazia mais era cobrir um santo pra descobrir o outro, não é? Não era uma pessoa [...]. Sei lá. Do meio da comunidade que tava beneficiando alguém, fazia. Talvez tivesse suas coisas boas, como todos nós temos, e as coisas ruim também. Mas eu acho que ainda falta muito, assim, o povo analisar mais esse tipo de fé, esse tipo de ação, sabe, em relação às pessoas. E porque talvez foi como a forma como truxeram que acharam que ele era santo, não sei que [...]. E você sabe que essas coisas, elas, elas circulam muito rápido, as informações, não é? Se alguém dizia assim para o outro, uma senhora: Olhe, faça uma promessa com o João das Pedras, que ele é milagroso. Então, quem está na dificuldade ou no conflito, tá buscando qualquer opção, qualquer coisa, né. E fazem e às vezes é atendido e mandam celebrar missa e pronto¹⁷⁵. (grifos da autora)

De que lugar fala o padre? Primeiro, do lugar de sacerdote. Indicando a responsabilidade do sacerdote de abraçar e difundir os preceitos da Igreja católica, que sinaliza os cultos oficiais. Em Roma, o veredicto é proferido pelo papa, anunciando

¹⁷⁴ Carlo Ginzburg faz uma menção do clérigo Bernard d'Angers, que avista: “num altar uma estátua de São Geraldo, coberta de ouro e de pedras preciosas, que parecia olhar para os camponeses ajoelhados em prece com olhos brilhantes. [...] mas a veneração das estátuas dos santos lhe parecia um abuso inveterado de gente ignorante” (GINZBURG, **Olhos de madeira**. p. 97). A atitude dos populares diante das imagens foi recriminada pelo clérigo; fica evidenciado nesse trecho que não se deveria adorar as imagens no sentido físico e espiritual do termo. Em São Benedito, a freqüência das promessas, e conseqüentemente das intenções, a João das Pedras é compreendida pelo padre João Batista como um “endeusamento”, e não precisa ter tido João uma estátua e imagem de gesso, ferro, bronze, porcelana, prata, para que pudesse ser adorado. Entretanto, ainda assim há uma “idolatria”, não no sentido de desejar seguir os passos, mas de enaltecê-lo, admirar seus feitos, mesmo que estes tenham sido os roubos passados, e no presente os milagres atribuídos a ele. Conforme o sacerdote, aqui se trataria de outra forma de “endeusá-lo”, por conta de milagres alcançados a partir da “dificuldade e no conflito”, quando o devoto de João “tá buscando qualquer opção”.

¹⁷⁵ RODRIGUES, João Batista.

após um longo processo de investigação sobre o santo: o protagonista de culto e de milagres que os fiéis católicos seguirão oficialmente¹⁷⁶. A Igreja católica, num inquérito minucioso, dita o que é e o que não é milagre, pautada na análise criteriosa da racionalidade moderna¹⁷⁷.

Assim sendo, o culto sem a bênção da instituição católica, por conseguinte, é negado. O seu caráter de prática cultural e popular é visto pelo ângulo que compreende nas práticas do outro a ignorância, a desinformação, a carência de análise, as “superstições”. Uma fé que, segundo o padre João Batista, exhibe uma falta de avaliação.

Além do lugar de padre, João Batista inscreve em sua reflexão a opinião do filho do senhor Epifânio, dono da casa onde morreu João das Pedras. O ladrão não é santo, porque um dia tentou entrar em sua casa. O ladrão não está no meio da sociedade, mas contra a ordem desta: invadindo a casa, roubando o que é do outro. Uma trajetória imprópria para um sujeito alvo de devoção. Deste modo, a biografia do santo é critério de avaliação e de credibilidade para a fé e a devoção. Um discernimento que deve, aos olhos do sacerdote, anteceder a fé do devoto nos poderes milagrosos da divindade. Acreditando não julgar, o padre julga o santo-ladrão.

¹⁷⁶ De acordo com Marília Schneider, o processo para a aceitação do novo santo pode ser compreendido em 4 etapas: “1. **Fase Pré-Jurídica** - [...] esta é, na verdade, a fase promocional, cuja intenção é encorajar uma devoção privada ao candidato e convencer o bispo da diocese onde o candidato morreu de que existe uma persistente e genuína reputação de santidade. 2. **Fase Informativa** – Se o bispo local decide que o candidato possui mérito, ele institui o Processo Ordinário. O objetivo desse processo é obter material suficiente para a Congregação no Vaticano [...]. 3. **Julgamento da Ortodoxia** – Nesta fase é coletado todo o material que tenha sido escrito pelo candidato, publicado ou não. Esse material é enviado a Roma onde é analisado por teólogos. [...]. 4. **Fase Romana** – Logo que o dossiê enviado pelo bispo chega na congregação, a responsabilidade pela causa passa para as mãos do postulador [...]” (SCHNEIDER, Marília. **Memória e história** (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001. p. 108-109).

¹⁷⁷ A necessidade do devoto é o ponto de partida que compreende na graça alcançada o milagre: esteja este configurado num emprego, na cura de uma doença, no achado de um objeto perdido. Ao contrário desse conceito aberto de milagre que tudo abraça como sendo obra de poder do santo, a Igreja constrói sua meticulosa e criteriosa denominação do que seja o milagre, segundo comenta Francisco Régis Lopes Ramos, quando analisa a interpretação vislumbrada pela ótica da Igreja católica de Roma no processo que investigava a hóstia transmutada em sangue na boca da beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte: “Enquanto a Igreja, por meio de Inquéritos, procurava definir a veracidade dos ‘milagres’, o povo seguia as palavras do coração. Os procedimentos eram diferentes. A Igreja necessitava de investigação e reflexões da teologia para definir o milagre: seguia, de certa forma, duas orientações da racionalidade moderna, ou seja, a experimentação e o uso de um vocabulário exato, nos moldes da matemática. Por outro lado, o povo não sentia a necessidade de provas ‘racionais’ da teologia burocratizada: seguia sua fé, suas crenças predispostas a ver manifestação do sagrado. Além de explicitar questões ligadas ao jogo político da hierarquia clerical, o conflito entre a Igreja e os fiéis de Juazeiro é um indício da modernidade que penetrou nos interstícios de um organismo apto a fazer concessões, quando os benefícios agradam ou as pressões apertam” (RAMOS, op. cit. p. 102-103).

O padre João Batista acredita que os sujeitos que cultuam o ladrão estão desprovidos de critérios para avaliar, e, por conseguinte, não conseguem rejeitar “esse tipo de fé”, afirmando que “quem está na dificuldade ou no conflito, tá buscando qualquer opção, qualquer coisa, né?!”. Mesmo no descrédito, o sacerdote admite “E fazem e às vezes é atendido e mandam celebrar missa e pronto”. De fato, contesta-se a legitimidade; mas não, enfim, a eficiência do santo João das Pedras¹⁷⁸.

Precisamente, não é necessário ser padre para utilizar a trajetória de furtos de João de maneira a desvirtuar sua imagem de concessor. O senhor Joaquim Crescença também faz uso desse passado para reprovar o milagreiro: “Deus que me perdoe eu dizer, mas eu não acredito que uma pessoa assim do jeito que ele vivia e fazia obrar milagre assim tão ligeiro, não. Pode até acontecer, que eu não sei do coração de ninguém, mas eu não acreditava”¹⁷⁹.

Maria Ferreira de Souza disse que não fazer promessa com João das Pedras não significa desacreditar no poder do santo e nas graças alcançadas por outros. Contudo, o alcance da graça está vinculado com a fé do devoto:

Michelle: A senhora já fez promessa com o João?

Maria: Eu nunca fiz, nunca precisou. Mas eu nunca fiz promessa. [...] Muita gente dizia que ele foi muito sofrido, sofreu muito, era humilhado do povo. Aí pegaram fazer promessa com ele, e muita gente alcança.

Michelle: Com que santo a senhora faz promessa?

Maria: É só com santo mesmo: são Francisco, Nossa Senhora de Fátima. Mas com ele ainda não fiz, não. Ainda não fiz não, não tive intenção de fazer. Promessa com gente assim só se a pessoa tiver fé. Mas até agora não fiz promessa com ele, não. Eu acredito, o povo faz e o povo alcança, e do jeito que lá tem vela e milagre¹⁸⁰.

Para Maria Ferreira de Souza, João das Pedras, embora atenda aos pedidos, não é santo, não se comparado a “são Francisco, Nossa Senhora de Fátima”. A senhora entrevistada avalia a santidade de João das Pedras também pela sua biografia de ladrão, embora saliente que: “foi muito sofrido, sofreu muito, era humilhado do povo”. Os critérios da oficialidade de quem pode ou não ser considerado como santo interferiram em sua interpretação, porque no fim João “é gente assim”, gente diferente de santo. Por

¹⁷⁸ SÁEZ, op. cit. p. 132.

¹⁷⁹ CRESCENÇA, Joaquim. 83 anos, aposentado, residente no Sítio Pimenteira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004. Seu Joaquim foi carcereiro da Delegacia Municipal de São Benedito e acompanhou muitas das prisões de João das Pedras.

¹⁸⁰ SOUZA, Maria Ferreira de.

outro lado, essa questão abre outra discussão: uma alma pode obrar milagre sem necessariamente ser considerada santa?

Em grande parte, o critério de quem cultua o ladrão é a condição de desprovido das providências terrenas vivenciadas pelos devotos: a dificuldade, a dor, o desalento, a necessidade de ter seu problema resolvido ou a crença e a esperança. Francisca das Chagas, acerca do assunto, afirma:

[...] Ele é muito milagroso. Eu já tenho me pegado com ele, às vezes, quando eu tô assim, tenha se passado alguma coisa, eu me pego com ele, peço a ele pra me ajudar, ele me ajuda. Tudo enquanto eu só falo nele, falo primeiro em Deus [...], porque Deus é o mais verdadeiro, né? Agora tem muita gente que não acredita, diz que alma não obra milagre, não sei o quê. Mas eu acredito... Eu rezo pra ele, porque tenho aquela devoção com ele. [...] Ele mesmo, né? Ele fez muita caridade [...]¹⁸¹.

É a crença da devota Francisca das Chagas, que, mesmo diante da descrença dos outros, constitui o culto, tornando-o vivo, presente nos arredores de São Benedito. A devota sabe que João era ladrão, mas a sua biografia de fora-da-lei é substituída ou acrescida por outra mais conveniente: a do milagreiro concesso.

Acreditar em João das Pedras como concesso é uma escolha particular, mas a propagação do poder miraculoso percorre o coletivo. E a circulação da alma milagrosa, pouco a pouco, seduz outro necessitado. O santo é aceito no universo do devoto quando a confirmação de suas concessões é ressaltada.

Eu fiz uma promessa que eu tinha meu joelho direito muito inchado. Aí se eu alcançasse as graças, eu mandava fazer um joelho de pau e trazia. E fiquei boa e trouxe, e todos os anos eu venho agradecer. Tá com oito anos, e eu não senti mais. Eu tenho fé nele, que ele foi um menino muito sofredor¹⁸².

Quando a terra não oferece alento, o céu se reveste de brandura e calma, apontando possibilidades dos poderes dos santos e de Deus. E o povo clama ao santo de sua estima, buscando apoio, confessando sua confiança no sagrado. A promessa é feita

¹⁸¹ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos. Funcionária pública. Residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

¹⁸² GONÇALVES, Francisca das Chagas. 59 anos. Cozinheira do Hospital Municipal de São Benedito. Residente no bairro Vila Franco. Entrevista realizada no Cemitério no dia 02/11/2008.

com o santo que concedeu, anteriormente, uma graça a alguém. Os milagres são a apresentação do poder do santo¹⁸³:

É os problemas que a gente tem na vida: falta de dinheiro e de trabalho, saúde a gente consegue, né. Pedindo a ele com fé e a gente consegue. Sempre que eu preciso, eu peço primeiramente a Deus e depois a ele, e a gente consegue, eu e minha família. Ele roubava dos ricos para dar aos pobres. Eu tava precisando de trabalhar e consegui: tô trabalhando. Ficar desempregado é ruim. Todos os anos a gente vem e acende vela para ele¹⁸⁴.

A confiança surge a partir da comprovação de que um amigo, um vizinho, um familiar também alcançou uma graça com o santo-ladrão, assegura outra Francisca, que é Rodrigues:

Michelle: A senhora fez alguma promessa com o finado João das Pedras?

D. Francisca: Fiz e alcancei. O meu filho vivia paraplético, bem dizer. Paraplético que ele não podia trabalhar. Doente da coluna, ele ficou aleijado. Eu me vali da alma dele, abaixo de Deus. Tô contando a história. Só falta eu pagar minha promessa.

Michelle: O que ele sentia?

D. Francisca: Era só a dor nas costas, com a dor na perna muito grande. A perna dele, o povo diz até que aquela... – como é, meu Deus? – não tem aquela coisa que era a coluna de, de não tem, não o sei que disco?

Michelle: - Hérnia de disco?

D. Francisca: - Sim. Todo mundo diz que era isso. Graças meu bom Deus. Ele passou mais de, de... ele passou um ano doente. Ele nunca foi ao médico, ele não queria ir ao médico. Eu dava assim uns comprimidozim a ele da bodega. Ele não queria ir. Aí eu me vali da alma dele e aí fui valida. Graças a Deus, meu filho tá bom e como você viu ele.

Michelle: Ele tinha quantos anos?

D. Francisca: Ele agora tem trinta e pouco.

Michelle: Como é o nome dele?

D. Francisca: É Benedito Rodrigues da Silva.

Michelle: Faz muito tempo que a senhora fez a promessa?

D. Francisca: Tá com um ano, mais dum ano, foi ano passado, né.

Michelle: Hoje em dia ele não sente nada?

D. Francisca: Não. Ele trabalha e tudo, não sente mais nada, não, ele corre, ele pula. E antigamente, e no ano passado, ele não fazia nada disto.

Michelle: - Ele trabalha de quê, dona Francisca?

D. Francisca: Trabalha de enxada, assim. De vez em quando o povo chama ele pra ajudar, assim, trabalho em construção: ele vai, quando tem, né? Mas o pobre véi trabalha mais é de enxada, e é o que prejudica mais, né?

¹⁸³ O poder do santo é vislumbrado pelo milagre e principalmente como este é visto e interpretado pela sociedade que o assiste, como adverte Régis Lopes Ramos: “A crença, portanto, possui uma fundamentação no que é visto, ou melhor, na forma pela qual certos acontecimentos são percebidos” (RAMOS, op. cit. p. 25).

¹⁸⁴ LIMA, Francisco Augusto. 42 anos. Pedreiro. Residente na rua Irineu Pinto da Silveira. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito no dia 02/11/2008.

Michelle: E em troca de alcançar a graça, a senhora prometeu o quê?

D. Francisca: O finado João das Pedras? Foi celebrar uma missa e mandar fazer um milagre que é a perna. Aí eu vou mandar celebrar a missa, rezar um terço e soltar uns fogos.

Michelle: Em agradecimento?

D. Francisca: Ave Maria. Foi ele que me valeu na hora, no momento mais que eu tava mais precisando.

Michelle: Mas como foi que a senhora se lembrou de fazer esse voto com ele?

D. Francisca: É porque ele [...] a gente aqui qualquer coisa, a gente se vale dele e é valido. Nós por aqui, todo mundo, todo mundo faz um voto com ele, aí alcança.

Michelle: Você já foi alguma vez ao túmulo dele?

D. Francisca: Eu vou toda segunda-feira, só não fui nessa semana, mas eu vou. Eu vou acender vela, rezar pra ele. Aí vou alcançar outra graça dele pra ele me dar, pra receber um atrasado que eu tenho que receber.

Michelle: A senhora já pagou a graça que fez a ele?

D. Francisca: Ainda não. Vou pagar. Qualquer dia, não sei o dia. O dia que eu tiver dinheiro, aí eu vou pagar¹⁸⁵.

A graça alcançada é diversa, desde um caso de saúde ao recebimento de um dinheiro esperado. João das Pedras é, para Francisca das Chagas, o santo de “todo mundo”, de todos do seu mundo, dos desvalidos que trazem como a maior e talvez a única riqueza, a fé. O santo-ladrão é o santo da principal causa: a da necessidade do devoto. A crença, nesse sentido, é afirmada quando seu filho passa a fazer tarefas que antes não fazia, por ter ficado bom, sem seqüela, sendo João o remédio a proporcionar o efeito ansiado.

O pagamento é prometido com ares de celebração. Os fogos são a glória dada aos céus e ao santo João das Pedras pela cura. A missa intencionada se junta com a feitura do “milagre que é a perna”, a dívida deverá ser paga na igreja e no cemitério. O conessor é nestes dois lugares afirmado como milagreiro. As intenções, tanto quanto os ex-votos expostos no túmulo de João das Pedras, sustentam o culto. A primeira impõe, pelo sentido da audição, a feitura do ladrão feito santo. Os ex-votos seduzem pelo vislumbre do olhar. O santo é construído pela fé, tanto quanto pelos sentidos.

A intenção custa dois reais; parece pouco, mas é muito para quem vive de pouco. E a promessa nem sempre é de imediato paga quando o pedido é concedido. A

¹⁸⁵ SILVA, Francisca Rodrigues da. 73 anos. Aposentada. Residente na rua Ministro Antonio Coelho, em São Benedito, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 25/02/2005.

Francisca Rodrigues resta acender velas e rezar no túmulo de João, cultivando a compreensão do santo, para não castigá-la pela demora do pagamento.

As celebrações como pagamento de promessa não são recebidas exclusivamente a João das Pedras. Marília Schneider, estudando a devoção ao Menino Antoninho em São Paulo, afirma que as formas de pagamento ao menino que morreu tuberculoso em 21 de dezembro de 1918 podem ser especificadas, “entre as quais as mais comuns são: mandar publicar ou comunicar a graça, acender velas no túmulo do santinho ou visitar seu túmulo, mandar rezar missa para o mesmo [...]”¹⁸⁶.

No início desta análise, observamos que a mãe de João das Pedras não lhe dedica intenções. Isso, porém, não significa uma atitude seguida por toda a sua família. Raimunda Marques reconhece o poder divino do irmão: o santo de casa, para ela, fez milagre:

Michelle: E essa devoção que o pessoal tem com ele?

Raimunda: Eu mesmo aqui, eu tenho essa moça bem aqui da roupa branca aqui. Ela era aleijada dos dois pés. Quando eu tive ela, quando eu butava ela em pezinha, assim, a bichinha ficava com as palminha do pé era assim. Eu começava a chorar ali em riba da cama, eu enrolava uns pano nos pé dela, porque o povo dizia que era bom. Eu começava a chorar em riba da cama. Dizia assim: Ô, meu Deus, quando minha filha crescer, o povo vão mangar dela, porque ela é aleijada. Aí eu fiz um voto com ele, se a minha filha ajeitasse os pé, eu mandava dizer uma missa pra ele no Juazeiro. Aí não foi uns cinco mês, aí eu butano uns panim, aquele negócio nas juntas dos pés dela, aí foi... ela ficou normal dos pés. Aí já foi uma graça de Deus que eu alcancei.

Michelle: Você foi pra Juazeiro?

Raimunda: Fui não. Mandeí uma velhinha que morava bem aqui dizer a missa pra ele, lá. E já faz uns dez anos. Eu disse assim:

- Dona Jarda, a senhora faz um favor pra mim?

- Diga, minha filha.

- É que eu fiz voto com meu irmão, finado João das Pedras, pra me mandar dizer uma missa pra ele, no Juazeiro.

Aí ela levou, parece que foi dois tões, daqueles conto antigo ainda. Aí ela levou [...].¹⁸⁷

O voto de Raimunda é pago ao irmão santo, no espaço de um santo maior, o padre Cícero. De fato, para os devotos, João não é somente um cristão, como havia sugerido o padre João Batista. No imaginário dos devotos, *o finado* obra milagre. As intenções ajuntam-se nas agendas e nas homilias, construindo, além da imagem do

¹⁸⁶ SCHNEIDER, op. cit. p. 87.

¹⁸⁷ MARQUES, Raimunda. Agricultora. Casada. Irmã de João das Pedras. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Baixa Grande, no dia 12/02/2004.

santo, a imagem do devoto que transmuta uma prática do catolicismo oficial, destinando-a ao culto popular a um ladrão. As intenções, configuradas num pagamento acessível para o pobre que pouco tem para oferecer, anunciam a proximidade, a identificação do devoto com a imagem do santo-ladrão.

Intenções que também se apresentam longe dos arredores de São Benedito. Assim foi em Canindé, Ceará: “No dia 21 de outubro desse ano durante a missa, falaram uma missa em homenagem ao finado João das Pedras que tinha alcançado uma graça, foi celebrada a missa para ele na basílica de São Francisco. Eu conheço muita gente que fez promessa com ele e alcançou”¹⁸⁸.

Com a abordagem construída até o presente instante, observamos que as intenções são multifacetadas. As interpretações múltiplas se cruzam na mesma direção, a da necessidade de assegurar uma vida mais digna, saudável e feliz: física e financeiramente. Manter ou melhorar a saúde, a conquista do emprego, do amor, o pagamento ou recebimento de dívidas, a busca de soluções para que as desavenças sejam perdoadas, achar objetos perdidos, adquirir bens.

¹⁸⁸ LOPES, Lucineide Matos. 41 anos. Feirante do Mercado Municipal. Residente no bairro do Chora. Entrevista realizada no Cemitério no dia 02/11/2008.

2.2 O alcance da graça

A morada eterna está circunscrita nas terras que anunciam o começo do Sítio Lagoa. É o segundo cemitério que foi construído na cidade. No espaço onde havia o primeiro, hoje se encontra erigida a capela Nossa Senhora do Carmo¹⁸⁹. João das Pedras fora sepultado nos fins da tarde de 4 de abril de 1978, no cemitério de São Benedito.

O pedaço de chão que recebeu o corpo de João das Pedras fora doado por um primo de sua mãe, Maria Ferreira. A cova não recebera nenhum aparato, além de uma cruz preta de madeira. Faltavam inscrições que datassem seu nascimento e morte, não havia qualquer fotografia. Apenas as rosas trazidas pelas mãos de alguns que acompanharam seu cortejo foram ali despejadas e arrefeceram.

João das Pedras, mais um defunto desprovido de identificação perante as outras construções ali, no cemitério. A cerâmica que veste grande parte dos sepulcros abrilhanta mais e mais com a luz solar; os retratos ovais ou em molduras quadradas foram fotografados no sangue quente da vida, mas a imagem é fria e os risos são poses congeladas, envolvidas pelo tom sombrio da morte.

O que dizer da estrela e da cruz? A primeira inscrevendo o nascimento. Foi a estrela, segundo o novo testamento da bíblia dos cristãos, que, nos céus do Oriente, guiou e conduziu os três reis magos ao lugar onde havia nascido o Menino Jesus. Uma das razões por ser a estrela que inscreve o nascimento nos sepulcros. Ao contrário, a cruz é a dor, a morte, o símbolo que registra a passagem para o além. Jesus morreu crucificado, e é a cruz que crucifica a vida sobre as tumbas, mas a cruz também

¹⁸⁹ Brandão e Furtado divergem sobre o período em que foi demolido o primeiro cemitério e construído em seu espaço a capela Nossa Senhora do Carmo. Brandão pontua que “O primeiro cemitério foi construído pelo padre missionário José Tomaz de Albuquerque, em 1863, e foi utilizado até 1914, sendo demolido após traslado dos restos mortais das pessoas ali sepultadas para o novo cemitério. Hoje, no local encontra-se a capela de N. S. do Carmo. O cemitério atual teve sua construção iniciada em 1906 e somente concluída em 1914 na gestão do intendente – depois prefeito – José Luiz Pereira” (BRANDÃO, op. cit. p. 28). Furtado, por sua vez, relata que apenas em 1948 o antigo cemitério foi totalmente demolido: “Em 25/09/1948, Pe. Coutinho pediu licença ao bispo diocesano para terminar a demolição do cemitério velho, construído em 1863 pelo Pe. Missionário José Thomaz de Albuquerque. Aproveitou o material velho e construiu no terreno anexo a capela de Nossa Senhora do Carmo. Capela e imagens de são José e santo Antônio foram solenemente bentas por dom José Tupinambá da Frota em 16/07/1953” (FURTADO, op. cit. p. 158). A cidade cresceu e com esta o número de falecidos, e já é observado que o espaço que serve para os sepultamentos desde 1914 não propicia novos lugares para outros túmulos e sofre pela falta de espaço para novos sepultamentos.

apresenta a ressurreição do filho de Deus. E mesmo os não cristãos carregam os símbolos do cristianismo, ao inscrever sua data de nascimento ou morte.

É possível perceber que as covas também constroem suas especificidades. As covas ficam pequenas e silenciosas diante da suntuosidade dos demais jazigos, postam-se num amontoado de terra trazendo uma cruz na cabeceira, a indicar a cabeça do corpo do defunto. A cova não teve, assim como o defunto, o direito de muitos aparatos: limitada pela cal transparente que pinta, além do nome na linha horizontal, a data de nascimento e morte que se verticaliza sobre a cruz de madeira. O vento é aqui injusto, apagando as velas desprovidas de teto. Estas ainda anunciam, mesmo que discretamente, a que defunto pertence o lugar.

A cova de João das Pedras se assemelhava a outras. Apenas uma cruz sem nenhuma inscrição. João teria a sua ossada e a sua memória sepultadas pelo areal sem identificação. O espaço da morte é construído de sepulcros diversos, habitado por conflito e exclusão¹⁹⁰. A cova, ainda, marca a sepultura do pobre que adentra no além perpetuado no anonimato, e apenas seus familiares guardam que ali que está enterrado seu parente.

A família de João das Pedras não pretendia erigir nenhum mausoléu ou túmulo. O dinheiro para as necessidades de sobrevivência impedia de modificar a situação da cova.

A transformação é feita de forma sigilosa. Maria Ferreira é informada pelo pedreiro Exedito Jorge acerca da modificação:

Um dia eu ia para a rua e eu encontrei um homem. Ele é meu conhecido demais.

- Dona Maria, a senhora sabe de uma coisa?

Eu disse:

- Não.

Disse:

- Uma mulher acolá fez um voto com a alma do finado João, e foi válida. E aí ela mandou fazer um tumbo lá no lajão dele.

¹⁹⁰ A morte uma extensão da vida, das condições sociais, políticas, religiosas e principalmente econômicas e são essas questões que ditam as diferenciações na morada eterna, segundo nos assegura Henrique Sérgio quando analisa a arte de alguns túmulos do Cemitério São João Batista em Fortaleza, Ceará: “Posto ser o cemitério um espaço de conflito e exclusão. Não existe um único modelo de apresentar a morte, pois as atitudes diante da finitude não são idênticas. E tal não se dá sequer entre os membros de uma mesma camada social, quanto mais entre grupos socialmente opostos”. Vide: BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida**. Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915). Dissertação em História apresentada ao curso de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará. 2003. p.13.

Eu disse:

- E foi?

Ele disse:

- Foi.

Eu disse:

- Ô, Expedito – o nome dele é Expedito Jorge – me diz.

Ele disse:

- Não, não vou dizer, não. A senhora vai saber por boca dos outros. Porque essa pessoa fez, mas pediu pra eu não dizer pra ninguém, eu tô dizendo pra você, porque é mãe.

Aí, um dia eu fui no cemitério, tava mesmo o tumbo lá feito. De lá pra cá, o povo continuaram, continuaram, continuaram¹⁹¹.

Em torno da construção do túmulo, um enigma: quem teria ordenado a construção? E não é apenas a mãe do falecido que se questiona a esse respeito. Cogitam-se, na cidade, diversos nomes. Uns afirmam que teria sido a esposa de um candidato a prefeito nas eleições de 1988 em São Benedito, que nas vésperas da eleição teria pedido para o esposo ser eleito.

A potência da construção reside não em sua transformação de cova a túmulo, mas em sublinhar que a modificação ocorre como um pagamento de promessa aos olhos de todos. O segredo incita diversas hipóteses de quem seria a concessora, seduzindo e aguçando a curiosidade pelo não-dito. A cada dia de finados, em torno do jazigo, comenta-se: “Sabe quem foi que construiu o túmulo do finado João? Uma devota que alcançou uma graça muito poderosa”. Essa frase ouvi de diversas formas, sempre com o mesmo sentido: o milagre foi grande porque também foi visível o tamanho de seu pagamento.

O pedreiro responsável pela construção, Expedito Jorge, mesmo passados tantos anos, já aposentado e agora viúvo, não quebrou a palavra dada a quem o contratou para erguer o túmulo. É uma verdade que ambos levarão ao túmulo:

Foi uma senhora que mandou eu fazer. Aí, então, ela pediu que eu nunca dissesse quem era quem tinha mandado. Quem perguntasse, dissesse que não tinha sido ela que mandava fazer. Quando foi um dia, chegou uma senhora lá [...] Eu tava fazendo o tumbo, e disse:

- Fulana, [...] fulano disse que tinha feito o túmulo do João das Pedras.

Eu fiquei calado, porque não ia responder. Uma pessoa de fora, do sítio. No caso, tinha sido daqui de dentro da rua, uma família pobre que mandou fazer. Foi uma família pobre. [...] Ela tinha alguma promessa a fazer

¹⁹¹ GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada em sua residência no Sítio Pimenteira em São Benedito no dia 01/06/2003.

e então mandou eu fazer esse tumbo lá. Só uma gaveta, eu fiz por vinte cruzeiro naquele tempo. A mulher me conhecia, aí, então, quando ela fez, ela pediu pra eu nunca dizer pra ninguém, e eu nunca disse, eu tô dizendo agora, a pessoa ainda mora aqui em São Benedito. Lá só tinha a cova e o terreno limpo, aí eu fiz o tumbo só de uma gaveta, aí chegaram e botou ele dentro. Só fiz a cruz e fiz uns enfeites para a cruz. Eu nunca falei nem para a mãe dele¹⁹².

A construção tumular, misteriosa e compreendida como pagamento de promessa, passou a ser o altar do santo. João das Pedras recebeu um monumento em sua glória e honra, no sentido de perpetuar a recordação da sua imagem como ladrão que “obra” milagre. É este o sentido que é atribuído pelos devotos¹⁹³.

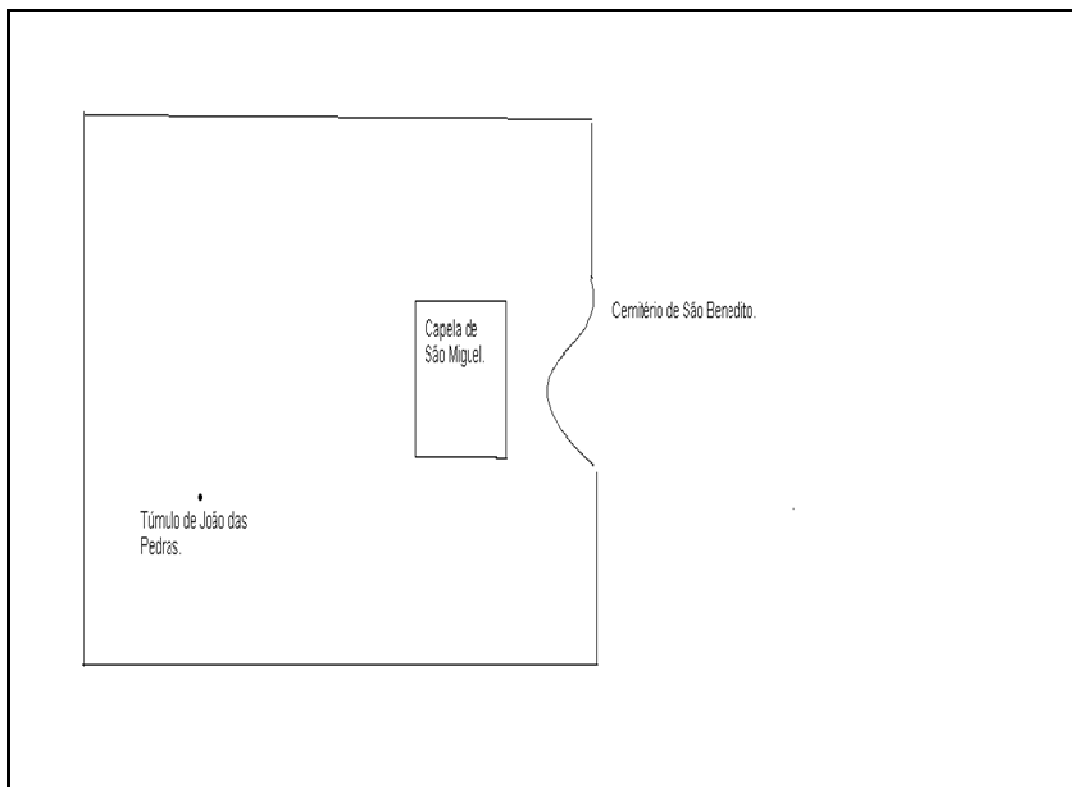
Em fevereiro de 2003 fotografei o túmulo de João das Pedras pela primeira vez. A cerâmica quase totalmente escondida pela presença das marcas negras da fumaça das velas. Continha alguns ex-votos, que se amontoavam desordenadamente, na maioria madeiras em forma de braços, cabeças, mãos, pés, coroas de flores, além de garrafas com água, imagens de santos, terços. A falta de identificação do defunto prevalecia. A cruz preta na cabeceira tumular e a cerâmica permaneciam as mesmas, como o senhor Expedito Jorge as fez – constatação feita durante a entrevista com o pedreiro.

¹⁹² COUTINHO, Expedito Jorge. 78 anos. Pedreiro aposentado. Residente na travessa Francisco Cavalcante, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 03/01/2008.

¹⁹³ O monumento funerário seria um dos sentidos especializados pela categoria monumento, adotada por Jacques Le Goff. Quando erigido, crêem seus construtores na imortalização de quem fora o homenageado pela construção. De acordo com Le Goff, isso é uma verdade que se arrasta desde a Antiguidade romana: “um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada” (LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. p. 526).



O túmulo de João das Pedras fica precisamente do lado esquerdo, seguindo ao lado da capela de São Miguel, no cemitério de São Benedito. Abaixo o mapa indica sua localização:



A mudança de cova para túmulo também contribuiu para a propagação da imagem do milagreiro. O túmulo pode não ter sido o primeiro pagamento, nem necessariamente aponta a primeira graça alcançada, mas é o pagamento maior aos olhos de muitos; é a este lugar que se referenciam quando se menciona a devoção. O culto a João das Pedras é recebido em outro espaço público e ele, ladrão-santo, fica exposto ao público quando é vislumbrado pelos portões do cemitério de São Benedito. Espaço público por ser de todos, dos vivos e de mortos, lugar onde são permitidas todas as práticas religiosas, sincréticas ou não, como definiu Oscar Calavia Sáez ao comentar que este seja “talvez o espaço mais indistinto e promíscuo da grande cidade brasileira”¹⁹⁴.

Quem adentra este recinto percebe, mesmo que de longe, as chamas ao redor do túmulo, dando a impressão de um jazigo que queima pelas velas e pelas práticas de fé. São os milagres, salienta a senhora Francisca das Chagas: “Lá no túmulo dele tem

¹⁹⁴ SÁEZ, op. cit. p. 79.

tanto milagre. Quando é dia de finado, acende tanta vela, quero que você veja. Onde se acende mais vela é lá, acende mais lá do que na igreja”¹⁹⁵.

Desde que João das Pedras fora para o mundo dos mortos e que fora recebido pelos devotos no mundo das graças, recebeu a identidade de morto mais visitado e que mais recebe velas em todo o cemitério. Não é necessário ter feito alguma promessa ou crer nos poderes do santo para identificar seu primado no cemitério de São Benedito. A senhora Francisca Muniz e o seu compadre José do Vale nunca fizeram promessa com o santo: indo anualmente à morada eterna para velar seus mortos, construíram uma imagem sagrada diante do sepulcro do ladrão:

Sra. Francisca Muniz: [...] Aqui em São Benedito, o pessoal alcança muitos milagre com ele. Eu quero que você veja o túmulo dele, dia de finados as velas correm do túmulo para o chão. Muitos milagres mesmo¹⁹⁶.

Sr. José do Vale: Sabe, dia de finado, no cemitério, a cova dele lá, eu quero que você veja, é vela pra todo lado. Na cova dele é muita gente que vem aí de fora, que não é nem parente e bota vela e vem visitar. E por isso que eu digo que ele é [...]¹⁹⁷

As velas são compradas na calçada do cemitério, quando na entrada se ouve a barulheira que ecoa da voz daquelas crianças e adultos: “Quem quer comprar vela? Um pacote é só um real”. Andando de um lado para o outro, carregando aquelas caixas que mais pareciam de sapatos, entoavam o canto de ambulantes, repetidas vezes. Imagens que se repetiram nos dias de finados, nos anos de 2003, 2004, 2005, 2006, 2007.

As velas, geralmente, vieram acompanhadas por outros ex-votos. Há devotos que acendiam um maço inteiro. Os curiosos, quando atraídos na observação das velas que queimavam e dos pagamentos, perguntavam de quem seria o túmulo, e o porquê das velas. Alguns, depois das respostas, também seguiam a depositar velas e ali faziam seus votos. Aqui, uma promessa de um novo devoto se punha.

As primeiras velas poderiam ter sido acesas no local de sua morte: a casa do senhor Epifânio Rodrigues, no bairro do Cruzeiro, precisamente no quintal da casa, como salienta o padre João Batista:

¹⁹⁵ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos. Funcionária pública. Residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

¹⁹⁶ NASCIMENTO, Francisca Muniz do. 81 anos, aposentada, residente na rua Deputado Vicente Ribeiro, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, em sua residência.

¹⁹⁷ VALE, José Rodrigues do. 73 anos. Agricultor. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, na residência de sua comadre Francisca Muniz do Nascimento.

[...] depois de uns cinco, seis dias, alguém queria acender alguma vela, alguma coisa, não é, no local, mas como era na cozinha, que hoje é um quarto [...] sugerimo:

- É, não seria melhor a senhora acender lá no cemitério, no túmulo dele? Pronto, não tinha nenhuma reação¹⁹⁸.

Quem sabe, no escondido canto do lar, outras velas já não tivessem sido acesas? Ou no terreiro do quintal? Afinal não se acende vela para falecido dentro de casa. João, o defunto, carecia de vela e de luz para encontrar o seu caminho: o da eternidade. Seguiria rumo a buscar a sua condenação, a sua salvação, ou receber de Deus o alívio e ser sentenciado a estar no lugar intermediário, o do purgatório, esperando rezas e piedades. João das Pedras atraiu velas por sua morte ser compreendida como: “Uma imagem de morte absurda, rápida, e casual. Uma morte que, de nenhuma maneira, é resultado de um processo natural”¹⁹⁹.

A presença das luzes, mesmo dispostas a serem acesas, logo após a morte de João das Pedras, indica a necessidade de rogar pelo ladrão morto. Carecia de luz para clarear seu caminho. É somente naquele momento que percebo que as intenções de preces não podem ser identificadas como pagamento de promessa²⁰⁰.

Maria das Graças, informalmente, havia comentado que os pagamentos deixados sobre a cova de seu irmão João das Pedras se amontoavam de tal forma, que o coveiro Sula os queimava para dar lugar a outros. Além do coveiro, eram os próprios devotos que destruíam os ex-votos, quando acendiam as velas. Maria Ferreira Gomes assegura que seu irmão adotivo, José das Pedras, vigiava a cova do filho no dia de finados:

Dia de finado, menina, era tanto milagre em cima da cova do túmulo desse rapaz. O que o povo fazia, tinha meu irmão que ele ia pra lá de plantão. Ora, aqui não é para botarem vela, para não queimar os milagres. O povo fazia era os montes e queimavam. E hoje em dia está do mesmo jeito.

¹⁹⁸ RODRIGUES, João Batista. 38 anos. Sacerdote. Entrevista realizada na secretaria paroquial de São Benedito no dia 02/10/2005.

¹⁹⁹ PORTELLI, *As Fronteiras da Memória*. O Massacre das Fossas Ardeatinas. História, Mito, Rituais e Símbolos. p. 25.

²⁰⁰ Kesia Cristina França Alves, ao analisar as velas que são acesas no túmulo do cangaceiro Jararaca, no cemitério de Mossoró, afirmando que grande parte das luzes é rendida pela crença de que o cangaceiro, embora conessor de graças, necessita de velas, sugere o sentido duplo: a vela que agradece é a mesma que auxilia para a salvação do santo popular: “[...] os devotos levam velas ao seu túmulo. ‘Porque ele precisa de luz no caminho dele’, explica d. Julia. É uma relação mágica entre o objeto concreto (as velas) e a situação de vida imaginada em outro plano – que Jararaca precisa de luz no caminho da vida no Além”. (ALVES, op. cit. p. 76).

Ninguém, eu não vou mais pedir graça ao finado João, porque [...] não. Hoje em dia, até o padre faz²⁰¹.

A família de João desconhece o início da devoção. Maria das Graças, irmã de João das Pedras, lembra ter escutado, pela emissora de rádio Planalto AM, ouvintes que por meio do programa “A hora do anjo”, apresentado às seis da tarde, agradeciam a João pedidos que foram atendidos:

Depois de [...] eu não tenho nem idéia, assim, quando foi que começou, pode ter sido uns dez ou cinco, eu não sei quando foi, não. Começou o pessoal, assim, na rádio, colocava aquelas graças alcançadas pra ele. Mas eu não lembro a data, sempre assim, a gente não ficava bem ativa para tudo em dia, para, no dia que precisasse, a gente tá com tudo gravado. Às vezes, ninguém nem prestava muita atenção, deixamos passar. Era a Rádio Planalto, eu não lembro o programa, mas eu tenho na memória que o animador mesmo d’“A hora do anjo”, acho que era, parece, Macário Martins²⁰².

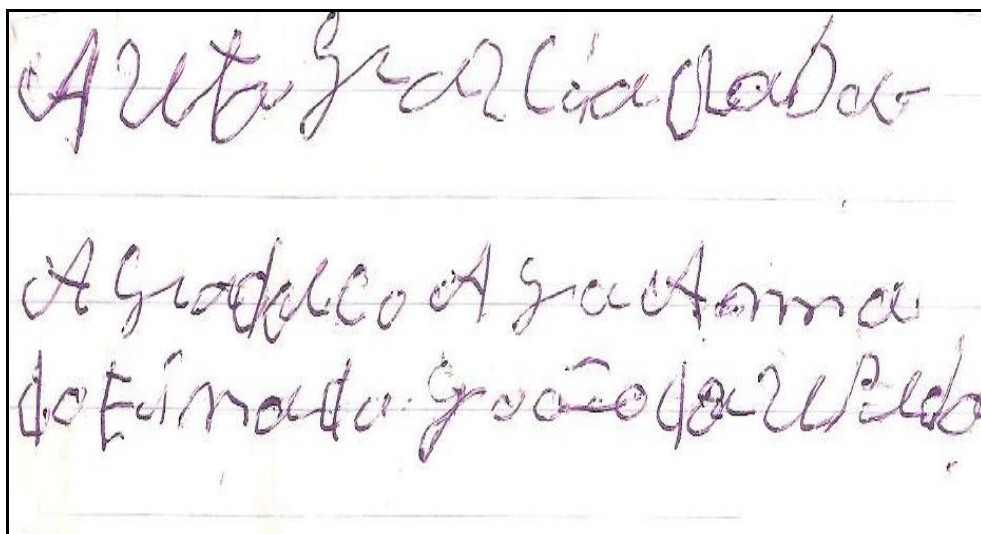
O programa “A hora do anjo” não existe mais. Em seu lugar, o terço de Maria. Além de Maria das Graças, outras pessoas confirmaram ter escutado pagamentos de promessas rendidos a João das Pedras: o agraciado enviava uma carta endereçada ao programa que continha todo passo do pedido, quando, como e por que havia sido feita a promessa e quem era o beneficiado pelo milagreiro. A carta era lida no ar. A promessa paga tomava uma dimensão de adentrar a casa do ouvinte, propagando a figura do pagador de promessa, tanto quanto do seu santo de devoção, o João.

A Rádio Planalto AM não possui arquivadas as cartas a João das Pedras nem a outro santo. Foram abandonadas para dar lugar a novas cartas que também seguiriam ao mesmo destino: o lixo.

Outros meios surgiram no decorrer dos anos, como deixar bilhetes sobre o túmulo do intercessor:

²⁰¹ GOMES, Maria Ferreira.

²⁰² GOMES, Maria das Graças Marques. 53 anos. Dona de casa. Entrevista realizada no dia 12/02/2005, em sua residência, no Sítio Pimenteira, em São Benedito.



Nas duas linhas finais é possível compreender a inscrição onde se lê:
Agradeço a Alma do finado João das Pedras.

Os bilhetes fazem parte de um acervo restrito diante de outros, como os pedaços de madeira simbolizando partes do corpo humano. Talvez a explicação resida em dois motivos: sem um teto de proteção os ex-votos ficam expostos ao mais leve sereno. Este foi deixado sobre o túmulo no dia 2 de novembro de 2007. Hoje não mais existe.

Além disso, pude perceber que grande parte dos devotos é analfabeta, ou semi-analfabeta. Há bilhetes que se foram com as chamas das velas que queimavam ao redor do jazigo, atitude que compunha o ritual do agradecimento ao santo, como assim o fez a senhora Gonçala de Araújo no dia 2 de novembro de 2005:

[...] me apresentou uma dor muito grande aqui em meu braço. Aí, eu vim para o hospital. Cheguei, justamente, era no dia de finado. Não tinha médico. Aí, eu fui até a farmácia, lá o farmacêutico passou um medicamento pra mim, aí eu tomei, aí eu tive na casa de uma amiga, ela deu uma massagem. Aí eu me deitei lá um pouco, aí quando eu melhorei, aí vim para o cemitério. Vim até a cova do finado João das Pedras, me peguei com ele, fiz a promessa, que era pra mim fazer: a promessa era pra mim fazer o bilhete pra queimar na cova dele, que era pra fumaça subir até chegar o Nosso Pai. Então eu alcancei as graças e hoje tô aqui pagando. Foi no dia de finado do ano passado e já agora nesse ano vim pagar. [...] Tô boazinha, eu não senti mais nada²⁰³.

²⁰³ PAIVA, Gonçala Araújo de. 57 anos. Funcionária do Conselho Fiscal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Diretoria do Comitê do Programa Fome Zero. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando sua visita ao túmulo de João das Pedras, neste local, no dia 02/02/2005.

O poder do concessor e a fé da devota trouxeram o alívio. Um modo peculiar de pagamento de promessa: o bilhete é o ex-voto escolhido. A dor do braço é dissipada tanto como a fumaça. Antes que a senhora Gonçala Araújo seguisse com o pagamento, interfeiri e transcrevi o bilhete, além de fotografá-la segurando o ex-voto.

Estou escrevendo estas palavras para agradecer umas graça alcançada a Deus e a alma do João das Pedras. Porque hoje faz um ano que me apresento uma grande dor no meu braço e eu fui validada, pela alma do João das Pedras e estas graças eu alcancei, muito obrigada e muito obrigado e muito obrigado.

Agradece Gonçala Araújo de Paiva²⁰⁴.

²⁰⁴ Id.



Logo após, o bilhete foi queimado com as velas acesas ao redor do túmulo de João das Pedras, e estava paga a promessa. Outro ex-voto em menor proporção é a fotografia produzida pelo devoto com sua imagem corpórea, como é comum observar nas casas de devoções, a exemplo das de Juazeiro do Norte e Canindé. Abaixo se vê uma fotografia que foi deixada sobre o túmulo de João das Pedras no dia de finados de 2007, embora seja impossível identificar a quem pertence, pois apresenta somente duas mãos:



É possível compreender somente que a graça alcançada incidu sobre as mãos, que constituíam a razão do pedido dirigido a João das Pedras.

A devoção é particular e individual de cada devoto. No culto a João das Pedras não há um grupo de fiéis organizado, que realize um planejamento de dia e horário para a visitação a seu túmulo no decorrer dos meses. Indo ao cemitério, num dia comum da semana, seu túmulo é como os outros: só, em silêncio, sem ninguém ao redor.

O culto a João das Pedras não poderia ocorrer em sua data de nascimento ou morte, pois são datas desconhecidas por todos os devotos, assim como era também desconhecido seu nome completo. Afinal, não havia nenhuma inscrição no túmulo, e assim permaneceu até 2006.

É possível identificar que apenas em uma data específica existe a aglomeração de devotos. É o dia do pagamento de promessas diversas. O dia de encontro da fé configurada na feitura do cumprimento da palavra dada ao santo: o dia de finados de cada ano. A data que serve para a devoção a João das Pedras foi tomada do calendário católico²⁰⁵. Nesta perspectiva, compreendemos que essa representação acerca

²⁰⁵ Segundo Oscar Calavia Sáez: “Para quem pesquisa religiosidade popular, é natural procurar ciclos festivos, datas, todo tipo de ordenações do tempo anual que sirvam de arcabouço ao rito. No caso do cemitério, o tempo parece perder sua variedade. Os ritos são iguais a si mesmos seja qual for o dia do ano em que aconteçam, embora haja dias em que acontecem em maior número. Na escala da semana,

do dia 2 de novembro, como a data de referência aos mortos, pouco ou nada diz sobre aqueles que a vivenciam, e principalmente a respeito das atitudes desenvolvidas no decorrer deste dia, como cultivar um santo popular. De fato, atrás da cortina do aparente, está escondido o que Michel de Certeau considera como sendo a *produção secundária*²⁰⁶.

Inicialmente, a percepção de que o culto a João das Pedras não ocorria como um culto diário diminuía aos meus olhos a intensidade da devoção. Posteriormente, em algumas entrevistas, pude tomar conhecimento de que os devotos vão a sós, em dias alternados, pagar suas promessas. Os moradores do sítio e distritos de São Benedito costumam pagar estas promessas quando vão à zona urbana realizar as compras do mês, quitar débitos, receber aposentadorias. Em especial, as mulheres visitam o túmulo e rezam também de forma individual nas segundas-feiras. Além disso, aqueles que vão somente no dia de finados não o fazem porque supostamente desmerecem o santo e não zelam por sua devoção, mas porque alimentam nos demais dias do ano com as intenções a João das Pedras nas diversas igrejas de São Benedito.

Dois fatores aproximam o culto dos santos populares. O primeiro: a devoção acontece em maior proporção em torno do túmulo. Segundo: o culto é vislumbrado em demasia no dia de finados. Os santos populares como Jararaca, João das Pedras não tendo uma data e nem um espaço próprio, são recebidos pelos seus devotos nas suas datas e espaços de suas devoções.

Outra particularidade nestes cultos pelo Brasil: a falta duma união ou reunião dos devotos, organizada num calendário instituído por eles em torno do culto ao santo.

Na observação do culto ao cangaceiro Jararaca, Kesia Cristina França admite ter compreendido que: “Fiéis e curiosos se aglomeram para tentar se aproximar do túmulo do cangaceiro. Esse foi um dos pontos de destaque na observação de campo: a

a segunda-feira é um dia dedicado às almas e nele o cemitério é especialmente concorrido; e o mesmo acontece na escala do ano, com o Dia de Finados, 2 de novembro, em que o cemitério se converte em espaço ritual prioritário e popular” (SÁEZ, op. cit. p. 146).

²⁰⁶ Tendo sido o dia 2 de novembro instituído pela Igreja católica para o culto aos mortos, a data é incapaz de abarcar as experiências distintas, diversas e de sentidos opostos que vivenciam os sujeitos a cada dia de finados. De acordo com Michel de Certeau, “é ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização” (CERTEAU, Michel de. Introdução Geral. In: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 38).

visitação ao túmulo é feita de maneira aleatória, desorganizada. Não há um grupo de fiéis de Jararaca. É um rito particular pertencente ao espaço do sagrado²⁰⁷. A visitação em demasia ao cangaceiro ocorre em maior concorrência também no dia de finados.

Oscar Calavia Sáez, em seu livro *Fantasma falados*, analisa diversos cultos populares no antigo cemitério de Campinas, em São Paulo, dentre estes está o culto a um escravo chamado Antoninho. O autor menciona que a visitação e devoção a sua tumba ocorre não somente no dia de finados: “Nos dias da semana, o jazigo de Antoninho recebe de dez a vinte visitantes por hora²⁰⁸”; uma romaria permanente. Prevalece, neste caso, a falta de um grupo de fiéis enlaçados numa coletividade e organizados numa data.

Em outros casos, é possível compreender que a reunião ocorre nos períodos de aniversário de nascimento ou morte do santo. Em Juazeiro do Norte, no Ceará, a visitação de devotos a padre Cícero não está restrita ao dia de finados. Mesmo sendo individual o pagamento de promessa, os romeiros seguem juntos e se aglomeram em torno de caminhões pau-de-arara, ônibus, topiques na ida até a terra do seu Padrinho.

Entretanto, as convergências ou divergências assumidas nos cultos a santos populares residem na liberdade construída entre o devoto e o santo. Não há preocupação em seguir prescrições que se refiram a uma norma institucional. É uma religiosidade mais ou menos livre para ocorrer quando a dor, a gratidão ou a necessidade de realizar outras promessas batem à porta de cada um. Assim como os devotos não carecem de “mais explicações. Trata-se de uma religiosidade sem grande carência de biografias ou investigações para a construção da legitimidade²⁰⁹”, tampouco de um calendário definido, de reunir-se para postar-se junto ao santo.

O culto na sepultura alude à compreensão da devoção atrelada ao lugar da pertença do corpo. Aqui repousa o santo, nada mais conveniente ser neste espaço cultuado. De acordo com Philippe Áries, os mártires africanos do século V eram

²⁰⁷ ALVES, op. cit. p. 78.

²⁰⁸ O escravo alvo de devoção não morreu de forma trágica. Antoninho teria sido um escravo estimado pelo seu senhor, tanto que ao morrer recebera de seu dono a satisfação de ser sepultado ao seu lado: “Toninho pertencia à fazenda de Morro Alto, que, em 1854, foi adquirida pelos Rezende [...]. Antoninho preenchia nela um papel importante [...]. Em 9 de julho de 1884, recebeu, junto com sua mulher e outro escravo velho, Bento, carta de alforria. [...] Antoninho e sua mulher continuaram trabalhando na fazenda. Antoninho [...] veio a morrer em 1903, só quatro anos antes que seu amo”. Vide: SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasma Falados**. Mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p.18-21.

²⁰⁹ RAMOS, op. cit. p. 92.

venerados em suas sepulturas, que, por sua vez, atraíam outras sepulturas. Todos desejavam estar próximo aos mártires²¹⁰. Oscar Calavia Sáez, por sua vez, assegura que “O povo se comporta ante eles como ante santos de altar; quer dizer, ante sua sepultura. Sabemos que o culto dos santos no cristianismo surge em volta de suas relíquias, e que isso marca uma certa diferença com o culto atribuído aos deuses que, ou não morrem, ou não deixam relíquia”²¹¹.

No cemitério de São Benedito, nos dias de finados de 2003 a 2007, estando próximo ao túmulo de João das Pedras, realizei grande parte das entrevistas com os devotos.

Na aglomeração de devotos nos dias de finados é possível vislumbrar que João é santo de todas as idades: velhos senhores e senhoras sempre acompanhados de filhos e netos.

O costume de levar seus jovens parentes ao túmulo de João das Pedras relaciona-se com a transmissão oral da vida e até da morte do ladrão. Ou seja, ao postar-se para realizar o agradecimento, o acompanhante a partir daí passa a ter conhecimento dos fragmentos biográficos e principalmente passa a ter contato com o ato de pedir e agradecer. É desta forma que João chega às novas gerações, no tempo presente. A relação religiosa com o além, com os santos oficiais e populares, é transmitida por estas vivências familiares²¹².

Nestas visitas a promessa não necessariamente precisa ser realizada pelos visitantes:

²¹⁰ ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 38.

²¹¹ SÁEZ, op. cit. p. 138.

²¹² Oscar Calavia, acerca do além e das vivências religiosas, salienta “que a existência do além não depende dos cuidados das instituições religiosas; já que, pelo contrário, constitui uma percepção imediata da realidade, cabe perguntar em que meio se educa essa percepção. O caráter ubíquo e consensual que outorgamos ao Além brasileiro nos obriga a encontrar para esse encargo um meio também ubíquo e consensual. Que tal a família? [...] Não se espera que o parentesco ofereça redimentos apreciáveis no estudo de uma sociedade complexa; menos ainda tratando-se de questões religiosas, complexas por sua vez, e gerenciadas por instituições próprias. Mas nada nos garante que essa restrição não esteja projetando sobre o nosso campo um ideal individualista. Afinal, os políticos conservadores – ao que parece, com sucesso – sempre consideraram a família como o meio mais eficaz de legitimar visões de mundo. Aventurei-me por essa hipótese, cuidando, porém, de não ir longe demais [...]” (SÁEZ, op. cit. p. 156). Como pude tomar conhecimento e contato com os filhos dos devotos, evidenciei que a forma de interpretar a vida, a morte e a devoção de João das Pedras está imbuída de uma visão de mundo construída por seus pais, avós, mas acrescentada ou decrescida com outros aspectos de crenças e interpretações de cada um.

Michelle: Você sempre vem acender vela aqui?

Otalício: Todos os dias que a gente, dia de finados a gente toma esta admiração. Desde pequeno minha mãe me traz aqui, fala sobre a vida dele e eu admiro muito, e como agradecimento eu venho acender uma velhinha, rezar aqui um pai-nosso e uma ave-maria pra agradecer a ele.

Michelle: Você fez alguma promessa com ele?

Otalício: Não. Nunca me deu assim aquela vontade, mas no dia que aparecer com certeza eu irei fazer, com certeza ele irá me ajudar²¹³.

Otalício Viana tinha 22 anos quando o entrevistei. Outros que são crianças, como foi o entrevistado, são vistas depositando velas (Anexo III).

Ao redor do túmulo, os fragmentos da biografia de João das Pedras são apresentados na tríade: furtos, morte e cortejo. Os furtos mencionados como atos heróicos, sinônimo de heroísmo e valentia. A morte como tragédia, ruindade daqueles que favoreceram a morte do ladrão. O cortejo do corpo como a humilhação maior e o fator que denunciava a futura santidade do meliante. Enquanto uns abaixados acendem as velas, outros seguram seus terços e rezam, outros depositando os ex-votos; em frente, os que já pagaram promessa relatam em tom de conversa com os mais próximos a graça alcançada e por que fizeram a promessa com João das Pedras. É possível ver rapazotes que com seus aparelhos celulares fotografam o túmulo.

De fato, o dia de finados é o dia dos mortos, dos pagamentos ao santo popular João das Pedras, e principalmente o dia que João é defendido, referenciado, venerado por estes que em seu túmulo se instalam. O túmulo permite a vitalidade desta memória, é o lugar por excelência da memória devocional²¹⁴.

Além dos admiradores de João das Pedras, no cemitério, nos dias de finados, estavam também aqueles que desacreditam no poder do milagreiro –conclusão fácil de ser percebida, quando passavam rapidamente e mencionavam: “Isso é ignorância”; “Ô coisa sem sentido, como é que um ladrão obra milagre?”; “Eita, João, até morto tu, ainda te queimam, rapaz!”; “Tem que receber vela mesmo, num prestava”. Alguns “esculhambavam”, xingando o defunto e os devotos. Outros pisavam nas ceras ainda quentes que se derramavam.

²¹³ SOARES, Otalício Viana. 22 anos. Residente no Sítio Lagoa. Auxiliar de escritório, do Cartório Amaral, do 2º Ofício. Entrevista realizada no dia 02/02/2005, no cemitério de São Benedito.

²¹⁴ Ao analisar o túmulo de Antoninho da Rocha Marmo, Marília Schneider o considera, entre todos os outros lugares estudados por ela, como o lugar que fixa a imagem do menino milagreiro. Com suas considerações acerca do assunto pude também avaliar essa solidez da memória de João das Pedras, que assim, como a de Antoninho, se firma e se propaga em seu jazigo (SCHNEIDER, op. cit. p. 144).

Em 2005 conheci, pela manhã, o senhor Tomaz Bezerra da Silva arrumando a sepultura de João. A devoção a João das Pedras é feita numa troca de cuidado. Cuidar do lugar do santo, de seu túmulo, é solicitar a benevolência de João para com o zelador. Assegura o pintor de casas que o zelo nasce pela observação do não zelo de outros fiéis:

Ele é milagroso, ele roubava pra dar o pessoal. [...] Mataram o pobre do rapaz de eletricidade [...]. Eu vou mandar fazer um canteiro aqui, se Deus quiser, porque o Pai do Céu mandou tomar de conta da alma dele. Porque o pessoal encontra as graças com ele, mas não sabe zelar o que é dele, né. Mandeï pintar, porque tá uma sujeira danada, a caixa eu mesmo boteï milagre dentro, porque ficou melhor, né. Deus abençoe todo mundo, né²¹⁵.

A modificação feita antes do dia de finados de 2005: pintura branca sobre a cerâmica desgastada e parte dos ex-votos depositados dentro de uma caixa, rosas em jarros para ornar a sepultura. Findou temporariamente a sujeira antes referida pelo senhor Tomaz Bezerra. A mudança, porém, esqueceu de acrescentar o nome do defunto.

²¹⁵ SILVA, Tomaz Bezerra. 66 anos. Pintor de casa. Residente na venida Tabajara, em São Benedito. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito, quando sua visita ao túmulo de João das Pedras, no dia 02/02/2005.



Fotografei esta imagem em câmera digital por volta de 10:00 horas da manhã do dia 2 de novembro de 2005. As rosas em cima do jazigo foram depositadas pelos devotos.



Imagem Fotografada no mesmo dia às 16:00 horas.

O senhor Tomaz Bezerra desconhecia o nome de batismo de João das Pedras e não queria colocar a alcunha. No início da tarde o túmulo voltava a sua cor negra. O fogo quase destruiu as rosas, não fosse um devoto que o suspendeu sobre o altar os jarros. A mudança, embora sem grandes alterações, foi percebida. Os cochichos dos devotos surgiram: “Deve ter sido graça alcançada de alguém”; “Quem terá sido que botou os milagres na caixa?”, e assim por diante.

Permaneci na observação, ora fotografando, ora entrevistando de 7h às 18h e tirei como intervalo apenas de 12h às 14h horas para o almoço. Quando chegou, novamente, pela tarde, o senhor Tomaz Bezerra também ouvia as indagações de quem seria o benfeitor do túmulo, mas em nenhum momento se identificou.

Somente eu sabia, porque o havia entrevistado cedo, sem ninguém ver. No dia 3 de novembro de 2005 fui novamente ao cemitério para colher outras impressões de como havia ficado o jazigo e buscando encontrar alguma carta ou fotografia. Encontrei, sozinho, o velho senhor, com uma faca, retirando das proximidades do túmulo a cera já fria das velas. Perguntei-lhe por que não dissera para os outros que tinha sido ele: “Minha devoção é com ele”.

O túmulo de João das Pedras é de todos os devotos. A prática isolada do senhor Tomaz Bezerra, embora bem intencionada, não limitou a presença das velas.

Trata-se não de uma falta de higienização, zelo ou apreço pela sepultura do santo. Ao contrário, seguindo a cada dia de finados, enegrecendo com suas velas a cor da sepultura, os devotos inscrevem seus pedidos, seus agradecimentos e atraem curiosos que vislumbram neste lugar a aglomeração de pessoas, de velas, de fumaça, vendo a diferença do jazigo.

As modificações na estrutura tumular continuaram. O espaço que separa um jazigo de outro é mínimo. Sem poder aumentar o comprimento, o senhor Tomaz Bezerra modificou a largura. Em 2006 construiu em torno do túmulo de João das Pedras um canteiro onde plantou diversas rosas. Os ex-votos permaneceram sobre o jazigo. Próximo à cabeceira, onde há uma cruz, foi feito o depositário de velas.

O que atraiu a maior atenção foi uma inscrição numa cerâmica com seu nome: João Ferreira Gomes. Nota-se um erro: a data de falecimento informa 1973, quando deveria constar 1978. Não havia fotografia dele. Foram colocadas duas imagens: uma de Nossa Senhora de Fátima, a outra de Nossa Senhora Aparecida.

Os devotos não observaram o lapso da data. A questão era ouvir aqueles que sabiam ler, dizendo: “O nome verdadeiro dele é João Ferreira Gomes, não é João das Pedras”. João, após vinte e oito anos de sua morte, tinha finalmente seu nome de batismo ali aos olhos de todos no seu lugar, de morto e santo. João das Pedras é ainda apresentado como: “ALGUÉM QUE TÁ COM DEUS”. Informa-se também quem colocou a placa: “ALGUÉM”.



Fotografei estas imagens em câmera digital no dia 2 de novembro de 2006 às 10:00 da manhã.



Imagem fotografada no mesmo dia às 17:00 horas.

A devoção é afirmada não somente no ato do pagamento da promessa, na cabeça de madeira significando a doença e o milagre, mas também na continuidade da visita ao túmulo e na feitura de outras promessas, as quais anunciam o laço fincado com o ato de pedir e de ser agraciado pelo concessor.

A promessa pode não ter sido feita pelo agraciado. Uma questão que não diminui a fé e nem limita o vínculo que pouco a pouco se vai construindo com João das Pedras. Foi o caso do senhor Francisco Manuel:

Na época, minha situação não era muito boa. Meu quadro de saúde tava muito agravado. Tinha gente que falava até que podia ser que eu não voltasse mais. [...] Hidrocefalite. [...] Teve uns amigos meu, [...] quando eu tava muito doente, tava até no hospital, eles fizeram promessa com ele. Depois me contaram. Sempre que eu venho aqui, eu acendo vela e rezo. [...] O tratamento durou dois anos, mas já fazia um tempo que eu vinha sentindo problema, fui operado quatro vezes, inclusive teve até um coágulo também que foi tirado da minha cabeça, e depois vim me recuperando aos pouco, e voltei a dirigir, hoje tô com saúde. [...] Quando eu comecei a me recuperar, que eu já tava consciente, eles falaram. Aí toda vez que eu venho aqui, acendo uma vela e rezo. [...] Quando a gente faz a promessa e a gente consegue o milagre, a gente sempre acredita que foi a promessa. No meu caso, eu acho [...] porque as outras pessoas também que já fizeram promessa com ele, já se recuperaram, às vezes, de um problema na cabeça que nem o meu, outros é para não ficarem paraplégico. Sempre quando são os casos

mais graves é que as pessoas vêm aqui e faz promessa e se cura, né [...]. Como prova de agradecimento, eu nunca deixei de vim aqui pra não vim onde ele tá [...]. Muitas pessoas falavam que ele obrava milagre, e ele com vida mesmo. O pessoal disse que ele era muito bom, né, pra pobreza; tirava de quem tinha para dar a quem não tinha. Mas eu não conheci ele pessoalmente, só história [...]²¹⁶

A história da vida de João das Pedras legitima mais uma vez seu culto. Se, em vida, foi capaz de ajudar os pobres com suas “caridades”, de “tirar dos ricos para dar aos pobres”, morto o auxílio pode continuar em forma de graças concedidas. A biografia de João das Pedras não afasta seus devotos. É comum ouvir algum devoto contar outras histórias sobre João, tornando-o o santo cada vez mais próximo em seu cotidiano, mesmo que seja uma proximidade vivenciada num passado já distante. Gonçalves Araújo guarda na lembrança que conheceu de perto João das Pedras:

[...] muitos tempos até dancemos numa festa. Eu não sabia que era ele. Aí foi que um amigo meu me chamou, aí perguntou:
 - Bom, você tá conhecendo? Você sabe com quem você está dançando?
 Eu digo:
 - Não tô, não.
 Aí ele foi e falou e disse, assim:
 - Pois esse aí é o fulano de tal [...] João das Pedras.
 Eu digo:
 - Bom, mas ele tá numa ótima boa aparência, tá dançando muito bem.
 Fiz questão de dançar com ele até o tempo que eu tava lá. Dancemos, depois eu fui embora e ele lá ficou e tudo bem. Até hoje nós somos amigos, ele morto e eu viva²¹⁷.

É possível perceber nas entrevistas de alguns devotos a necessidade de indicar que fora ou estivera em algum momento no meio de convivência com João das Pedras. Outra devota Francisca das Chagas também revelou:

Uma vez eu dancei com ele na festa num sítio. Eu não sabia se era ele. Quando uma amiga minha me chamou:
 - Chaguinha, esse é o João das Pedras.
 Eu digo:
 - Ora, mais ele não vai me roubar nada, que não tenho e nem vou sair com ele.
 [...] Terminei de dançar com o João das Pedras, ele deu muito obrigado e saiu²¹⁸.

²¹⁶ SILVA, Francisco Manoel Rodrigues da. 40 anos. Motorista, residente no bairro Cidade Nova, em São Benedito. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, neste local, no dia 02/02/2005.

²¹⁷ PAIVA, Gonçalves Araújo de.

²¹⁸ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos. Funcionária pública. Residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

João das Pedras é o conhecido, foi aquele jogador de futebol, como nos diz o senhor Antonio Simão: “Bom ele era muito conhecido meu. Jogamos junto futebol. E ele não era gente ruim, não, era gente mais ou menos”²¹⁹. Este senhor, todos os anos, no dia de finados, se posta junto ao túmulo, faz suas preces e acende uma vela.

O devoto de hoje foi também o vizinho de antes. O senhor Antonio Gomes atualmente reside em Carnaubal, município próximo a São Benedito. Quando João das Pedras ainda era um menino, fora vizinho de sua família no Sítio Pimenteira. Ele lembrou que viu o menino tornar-se rapaz. Depois, quando foi residir em Carnaubal, soube da morte do ex-vizinho. O agricultor, já aposentado, foi vítima de um acidente e, tendo conhecimento que João das Pedras concedia graças, fez ele também sua prece:

Quando eu ia pro Carnaubal e cheguei no meio do caminho, vinha uma moto, e o rapaz vinha meio bebo, aí, bateu em mim, bateu de frente. Eu tava de bicicleta, nessa viajada, eu fui até Sobral (ele se refere ao Hospital localizado nesta cidade: a Santa Casa de Misericórdia de Sobral-Ceará), lá passei dez dias, aí, vim doendo a cabeça, ainda vim. Aí eu fiz uma devoção pra trazer o milagre aqui e acender uma vela. Meu acidente faz sete meses. De sete meses pra cá, eu, graças a Deus, não senti²²⁰.

João das Pedras era o santo de todas as causas. Os casos graves nem sempre necessitam ser relacionados a doença. A necessidade pode aparecer configurada no desejo de receber um benefício, um dinheiro atrasado e conseguir sair do aperto financeiro. Algumas vezes a promessa surge como um teste para avaliar o poder do santo:

A promessa que eu fiz. [...] Tinha atrasado oito meses o meu benefício, sem receber o negócio do Fome Zero. Eu me lembrei da alma milagrosa do João das Pedras, e me peguei com ele e com Deus. E fui ouvida. Ele me ajudou, e eu até já paguei a promessa. Eu fiz a promessa. [...] No outro dia que eu fui na Caixa lá, em Tianguá, cheguei lá e tava tudo ajeitado. Eu pedi a ele que fosse na minha frente, quando eu chegasse lá. Porque eu já tinha ido umas três vezes e não tinha dado certo. Aí eu dei um cruzeiro de vela a ele e rezei um terço. Acendi mesmo aqui no meu quintal. Eu ouvia falar que ele, que a alma dele era muito milagrosa e agora eu

²¹⁹ GONÇALVES, Antonio José. 70 anos. Agricultor aposentado. Conhecido como Antonio Simão. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Bom Jesus, no dia 02/02/2005.

²²⁰ PEREIRA, Antonio Gomes. 51 anos. Agricultor. Residente no município de Carnaubal, Ceará. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, neste local, no dia 02/11/2004.

acreditei. E é tudo que eu quero, eu pedindo a ele, Deus intercedendo, e Deus é que dá mais e mais milagre pra ele, pra gente fazer e acontecer²²¹.

Cleomar Batista, solteira, mãe de quatro filhos. Três filhos moravam com ela, o mais novo tinha um ano no período da entrevista. Sem emprego, sem marido, só o filho Eduardo de oito anos, que estudava numa escola pública em São Benedito, contribuía com uma renda de noventa reais, vindo com o auxílio do governo Bolsa Escola. A falta do dinheiro significava limitação de alimento. A necessidade da promessa vai além do intuito de ver e comprovar o poder do santo, surgindo na aflição de obter o que precisava. João das Pedras é agradecido e recebe o pagamento no quintal da casa da devota, afinal é inapropriado acender velas ao defunto em casa²²². O culto é no lugar privado: no quintal várias velas que formam uma cruz e o terço são os ex-votos rendidos. João é cultuado no público e no privado. O ladrão dos pobres é o santo dos pobres, eis o que também aproxima os devotos a João. Porque o pobre compreende a pobreza, aqui a de Cleomar.

A maioria dos devotos é pobre e de classe média baixa. Mas, não se pode limitar apenas a estes a devoção a João das Pedras. É possível observar a presença de comerciantes, pequenos e grandes empresários, entre outros, ao redor do túmulo de João das Pedras. Não concederam entrevistas, sendo possível perceber até certo constrangimento ao serem abordados nas proximidades do jazigo. Os demais, sempre que solicitados, postavam-se satisfatoriamente para minhas inquirições, fosse nos dias de finados ou em outros.

A quantidade de pessoas e as entrevistas sendo feitas na própria balbúrdia cemiterial destes dias me impediram de conversar e entrevistar todos. Os devotos se demoravam somente até cumprirem o ritual do pagamento da promessa, e desse modo muitos se foram sem que os pudesse entrevistar.

Uma devota me atraiu a atenção. Era uma jovem senhora que havia feito a promessa de conseguir comprar sua casa própria. A promessa, se atendida, seria paga com uma miniatura da casa, deixada sobre o túmulo no dia de finados. O ladrão que

²²¹ BATISTA, Cleomar Ferreira. 43 anos. Desempregada. No momento da entrevista no dia 03/07/2007 residia na Rodovia da Confiança Norte em São Benedito. Suas preces e o cruzeiro parece teriam contribuído para a mudança de sua vida. Meses depois da entrevista, Cleomar amasiou-se e foi morar com seu cônjuge no Rio de Janeiro. Dono de algumas propriedades, a devota atualmente não necessita mais do auxílio do governo e não passa mais privações.

²²² SÁEZ, op. cit. p. 159.

roubava as casas é o santo no presente que auxilia a devota a conseguir uma casa. E no dia 2 de novembro de 2006 a devota deixava sobre o túmulo a minúscula casa que se punha como ex-voto. Foi quando a fotografei:

Eu sofri muito na casa dos outros, muita humilhação. Aí eu pedi a ele que ele me ajudasse. Uma pessoa que tinha me indicado:
- Mulher, pede a ele, que ele ajudava muito as pessoas.
Aí eu pedi: que eu se um dia pudesse ter a oportunidade de ter uma coisinha minha, eu mandava fazer uma casinha e vinha deixar. Graças recebi a graça. Eu alcancei²²³.



Os devotos de João das Pedras são os mesmos que freqüentam as igrejas no âmbito rural ou da zona urbana de São Benedito, seja nas missas dominicais, novenas do padroeiro São Benedito em julho ou as de São Francisco em setembro. Significa perceber que eles transitam no culto popular e oficial sem nenhuma ressalva. O que

²²³ ARAÚJO, Aparecida de Souza. 28 anos. Dona de casa. A fotografia foi feita no dia de finados de 2006. A entrevista, porém, somente pode ser realizada no dia 02 de novembro de 2008, quando a devota estava rezando próximo ao túmulo, indicando que sua devoção é contínua.

almejam é reforçar a proteção. Afinal, para eles não há uma rivalidade entre os santos, mas uma união para o bem comum: dos devotos²²⁴.

A propaganda de milagroso é feita pelos devotos. Um relata a outro que alcançou uma graça. João é santo porque todos os artigos dos roubos não eram para ele. A senhora Francisca Mota crê que conseguiu se aposentar pela fé que teve em João:

Eu sei onde é a cova dele no cemitério, e é uma alma muito milagrosa. Quem tiver numa aflição, pode se pegar com a alma dele, que é válida. Já fiz, me lembro da promessa que eu fiz, e ave Maria que eu vá no cemitério e eu não bote uma vela lá! O pessoal dizendo assim, ave Maria, que ele é milagroso. Ele era um ladrão que roubava, mas não era pra ele. Ele não tinha um par de sapato, ele não tinha uma roupa boa, ele fumava, porque os outros dava [...] Ele não tinha um relógio, não tinha nada. Ele tirava, ele pedia e o pessoal não dava, ele ia e tirava, tirava e dava ao pessoal que precisava. Por causa disso que ele é muito milagroso. E eu tenho muita fé na alma dele. Eu me aposentei. Aqui mesmo eu não me aposentei, não, porque o pessoal dizia:

- Aí, que você não se aposenta, porque você mora na cidade, não sei o quê. Eu fiz uma promessa com ele. Eu fui para o Ipu, fui quatro vezes, na cinco vez eu me aposentei. E sou aposentada de lá do Ipu. Devo uma promessa muito boa. E digo o pessoal:
- Quem quiser alcançar uma graça, faça uma promessa com a alma dele pra dizer uma missa, pra acender vela²²⁵.

João das Pedras é santo de primeira instância para muitos. Assim foi com Maria Aparecida Carvalho: “porque foi o primeiro que veio no meu sentido foi ele, e aí então me apeguei com ele”²²⁶. A aflição provinha da incapacidade de identificar a doença:

Eu sentia um problema no ouvido, tava com mais de ano que o meu ouvido saía secreção direto, sem parar, direto mesmo, todos os dias, toda hora, eu tava limpando com um contonete, e cada vez que eu limpava, saía aquela secreção como se fosse um pus. Aí, fui num médico em Sobral, doutor Venícius, e ele passou um tratamento pra mim, eu fiz, passou uns remédios, eu tomei e não resolveu o caso. E já tinha gastado mais de mil

²²⁴ Segundo Carlos Rodrigues Brandão, “o que aos olhos do padre, do pastor ou do médium de gravata constitui a falha das religiões populares é o que as constitui realmente, ou seja, é o que faz que elas sejam formas populares de produzir e viver a religião. Assim como é a dúvida o que faz a fé do crente e, depois, uma razão contra a própria dúvida, assim também os desvios e as diferenças que, aos olhos dos sacerdotes letrados, separam os dois domínios, são o que faz que a religião popular seja, a seu modo, um modo de religião” (BRANDÃO, op. cit. p. 120-121).

²²⁵ RODRIGUES, Francisca Mota. A senhora Francisca, conhecida como Chica da Égua, concedeu-me a entrevista em sua residência, na avenida Tabajara, no dia 19/03/2004. Aposentada, estava com 68 anos. Nascida em 25/10/1936. Em 18/06/2006 a senhora faleceu vítima de um AVC, tendo então 70 anos.

²²⁶ CARVALHO, Maria Aparecida de Matos. 53 anos. Agente de saúde. Entrevista realizada em sua residência, na Rodovia da Confiança Norte, em São Benedito, no dia 07/03/2005.

reais só com remédio, eu ia prum médico e ia pro outro. Um passava um remédio, outro passava outro. Fui num otorrino, ele passou um horror de remédio, comprava e não servia de nada. Eu achava que tava era com uma doença ruim na minha cabeça: saindo secreção direto do ouvido, não doía, coçava muito, mas não parava de sair aquela secreção. Cada vez que eu limpava, saía aquele contonete cheio, chega saía pingando daquela secreção mesmo. Também não fedia, só que a secreção mesmo direto, direto. Pra onde eu ia, levava aqueles contonetes dentro da bolsa, porque, quando dava aquela cutucada no meu ouvido, eu tinha que tá com o contonete pra limpar²²⁷.

Maria Aparecida fez a promessa com o João das Pedras. Pouco tempo depois a senhora diz ter percebido que, finalmente, estava encontrando sua cura:

Foi no final de [...] 2003, me lembrei de fazer uma promessa com o finado João das Pedras. Eu fiz a promessa com o finado João das Pedras, pra mandar fazer uma cabeça e deixar lá no túmulo dele e rezar um terço e colocar um litro de água. Eu fui melhorando, continuei melhorando, também não fui mais ao médico, fiquei esperando, fiquei melhorando, melhorando aos pouco. Aí, com uns três meses, eu já tava, bem dizer, boa mesmo. Aí continuei bem, graças a Deus, fiquei boa. E graças a Deus, fiz a promessa com ele e fui válida. Não. Sinto assim coçar às vezes, mas porque o ouvido da gente coça mesmo, aqui, acolá, o outro também às vezes coça também, mas não que tenha secreção. Acabou-se, a secreção não sai mais, não²²⁸.

A promessa seguia seu curso normal: o pedido ao concessor e o pagamento nos termos estabelecidos por Maria Aparecida Carvalho. Entretanto, o pagamento surpreendeu:

Eu falei com um rapaz, ele fez a cabeça. Peguei essa cabeça, botei dentro numa sacola, amarrei a boca bem amarrada e botei ali na estante. Não tinha como entrar inseto pra dentro, que eu tinha certeza como não tinha condições de entrar. Eu peguei a sacolinha que tava, peguei o litro d'água, aí fui pro cemitério. Fui rezar, rezei o terço, quando eu coloquei a cabeça em cima do lajão, saiu um inseto de dentro do dito ouvido, que era do lado esquerdo, do mesmo lado que era que eu sentia o problema. Saiu um inseto como que fosse um piolho-de-cobra de dentro. Quando saiu o piolho de cobra, que eu dei fé, que aí eu fui, procurei, eu digo:

- Valha! Um piolho-de-cobra saiu de dentro do ouvido da cabeça daquele milagre que eu tinha levado [...]

Eu fiquei até assim assustada. Peguei a cabeça, mexi com a cabeça, não tinha por onde esse piolho-de-cobra sair e nem entrar, e não encontrei. Vi saindo direitinho, mesmo, eu fiquei, eu olhando assim, valha!, e procurei, procurei depois, virei a cabeça e procurei se tinha buraco pra ele entrar e não encontrei mais o piolho-de-cobra, né. Pronto, sumiu. Eu fui, rezei o terço, deixei a água lá, o litro d'água que eu tinha feito pra levar água. Aí, deixei lá, aí vim embora, né. Foi, foi de dia, umas onze horas mais ou menos²²⁹.

²²⁷ Id.

²²⁸ Ibid.

²²⁹ CARVALHO, Maria Aparecida de Matos.

O túmulo de João das Pedras parece estar condenado a se apresentar sempre como o lugar dos mistérios indecifráveis. É o espaço do ladrão santo, o destino do ladrão considerado “bom” ou, na linguagem de Hobsbawm, “nobre”. As pessoas rezam por ele²³⁰.

²³⁰ HOBSBAWM, E. J. O ladrão nobre? In: **Bandidos**. Trad. Donaldo Magalhães Garschagen. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976. p. 44.

CAPÍTULO III: Caminhos do corpo

Ninguém nasce herói. Eis a Síntese, a reviravolta da história: o culpado torna-se vítima, o condenado, mártir. Cumpre verificar o nexó que norteia a criação do herói²³¹.

Maria Alice Milliet

3.1 O corpo desumano

Seria precisamente 4 de abril de 1978. À noite, João, deitado numa rede presa próximo à cozinha do velho barraco, comportava-se de forma desassossegada, balançava-se entre um trago e outro de cigarro.

Maria não se pronunciou ao ver o filho teimar em sair, pois era uma atitude costumeira dele: ora saía fugido, ora conduzido por policiais ou se ausentava por lugares que ela mesma desconhecia, seja para roubar, esconder-se ou meramente levar a vida: “Ele saía, porque ele sempre gostava de sair, e aí ele saía e dizia: Mamãe, quando for tal hora eu tô em casa”²³².

Maria agiu, ao contrário de sua mãe Francisca. Percebendo a intenção do neto de ausentar-se, Francisca lhe pedira que naquela noite evitasse sair, sossegasse e que não procurasse desobedecer-lhe. Incomodada, Francisca teria comentado: “o João saiu, umas horas da noite, e eu chamei ele de novo para dentro de casa, aí ele entrou pra dentro de casa, aí saiu de novo, e eu chamei: João, tu te deita, que hoje não tá bom para tu sair. Aí ele teimou [...]”²³³.

A figura da avó rezadeira é posta na entrevista de Roberta da Silva. A leitura do que supostamente aconteceria a João das Pedras não pode ser compreendida como um caso excepcional e excêntrico. Podemos crer que a apreensão também pode ser

²³¹ MILLIET, Maria Alice. **Tiradentes**: O corpo do Herói. São Paulo. Martins Fontes, 2001. p. 11-14.

²³² GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada em sua residência no Sítio Pimenteira, em São Benedito, no dia 01/06/2003.

²³³ SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte, em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004.

vislumbrada como uma crença sentida por diversos sujeitos em diferentes tempos e sociedades, recebendo diversas nomeações: presságio, sensação, anúncio. Uma inquietação observada na literatura, na ficção e na tradição oral. São os signos da morte, adverte Philippe Ariès²³⁴.

Circula em São Benedito, por exemplo, uma narrativa, uma estória de trancoso²³⁵ que fala sobre pressentimento. Trata-se de um homem que queria enganar a morte. A procedência do sujeito é desconhecida, um caso ocorrido num tempo e espaço indefinido.

O sujeito sabia quando e onde receberia a visita da morte, que viria buscá-lo. Crendo-se dotado de esperteza, de um desejo desafiador e envolvido pelo temor de morrer, decidiu disfarçar-se, vestir-se de outro modo, cortou o cabelo e tirou a barba, acreditando assim que a diferença em sua aparência seria o necessário para desviar a atenção da tihosa. Chegado o momento, a morte adentra o recinto onde estão presentes outras pessoas. O olhar capturador da morte vislumbra que quem procurava não estava lá aparentemente. E então decide levar um sujeito em particular, que sem barba e cabelo chamava a atenção pela sua esquisitice. E para o desencanto daquele que esperava enganar a morte, é ele o próprio enganado, percebendo que errou não no disfarce, mas em crer que um dia poderia ousar desafiá-la.

A lição é clara: os vivos cumpririam uma determinação do sobrenatural. Estando predestinados a morrer num dia sem que nada pudessem fazer. E sendo o seu dia, a morte pode capturar os vivos no aconchego do lar, do quarto, na rua, no trabalho, no lazer.

²³⁴ Philippe Ariès assegura que na modernidade o homem foi privado de sua morte. O homem antigo era advertido que seu fim se apresentava quando sentia a presença e proximidade da morte: “o homem sabia que ia morrer, seja porque se apercebeu espontaneamente, seja porque foi preciso adverti-lo. Para os nossos narradores antigos, era natural que o homem sentisse a proximidade da morte [...]. Era preciso ser louco para não ver seus signos. [...] Tristão ‘sentiu que a vida se esvaía, e compreendeu que ia morrer’”. O camponês de Tolstoi responde a mulher que lhe pergunta se está tudo bem: ‘A morte está presente’” (ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 231). Entretanto, Philippe Ariès menciona que a morte é anunciada ao sujeito pelo médico ou pelos familiares, quando se percebe a presença terminal duma enfermidade. Os signos de morte que me proponho analisar são outros que não anúncios diagnosticados pelo médico na cabeceira do moribundo que atesta a presença do fim. Refiro-me a uma ligação sobrenatural que busca ver, ainda no sujeito vivo, os passos que prenunciam seu fim.

²³⁵ (RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão**. Rio de Janeiro: Funarte; IBAC, 1993. p. 77).

A narrativa é apresentada em conversas, quando é sabido da morte repentina seja de um amigo, um conhecido ou desconhecido. Diante da surpresa fúnebre, o inaceitável fato é “aceito” com o ar pesaroso que relata: “Era o dia dele”. Outro instante em que se nota a presença direta ou indireta da narrativa é no velório. Dentre os assuntos tratados, fala-se: da índole, dos predicados, das obras realizadas e das idealizadas, do humor e do labor do moribundo, se era sadio, feliz, querido, quais eram os lugares de sua predileção, os amigos.

Embora doloroso para quem pergunte ou para quem responda, discute-se ainda acerca dos passos que o (a) conduziram à morte, numa necessidade de buscar os sentidos nas falas, nas atitudes e nos gestos do sujeito ainda vivo que anunciou, sem que ele percebesse, que a visita indesejável da morte estava a caminho. A anunciação só é interpretada como tal quando a morte acontece, e acentua que isso ou aquilo impunha a sua aproximação.

As mães são as que mais sentem essa chegada, seja em sonho ou por sensações inexplicáveis: tristeza, moleza corporal, o aperto no coração, a sensação de vazio, de perda. Essas sensações são particulares e íntimas. Apenas quando a morte assola seu ente querido estas impressões são interpretadas como *avisos*. Nos velórios, aquele que pressentiu relata o seu caso particular.

Gilberto Freyre nos narra um caso que pode ser considerado semelhante a um pressentimento, aqui compreendido com a sensação de que antecede a morte de um ente próximo. O caso teria ocorrido no Recife, nos tempos dos barões:

Estava uma senhora de família pernambucana no interior do estado em visita a parentes do Recife. Feitas as compras nas lojas de centro, foi a sinhá descansar tranqüilamente, sossegada de seu, numa das cadeiras de balanço da casa [...]. [...] aquela sinhá do fim do século XIX [...] não fumava ela nos seus vagares ou nos seus ócios. Estava simplesmente repousando na cadeira de balanço [...]. De repente, deu um grito que assustou a casa inteira. [...] Não tardou, porém, a explicação: à dona acabara de aparecer a figura do tio barão envolvida num largo lençol branco todo manchado de sangue. Horas depois chegavam ao Recife notícias de Vitória: tiroteio na igreja durante as eleições. Conflito sangrento. O barão de Escada fora assassinado²³⁶.

A narrativa indica uma história que lhe foi contada. O barão havia acabado de morrer e presenteara a sobrinha com sua aparição. Uma compreensão que só acontece

²³⁶ FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987. p 54-55.

quando a notícia do assassinato é sabida. Há diversos casos desses sentimentos e pressentimentos.

Maria e Francisca, mãe e avó, tinham o mesmo pressentimento sobre o que pudesse ocorrer a João das Pedras. A avó havia tentado impedir a saída, a mãe guarda na memória a aflição da noite do dia 4 de abril de 1978.

Nesse dia, ele saiu. Passemos a noite todinha esperando por ele e nada. No outro dia bem cedo, meu genro veio me chamar, um que mora na baixa grande, que a menina (Maria se refere a sua filha, Raimunda Marques) tinha ganhado nenê, aí ele veio me chamar. Aí, eu disse assim:
- Ô Ciço, eu não sei como é que eu é de ir rapaz, porque eu tô assim tão preocupada com o João, que ele saiu esta noite e até hoje ainda não voltou. Assim mesmo fui²³⁷.

Enquanto Maria ficava a esperar, os passos de João das Pedras seguiam rumo ao lado sul de São Benedito, precisamente em direção à Rodovia da Confiança Sul²³⁸.

João foi para o bairro do Cruzeiro. Trata-se do primeiro bairro que se avista, quando se chega a São Benedito pelo lado da Rodovia da Confiança Sul. Mesmo um olhar mais ligeiro percebe a variedade arquitetural.

Casebres de frente de barro. Pequenos de comprimento e largura. A sala de muitos apresenta tamboretas, cadeiras de madeira sem braço, e também o espaço segura as redes para dormir. O corredor leva a um quarto e uma cozinha. Geladeira é privilégio, e a água é fresca pelo barro que a esfria e a armazena num pote.

O fogão, no canto também de barro, de duas aberturas em cima, e ao lado a abertura que conduz a lenha. Vi fogões feitos de lata de querosene que ao, em vez da lenha, utilizam carvão. As casas variam, seja pela quantidade de pessoas que abrigam, seja pelos objetos que guardam, pela cor das paredes e pela quantidade de cômodos.

Entretanto, é possível construir esse perfil que une a realidade de vários sambeneditenses do bairro do Cruzeiro, da Toca, como é conhecida parte do bairro. Os

²³⁷ GOMES, Maria Ferreira.

²³⁸ A Rodovia da Confiança Sul, que hoje se apresenta assentada em asfalto, em seu início nada mais era do que um trajeto carroçal, inaugurada em 1921, como assegura Stella Furtado: “ligando São Benedito à cidade de Ipu, localizada no sopé da serra da Ibiapaba, foi construída uma estrada carroçável, cuja inauguração se deu no mesmo dia 25 de novembro de 1921, quando a vila de São Benedito era elevada à categoria de cidade” (FURTADO, Maria Stella. **História geral e política de São Benedito**. Sobral: Secretaria da Cultura e Turismo, 2005. p. 54). De fato, a estrada liga São Benedito às outras cidades, seguindo em linha reta se chega a Guaraciaba do Norte, e abaixo à serra do Ipu. A leste de São Benedito encontra-se o município de Carnaubal.

moradores, os velhos, alguns aposentados, os moços, se desempregados, vivem de bicos, trabalhos temporários, na feira, oficinas mecânicas, entre outros lugares. As mulheres são domésticas e os filhos, quando estudam, ajudam na renda de casa com os programas do governo federal Bolsa Renda e Bolsa Escola. Algumas casas modestas já possuem o básico: geladeira, cama, fogão, televisão, antena parabólica, aparelho de som, dvd e celular.

Noutras casas, há fachadas e realidades diferentes: os casarões, apartamentos, sobrados requintados que só permitem ao visitante vislumbrar os muros, as cerâmicas que escondem o seu interior. É no bairro do Cruzeiro que estão os dois clubes da cidade: Delta Clube e Pousada São Benedito. Armazéns, postos de gasolina, bares, restaurantes, oficinas. De fato, o bairro é, para muitos, o lugar predileto para a cerveja da sexta à noite e dos fins de semana.

Agora, o bairro abriga uma construção ainda maior e suntuosa. O santuário de Nossa Senhora de Fátima, digno de nota no *Diário do Nordeste*:

O Santuário...

... de Fátima da Serra Grande. Manhã de ontem, a colunista encontrou o Pe. Antônio Irineu e o empresário Fernando Linhares empenhados em divulgar e angariar recursos para a construção do templo. Eles informaram que, no próximo dia 13, a imagem da virgem, adquirida em Portugal, igual à imagem de Fátima que apareceu aos três pastorinhos, na Cova da Iria, chegará a São Benedito, saindo de Fortaleza, de avião. Lá no local onde a obra está sendo erguida ela chegará com a recepção de mais de 50 mil pessoas, vindas de todos os lados da serra e de outras cidades do Ceará. A área construída é de 2.400 metros, garantindo Fernando C. Linhares que, quando concluída, ficará mais bonita do que o Santuário de Fátima, em Portugal²³⁹.

Mesmo sem estar concluído, o santuário de Fátima atrai vários visitantes. Há o dia de missas especiais: as celebrações para caminhoneiros, proprietários de Topiques e Vans. Mas, há missa para todos. Os sambeneditenses se orgulham de pronunciar que esse é o primeiro santuário de toda a região ibiapabana. Atrairá romeiros, comentam muitos. Os sujeitos vindos de outros bairros de São Benedito ou de outras cidades não enxergam a diversidade que circunda o bairro do Cruzeiro; cada um está preocupado com a sua causa, a da fé. E a percepção da diversidade socioeconômica do bairro do

²³⁹ MARIA, Lêda. Caderno 3. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 06/10/2006.

Cruzeiro é irrelevante para os olhares corriqueiros, formados por estes abismos que convivem entre si.

Entretanto, a imagem da cidade cercada pela pobreza de hoje é inferior ao que foi nos tempos de João das Pedras, década de 1970. A senhora Francisca Muniz admite que a cidade:

Era bem mais atrasada do que hoje. Hoje não pode nem se medir o atraso que ela tá voltando pra trás. Era porque também já tem tanto, mas também não era tanto, que essa questão de pobreza existe em todo canto [...] ²⁴⁰.

No atraso de antes havia pobres. Hoje a cidade cresceu em extensão tanto para o lado sul, norte, leste e oeste. As casas, no perímetro urbano, dão lugar a prédios de dois, três, quatro, cinco e seis andares. E começa a ser comum entre uma casa e outra se avistar um prédio. A mudança da estrutura de lar, desejada no passado, a casa para o prédio, no presente, implica o vislumbre de um interior que vê na arquitetura moderna composta por andares a imposição de que, nos tempos modernos, as condições econômicas e sociais proporcionaram um molde de pensar e desejar diferente, mas ainda há a “pobreza”.

Enquanto isso, a periferia também busca esse ideal, e é possível ver seja um aposentado ou uma família com renda de apenas dois salários mínimos crescer suas construções para o céu, decorada de cerâmica e janelas de vidro. Outro aspecto caracteriza e difere os tempos sugeridos pela senhora Francisca Muniz. Na década de 1970 o transporte que predominava na locomoção dos sambeneditenses eram os carros de diferentes marcas e modelos para aqueles que podiam possuí-los. Atualmente, as motocicletas e motos invadiram a cidade. Um transporte acessível a todos, tanto que o uso deu outra característica: na cidade, a maior parte dos acidentes fatais são os que conduzem as motos e motocicletas. Muitos jovens se foram em acidentes bárbaros pelo excesso de velocidade e falta do uso de capacete.

São Benedito cresceu e mudou por conta da feira, assegura o senhor Raimundo Pereira:

[...] a cidade naquela época, minha filha, era menos casa, viu, menos trabalho, menos fera, viu. Daí pra cá foi que pegou a evoluir, a feira

²⁴⁰ NASCIMENTO, Francisca Muniz do. 81 anos, aposentada, residente na rua Deputado Vicente Ribeiro, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, em sua residência.

foi crescendo, a cidade foi crescendo, o pessoal veio mais pra gente morar aqui, este pessoal do pé da serra vieram todos morar aqui. E todos que chegaram aqui pode se dizer que enricaram, porque foram usar de negócio na feira. E a feira de São Benedito continua cada vez melhor, devido de ter a produção muito grande em São Benedito. Aí por causa disso aí a feira aumentou e hoje taí do jeito que tá. Porque de primeiro era só dia de sábado a feira, e hoje temos feira, e todo dia, todo dia que você vier aqui pra São Benedito, você encontra feira e encontra o que comprar, e se você trouxer pra vender, você vende, e tudo que você quer comprar, você encontra²⁴¹.

*A garbosa princesa da Serra*²⁴² é a qualificação inscrita no hino da cidade. Na serra da Ibiapaba, São Benedito é a cidade que possui a maior feira livre de toda a região. De clima frio, o termômetro marca 18 no verão e 15 no inverno, possui um solo fértil, propício para o desenvolvimento do plantio de várias iguarias, frutas e verduras: feijão, mandioca, tomate, repolho, coentro, cebola, batata doce e inglesa, pimentão, banana, melão, melancia, maçã, mamão, jaca, manga, caju, entre outros artigos que sustentam a renda da população sambeneditense. Vendidos ainda para outros municípios do estado do Ceará, inclusive a própria capital Fortaleza e outras localidades como Teresina, São Luís, Belém, Bahia.²⁴³

No mercado nacional e internacional, a cidade conquistou seu espaço como a cidade cearense das flores:

O município de São Benedito ajuda o Ceará a ocupar quase o topo do ranking das exportações da floricultura nacional. São Benedito. Campos de flores coloridas, estufas modernas com eficientes sistemas de produção e

²⁴¹ PAIVA, Raimundo Pereira. 79 anos. Aposentado. Residente no Sítio Lagoa, em São Benedito. Ainda desenvolve atividades na Rádio Planalto como trovador e apresentador de programa. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, na Rádio Planalto.

²⁴² Na primeira estrofe do hino da cidade de São Benedito, os autores definem a cidade como sendo a garbosa princesa da serra: “A cidade cercada de matas cuja cor simboliza a esperança de conquista mais alta passo a passo ao progresso ela avança sem temer por rivar terra a garbosa princesa da Serra (bis)” (Letra: Raimundo Cândido Furtado; Música: Pe. Caby Jardim Ponte) (FURTADO, op. cit. p. 39).

²⁴³ Segundo Stella Furtado, São Benedito está localizado numa “região essencialmente agrícola. Nas culturas de sequeiro predominam as lavouras de mandioca, milho e feijão, na zona do Carrasco. Temos também a cultura da cana e do tabaco. Na zona da mata, o cultivo *do café* (...) Produzimos tomate, pimentão, cenoura, beterraba, repolho, chuchu, couve-flor, quiabo, maxixe, couve etc... em boa qualidade e escala. Produzimos frutas de inúmeras variedades: abacate, banana, jaca, castanha de caju, acerola, laranja, limão, mamão, maracujá, tangerina, melancia. Hoje, São Benedito possui rica feira-livre em todos os dias da semana. Atualmente, as frutas e hortaliças são vendidas no atacado ao atravessador, ou transportadas para o centro de Tianguá, partindo dali para os mercados consumidores de Teresina, São Luís, Belém e Fortaleza” (Ibid. p. 26-27). Mesmo predominando a agricultura como fonte de renda dos habitantes de São Benedito, os pequenos agricultores são os que pouco usufruem dessa renda, quando, sem muito recurso, acostumaram-se a repassar seus artigos para terceiros que os revendem por um preço superior. Estes são os grandes donos de caminhões e de terrenos responsáveis pelo plantio e pelas viagens realizadas para outros estados, que se juntam aos poucos ricos da cidade.

até um tipo de rosa vermelha exclusiva do Ceará podem ser apreciadas, com encantamento e abundância, no interior do estado do Ceará. As imagens idílicas que os cearenses ainda não estão acostumados a ver já são mais que realidade no alto da serra da Ibiapaba, mais precisamente em São Benedito, município que está ajudando o Ceará a ocupar quase o topo do ranking das exportações da floricultura no Brasil. Nem os problemas com câmbio intimidaram o desenvolvimento do setor. De acordo com o consultor do Instituto Agropólos do Ceará, José Rubens Aguiar, no cenário atual, o estado figura como segundo maior exportador dos produtos da floricultura nacional e o primeiro, quando se trata, especificamente, de rosas e flores tropicais, como as do campo²⁴⁴.

Em São Benedito as floriculturas têm tido grande importância para o cotidiano econômico e social: auxiliando na contratação de nativos no cultivo das rosas. Trabalhos que oferecem salário mínimo, carteira assinada, proporcionando uma estabilidade num quadro composto por trabalhos informais, de pouca remuneração. Impedindo, além disso, o aumento de desempregados em São Benedito.

As felizes mudanças não apagaram o quadro composto por aqueles que pouco têm. Ainda há as lavadeiras e faxineiras que, por 10,00 reais ao dia, fazem serviços nas casas dos “grandes” de São Benedito. A irmã de João das Pedras, Antonia, assim como a senhora Maria da Conceição Lopes, entre outras entrevistadas, realizam essas funções.

Há aqueles que passam de seis da manhã às seis da tarde em armazém, mercantil, farmácia, padaria, sapataria, lojas de móveis, roupas e outros serviços para receber abaixo do valor estabelecido para o salário mínimo. E vale ressaltar que muitos até possuem a carteira assinada de acordo com as leis trabalhistas, mas a lei verbal imposta em São Benedito, pelos empregadores, é outra: é isso ou nada, e, portanto, sem opções, o indivíduo se sujeita à situação.

Na entrada do bairro do Cruzeiro pelo lado sul, uma estátua de São Benedito, a suas costas o santuário de Fátima, e, a sua frente, a rua que aprisionou para sempre o ladrão João das Pedras.

Foi o lugar onde mais encontrei resistência. Vi portas se fecharem quando abordava o assunto e no início não compreendia. Depois, percebi que a casa nº 180, onde tudo aconteceu, na rua Firmino da Costa, alguns de seus moradores ainda lá estão.

²⁴⁴ Mercado ascendente de flores. Página Regional. Estado em Destaque. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 16/03/2008.

Não fui a essa casa, não cheguei muito perto, e nem falei com a viúva, não tive ânimo de importunar-lhe com minhas inquietudes de pesquisadora. Sei que deveria, tê-lo feito. Por medo, tanto quanto por respeito, não o fiz.

A viúva do senhor Epifânio Rodrigues da Silva e uma filha sua já casada compõem os habitantes da morada. Os outros membros, filhos do senhor Epifânio, residem nos arredores da casa de sua mãe, outros na zona rural. O padre João Batista Rodrigues, mesmo ausente, tem um quarto a sua espera nessa casa. Talvez por ser um homem público ou porque desejasse dar o seu parecer, foi o único membro de sua família que aceitou e concedeu uma entrevista. Seus pais agricultores tiveram quatorze filhos. Pelo padre, tenho uma descrição do que seria a residência:

Eu não sei por quê que a casa lhe chamava tanta atenção, se era uma casa tão simples e tão humilde, que eu não sei qual era a razão que levava a ele olhar com um olhar diferente das demais. [...] A casa não era murada nem cercada. [...] A nossa era o alvo, era cobiçada não sei por que, não tinha nada de valor, só se fosse nós²⁴⁵.

A simplicidade na estrutura física da casa descrita pelo padre João Batista constrói uma oposição às casas furtadas por João das Pedras, que então seriam as de ricos. Afinal, João era o ladrão dos pobres, assegura a senhora Francisca das Chagas:

O povo diz que ele era assim um ladrão muito perigoso, mas eu já assim não achava, não, que eu nunca ouvi dizer que ele matasse ninguém. Diz que ele fazia era muita caridade, diz que roubava de quem tinha e dava a quem não tinha. Se ele chegasse numa casa, aí entrava [...] num tinha nada na casa, aí ele ia nas lojas, chegava lá, tirava cuberta, pegava aqueles sandálio velho que a pessoa tinha e jogava tudo fora [...] Ele fazia muita caridade²⁴⁶.

Francisca das Chagas, a senhora que percorre as ruas do centro de São Benedito nos dias de feira com seu tabuleiro contendo doces e bolo, falava-me com veemência que o ladrão era só para os ricos, e que os pobres eram seus beneficiados. Pobre, Francisca vislumbra no ladrão o desejo de que alguém também se compadecesse com a precariedade do outro. Andando de um lado para o outro, segurando sua bacia de atrativos para o paladar, Francisca, quem sabe, anseia que alguém também se compadeça de sua situação, que mesmo numa idade incerta, já cansada do labor, tem

²⁴⁵ RODRIGUES, João Batista. 38 anos. Sacerdote. Entrevista realizada na secretaria paroquial de São Benedito, no dia 02/10/2005.

²⁴⁶ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos. Funcionária pública. Residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

que percorrer ruas e ruas para arrumar seu sustento. E compadecer é, para ela, comprar um doce ou uma rosca, isso já é a ajuda.

A casa do senhor Epifânio estaria sendo alvo de tentativas de furto, assegura padre João Batista:

Não suspeitava que seria ele e que ele não estava [...] agindo só, estava indo acompanhado, porque a gente percebia ao redor, onde a casa não era murada nem cercada, percebia que ao redor da casa tinha alguns barulhos estranhos não só de uma pessoa, mas de outras pessoas, inclusive no dia que ele morreu. [...] Um dia anterior que eles foram, ainda conseguiram mexer no ferrolho. Aí foi que nós acordamo, tinha tido essa tentativa antes, né, acordamo, acendemos a luz, acho que foram embora²⁴⁷.

A família ficara preocupada com as tentativas de furto. A apreensão aumentava com a saída de dois filhos do senhor Epifânio. Este ficaria em sua residência na companhia de sua esposa e o filho mais novo, João Batista, que tinha 16 anos. Os moradores não informaram os policiais acerca da presença do(s) pretenso(s) invasor(es). A estratégia foi instalar uma cerca elétrica caseira, feita por um dos filhos com a autorização do pai:

Em casa, nós éramos [...] na época, moravam três irmãos [...] Como dois estavam saindo e ia ficar só, eu que era mais novo. Então, por uma questão de segurança, meu irmão tava viajando pro Rio e colocou essa questão da eletricidade não para matar, mas para dar choque. [...] Ela [a cerca] teria de ter permissão, se fosse uma fiação, é [...] vamos dizer, assim, que corresse mais perigo. Como não corria muito perigo, foi uma coisa alternativa, caseira, feita em casa mesmo pelo meu irmão. Então ninguém pediu a Coelce nem a alguma lei, alguma coisa assim. Inclusive nós pedimos alguma sugestão assim:

- Será se precisa?

Mas disseram:

- Não. Como é?

- Não, é uma coisa que dá um choque, dá um choque se você tocar. [...] - Não, então, pode colocar.

Que era só um fio, não eram dois, era só um fio que [...] passando a janela e a porta da cozinha; passava assim, quando passava nessa porta e a janela, acabava aqui. Não sei por que ele tinha esta inclinação, essa vontade mais pela janela²⁴⁸.

O “pega-ladrão” foi armado de forma clandestina. Assim como não teve nenhuma avaliação de funcionários da Coelce, não havia nenhuma indicação sobre a presença da fiação. Tudo seguia a “naturalidade”: afastar sem machucar. Tratava-se de

²⁴⁷ RODRIGUES, João Batista.

²⁴⁸ Id.

uma barreira e não poderia ser vislumbrada como uma armadilha. A defesa do padre João Batista busca retirar a premeditação dos que fabricaram a proteção, pois ninguém suspeitava o que se sucederia.

Maria Ferreira Gomes também construiu a sua interpretação acerca da morte do filho: “Ele ia passando, ele não ia bulir em nada nessa casa, ele ia passando quando ele pisou no fi, e lá ele morreu”²⁴⁹.

A omissão da providência correta diante das tentativas do infrator é o que caracteriza a parcela de culpa na consequência final, acredita a senhora Francisca Muniz:

Na casa desse senhor, que ele morreu, fizeram esta armadilha, porque ele já tinha entrado uma das vezes, então eles fizeram armadilha pra pegar, pra saber quem era. Mas, se eles fizeram essa armadilha, foi com mau intenção, porque se eles não tivesse feito essa armadilha, como que agora, que eles bem tinham conhecimento que era um fio elétrico: quem toca no fio elétrico acaba morrendo. Por que eles não procuraram ver de outro jeito? Eu acho até que, eu sou humana, também posso no momento até fazer, até também maldade, porque a gente não pode se admirar dos erros dos outros, não, que a gente também é um ser humano, se lidar com gente é assim uma coisa volúvel, mas eu não gostei nem um pouco, eu acho que foi feito com maldade²⁵⁰.

O questionamento sobre a boa ou má intenção da família é exposto de uma forma indireta nas entrevistas. A família, como construtora da armadilha, é presente em uma linguagem desordenada, que ora desconhece o lugar onde se passou o episódio ou que não menciona os nomes dos residentes da casa, como pode ser vislumbrado na entrevista de Otacílio Viana:

Ele morreu eletrocutado, eu não sei se foi ali no Cruzeiro [...]. Um cara, querendo pegar ele, jogou fios no chão, aí quando ele foi tentar pra roubar, ele pisou no fio e morreu eletrocutado²⁵¹.

Em parte, os nomes não proferidos são desconhecidos, a exemplo da entrevista exposta anteriormente de Otacílio Viana. As lacunas presentes na sua fala provêm do fato de não ter sido o entrevistado contemporâneo a João das Pedras e a sua morte. Entretanto, vê-se que a história da morte do ladrão não lhe é de todo desconhecida, isso

²⁴⁹ GOMES, Maria Ferreira.

²⁵⁰ NASCIMENTO, Francisca Muniz do.

²⁵¹ SOARES, Otacílio Viana. 22 anos. Residente no Sítio Lagoa. Auxiliar de escritório, do Cartório Amaral, do 2º Ofício. Entrevista realizada no dia 02/02/2005, no cemitério de São Benedito.

porque ainda é possível ouvir as mães, os pais, os avós que repassam esse passado, mesmo de forma involuntária, às seguintes gerações.

Um repasse sujeito às alterações de acréscimos ou decréscimos do tempo. Entretanto, é possível perceber que a transmissão se enquadra em dois ângulos: de culpado ou vítima, bom ou mau ladrão. Assim, João das Pedras, quando bom ladrão, é vítima de crueldade. Morto de choque, é considerado o ladrão perigoso.

Outros entrevistados, como Francisca Muniz, Francisco Arruda Maia, José do Vale, entre outros, não disseram nomes, não indicando o senhor Epifânio e seus familiares, por receio de construir um desafeto ao divulgar trechos da vida e do passado de outros que ainda vivem.

Em outros casos, a família é apresentada como os caçadores, como podemos observar na entrevista do senhor José Rodrigues do Vale:

Aí todo mundo acha que ele foi muito humilhado. Aí teve a morte dele aqui no Cruzeiro, que foi o cara que morava no Rio de Janeiro, eu não sei, nem conheço a família, não. E aí ele roubava galinha, entrou lá nos galinheiro alheio, aí tirou as galinhas várias vezes. Aí, daqui telefonaram, escreveram pro dono lá da casa no Cruzeiro. E aí ele veio e fez a armadilha, o fi elétrico. E o homem, quando foi, entrou lá, morreu ligado. Você não sabe da história? Pois é [...] morreu ligado na energia, pulou a janela, aí, se abraçou-se com a energia, morreu, virou um carvão mesmo [...]²⁵².

A morte de João das Pedras choca a interpretação do senhor José Rodrigues do Vale, porque foi uma “morte matada”, e não a “morte morrida”. Maria Aparecida Carvalho também vê essa distinção de mortes: “A morte dele foi triste, que não podia ter acontecido um negócio daquele, porque, quando ele morreu lá na casa, foi até no Cruzeiro”²⁵³.

Maria Aparecida Carvalho, quando se refere à morte de João das Pedras como triste, nos impõe, na primeira leitura, que existe uma morte alegre para uns, e a triste para outros, e que é possível, mesmo na morte, ver algo que denote felicidade ou infelicidade.

²⁵² VALE, José Rodrigues do. 73 anos. Agricultor. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, na residência de sua comadre Francisca Muniz do Nascimento.

²⁵³ CARVALHO, Maria Aparecida de Matos. 53 anos. Residente na Rodovia da Confiança Norte, São Benedito. Agente de saúde. Entrevista realizada no dia 07/03/2005, em sua residência.

É um costume ainda muito presente em São Benedito, como o deve ser em outros interiores do Ceará, acreditar que a morte natural é “feliz”, porque vem no dia certo, quando o sujeito, se bom, adoece, seja de qualquer doença: padece, agoniza seja por segundos, minutos, dias, meses e até anos. Diante dos seus, sofre a mudança: de sadio a doente e moribundo. Parentes que, mesmo na certeza de que o fim se aproxima, com esperança elevam suas mãos aos céus com suas preces para afastar o irremediável. O perfil da “morte feliz” corresponde àquela que se dá na presença dos seus e de doença, uma natural enfermidade da vida e do homem. Ainda se teme a morte súbita, porque priva o homem de seu arrependimento.²⁵⁴

Infeliz morte, por sua vez, é aquela que abate de acidente, seja este qual for, o sujeito, que não esperava a morte chegar e que morre sem o acompanhamento dos seus entes.

A morte de João das Pedras recebe outra interpretação além da “não naturalidade”. A morte liberta João das Pedras. A primeira seria a libertação dos seus pecados cometidos, como assegura a vendedora de doces Francisca das Chagas:

[...] eu acho que ele foi tão sofredor, só a morte dele. Na hora da morte, acho que ele se arrependeu de alguma coisa. (A voz da entrevistada trêmula segue proferindo:) É porque foi uma morte [...] a pessoa morrer dum choque. Olhe, a pessoa tá passando ferro assim numa roupa, aí toma um choque, é uma coisa tão ruim. Avali a pessoa morrer com aquele choque, pegando choque toda hora. Acho que deu tempo ele se arrepender²⁵⁵.

O impacto do choque no corpo de João das Pedras teria queimado e tornado em carvão seus delitos e toda sua vida pregressa, o réu ladrão deveras se arrependeu de tudo o que fizera. O fio e o choque propiciaram também vestir João das Pedras pelas vestes do sobrenatural. O fio que o matou foi o símbolo que o salvou²⁵⁶. A remissão dos

²⁵⁴ Philippe Ariès expõe que durante milênios “a morte súbita era muito temida, não só porque nela não cabia arrependimento, como também porque privava o homem de sua morte” (ARIÈS, op. cit. p. 231). Em São Benedito, a piedade que se vê e interpreta a morte acidental, súbita e solitária é provinda de uma noção de que a vida foi interrompida antes da hora, não foi a vontade de Deus, mas as ciladas do mundo e do acaso.

²⁵⁵ ASSIS, Francisca das Chagas.

²⁵⁶ Oscar Calavia Sáez traz, no fim de seu livro, a morte de Jandira dos Santos, que ateou fogo a sua roupa em 23 de agosto de 1934, em Campinas, SP – a prostituta que decidiu dar cabo da própria vida por ter sido abandonada e desprezada por um amor. Após sua morte, a prostituta obra milagres e é considerada santa popular, cultuada por prostitutas, entre outros segmentos da sociedade de Campinas, sensibilizados pelo abandono de que fora vítima e a forma como Jandira veio a falecer. O autor defende que o fogo que a queimou e causou sua morte, atrelada a outros fatores, salva-a, torna-a santa, diante dos olhos horrorizados que vislumbraram o acontecido: “A morte entre labaredas é assim uma

pecados cometidos, a alma de João alcançando a salvação pelo reconhecimento dos erros e pela compreensão de que na hora da morte nada mais lhe restava, a não ser pedir perdão arrependendo-se. O arrependimento parece surgir apenas no instante derradeiro, na morte. É desse modo, o coração e a mente arrependidos de todos os males que salvam e dignificam a alma, é o momento da reflexão final, onde o olhar se volta para o passado e erros cometidos.

No *Auto da Compadecida*, precisamente no julgamento entre Jesus e o Diabo, a mãe de Jesus é clamada por João Grilo para socorrê-los. E foi o arrependimento de todos na hora da morte que a *Compadecida* utilizou como argumento e conseguiu salvar o bispo, o padre, o cangaceiro e o casal formado pelo padeiro e pela mulher adúltera²⁵⁷.

Outro episódio específico que trata como o arrependimento pode conduzir e elevar o sujeito à salvação é posto no livro sagrado, a bíblia. O ladrão crucificado ao lado esquerdo de Jesus alcança sua salvação porque reconhece que é merecedor da crucificação. O ladrão do lado esquerdo atesta que está a pagar preso na cruz pelos seus pecados. Esse seria o primeiro passo para a salvação: reconhecer tudo de mal que fizera a si, ao outro e ao mundo. Sua humildade em admitir o que é seu por direito de julgamento, a morte na cruz, é o que o dignifica aos olhos do filho de Deus. Além disso, sua ida ao paraíso é apresentada por outro fator: o reconhecimento de que Jesus Crucificado é o filho do criador quando rebate com altivez o outro ladrão, o do lado direito de Jesus, que blasfema ao satirizar que o rei dos judeus não pode salvar sequer a si mesmo:

Chegando ao lugar dito “o Crânio”, eles aí o crucificaram como também os dois malfeitores, um à direita e outro à esquerda. [...] Um dos malfeitores crucificados o insultava: “Não és tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também!”. Mas o outro respondeu, dizendo: “Tu nem sequer tens o temor de Deus, tu que sofres a mesma pena! Para nós, é justo: nós recebemos o que os nossos atos mereceram; mas ele não fez nada de mal”. E

espécie de ritual que converte Jandira a uma deusa local, e sugere sua proximidade e magias ilegítimas. Nada melhor do que o fogo para vestir uma prostituta sobrenatural” (SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasma falado**: Mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 187). Na morte de João das Pedras, o choque se reveste de fogo em forma de cargas elétricas despachadas ao ladrão.

²⁵⁷ Assim fala a *Compadecida*: “Intercedo por esses pobres que não têm ninguém por eles, meu filho. Não os condene”, adiante a santa mulher, ressaltando que o casal deveria ser salvo: “O perdão que o marido deu à mulher na hora da morte, abraçando-se com ela para morrerem juntos” (SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Ilustrações de Romero de Andrade Lima. 35. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 148-150).

dizia: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres como rei”. Jesus lhe respondeu: “Em verdade eu te digo, hoje estarás comigo no paraíso”²⁵⁸.

A salvação decorreria em primeira instância do arrependimento. João, o ladrão sambeneditense, como o ladrão do lado esquerdo, teria encontrado a salvação: o impacto com o fio lhe concedeu a humildade de reconhecer, mesmo que tardiamente, tudo o que fizera, crê a senhora Francisca Muniz:

Ele pode ter se arrependido neste momento, né, no momento da agonia e de vexame. Ele pode ter demorado a morrer, ter se arrependido e Nosso Senhor ter feito dele pra outra vida uma grande pessoa²⁵⁹.

A morte, e só esta, teria aliviado o seu padecer. O fim foi o bálsamo maior, a dor que pôs um ponto final em tudo no dia 4 de abril de 1978, acredita o senhor Francisco Arruda Maia:

Uma vez, uma noite, foi no bairro do Cruzeiro, eu tô contando essa história, eu tô, quer dizer, finalizando que eu já tô contando o final que ele chegou, o final de sua vida, como se diz. Ele ia passando por trás de uma casa, de uma residência, agora ninguém sabe se ele teve a intenção de pular a cerca do muro, pra roubar alguma coisa, então ele infelizmente, ele ficou ligado nos fi, foi eletrocutado, né, nos fi. Chegou, quer dizer, o final dum [...] Acho que serviu até de alívio pra própria pessoa dele, que ele era uma pessoa muito sofrida, muito perseguida²⁶⁰. (grifos da autora)

A senhora Maria da Conceição, lavadeira e faxineira, que lutava para aposentar o esposo, já doente, era a única que colocava dinheiro em casa, e que tinha que arrumar também ajuda, para sua filha e os dois netos. A aposentadoria traria o acréscimo da renda. Maria da Conceição inquietou-se quando perguntei o que teria sucedido naquela noite:

Ele morreu ligado num fio de luz, num fio descascado lá no Cruzeiro. Lá na casa do Antonio Lagoa. Que o Antonio Lagoa mesmo armou o fio. Para pegar, disse que uma pessoa que tava pegando as galinhas dele. E

²⁵⁸ **Evangelho segundo Lucas**, cap. 23, vers. 33-43. **A Bíblia Sagrada**. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, Brasil, 1996. p. 1301.

²⁵⁹ NASCIMENTO, Francisca Muniz do.

²⁶⁰ MAIA, Francisco Arruda. 64 anos. Policial Militar aposentado. Residente no Bairro Papicu, em Fortaleza-Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 09/05/2005. Entrevista gravada em fita cassete. Sargento Maia, como é chamado por muitos em São Benedito, foi o executor de várias prisões de João das Pedras.

nesse dia, não sei, meu Deus, se foi por Deus ou a pintura, o rapaz foi passar lá por de trás da casa, aí pregou no fio e morreu se batendo²⁶¹.

Antonio Lagoa foi um dos que participaram da colocação do fio:

Se uma pessoa vai a sua casa uma hora da manhã armado com duas facas, cadeado é alicate. Quer dizer, será se essa pessoa ia com inclinação para o bem? Talvez se fosse levando alguns terços, talvez fosse, mas armado a unhas e dentes [...] Eu acho muito difícil a gente analisar se uma pessoa dessa estava com o coração voltado para o bem. Então ele morreu dessa forma, né: com facas amoladas dos dois lados, com alicate, com chave de fenda. [...] Ele foi num período que deu uma chuva, tava no período de inverno, de pés descalço e armado com muitos instrumentos, então aquilo, é, a descarga elétrica foi muito forte. [...] Se ele tivesse ido como nós normal, calçado e tudo, tinha dado um choque e acabou. [...] Mas como ele foi sobrecarregado [...] desses instrumentos, talvez foi o que dificultou [...]. Talvez uma hora da manhã, uma e meia [...] acordamos pelo um grito estridente. [...] Então a figura do João das Pedras [...] todo mundo conhecia, temia, morreu, morreu daquela forma de choque elétrico²⁶².

O ladrão, antes de ser arremessado pelo impacto dos volts, soltou ao vento e a quem pudesse ouvir o último grito. A oração de São Jorge ou as preces de sua guru avó Francisca Ferreira Gomes não enganaram a morte, foi o seu dia de morrer. Morria aos trinta e cinco anos de idade²⁶³.

Padre João Batista acredita que o ladrão tinha outro companheiro na investida. O fim de João das Pedras foi anunciado também pelos cães:

Talvez uma hora da manhã, uma e meia. Nosso quintal muito plantado de bananeira, laranja, essas coisa, então ficava um clima muito fechado para você sair e quando foi uma certa hora, mais ou menos umas três e meia pras quatro hora, foi que nós ainda tivemos a audácia e a coragem de sair com lamparina, mas com medo. Saí arruando a casa, quando nós saímos, percebemos que ele tava [...] deitado no chão. E os cachorros todo tempo latino, é, algumas marcas de pedra, é, nas bananeira e nos abacate. Isso significa dizer que ele estava com alguém. Como se tivesse jogando no cachorro. E depois esperamos chegar de manhã [...] e alguém sugeriu que seria bom meu pai sair [...] não ficar em casa, como de fato ele

²⁶¹ LOPES, Maria da Conceição. 54 anos, lavadeira, residente no Bairro Cachoeira, em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 01/06/2003.

²⁶² RODRIGUES, João Batista.

²⁶³ Não dispomos da certidão de óbito de João das Pedras. Entretanto, é possível calcular a idade aproximada com que ele morreu. Vejamos calculando a partir do nascimento de sua mãe nascida no dia 30/03/1930 e somando o ano com mais 13, idade em que Maria Ferreira teria dado à luz João das Pedras. Assim, nascido em 1943 e morto em 1978, a subtração indica 35 anos.

saiu, e tudo foi resolvido de forma muito prática. [...] Meu pai saiu durante um dia de manhãzinha, logo antes que a coisa chegasse à tona. Ele saiu pro sítio do meu tio, depois voltou à noitizinha²⁶⁴.

O pai, o senhor Epifânio, temia o flagrante, as conseqüências da feitura da armadilha clandestina. De fato, diante da incerteza do que sucederia quando o dia raiasse, buscou ausentar-se.

Enquanto isso, o corpo carbonizado resfriava pelo frio da morte e pelo frio do relento de inverno sentido em São Benedito, em inícios de abril. Abandonado permaneceria até o sumir da noite, quando, pela manhã do dia quatro, seria objeto de olhares de curiosos que o cercavam, inquirendo a quem pertenciam as feições. O velho senhor Nilo Paula Santana, na sua cadeira de balanço, na varanda de sua casa/sítio, narra detalhadamente:

Conheci o João das Pedras. Eu fui buscar umas plantas e aí de volta soube que ele tava morto lá naquele ponto e eu fui olhar. Já tinha muita gente. Perguntaram se eu conhecia, e eu disse que não. Eles viraram ele assim, eu não sei quem é, mais os cabelo é de João das Pedras. Aí o sujeito me reclamou que não. Chegou outro rapaz e disse que era João das Pedras mesmo, que ele mandasse dizer pra mãe dele vim buscar ele, que tava morto ali [...]. Viraram ele e reconheceram que era o João das Pedras, ele foi eletrocutado na porta da cozinha, em cima duma ruma de pedra. [...] Eu vi a cesura debaixo do braço direito, aonde o fio pegou, parece que ele ia com a mão levantada, e o fio veio e se localizou debaixo do braço, foi aí que ele caiu, quando ele caiu lá, desligou o fio, o fio ainda tava no lugar, mas ele tava eletrocutado pelo fio elétrico²⁶⁵.

Como acreditar que o ladrão protegido por orações desceu ao mundo dos mortos? Alguns acreditavam que João das Pedras, assim como Lampião, tinha o corpo fechado, e invencível era, estando sujeito apenas à lei de Deus, que o condenaria a uma morte morrida.

Maria Isaura Pereira de Queiroz elucida que a cabeça de Lampião exposta em Santana de Ipanema, em Alagoas, atraiu curiosos de diversos lugares que queriam ver o famoso e temido cangaceiro morto, dentre os demais, que também foram surpreendidos pela volante: “As cabeças dos onze cangaceiros foram arrumadas nas escadarias da igreja Matriz, na praça do Monumento, e ali ficaram expostas à curiosidade pública.

²⁶⁴ RODRIGUES, João Batista.

²⁶⁵ SANTANA, Nilo Paula. 76 anos. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Pombal, em São Benedito, no dia 03/04/2004.

Gente de todo estado de Alagoas correu para vê-las, e, mesmo vendo, não acreditava no que via. Ninguém acreditava que ele viria a morrer de morte matada, e sim que só morreria de morte morrida”²⁶⁶.

João das Pedras é diferente do temido cangaceiro. Várias características diferem de Virgulino Ferreira, entre as principais os crimes praticados por ambos, o período a que pertencem, a repercussão escrita, imagética e oral de suas histórias de vida e morte no contexto local ou nacional. Entretanto, a crença em amuletos e pactos com o sobrenatural para manter a sobrevivência é um fator que os torna próximos, idealizados. João das Pedras, para aqueles que acreditam ter sido ele protegido por São Jorge, também era o bandoleiro invencível que fugia misteriosamente dos lugares em que fora preso.

Era necessário crer para ter a certeza de que fora capturado o autor das investidas noturnas em casas alheias. O ladrão era conhecido principalmente pelo que dele falavam quando mencionavam os furtos, as prisões ou as fugas, e não por sua descrição corporal. Apenas poucos o tinham visto de perto. João das Pedras vivo induzia sempre a imaginação e idealização de sua figura, seja no aspecto social ou corporal:

Inclusive a gente, eu nunca tinha nem visto, né, na minha porta. Eu nem conhecia, só ouvia é comentários que era uma pessoa violenta, assim no sentido de tinha poder. Disse que abria a porta com uma oração, ia nas irmãs, trocava até os lenços das cabeças dela, você tá entendendo, dormindo. Essas coisas assim. E que tinha sido preso num presídio de segurança máxima em Fortaleza, mas tinha conseguido fugir. Outra, eu conheço muito pouco assim da vida dele quando vivo²⁶⁷.

É na morte que o rosto desconhecido por alguns é visto e comparado com as descrições que surgiam e as verdades e inverdades que o descreviam. A máscara do ladrão ruiu, quando pela manhã os olhos dos curiosos estavam próximos ao conhecido/desconhecido.

A claridade permitia a revelação de um corpo que apresentava as *armas/ferramentas*, como assegura o senhor Nilo Paula Santana:

²⁶⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os cangaceiros**. Trad. da autora. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 120.

²⁶⁷ RODRIGUES, João Batista.

Ele tava com uma camisa de mangas curta, camisinha de meia, né, os braço inchado que tava fazendo a cinturinha na cava das mangas assim, e uma bermuda também muito curta, e ele muito inchado e uma faca aniquilada metida nos cós, uma lanterna amarela e as chinelas metida nos braço e uma virga de ferro também metida nos cós, mas tudo isso da bermuda, não era na camisa, não tinha nada, a camisa tava limpa²⁶⁸.

Antes do senhor Nilo Paula Santana, o padre João Batista já havia nos advertido da presença de instrumentos que João das Pedras levava para a sua empreitada. A presença dos instrumentos favoreceu a insistência na acusação ao ladrão já morto.

O ex-sargento de São Benedito, Francisco Arruda Maia, quando perguntado sobre o que teria acontecido ao senhor Epifânio, respondeu: “Eu não me lembro se ele foi processado. Se foi, não houve nada e não houve nenhuma punição contra o mesmo”²⁶⁹. De fato, o senhor Epifânio não foi convocado a prestar nenhum depoimento na delegacia local, tampouco respondeu a algum processo. A morte de João das Pedras decorria somente, por este ângulo, de sua fama e da vida de ladrão. O senhor, dono da casa, nada mais fazia do que resguardar o que era seu de direito.

Livre de inquérito policial, a família estava sujeita a outro julgamento, que abrangia um público maior: juízes comuns em outros lugares que não restritos à sala da delegacia ao fórum municipal.

No julgamento individual ou coletivo havia a possibilidade de sofrer discriminação, por parte dos vizinhos e conhecidos. O dedo pecador de cada um apontaria o pecado do outro: é naquela casa que morreu João das Pedras, foram estes que construíram a armadilha. Entretanto, padre João Batista desdenha o valor dado ao fato e ao próprio João:

Tão interessante que você acredita que a coisa tomou um caminho de normalidade, tomou um caminho de normalidade. Ninguém disse nada, ninguém assumiu comportamentos diferente em relação a nós. Ninguém perguntou a tá ali a casa. [...] Parece que não aconteceu nada, você tá entendendo? Todo mundo achou até muito estranho, porque essas coisas sempre têm um olhar diferente, uma crítica mais [...] a coisa aconteceu até hoje e nem [...] ninguém toca nesse assunto, nem nunca ninguém foi lá em

²⁶⁸ SANTANA, Nilo Paula.

²⁶⁹ MAIA, Francisco Arruda.

casa perguntar. Nunca foi tocado, nunca foi tocado, o caso aconteceu e deu fim ali mesmo [...] ²⁷⁰.

O silêncio, porém, pode ser vislumbrado como um pesar, um constrangimento? O que a falação mudaria apontando a família como culpada e João como vítima? Além disso, isso incorreria em tomar o partido do ladrão? E arrumar desavença com os vizinhos católicos, trabalhadores, uma família de paz e unida que ali permaneceria, tudo isso em troca de quê ou por quê? Será que alguns não concordaram com o desfecho mesmo?

Percebi o silêncio, principalmente em torno das ruas que circundam a casa onde João morreu. Não consegui realizar entrevistas gravadas e nem de nenhuma outra forma. As conversas sempre se compunham de diálogos ligeiros, sempre buscando desviar o que era para mim o foco da pesquisa: a morte.

A geração mais recente, dos 10 aos 20 anos, percebia uma presença quase inexistente do assunto. Mas seu pais, estes sabiam: era possível perceber por algumas palavras graves que proferiam, e mesmo assim desconversavam: “Não sei; não me lembro bem”; “Ouvi falar, mas não sei dizer”; “Isso faz tanto tempo que até já esqueci”; “Não morava aqui nesse tempo, quando cheguei, ele já tinha morrido”; você já foi na casa onde ele morreu? Lá vão poder informar; procura a família dele”; “Vá na delegacia, pode ter alguma coisa”; “No túmulo dele você vê muitos milagres”; “É, o povo faz promessa com ele”. Essas, entre outras, eram as evasivas usadas para desmontar as indagações que tencionavam dialogar. Questões, em particular, expostas principalmente no bairro do Cruzeiro, onde tudo ocorreu.

Noutros bairros as falácias quebraram esse silêncio. E não somente falam sobre o que houve, como tecem julgamentos. O senhor Orácio Pedro comunga com a possibilidade de que a armadilha foi feita para pegar qualquer ladrão:

Houve um roubo na casa de um criatura lá pra banda do Cruzeiro e hastearam um fio de eletricidade ao redor da casa pra pegar o ladrão, que na cilada de chegar até lá pra roubar, e infelizmente quem foi entrar lá foi o João das Pedras, e ele foi [...] pegado lá na armadilha que armaram. [...] Mas não foi especialmente de propósito, que dissesse que foi para pegar ele, não.

²⁷⁰ RODRIGUES, João Batista.

Fosse para pegar quem fosse lá. Então, infelizmente, o coitado foi quem [...] perdeu a vida²⁷¹.

O que está em jogo ou em julgamento não é somente a armadilha premeditada para João das Pedras. O que choca não é o choque:

Porque a morte do João das Pedras foi uma morte que [...] para aquele tempo, que respeitavam a vida uns dos outros [...] não é como hoje, que a vida é banal: a pessoa, quando pensa que tem vida, já não tem mais vida. É tirada a vida a preço de nada, de um nada! Até o próprio amigo, o próprio pai, a própria esposa, qualquer pessoa hoje tira a vida até de seus companheiros que convivem juntos. E naquele tempo não, era respeitado. [...] O sacrifício da morte dele, que ele foi, como se diz, imolado, morto, imolado como um cabrito no tronco duma árvore, como um porco num tronco duma árvore, como uma réis que é matada morta, sangrada, tirada o couro, espichado, butado numa vara para levar pro açougue²⁷².

Seu Epifânio e sua família, o Antonio Lagoa que havia participado da feitura do fio, teriam passado pelo julgamento celeste. Deus, que assistiu a tudo, deu a cada um o destino mais certo, condizente com as ações de cada um. Quando a justiça da terra falha, é Deus o juiz maior.

Antonio Lagoa, aproximadamente um mês ou dois depois, morreu em decorrência da colisão de sua bicicleta com um automóvel. A morte de Antonio Lagoa é compreendida pela mãe de João como castigo. E ela, Maria Ferreira, dera-lhe outro: recusou dar-lhe perdão quando ele havia solicitado, demonstrando arrependimento:

[...] Esse desgraçado que fez isso com ele não durou nadinha, não durou nada, ele morreu também, só duma queda. Aí disse: tá certo. Não demorou nada:

- Ah, o Antonio Lagoa morreu.

- Morreu?

- Morreu. Morreu bem ali.

Não passou nem um mês ou dois, com pouco tempo ele morreu, viu. É hoje em dia quem faz o mal para os outros paga é em cima da terra, paga é aqui na terra. Ele mora aí (próximo ao Sítio Pimenteira), eu gostava muito da mulher dele e dele também, que eu conhecia de pequeno velho. [...] Um dia ele veio me pedir perdão:

- Ô, dona Maria, me perdoe pelo amor de Deus.

Ele foi pedir desculpa lá em casa, me pediu perdão. E eu nada, não perdoei nada; quando não demorou nada, chegou a notícia. Eu digo:

- Perdão não, que você ainda não morreu, ainda não está precisando de perdão.

²⁷¹ SOUSA, Orácio Pedro. 72 anos, agricultor aposentado, residente no sítio Ingazeira, em São Benedito-Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 22/05/2004.

²⁷² Id.

E depois também que morreu, também não tinha mais o que perdoar. Perdoei sem sair da minha boca²⁷³.

A morte de Antonio Lagoa não foi o único castigo vislumbrado. Francisca Muniz aponta outro, que abrange os dois lados, o de João das Pedras e o da família do senhor Epifânio:

Eu sei que [...] ele foi eletrocido, morreu! E todo mundo aqui, em São Benedito, ficou muito sentido, muito magoado, porque ele não fazia mal a ninguém. O povo tinha medo, mas ficaram e ficou mesmo duma maneira muito triste. Todo mundo admirava, né, a cidade ficou triste. Todo mundo comentava, e ele era desse jeito, mas como nunca ninguém recebia maldade dele, só susto, né, e tudo. Ele ficava muito tempo no mato, né, às vezes a polícia procurava, custava encontrar ele no mato. Não sei, não, acho que diz que: Deus escreve certo por linhas tortas. Essa aí foi uma bem torta numa linha bem certa, a vida do João das Pedras. Sei que é uma alma muito milagrosa. Por este motivo Nosso Senhor pode até ter se compadecido dele, e ser ele hoje o que ele é, porque do estribo ao chão, Deus dá a salvação. [...] ²⁷⁴.

Francisca Muniz acredita que Deus é um Deus que pune. Todavia, o julgamento se deu numa metamorfose que transformou o mal com o bem. A vida de furtos de João das Pedras passou para uma presença sobrenatural da imagem de um concesso de milagres, segundo a senhora Maria da Conceição Lopes: “pedindo com fé, ele amostra mesmo”²⁷⁵.

A grandiosidade de sua santidade aqui reside, foi ele premiado. O sofrimento elevou seu espírito e seu coração que, agora com a morte, perdoados os pecados, livres estão para lutar por outras causas, as daqueles que aqui ficam a rogar-lhe intercessão.

No fim do sofrimento há sempre o alívio e a recompensa. Uma tríade católica: arrependimento, julgamento, recompensa. Assim acredita o senhor Raimundo Pereira Paiva:

Eu acho que é por essa [...] dele ter sido consagrado como mártir, viu. Porque justamente ele era pecador, ele fazia essas coisa, entrava dentro das casa alheia e levava alguma coisa que podia levar e tudo mais. Mas ninguém pode julgar o bom como bom e nem o ruim como ruim. Aí, ele pode ter se tornado um mártir, né. Porque a primeira coisa é que morreu do jeito que morreu, eletrizado, não é, e aí foi para o cemitério nesse sistema

²⁷³ GOMES, Maria Ferreira.

²⁷⁴ NASCIMENTO, Francisca Muniz do.

²⁷⁵ LOPES, Maria da Conceição.

que eu tô contando, viu. Aí só pode ter sido um mártir, e pode até obrar um milagre, viu²⁷⁶.

Ao senhor Epifânio e sua família, Deus, com sua infinita bondade e sabedoria, concedeu-lhe uma forma de ser perdoado. Com o filho padre, rezando, celebrando missas, batizando, casando, dando a extrema-unção. A sua ordenação é fruto de uma vontade superior, a divina, que proporciona a sua família uma segunda chance de trilhar novamente o caminho do bem:

E eu acho que até de tanto, tanto do que ele sofreu e de ter se arrependido, que Nosso Senhor premiou o mal pelo bem, que deu na família deles um padre, que eu acho que aquilo ali foi uma bênção que Nosso Senhor, como diz: Paguei o mal com o bem²⁷⁷.

Ao contrário daquilo em que acredita Francisca Muniz, a ordenação do padre João Batista, segundo seu próprio depoimento, foi fruto da sua vocação pelas coisas da Igreja:

[...] Eu acho que a vocação [...] vai aparecendo a partir de uma afinidade, de identificação com as coisas da Igreja; e, na época, eu estudava no patronato com as irmãs: [...] confesso que as irmãs foram grandes instrumentos motivadores para despertar um pouco a vocação. Na época, o padre Agostinho coordenava a equipe vocacional diocesana, juntamente com a irmã Miriam, que era a diretora da escola. Sempre me convidaram para algumas apresentações, alguns eventos nessa linha vocacional. Eu acredito que essa experiência, na época no ensino médio e fundamental, no colégio das freiras, foi um apoio e um incentivo para [...] despertar mesmo a vocação [...]²⁷⁸.

O senhor Nilo Paula Santana comenta que, entre outras conversas desenroladas ao lado do corpo de João das Pedras, surge a necessidade de avisar a mãe:

[...] Demorei pouco. Porque, quando o Valmir Pereira chegou, perguntaram:
- Valmir, tu conhece?
Ele disse:
- É o João das Pedras.
E o outro rapaz que respondeu pra mim que não era, respondeu pra ele também que não era. Aí ele foi e disse:

²⁷⁶ PAIVA, Raimundo Pereira.

²⁷⁷ NASCIMENTO, Francisca Muniz do.

²⁷⁸ RODRIGUES, João Batista. A trajetória escolar do sacerdote é arquitetada no colégio das irmãs, no Centro Educacional da Virgem Poderosa, instalado na rua Armando Rodrigues. Colégio particular, de responsabilidade das irmãs da Ordem Vicentina, que em São Benedito firmou-se desde 1º de março de 1945.

- Olha, chama uma pessoa aí e manda dizer pra mãe do João das Pedras que venha buscar ele, que tá morto aqui²⁷⁹.

Maria Ferreira Gomes seria avisada muito depois da sugestão do senhor Nilo Paula Santana. Sem supor o que decorria com seu filho, estava a acompanhar Raimunda, a filha parida que lhe dera mais uma neta pela madrugada. Viera acompanhada do genro para visitar a filha e dar-lhe as primeiras assistências para aquela que no leito do quarto descansava. A neta nasceu sadia, pequena criança que marcava a data do dia 4 de abril de 1978 como o dia da luz. Seu único tio por parte de mãe, João das Pedras também inscreveu seu registro, pois era a data de seu falecimento:

Há mais quando eu cheguei lá e passou um pedaço. Bem nove horas [...]. Foram me dizer lá. Foram três mulheres me chamar lá na baixa grande. Uma já morreu, e já morreu foi duas: a finada Chica da Égua morreu um tempo desse, fiquei besta, e aí morreu a finada Raimundinha Belém, também já morreu, que era nesse tempo eu trabalhava por lá e ela conhecia o João, vixe Maria! Aí quando chegaram lá em casa [...]:

- Ai, dona Maria, nós anda por aqui só caminhando.

E eu olhei assim e notei logo. Pra meu coração notar uma coisa [...]. Foram me chamar lá para o terreiro [...] começaram a falar, ô, minha Nossa Senhora! Eu tava com o almoço dela no fogo. Aí eu disse assim:

- Raimunda, tu quer almoçar agora, minha filha? Porque as mulher vieram me chamar lá em casa e eu não sei para que é.

Aí ela se levantou da cama:

- Eu sei, mãe, o que elas vieram dizer para mãe. Foi, mataram o João por aí.

E eu disse:

- Foi não, menina.

E ela:

- É melhor me dizer logo. [...]

O primeiro dia de resguardo. Ela foi mãe. Essa mulher tinha ganhado menino de noite, e ele morreu de noite também, tudo de uma idade eles. Tanto essa minha neta como ele. Aí as mulher não sabiam que não podiam enganar, porque, se ela soubesse, ela vinha atrás. Aí elas disse assim:

- Ai, a dona Raimundinha. Dona Maria, nós tiremo até um pouquinho de pinga para ela tomar. [...]

Aí nós viemo e viemo por acolá, pois é [...]. E aí pronto. Eu deixei essa mulher de resguardo. Ela endoidando dentro de casa, porque queria vim e queria saber como era. E as mulheres chegaram e deram coisa para a Raimunda esquentar [...]. Aí nos viemos, toquemos para a rua e fomos bater lá onde tava [...]. E essa Raimunda ficou lá, mulher, e agora de lá pra ir dali pra lá. Só que nesse dia eu não fui, fui no outro dia. E essa Raimunda ficou doida, doida²⁸⁰.

²⁷⁹ SANTANA, Nilo Paula.

²⁸⁰ GOMES, Maria Ferreira.

Acredita-se que a mulher que dá à luz deve repousar durante trinta dias, sendo mais melindrosos os primeiros. Quebrar o resguardo não é um bom sinal. Há mulheres que guardam seqüelas diversas dessa quebra, que vai desde a febre alta, dores na região uterina, sangramento excessivo, perda da sanidade mental e até a morte. Não foi o caso de Raimunda Marques:

Eu tava [...] de resguardo. Eu tava deitada ali, aí chega minhas duas irmã, aí eu fui naquela lembrança, aí quando eu vi os olhos dela cheio de água, eu pensei logo: Foi alguma coisa que aconteceu. Porque a gente só esperava coisa ruim. Aí elas entraram ali pra cozinha, eu só via elas cochichando. Aí ela chegou aqui e me deu um trago (de cachaça), que era pra mim não quebrar o resguardo.

- O que foi que aconteceu?

[...] Ela disse:

- Ora, foi o [...] João que morreu.

[...] Desabou ela e a mamãe. [...] Ficou só eu mais meu esposo. [...] Quando foi umas duas horas, eu ficava só pensando: Ô, meu Deus, meu irmão tá lá estirado e eu não posso ver ele. [...] Foi tudo que Deus deu, aquele meio deu [...] não quebrei o meu resguardo, tive o resguardo em paz.

Raimunda Marques ficara com sua filha e sua dor. Enquanto a mãe procurava chegar ao caminho onde estaria o filho morto, o corpo de João das Pedras permanecia no chão do quintal da casa do senhor Epifânio, no bairro do Cruzeiro. Com o passar das horas, os curiosos que se chegavam para ver, ouvir e falar, comprimiam o espaço, tornando necessária a retirada do defunto, para sossego da família e o dispersar da balbúrdia. A saída do corpo do lugar que marcara sua morte foi arquitetada por pessoas anônimas.

De acordo com o padre João Batista, a forma como João das Pedras foi conduzido fugiu das rédeas de sua família:

A forma como ele foi trazido, talvez isso foi muito desagradável para muitas pessoas. [...] No momento a minha mãe não tinha [...] reações. [...] Porque nunca tinha acontecido isso em casa e ela ficou no quarto desesperada. Então, quando chegaram, alguém que conheceram, essas pessoas foram muito hostis, muito brutas em dizer:

- Não, leva de qualquer jeito!

- É, é um ladrão!

Você tá entendendo? Alguém sugeriu: podia vir até arrastano, e então pegaram, pegaram acho que foi um pau, uma coisa lá e impiduraram as duas mãos e os pés e truxeram ele impidurado. Quer dizer: ninguém, ninguém teve ação de pedir uma rede e nem ninguém teve ação de oferecer uma rede aqui na rua, na nossa rua, e cheio de gente. Foi a vinda cruel? Foi, né. Foi desagradável, não é? Talvez, foi até desumano, né. Mas, naquele momento, foi motivado por muita gente [...] não que a pessoa ia ceder por isso também,

não é? Mas foi por muita gente: que não precisava, que podia trazer de qualquer jeito, era um ladrão! [...] Inclusive o pessoal do seu, na época o pai do Antonio Glória, seu Glória, acho que ele tomava parte de alguma função de justiça. Ele mesmo foi o próprio a dizer:

- Não, leva de qualquer jeito, é o João das Pedras. Todo mundo tinha vontade que esse cara morresse, que desse um fim a ele.

Quer dizer [...] essa ação do povo, apesar de desumana, mas foi aplauso²⁸¹.

Não há nomes. E, portanto, a possibilidade de apontar quem foram as pessoas que o colocaram num varão de madeira foi descartada. De onde surgiu tal condução também é um questionamento que carece de resposta. Tudo surge do nada. O silêncio nos induz a crer que essas pessoas permanecem vivas em São Benedito.

Na observação feita ao túmulo de João das Pedras, no dia 2 de novembro de 2004, deparei-me com o único homem que relatou ter participado da “arrumação”. O homem se aproximou quando percebeu que estava entrevistando o senhor Luiz Antonio, que comentava que havia seguido o cortejo fúnebre. Após a entrevista em torno do túmulo, o senhor Alfredo se dispôs a relatar:

Eu lembro. Eu ajudei a trazer ele. Eu tava dormindo em casa quando uns homens chegou pra me chamar:

- Rapaz, vamos espiar ali o que aconteceu.

Quando cheguei lá, ele tava com umas apragatas (alpergatas) aqui na mão, encufido da energia. Primeiro eu falei que o cara butar na rede. Trouxemos ele num pau. Mas butaram e amarraram ele em três lugar [...]. O homem que fez isso já morreu também, já morreu. A gente pelejou (para não levar dessa forma), mas o cara não aceitou, trouxeram desse jeito mesmo.

- Não, nós vamos levar assim mesmo num pau.

Quando chegamos bem ali, a Raimundinha Belém, eu não sei se ela já morreu, tomou das nossas mãos e:

- Nós vamos levar agora é na rede.

[...] Aí trouxemos ele pra lá, pra ajudar a deixar ele [...] Nós morava vizinho lá²⁸².

De um lado, as mãos cruzadas foram unidas pela corda que findava enlaçada com um nó na madeira. Os pés seguiam a mesma arrumação.

Mesmo com os nós firmes que apertavam as mãos e os pés, os arrumadores, vislumbrando a possibilidade de a condução não resistir até seu destino final, viram-se na necessidade de amarrar e prender também a cabeça. Um condutor na frente e outro atrás levavam o defunto.

²⁸¹ RODRIGUES, João Batista.

²⁸² MELO, Alfredo Roberto de. 67 anos. Residente no bairro do Cruzeiro. Entrevista realizada no dia 02/11/2004, no cemitério de São Benedito.

O senhor Nilo Paula Santana não ficara para ver o desfecho. Logo após ver o corpo, seguira seu caminho:

Eu tinha vindo embora, viu. Diz que levaram ele com os pés amarrado e butaram num pau, como quem carrega um animal. Eu achei que isto aí foi uma ação feita por gente que não tem, como se diz, o maior raciocínio, né. Pode ele fazer o que quisesse em vida, mas, se ele morreu, não podia ser carregado desse jeito. Amarraram os pés e as mãos, butaram num pau e levaram pra lá. Que isto eu não vi, não. Estou lhe dizendo porque me falaram depois. Eu tinha pedido a eles muitas vez, talvez até pelo amor de Deus, que não fizesse. Eu é que faço o cálculo que tinha feito, agora depois, se eles não atendessem nada, nada, aí eu entrava com outra ação, entrava em defesa da pessoa que já tava morto. Acho que não deixava, não, só se levasse ele e eu também²⁸³.

A captura, prisão, condenação e morte dos ladrões, bandoleiros e cangaceiros tiveram por meio de muitas tradições um destino de exposição pública.

O trajeto de João das Pedras, do privado para o público, assim como a profanação do corpo vivo ou morto, seguia um desenlace comum recebido por outros bandoleiros em diferentes épocas e circunstâncias. Cabeleira, o bandoleiro matador, é executado em praça pública, enforcado²⁸⁴.

Em 1927 o cangaceiro Jararaca é morto com um golpe na nuca e uma perfuração na garganta, sangrado vivo na beira de sua cova. A perversidade de sua morte significa que o corpo do cangaceiro não careceria de dignidade, respeito, ou piedade²⁸⁵.

²⁸³ SANTANA, Nilo Paula.

²⁸⁴ O julgamento e a execução pública, tão comuns no período colonial brasileiro, são trazidos por Franklin Távora na narrativa da morte do bandoleiro pernambucano Cabeleira: “No instante, aos olhos da multidão profundamente abalada, a cena transformou-se como por oculto maquinismo. O infeliz mancebo, que, mal acabara de falar tenha sido rudemente impelido do estrado para o vácuo, pendia da corda assassina, tendo sobre os ombros o carrasco que apertava com as mãos cobardes o laço sufocante. Cena bárbara que enche de horror a humanidade, e cobre de vergonha e luto, como tantas outras, a história do período colonial” (TÁVORA, Franklin. **O Cabeleira**. Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. p. 106).

²⁸⁵ Lampião atacou Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 13 de junho de 1927. O rei do cangaço saiu ileso de sua investida. Porém, esse não foi o caso de José Leite Santana, o conhecido Jararaca. Capturado e levado para a cela da cadeia municipal, daqui só sairia para sua casa final: a sepultura que havia sido preparada pelo capitão Abdon: “À meia-noite do dia 18 de junho de 1927, Homero parou o seu automóvel ao lado da cadeia de Mossoró, de onde saíram e tomaram assento no veículo Jararaca (com as mãos amarradas), três soldados e o próprio delegado. Primeiro, foi uma coronhada na nuca. Em seguida, uma estocada com arma branca em plena garganta do prisioneiro [...]. Jararaca foi sangrado, de maneira bárbara, fria e covarde [...]. [...] só quando ressoou pelo cemitério de Mossoró, aquele berro lancinante foi quase urro, partido da garganta de um animal ferido de morte” (ALMEIDA, Fenelon. **Jararaca**: o cangaceiro que virou “santo”. Recife: Guararapes, 1981. p 82-85 (Cadernos Guararapes, 1)).

O corpo de Lampião também é o centro da profanação. É alvo de degolação. Sua cabeça exposta em diversos lugares: é a vitória e vingança maior. Provoca o desejo de ver aquele que era grande, agora pequeno, indefeso, humilhado, repartido em pedaços²⁸⁶.

O corpo de João das Pedras é profanado pela ação tanto quanto pelas palavras, menciona o senhor Luiz Antonio de Sousa:

Nesse dia, eu fui à feira. E chegando na feira, tava o comentário. O pessoal comentando da morte do João das Pedras. E eu segui até o local que aconteceu o fato e de lá eu me deparei com o povo amarrando ele, é, tipo como se amarra um animal pra trazer, um porco, uma coisa. Vindo de lá pra cá, o povo vinha fazendo aquele barulho, por ele ser, ele era ladrão, e aí o pessoal esculhambava ele, dizia palavrão, zombava, era mais zomba mesmo. Dizia:

- Aonde é que tu ainda vai roubar? Tu ainda vai roubar?

O que eu me lembro mais era isso. Alguns adultos que vinham trazendo, e mais crianças, adolescente que vinham acompanhando, e também acho que com pouco entendimento da época dizia essas coisas. Acompanhei o cortejo de lá no Cruzeiro, aonde aconteceu, até chegar na frente da antiga farmácia que era do Bezerrinha, que na época já não funcionava mais como farmácia, na esquina, e de lá eu fui embora²⁸⁷.

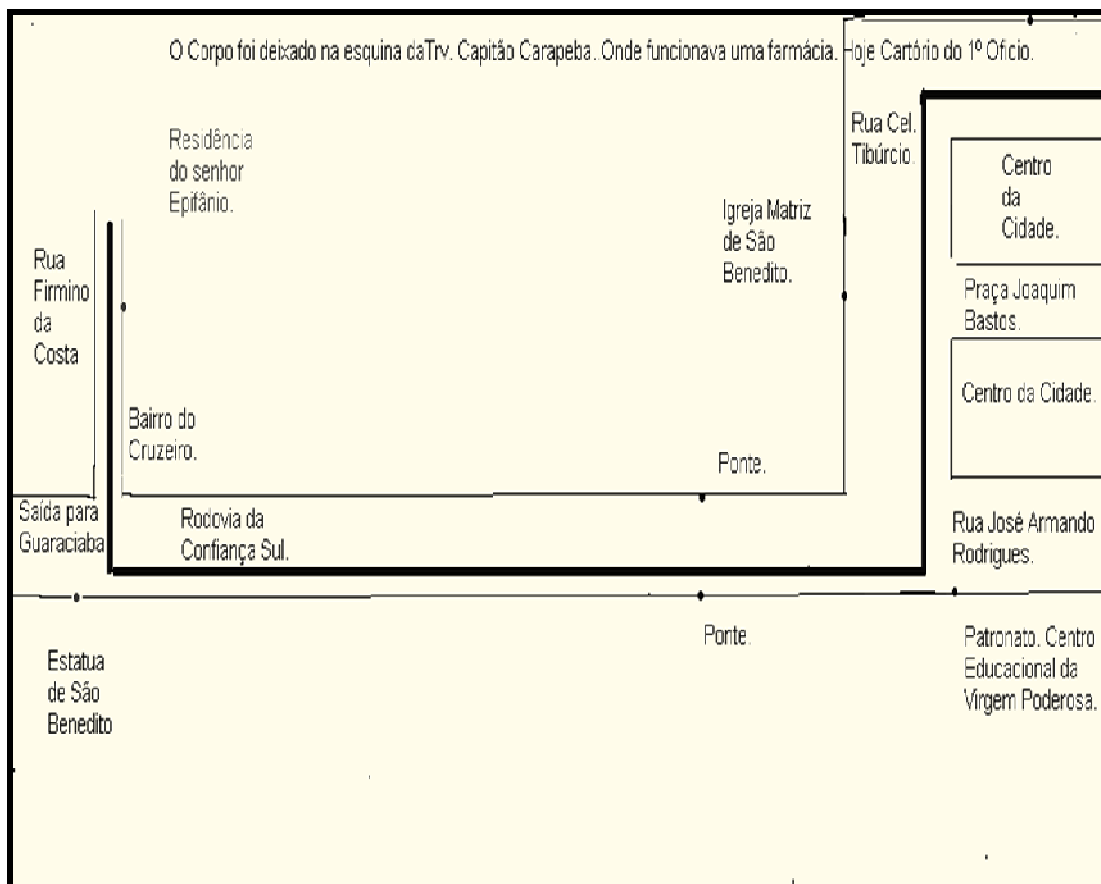
Foi aproximadamente um quilômetro e oitocentos metros percorridos. No mapa indicativo a seguir, tentei traçar o que pode ser vislumbrado como o caminho que teria passado o cortejo.

Esse traçado só foi possível diante das diversas entrevistas e conversas que indicavam a mesma passagem. Quis inscrever apenas alguns lugares pontuados como necessários para o entendimento da localização da partida e da chegada. A estátua de São Benedito, assim como a ponte, a igreja Matriz de São Benedito e o Centro

²⁸⁶ Lampião, o valente e temível cangaceiro, tinha, com sua cabeça cortada, sua moral desmoralizada. O mito sem corpo, a cabeça solitária, punha em foco a fragilidade dum corpo que padecia diante de seus algozes, que o transferiam de um lugar a outro pelo puro prazer de expor os restos dos restos mortais do maior cangaceiro do Brasil: “Também foram degolados os demais cangaceiros, e todos os corpos foram atirados no fundo de um riacho, que então estava seco. As cabeças foram colocadas em latas de querosene com água de sal grosso. [...] De Santana do Ipanema, as cabeças foram conduzidas em caminhão para Macéio, onde chegaram a 31 de julho e ficaram no quartel da polícia, na praça da Cadeia, até o outro dia, sendo levadas, às 22 horas, para o necrotério da Santa Casa de Misericórdia, para exame médico-legal. Levadas mais tarde para Salvador, as cabeças dos cangaceiros foram mumificadas pelo processo egípcio e passaram ao acervo do Museu Nina Rodrigues, do Instituto Antropológico e Etnográfico da Bahia” (QUEIROZ, op. cit. p. 119-121).

²⁸⁷ SOUSA, Luiz Antonio. 37 anos. Professor de História do Colégio Ministro Antonio Coelho. Residente no Quadro São Francisco. Entrevista realizada dia 02/11/2004 no cemitério de São Benedito.

Vocacional da Virgem Poderosa são espaços que já existiam em abril de 1978. A linha forte é o que indica o trajeto:



O cortejo percorre o bairro do Cruzeiro, encaminhado por toda a reta compreendida no trajeto da Rodovia da Confiança Sul, curvando-se na rua Cel. Tibúrcio, que se avista logo no início da curva a igreja Matriz de São Benedito. O corpo segue até a esquina da rua Deputado Vicente Ribeiro, onde hoje nessa mesma esquina abriga o Cartório do 1º Ofício, onde aqui foi deixado.

A presença de algumas pessoas que vislumbraram o cortejo surgiu durante outras perguntas não direcionadas ao seu carregamento, como foi o caso do senhor Raimundo Pereira, quando lhe perguntei se havia ouvido falar no João das Pedras:

Então, aconteceu uma coisa que, quando eu vim fazer um programa aqui na rádio, que há vinte e oito anos eu canto aqui, e vim fazer o programa aqui na rádio, e me encontrei com o pessoal levando ele para o cemitério, mas levano ele assim como quando um sujeito mata um porco em casa, que não tem água em casa. Naquele tempo passado, que não tinha água em casa pra fazer a lavagem naquele porco e amarrava os quatro pé do porco

e dimpidurava num pau e dois homem levava pra onde tia água. Aí aqueles homens levava aquele porco dimpidurado naquele pau e amarrado os quatro pé. Assim eu encontrei o pessoal levando ele para o cemitério. Eram poucas pessoas levando ele como quem leva um porco: amarrado, viu, pelo corpo todo, com cordas enrolando o pescoço dele e dimpidurado naquele pau. Eu me assombrei de ver uma arrumação daquela e o pessoal levando ele como que fosse, como que não fosse cristão, como que fosse um porco, viu. Ele era gordo, bem forte, e aquelas cordas quase cortando o corpo dele, viu. Não sei se ia de mortalha ou como era. Eu sei que o corpo [...] ia amarrado àquelas cordas e ia dimpidurado levando para o cemitério. Justamente foi a última cena que eu posso dizer que vi e ouvi dele, foi que encontrei ele na metade do camim indo para o cemitério, naquela situação, onde eu fiquei muito horrorizado com aquilo, que quase não faço nem o programa (na Rádio Planalto de São Benedito), aqui de contrariado de ter visto uma marmota daquela. Toquei sim. (Quando foi fazer o programa na rádio, o senhor Raimundo admite ter tocado na morte de João das Pedras). Toquei no assunto do que eu vi na passagem: que tinha encontrado ele naquela situação, amarrado, dimpidurado, ia levando ele dimpidurado como quem leva um porco onde tinha água pra lavar e foi essas coisas assim²⁸⁸.

O Senhor Raimundo Pereira não foi o único que falou logo sobre o cortejo. Pude observar que, mesmo sem serem perguntadas, é este o assunto central das narrativas, apresentando-se sempre com a linguagem semelhante, que compara João a um animal, especificamente um porco. Neste prisma, João é sempre o humano, o cristão que é reduzido pelo tratamento à condição de animal irracional. A senhora Maria da Conceição Lopes traz, em sua entrevista, a figura do cristão mais respeitado na cidade, o então pároco Otacílio Carneiro, que entra em defesa do ladrão. Não é indicado em que momento o padre surge para reclamar como João fora tratado:

Trouxeram de lá como quem traz assim um bicho bruto. Butaram um pau, amarraram os pés dele assim e as mãos e o corpo dele assim impindurado, como quem traz assim um bicho bruto. Até o monsenhor reclamou. O monsenhor morava ali naquela casa que o padre Antonio mora. Ele reclamou. Não era para fazer aquilo ali, não, que aquilo ali, ele era um, ele era filho de Deus, ele era humano. Ruindade, foi ruindade²⁸⁹.

Contudo, a defesa do Padre também pode ser vislumbrada como a palha que veio também incendiar, tornando-se possível a devoção a João das Pedras. Afinal, o padre, anunciava a quem pudesse ouvir que não se deve julgar, mas perdoar, que não se deveria ter rendido a um ser humano um tratamento depreciativo:

²⁸⁸ PAIVA, Raimundo Pereira.

²⁸⁹ LOPES, Maria da Conceição.

Aí eu fui olhar ele. Foi assim nessa rua Treze de Maio, ele tava lá deitado assim no chão, parecia um porco. O padre não gostou disso, de ter trazido ele assim, porque logo foi na véspera da semana santa. O padre ficou com muita raiva porque fizeram isso²⁹⁰.

A intenção era impingir a humilhação pública a João das Pedras. Ocorre a inversão, e o feitiço virou contra o feiticeiro. A João, assim como a Jesus humilhado, judiado em seu calvário, a humilhação deu a consagração de milagroso. As memórias narradas constroem uma hagiografia para a biografia de João das Pedras:

Trouxeram ele, amarraram as mãos e os pés e enfiaram num pau, trouxeram como quem traz um animal. E, então, todo mundo ficou muito revoltado que não podia ser daquele jeito. Podia ter botado numa rede, ter botado e tal. Mas como fizeram com ele não se faz com um ser humano. Então eu acho a alma dele é mais milagrosa por o motivo daquela humilhação, que fizeram com ele na morte dele, que ele devia ter sido tratado como gente, e não como um animal²⁹¹.

Nas memórias, o corpo dependurado atrai a atenção, rouba a cena dos condutores, e eles passam a ser um detalhe insignificante diante do todo. Não é a falta dos nomes que os torna anônimos, mas a falta de sua presença nas narrativas:

Quando eu sube da morte dele, que ele deu um grito muito horroroso que naquele, lá naquelas casas todo mundo ouviu aquele berro, aquele gemido muito grande. Aí quando eu sube, no outro dia, era o João das Pedra que tinha morrido. Aí eu fiquei assim chateado, assim pesaroso com pena dele, porque, porque com gente humana a pessoa não faz isso. Mas aí levaram ele amarrado como um porco, os quatro pé e enfiado num [...] Aí deixaram lá no meio da rua²⁹².

O corpo seguia rumo a que lugar? Não parece ter sido arquitetado um lugar preciso para deixá-lo. O desfile seguia o acaso. A senhora Francisca Mota acredita que o lugar final seria o cemitério. Enquanto os passos daqueles que o conduziam seguiam para algum lugar, aqueles que dele ouviam falar se achegavam para vê-lo, como foi o caso de Francisca:

[...] Quando eu cheguei lá, quando nós chegamos na ponte, já vinham trazendo ele assim como quem traz um porco. Amarrado os pés, um pauzão bem grande amarrado os pés com uma corda, dimpindurado num pau

²⁹⁰ ASSIS, Francisca das Chagas.

²⁹¹ CARVALHO, Maria Aparecida de Matos.

²⁹² PAIVA, Manoel Franco de. 78 anos. Aposentado. Entrevista realizada no dia 08/05/2005, em sua residência, na rua 59, 1ª etapa, José Walter, Fortaleza, CE.

e amarrado a cabeça. Aí desceram com ele lá para o doutor Bueno, dizendo que iam pra, iam enterrar daquele jeito que tava. Aí, eu digo:

- Aí, eu conheço ele.

Eu falei:

- Eu conheço ele.

A polícia disse:

- Ah, sim. Você conhece?

- Conheço ele, conheço a mãe dele, que ela morava lá perto do açude, acolá pra cá do hospital do doutor Bueno.

Aí eu fui até o seu Vicente Belém e trouxemos a mãe dele. Quando chegou a mãe dele, levou ele lá para a casa dela e ele foi se enterrar [...]. Eu ainda fui no enterro dele²⁹³.

A senhora Francisca Mota comenta que teria sido uma das pessoas a avisar sobre a morte de João das Pedras a sua mãe. Maria Ferreira depois me confirmou a presença da velha senhora, que havia avisado a ela juntamente com as suas filhas Maria do Carmo e Maria das Graças. O que chama atenção em sua entrevista não é essa questão somente, mas também o fato de indicar que havia policial acompanhando o trajeto, sendo estes coniventes com tudo que acontecia. Não fora apenas essa menção que nos indicou a presença da polícia. O padre João Batista havia nos comentado a presença do senhor Antonio Glória (que também trabalharia na delegacia municipal) lá na sua casa, mas que não se pronunciara, a não ser para incitar a forma como João deveria ser levado.

O senhor Joaquim Crescença, o ex-carcereiro da delegacia municipal de São Benedito, admitiu que fora destinado a ir reconhecer o corpo e confirmar se era ou não João das Pedras, mas que não ficara para ver o desenlace do carregamento:

Caiu lá do lado de fora todo carbonizado. Aí, veio a notícia pra cidade, aí o juiz foi e mandou eu ir lá saber da história, como era e como não era, e eu fui saber da história [...]. Eu fui e identifiquei que era ele. Eu já tinha mesmo o roteiro que era ele, porque o povo já dizia que era o João das Pedras que tinha entrado lá na casa do homem. Entrado, não! Ele só fez chegar na porta e foi pegar nos fi. E os fi, ligou-se nos fi. A energia pegou ele e matou, ele ficou espichado lá. Arrumaram pra trazerem ele. Essa história de trazerem ele eu não vi, não, que eu vim me embora logo. Eu vi dizer que eles tinham pegado uma corda, amarrado nos pés dele e nas mãos e enfiaram um pau e trouxeram pra cidade. Como quem traz um porco, até não sei quem deram uma reclamação danada²⁹⁴.

²⁹³ RODRIGUES, Francisca Mota. A senhora Francisca, conhecida como Chica da Égua, me concedeu a entrevista em sua residência na avenida Tabajara no dia 19/03/2004, aposentada, estava com 68 anos.

²⁹⁴ CRESCENÇA, Joaquim. 83. Aposentado. Residente no Sítio Pimenteira, em São Benedito. Entrevista realizada dia 19/03/2004, em sua residência.

Assim como os carregadores, o policial ou policiais que estariam na cena fúnebre não são identificados. Supondo-se sua presença no local, eles viram desde a amarração ao trajeto, assistiram sem causar nenhuma interferência nas ações. Quanto aos condutores, quando chegaram precisamente à esquina onde hoje está localizado o Cartório do 1º Ofício, permitiram que o corpo descesse ao chão.

Os condutores tiveram que parar, não por vontade própria, mas induzidos pela senhora Raimunda Belém que, atraída ao burburinho, reconheceu o corpo do filho da sua empregada Maria Ferreira Gomes:

O povo tinha medo, mas ficaram e ficou mesmo numa maneira muito triste. Aí o que fizeram: ataram as mãos dele, amarraram as duas mãos, amarraram os dois pés, enfiaram um pau como quem carrega um porco. Aí, quando ele ia passando na rua feito um porco: pindurado num pau, aí tinha uma senhora aqui que se chamava Raimundinha Belém. Ela era uma ótima pessoa também para ajudar o povo, pra tá sempre presente nas horas de agonia, de vexame, de muita coisa, ela tava do lado pra ajudar. Nessa ocasião, ela se encontra com ele na rua pindurado e deu uma rede, mandou levar lá pra levar para o cemitério. A irmã Brasileira também morava aqui nesse tempo, ficou com muita compaixão, chorou de compaixão de ver um ser humano tratado daquele jeito. Eu acho que foi maldade. É muita maldade²⁹⁵.

Dentre as entrevistas, o nome da senhora Raimunda Belém preponderou como a única que se dispôs a reclamar, atalhar o cortejo e impedir que seguisse adiante:

Fiquei sabendo que ele tinha morrido. Aí trouxeram ele, da banda de lá, num pau com os pés e as mãos amarrada até em frente à farmácia do doutor Bueno. Pra cá da rádio dele, bem na quina, lá nesse tempo era a farmácia. Desamarraram ele e levaram direitinho. A dona Raimunda Belém foi quem brigou, porque tinham levado ele amarrado os quatro pés, como um porco enfiado num pau²⁹⁶.

Raimunda de Paula de Melo Freitas é o nome civil de Raimundinha Belém. Raimunda Belém tem a fama de uma pessoa ágil, briguenta e, como nos comentou a senhora Francisca Muniz, dona de “um ótimo coração”. Raimunda Belém foi uma das

²⁹⁵ NASCIMENTO, Francisca Muniz do.

²⁹⁶ COUTINHO, Expedito Jorge. 78 anos. Pedreiro aposentado. Residente na travessa Francisco Cavalcante. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/01/2008.

primeiras mulheres a serem eleitas para assumir o cargo de vereadora na Câmara Municipal de São Benedito²⁹⁷.

O cortejo recebe a interpretação de instantes duma ação que foi impulsionada pela ruindade. Otalício Viana compactua com essa prerrogativa: “sendo que depois por motivo de festa, essas pegaram o corpo dele e saíram desfilando aí pelo centro aqui de São Benedito”²⁹⁸.

João das Pedras é aclamado pelas narrativas como o pobre injustiçado. O senhor Manoel Franco não residia em São Benedito no período em que João das Pedras teve um fim. O senhor forte e de voz trêmula se emocionava ao relatar como teriam sido os passos do ladrão para o mundo dos mortos, do corpo pulsante para o corpo entregue à vontade alheia, dos condutores.

Lá pra banda do Cruzeiro, ele fez um pequeno roubo pra lá, né, e o cara como era, eu não conheço lá esse cara lá [...]. É, tinha o gênio mau, foi e armou o fio, fi elétrico. E aí à noite ele foi outra vez, aí, pegaram ele, aí o pobre morreu nessa hora. O fi matou, a energia matou ele. Aí, no outro dia, trouxeram ele como quem fosse assim um porco: pindurado num pau, um adiante e outro atrás, levando o pobre dipindurado. Aí traziam ele²⁹⁹.

Raimunda Belém consegue seu intento, sua peleja em argumentar é ouvida. O cadáver é retirado do varão de madeira e finalmente se livra das cordas.

A mãe de João das Pedras finalmente chegara, vinha guiada pelas bocas que apontavam o local onde fora depositado o cadáver do filho, segundo Raimundinha Belém e Francisca:

Fomos bater lá onde ele tava. Nós fomos. Quando nós chegamos lá, tava aquele povão no meio do beco. Tava lá. Aí a mulher, o povo tudo perguntando, porque parece que são é doido. Tava lá no meio da rua, tinham butado ele lá. O pessoal chegaram:
- Dona Maria, dona Maria, é seu filho mesmo?
Eu passei até um carão.
- É seu filho mesmo? – e era gente grande – É seu filho mesmo? A senhora está conhecendo?
Eu disse:

²⁹⁷ Stella Furtado assegura que em 15/11/1976: “Pela primeira vez o município de São Benedito elegeu duas mulheres à Câmara de Vereadores: Raimunda de Paula Melo de Freitas (Raimundinha Belém) e Maria da Lapa Sousa”, Raimundinha Belém elegeu-se pelo partido “Arena I” com “591 votos”, foi vice-presidente da Câmara durante 1977-1978 e em 1981-1982. A autora ainda esclarece: “morreu no exercício de seu mandato, sua vaga foi ocupada pelo suplente a vereador Francisco das Chagas Melo (Chico Bispo)” (FURTADO, op. cit. p. 381).

²⁹⁸ SOARES, Otalício Viana.

²⁹⁹ PAIVA, Manoel Franco de.

- Tô, que ninguém não é doido, quem não conhece o filho da gente?
 Mulher, mais aí eu já ia era doida. Aí tornaram a perguntar:
 - Dona Maria, será que é seu filho mesmo?
 Eu disse:
 - Vocês ainda querem perguntar outra vez?
 Um bicho vêi lá:
 - Você conhece, você sabe que é seu filho mesmo, você conhece? Eu respondi:
 - Só pode. Quem não conhece o filho é abestado, e eu nunca fui abestada. Ele se calou. Eu já tava era com raiva já³⁰⁰.

Maria Ferreira Gomes chegara atrasada e não se deparara com a cena de João preso ao varão de madeira. Maria das Graças, sua irmã, fora a única parenta que acompanhara sua mãe para o reconhecimento e para a remoção:

Nós fomos, eu com a minha mãe lá na cidade. Muita gente ao redor, e eles levaram lá como se fosse assim uma coisa que não valesse nada. E aí mesmo não queriam deixar minha mãe olhar, porque disse que ela não tava conhecendo, mas a minha mãe conheceu, porque era o filho dela. E colocaram ele em riba de um carro e levaram para fazer o velório na nossa casa³⁰¹.

Maria Ferreira Gomes anuncia que de lá o corpo seguiu na carroceria de um caminhão com destino a sua casa, localizada em frente ao Hospital Geral Doutor Bueno Banhos:

[...] Aí foram arrumar outro, um carro grande. Ele veio no carro da finada Raimundinha Belém. Deus tenha ela. Viemos para casa. Esse carro vinha lotado de gente daí. E o povo acompanhando de trás, acompanhando de pé. Menina, naquela subida, do alto da pista até lá em casa, parecia um dia de feira, foi o dia todim³⁰².

Desprovido na vida e na morte. A família retirou a porta da cozinha da casa: o tamanho da peça da rude madeira sustentaria o corpo de João das Pedras. Quatro cadeiras foram providenciadas para segurar a porta e, na mesma medida, o corpo de João das Pedras:

Ele ainda não tinha caixão. Ficou esperando o caixão lá para butarem ele. Butaram numa porta, uma porta, umas cadeiras assim dum lado

³⁰⁰ GOMES, Maria Ferreira.

³⁰¹ GOMES, Maria das Graças Marques. 53 anos. Dona de casa. Entrevista realizada no dia 12/02/2005, em sua residência, no Sítio Pimenteira, em São Benedito.

³⁰² Id.

e do outro. Aí quando chegou o caixão, butaram ele: um caixãozão grande. Ele já era grandão e quando morreu, ave Maria³⁰³.

Os curiosos teciam comentários de como se dera sua morte e o cortejo. Fora nesses burburinhos que Maria ficara sabendo o que desconhecia: “João carregado como um porco”. Além disso, outro assunto surgia: como iria o defunto ao cemitério, acabado o velório? Numa rede ou na tábua que o segurava?

As visitas começavam. O recinto parecia pequeno. A curiosidade de ver o bandido morto atraía os curiosos. Os amigos dos jogos de outrora também vieram dar a olhada final.

Os amigos e vizinhos, parentes da senhora Francisca Ferreira, a avó, Maria Ferreira Gomes, a mãe de João das Pedras adentravam a casa com o intuito de ver o defunto, mas principalmente trazer algum alento àqueles familiares. Aqui neste instante dar os pêsames era oferecer o apoio à moda corriqueira do interior sambeneditense, servindo o chá ou café, trocando as velas que vigiam com o seu perspicaz pavio o corpo e a alma do morto, oferecer as cadeiras e os tamboretos para os de fora, enquanto proferem modestamente: “Deus quis assim”, “Foi feita sua vontade”, “Veja, ele descansou, tá em paz”, “Deus lhe dará o merecido conforto”.

A senhora Raimundinha Belém fora em busca do caixão. Para muitos, o caixão teria sido doado a João das Pedras pela vereadora que, consternada, se compadecera da situação. Nas narrativas a senhora sempre surge como a defensora de João:

A Dona Raimundinha Belém ,que já morreu, disse que aquilo não se fazia, não! Que ele era humano! Não podia se fazer uma coisa daquela, não. Por que não butaram ele numa redinha qualquer e tivesse trazido ele? Trouxeram como quem traz um porco, aí butaram na calçada, lá da casa, e foram tomar as providências pra levar ele pra casa da mãe dele, pra de lá fazer o enterro. Ela até ajudou trazer ele e ajudou fazer o enterro dele [...] ³⁰⁴.

O caixão viera mesmo pelos meios da condolente senhora. Esta, juntamente com o seu irmão, o senhor Vicente Gonçalves de Melo (Vicente Belém), seguiu até a capela do cemitério municipal de São Benedito e de lá foi trazido o caixão das almas, ou, por que não dizer, o caixão dos pobres:

³⁰³ Ibid.

³⁰⁴ CRESCENÇA, Joaquim.

Mais aí a gente era muito pobre e não tinha como comprar um caixão. E foi, ele foi se enterrar no caixão das almas, que é aquele caixão que, chega lá no cemitério, bota o corpo dentro da cova e o caixão volta para a igreja do cemitério³⁰⁵.

O caixão de madeira de cor preta tinha que ser forrado por chita; se assim não fosse, viam-se as partes do defunto através das brechas que separavam uma talha de madeira para outra. Nos anos 1970, em São Benedito, a caixa fúnebre era fabricada por marceneiros e não havia estoque. Assim, quando um sambeneditense morria, o corpo descansava sobre uma mesa ou numa cama até a feitura da caixa mortuária:

De primeiro aqui era assim, as coisa era tão difícil. [...] Não era todo mundo que pudesse comprar um caixão. Aí morria, levava numa rede, quando chegava no cemitério, butava dentro da cova, jogava lá do jeito que tinha a pessoa, jogava lá e cubria com terra e pronto. Tinha o caixão das almas, às vezes a pessoa fazia promessa pra dá um caixão pras alma. Chamam caixão das almas: butava aquele caixão no cemitério, quando a pessoa morria e não tinha condição de comprar um caixão, a pessoa levava no caixão, iam buscar o caixão lá no cemitério, e aí butava a pessoa dentro e enterrava, butava o caixão lá de novo³⁰⁶.

Sem possuir o caixão, o corpo do pobre era conduzido em rede. Alguns ressaltam ainda que, após os sepultamentos, havia aqueles familiares que, pela carência, (re)utilizavam a rede que servira de condução ao moribundo. O caixão das almas apresentava ao pobre a possibilidade de ser conduzido dignamente de casa ao cemitério. Embora isso significasse levar para a cova seu atestado de pobreza vivenciada na vida e agora na morte, recebendo a piedade daqueles que acompanhavam o infeliz destino. Na São Benedito de outrora o caixão também era objeto de distinção social³⁰⁷. O caixão como objeto de doação é percebido, no livro de Stella Furtado como uma doação feita pela Associação dos Trabalhadores Rurais.

Os desvalidos não tiveram direito a muita pompa ou ao último desejo: sua ida para a morada eterna seguia carregada de sua condição enquanto vivo: a de pobre. E nem mesmo na morte apartava-se desse destino. A partir de 1923, o pobre

³⁰⁶ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos, funcionária pública. Reside na rua Monsenhor Custódio, em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004.

³⁰⁷ O caixão, segundo João José Reis, foi por muito tempo, no Brasil, transporte de poucos. Na Bahia, por exemplo, o uso do caixão foi difundido apenas “ao longo do século XIX, mas até 1836 ainda predominava o esquife” (REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 150).

sambeneditense era conduzido a sua cova num caixão que poderia ser doado, emprestado ou alugado pela Associação dos Trabalhadores Rurais de São Benedito:

Tem raízes na Associação de São Vicente de Paulo, fundada em março de 1923, pelo Padre Antônio Cândido de Melo, vigário interino substituindo monsenhor Custódio de Almeida Sampaio, funcionando com 34 membros. Tem raízes também no Círculo de Operários São José, fundado a 19 de março de 1929. Estas associações tinham por finalidade amparar os desvalidos ou marginalizados pela pobreza. Os sócios contribuía[m] com uma insignificante cota mensal, a fim de garantir o enterro e a missa do sócio e de seus familiares, em caso de morte. Visava também à promoção integral da classe trabalhadora, aprimorando a moral e religião com uma boa evangelização. No extinto quarto da pia batismal da igreja Matriz, existiram dois caixões funerários, em tamanhos diferentes, para serem emprestados aos associados ou alugados a outras pessoas para irem de casa à igreja recomendar o corpo e de lá ao cemitério. Ali retiravam o cadáver e o caixão retornava ao ponto de origem. Com a chegada do padre Coutinho a São Benedito em 1935, os caixões foram recolhidos na capela de São Miguel do cemitério³⁰⁸.

A capela de São Miguel foi benta em 1915, um ano após a inauguração do cemitério. No altar estão as imagens de São Miguel e a de São Benedito, o santo padroeiro. Atualmente não abriga mais em seu interior o caixão das almas, que teve início na década de 1920 e que chegou aos anos 1970 em São Benedito.

Na memória popular, o caixão das almas não estava destinado apenas aos associados, como nos sugeriu Stella Furtado. A própria denominação do caixão como sendo das almas provinha da compreensão de que a urna se configurava num objeto de pagamento de promessas: o sujeito fazia um pedido às almas e, quando obtido, o solicitado deixava no interior da capela um caixão que serviria para conduzir o corpo dos defuntos que, de um modo geral, não possuíam caixão.

Na capela de São Miguel a urna estava posicionada à espera, o objeto condutor acompanhava o defunto a sua cova, como nos assegurou Maria Aparecida Carvalho e a senhora Francisca Rodrigues, indicando que o caixão das almas é um objeto mortuário dos tempos idos.

Maria Aparecida Carvalho: Era preto [...] agora acabou-se. Não tem mais esse negócio de, de caixão nem nada. Porque agora veio essa funerária, todo pobre paga, né [...] aí pronto³⁰⁹.

³⁰⁸ FURTADO, op. cit. p. 263 (grifos da autora).

³⁰⁹ SILVA, Francisca Rodrigues da. 73 anos. Aposentada. Residente na rua Ministro Antonio Coelho, em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 25/02/2005.

Francisca Rodrigues: Só que agora que as coisa tá mais fácil, né [...] que vão pedir na prefeitura. Os pobrezim, quando morria, não tinha condição de comprar o caixão, aí era emprestado o caixão das alma pra levar aqueles defunto: chegava lá, tirava o cadáver, botava na cova e guardava o caixão para, quando morresse outro, ir buscar pra levar³¹⁰.

No presente, sua ausência é justificada pelas instalações de agências funerárias que proliferam nos arredores da cidade, responsáveis por difundir os serviços funerários para os pobres que passaram a não depender mais do caixão das almas, quando oferecem serviços funerários diversos: cesta básica; café e açúcar para servir no velório; flores; coroas; nota de falecimento proferida nas rádios; carro de som a acompanhar o velório; o recebimento de meio salário mínimo; entre outros serviços. As taxas são divididas em parcelas mensais.

Entretanto, isso não quer dizer que o pobre seja sepultado em caixão por causa das funerárias. Os pobres que não têm dinheiro para pagar as parcelas continuam desprovidos, e quando a morte vem incomodar-lhes, os familiares vivos correm arriba e abaixo pedindo a prefeito, vereadores, comadres e compadres, amigos para sepultar o seu falecido na urna funerária.

Chegado o caixão das almas à casa de dona Maria, o corpo de João das Pedras deixa de ser amparado pela porta da casa, e removem-no na presença de todos, com o auxílio de uns, para finalmente descansar por algumas horas no caixão. Vestido de mortalha branca. As flores que o cobriam para ofuscar as imperfeições, que já provinham com o passar das horas, eram rosas retiradas dos quintais das vizinhas, eram rosas de “boa noite”. A casa apertada pela presença dos presentes:

No dia do velório, muita gente. A casinha da minha mãe muito pequena, mas ficou lotada mesmo. O físico dele tava normal mesmo, não tava muito parecido com ele, porque ele tinha morrido à noite, [...] mas também não tava assim também demais [...]³¹¹.

A cova, o pedaço de chão no cemitério de São Benedito que serviria para receber João das Pedras, foi também doada por um primo de Maria Ferreira Gomes. A hora de seguir para enterrá-lo aproximava-se, seria precisamente às 17:00 horas da tarde do dia 4 de abril de 1978. As despedidas finais foram feitas. A encomendação do corpo

³¹⁰ CARVALHO, Maria Aparecida de Matos. 53 anos. Agente de saúde. Residente na Rodovia da Confiança Norte, em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 07/03/2005.

³¹¹ GOMES, Maria das Graças Marques.

foi feita apenas pelas rezas dos presentes, e mais um pai-nosso e ave-maria foram ouvidos. O corpo inchado empatou o caixão de ser fechado, narra Maria das Graças, irmã de João das Pedras:

E quando foi à tarde fomos fazer o enterro dele. Bastante movimentado, muita gente, não faltou gente no enterro dele. E foi isso que aconteceu [...]. O caixão foi destampado, ele foi como um anjo, muita flores em cima. Muita, muita gente mesmo acompanhando. Amigos que não eram amigos, que eram inimigos, tudo acompanharam o enterro dele, foi muito bonito o enterro dele. Porque não tamparam o caixão. É porque ele inchou a barriga e então a tampa do caixão era muito rasinha e não dava para tampar, e então levaram a tampa dum lado e levaram ele descoberto mesmo³¹².

Ao defunto, a família cumpriu o ritual, e a missa de sétimo dia fora celebrada:

A missa de sétimo dia dele foi muito bonita. É, muitos amigos dele tava na missa, choraram muito. O padre Otalício, que Deus já tenha ele lá com ele, falou muito [...]. Porque no dia que ele morreu foi muito judiado no meio da cidade, então o padre Otalício falou muito sobre isso [...]. Eu não esperava que fosse tanta gente e muita gente assistiu à missa e foi muito bonita. Eu não gosto nem de pensar no momento, pra mim que estou vendo, mas foi um momento de tristeza que a gente tava sentindo³¹³.

João das Pedras morto. A cidade de São Benedito, a delegacia, os moradores de cada área, cada bairro, cada ruela, cada reduto possuíam a certeza de que ficaram livre, para todo o sempre, de João. A família do ladrão, consternada, liberta das perseguições, afinal, se a morte o libertou das grades das delegacias, a família estava em paz também:

A gente ficou muito chocado, porque não teve providência nenhuma. Uma que ele era fugido da polícia, não tinha sossego, e então a gente não podia tomar providência nenhuma por ele. Aí nós entreguemo nas mãos de Deus, que Deus é que faz o julgamento³¹⁴.

Ninguém se atreveria a invadir mais a casa das Marias e de Francisca à procura seja de João das Pedras ou de qualquer objeto. A liberdade de ambos cobrou seu preço: a morte e o silêncio, a aceitação e a indignação, a tristeza e a saudade, o sossego e a falta, a providência dos homens e a de Deus.

³¹² Id.

³¹³ Ibid.

³¹⁴ GOMES, Maria das Graças Marques.

3.2. Corpo seco e o santo corpo

Maria, alguns meses depois da morte de João das Pedras, seguia rumo ao cemitério de São Benedito. Não gostava de estar posicionada em volta da cova do filho, a sensação sentida causava-lhe a percepção de lacunas, dum vazio. Afinal via, no buraco coberto de terra, o presente: o primogênito não mais existia.

Seus passos eram conduzidos por outra necessidade de comprovar um pequeno boato que propagavam *no disse me disse* em São Benedito: a cova de seu filho havia sido violada. A fofoca aguçava sua curiosidade de mãe, na mesma medida em que alimentava o interesse de verificar se seriam verdadeiras as histórias que “sempre ouvia falar, por aí onde eu morava”.

Um dia eu fui na rua. Quando cheguei lá, uma mulher me encontrou e me chamou assim:

- Dona Maria, venha cá. Se eu disser uma coisa, você acredita?

Eu digo:

- Não sei.

- Pois o finado João... Tiraram, uns padre pra cá, vieram para a casa do padre e quando foi de noite foram pegar eles lá, levaram.

E eu disse:

- Mulher, terá sido verdade?

Ela disse assim:

- Você quer ir no cemitério comigo?

- Vamos – me deu aquela coragem –. Vamos³¹⁵.

O rumor cercava-se de sentido para as duas que seguiam curiosas ao cemitério, buscando uma comprovação, porque tirar o corpo de um indivíduo da sepultura se insere numa teia do imaginário religioso que ronda os cemitérios, a exemplo, o de São Benedito.

Cada cemitério resguarda uma história de assombração: de almas que surgem para assombrar os vivos. Seres do além, que penam madrugada afora, pedindo velas, orações. Vagando pelos pecados cometidos em vida, uns rogando a compaixão, piedade dos que na terra permanecem, outros que insistem em assustar, perseguir, azucrinando o sossego no sono, sonho ou nas horas tardias da noite em aparições aos vivos.

Almas penadas passeiam, como seres noturnos que percorrem os becos e as ruas da cidade, assustando os que presenciam suas aparições. Exemplo disso é o

³¹⁵ GOMES, Maria Ferreira. Casada. Entrevista realizada no dia 03/07/07.

salientado pelos moradores da avenida Tabajara, bairro de São Benedito, que admitem ouvir em dias alternados, no calar da noite, a voz de uma mulher chorando. Nunca ninguém viu a mulher que profere tal melodia. E muitos acreditam se tratar de uma alma que vaga. Ninguém tentou abrir a porta, janela ou bisbilhotar pelas brechas duma persiana ou fechadura para saber se de fato se tratava ou não duma alma. Outros afirmam terem se acostumado com o barulho presente e *sofrido/pesaroso* da mulher que chora, sem ninguém ver ou secar com orações seu pranto.

A relação construída com as almas penadas segue um critério particular escolhido por cada um. Uma devoção que percorre espaços privados e coletivos. O âmbito da casa guarda os altares improvisados na mesinha de cabeceira da cama, ou postos sobre a sala de estar; outros em cima do armário da cozinha estão postos, esperando receber as velas que também oram junto com as orações suplicadas. Alguns destinam o relento dum canto do quintal para rezar para os mortos.

Além do lar, aqui sendo denominado um espaço de devoções privadas, advêm as devoções públicas que se dão em momentos e espaços coletivos, como durante as celebrações de missas, novenas, festas de santos e de padroeiros. Podemos crer que a prática vivenciada, seja no privado ou no coletivo, é unida por um único laço: a oração, configurada no veículo condutor de alívio e salvação para a alma pecadora que vem ao mundo dos vivos solicitar suas orações, como assegura minha mãe, Raimunda Ferreira Maia:

Michelle: Quando a senhora manda celebrar missa para os mortos?

Senhora Raimunda: [...] É quando eu tô rezando que eu sinto que não estou só e sinto aquele ventinho rasteiro, frio, aí eu sinto que eles estão querendo a missa, não só assim a oração. Porque a oração dá no mesmo, mas tem uma diferença, porque tem o padre, dizendo aquelas palavras. Eu sinto que eles querem, aí eu mando celebrar a missa. Aí, como eu não vou citar o nome de cada um, mesmo porque têm pessoas aqui que eu não conheço, então eu mando para todas as almas. Então está incluindo eles. Nem sempre, porque eu mesmo rezo pra eles aqui, mas eu sempre mando, eu rezo pra eles aqui.³¹⁶

Raimunda Maia se dedica a rezar por todas as almas, inclusive as penadas. Sua devoção apresenta uma forma distinta e particular. É colecionadora de fotografias de defuntos e lembranças de mortos. Essa coleção partiu de uma herança. Sua mãe,

³¹⁶ MAIA, Raimunda Ferreira. Comerciante. Casada. 50 anos. Residente no bairro do Corrente. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/07/2007.

Antonia Barbosa de Sousa, trazia num canto do guarda-roupa uma lata retangular de cor preta que continha fotos de defuntos, especificamente de parentes.

Parte do pequeno acervo das fotografias está em preto e branco, nas quais é possível compreender que o ângulo capturado pelo fotógrafo intentava registrar os defuntos em seu conjunto, formado pelo corpo descansado no interior dos caixões, sendo evidenciando em todas a face do falecido, estando, ao contrário, alguns ocultados aos olhos dos curiosos, com o corpo encoberto pelas rosas. O defunto está sob o relento, ou posicionado no centro da sala. Mesmo em ambientes diferentes, os falecidos são velados na imagem pela presença de parentes e amigos, bisbilhoteiros que os rodeiam em seus respectivos caixões.

A fotografia abaixo faz parte da coleção de Raimunda: a defunta é prima de terceiro grau da colecionadora, Rita Jandaíra, que morreu na Amazônia, vitimada de malária, em ano não indicado na fotografia e nem conhecido por Raimunda. A imagem da defunta, com seu corpo inchado perante os curiosos, foi enviada por Pedro, marido da falecida, que aparece à esquerda. A família da esposa morava em Crateús, Ceará, e recebera a fotografia como lembrança final.



Depois da morte da mãe, Raimunda Maia incumbiu-se de resguardar consigo as fotografias. Sua premissa inicial partia do desejo de guardar para si o objeto de estima de sua genitora. Feita de folha-de-flandres, a lata, juntamente com as fotografias,

configurava-se num tesouro estimado que devesse ser preservado pela filha guardiã. Raimunda visualizava, na lata e nas fotografias, a presença de sua mãe esfarelada em lembranças que denunciavam o cultivo de suas crenças, da saudade e da estima para com os falecidos. Assim, colecionar as fotografias compunha-se também em colecionar a memória de sua mãe Antonia Barbosa:

Tá com oito anos. A idade que morreu a mamãe. E ela tinha uma latinha que ela guardava. Guardava como uma relíquia. Então, ela faleceu em 2000. Aí o que ela deixou foi essa latinha. Ninguém teve assim o cuidado de guardar. Minha irmã mais nova, a Cleomar, que ficou com a latinha – que inclusive eu ainda hoje tenho a latinha, tá aqui guardada – aí um dia eu peguei na casa dela e trouxe. Isso me inspirou. Aquilo ali, o porquê? Então isso, eu já trouxe isso aqui. Como? Eu não sei bem explicar, mas como se fosse assim uma herança da minha mãe, uma herança dela. Então, como ela cultivava os mortos, eu passei a guardar. Aí, daí pra cá tá, vai fazer oito anos que ela morreu, três de dezembro, eu comecei a colecionar. E assim, aonde, quando todo mundo que falece, que morre, eu vou e fico guardando na memória o dia da missa de sétimo dia. Eu vou pra missa, no interesse de, no objetivo de conseguir, mesmo que eu não conheça esse falecido, mas eu vou para consegui e coleciono até hoje o álbum. Eu tenho mortos aqui de 40, de 1940. Eu gosto muito deles. Dia de segunda-feira, eu faço cruzeiro e me pego muito com eles, rezo e não tenho medo³¹⁷.

Raimunda, embora desconheça o defunto, vai sempre que pode às missas de sétimo dia em busca do cartão saudade. Quando ocorre qualquer eventualidade que a impede de estar diante da celebração, outros, sabendo de sua coleção e devoção, trazem-na o papel de sua estima. As lembranças de mortos configuram-se em pequenos cartões oferecidos no fim da missa de sétimo dia aos parentes e amigos e, de forma geral, aos presentes na celebração. A foto do defunto, não mais em seu caixão, como nos comentou a senhora Raimunda, mas uma foto, em geral, que apresenta o sorriso do falecido, como se o próprio tivesse risonho no seu *reencontro com Deus*. As datas de nascimento e morte aqui também são indicadas, o conteúdo ainda é acrescido duma mensagem de conforto aos que aqui ficaram a chorar sua morte: “não podemos lembrá-la com tristeza”.

Em oito anos de coleção, a lata deixada pela mãe tornou-se limitada e foi guardada sem as fotografias, pois não comportou o acervo que crescia ano após ano. Um álbum se configura, no presente, em espaço que aprisiona imagens de diferentes falecidos, conhecidos e desconhecidos da colecionadora. Sua pequena coleção fúnebre

³¹⁷ Id.

também busca zelar, não pelo papel somente, pois cuida rezando pela alma dos que são apresentados em cada lembrança:

Pra mim, morreu, não acabou; é um recomeço, é um recomeço para a vida. A morte pra mim não existe. Não sei ler, só sei assinar o nome, mas sei muita coisa que vem lá de cima através deles, que eles me comunicam, então sei muita oração, sei meditar, conversar com Deus e com os mortos, eu sei. E eu acredito muito. Rezo, que inclusive tem muitos deles aqui que eu não conheço. Os que me chamam mais atenção são todos, principalmente os dos anos quarenta, porque não eram como hoje. Os caixão eram feitos de madeira com a tampa pregada e era de papel de presente, dentro eles botavam papel de presente. Aí isso me chama atenção. Como eu tenho aqui uma da minha prima que morreu em 32 na Amazona, morreu de malária. Eu ainda tenho ele aqui guardado, faz muito tempo. Eu tenho aqui minha avó que morreu com 101 ano, morreu, agora tá com uns três anos que ela morreu, aí eu tenho aqui, tenho o da minha mãe. E eles pra mim [...]. E a morte, como eu disse, não existe: é, eu aceito, é, como se fosse um descanso, um sono eterno, é um reencontro com Deus. [...] Eu tenho morto de todas as datas, de todas as eras. Eu tenho jovem, inclusive eu tenho uma menina de quinze anos que morreu envenenada. Eu tenho a finada Hilda, que foi o avião, que foi a hélice do avião que pegou ela, que ela é de Guaraciaba. Tenho várias pessoas aqui, tenho de acidente de carro, tenho de tudo, todos eu tenho aqui. [...] Isso aqui eu vou guardar, até enquanto eu for viva, eu sempre vou colecionar eles. E eu tenho muito carinho, é aqui no meu quarto, eu não tenho um pingão de receios deles, eu gosto muito³¹⁸.

A senhora Raimunda Maia, sua atenção e, conseqüentemente, suas orações são dedicadas em demasia para as almas penadas, que são descritas como sendo espíritos *sofredores*, confirmando a premissa de que é a vida que determina o futuro pós-morte:

Eu rezo para as almas, para que Deus conceda a vida eterna, porque dizem que tal vida, tal morte. Então, se você é boa na terra, você vai continuar sendo no além. Se você é ruim na terra, você vai continuar sendo no além. Que existe os espíritos mau, desencarnados como existe o encarnado. Então, eu rezo para que esses espíritos sofredor, no sentido dos que são ruim aqui, que vive de maldade, ele vai levar essa maldade consigo. Às vezes até não dá tempo de se arrepender, tem uma morte no meio da rua dum acidente, ou de tiro, de faca ou coisas parecida. Então eles não morreram, eles avançaram o sinal e morreram antes do dia. Então eu acredito, como eu tenho devoção, que essas almas vão ficar penando, sofrendo, fazendo algum tipo de coisa. Então eu rezo para que eles visitem a catatumba deles e vê que a matéria virou pó e nada mais, vê que eles não pertencem mais a este mundo. Porque tem muita gente que não acredita, mas eu acredito, porque eu labuto com eles e sei que existe o bom na terra e o ruim, como existe, no além, o bom e o ruim. Pra isso existe Deus, e muitas pessoas já passaram dessa vida para outra, e ninguém sabe como que eles passaram³¹⁹.

³¹⁸ Ibid.

³¹⁹ Ibid.

O conceito que define a alma penada, embora pertença a critérios particulares, é aberto e abrange vários delitos, faltas e falhas de caráter, de conduta moral, religiosa, social. Apesar disso, no imaginário religioso coletivo, é possível identificar prerrogativas semelhantes. Pelos arredores de São Benedito, os pecados enumerados como sendo os causadores da alma sofredora e do corpo sofredor são assim descritos: bater ou assassinar mãe e pai empurra o sujeito para as chamas do inferno; os avarentos, em particular, os desprovidos de compaixão para com os que passam fome e miséria; carrascos; matadores; propagadores de calúnias e injúrias, o denominado falso testemunho; o autor de relacionamentos proibidos pela Igreja, como os casos amorosos de comadre e compadre; pagãos adultos; descrentes em Deus; mulheres da vida; praticantes de aborto; sujeito que morreu sem dar ou pedir perdão; padres que romperam o celibato; mulheres casadas que traíram seus maridos; sujeitos que tiveram morte trágica. A falta do arrependimento do sujeito pecador é visto como o fator relevante para o sofrimento da alma.

O julgamento não se limita apenas à alma de cada um. O corpo é alvo dum julgamento que antecede o do juízo final, quando Deus descera dos céus à terra para julgar os vivos e os mortos, concedendo-lhes o lugar que fizeram por merecer.

Cresci, recordo-me bem, ouvindo: “Todo cemitério tem um corpo santo e um corpo seco”. De fato, no meu mundo infantil, as interpretações causavam-me medo.

A senhora Maria da Conceição, lavadeira, casada, residente em São Benedito, relatou em sua entrevista que também já tinha ouvido falar desses corpos. Embora não acreditasse fielmente na existência de corpos secos e santos, ela viveu para presenciar uma aparição quando residia próximo ao cemitério de São Benedito. Não há uma data precisa do aparecimento do corpo. Assim como outros entrevistados, ela teve como preocupação interpretar mais o que viu do que a data na qual se passou o fato:

Eu já via falar, né, que havia [...] os que a terra não comia as pessoas, nem nada. Nunca tinha visto não, mas, nesses três dias, eu vi. [...] Eu não acreditava, eu ficava era com medo. Nós tava lavando roupa, assim era os laguim d’água tudo pertim de casa. Nós tava lavando roupa, eu mais minhas amiga. Quando lá vêm aquelas criatura tudo correndo mermã, dizendo que tinha esse corpo seco em cima da terra. Aí nós larguemos tudo e fomos olhar. Chegando lá, a mulher em cima da terra. Vi, vi como eu tô vendo aqui essa chinela [...] A terra não comeu nada dele: tava perfeita a mulher, perfeita a mulher, o cabelo dela muito branquim não comeu também, tava toda perfeita. Deu um medo. Quando a gente não está esperando para ver uma coisa, a gente fica com aquela [...]. O homem já

morreu, o que trabalhava lá, que era o Sula. Eu não conhecia, ninguém conhecia ela. Só uma moça que disse que era tia dela, aí ela começou a chorar. Mas ninguém sabe se era. Ela dizia que era a tia dela, ela chorando. Aí perguntava a Deus o que era que tinha acontecido com a tia dela para ter ficado daquele jeito³²⁰. (grifos da autora)

Ninguém, pela cidade, consegue lembrar e identificar o lugar preciso onde estaria sepultado o corpo da desconhecida mulher. Assim como não se consegue explicar como foram atraídos os curiosos ao local. As imagens que ficaram na memória foram a do corpo intacto, que não se desfez, estava seco: a carne unida aos ossos, um corpo mumificado sem ter passado pelo processo de mumificação. Ressequido, não entrou em estado de putrefação, seguindo um curso que não o “normal” e “natural”; ao contrário, subiu misteriosamente terra acima: expulso, excluído. Hobsbawm comenta o caso do bandido Voivode Haiduk: “a terra expeliu de suas entranhas três vezes, só encontrando repouso no túmulo quando um cachorro morto foi colocado ali”³²¹.

Aqui neste universo religioso, a terra, e, portanto, o artigo feminino que a precede, torna-a mãe de vários filhos, é a mãe primeira. É o ventre que gera os alimentos, parindo as frutas, as verduras, os arbustos a refrescar e embelezar as paisagens, sagrando mensalmente como mulher, não em forma de sangue, mas derramando em nascentes os rios para matar a sede e banhar seus filhos, regando suas construções. Sendo o solo a segurar o que em cima dela ganha forma e dimensão. É necessário que a terra seja firme para construir um casebre ou um arranha-céu. A terra foi a matéria-prima para o surgimento de Adão, feito do barro, quando a terra unida, unida a sua outra parte, a água, formava o homem primeiro no jardim do éden.

A bíblia assegura ainda que fomos feitos do pó e para o pó iremos retornar. Desse modo, a mãe terra que tudo doou e proporcionou, como mulher abundante de generosidade, também é receptora, quer de volta, espera receber em troca o seu filho feito do pó, um pó confeccionado com a morte, feito também da putrefação de um corpo, o sangue misturado à carne que apodrece pouco a pouco, quando também é tragado pela terra, emaranhado de sangue e terra.

³²⁰ LOPES, Maria da Conceição. 54 anos, lavadeira, residente no bairro Cachoeira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 01/06/2003.

³²¹ HOBBSAWM, op. cit. p. 44.

A morte e a decomposição do corpo é um processo “natural” para os cientistas. Para o povo comum, além de um processo “natural”, o definhamento dos contornos do corpo é a comprovação dum ciclo religioso feito do pó e para o pó. O desenlace do fim na pós-morte inscreve a avaliação de toda uma vida, como assegura Maria da Conceição:

Ela só em cima da terra. Enterraram de novo, o Sula chamou uns homem, enterraram ela de novo, fizeram a mesma cova. Quando foi amanhã a mulher já tava de novo em riba da terra. Ui! Ela passou três dias saindo, a terra butando ela para fora, sem ninguém saber por quê. No terceiro dia ele mandou cavar outro buraco: butaram dentro e mais areia, laje. Pronto, a terra não pode mais subir. O povo ia olhar se tava lá, mas ela não subiu mais não, a terra não butou mais ela para fora não. É ruindade: nem a terra comer a pessoa é ruindade, não é bondade não. Olhe, que até a terra é orgulhosa. [...] Eu digo que é ruindade: já que a terra não come, não é boa coisa que faz em riba da terra³²². (grifos da autora)

Informalmente Maria da Conceição comentou que, na última vez que o corpo saiu da sepultura, o padre Otacílio Carneiro foi participado sobre o que estava acontecendo. Como havia rezado suas preces e jogado a água santa, o corpo não ousou aparecer novamente. Durante a pesquisa fiquei sabendo que dois homens vieram a ser presos pela profanação do cadáver. Ambos residem próximo ao cemitério de São Benedito. Nenhum quis falar sobre o assunto, apenas suas esposas rapidamente confirmaram o ocorrido. Embriagados, por brincadeira, ambos tocaram e quebraram parte dos dedos das mãos da mulher morta: “Deu cadeia, um rapaz era até vizim da gente aqui. Ele quebrou o dedim do pé, ficou com o dedo do pé amostrando o povo. [...] Deu cadeia, foi, ele [...] passou bem assim três dias”.

Um acolhimento da mãe terra é sinônimo de que o sujeito foi digno de ser recebido. Nesse sentido, foi a mãe terra que o construiu, deu-lhe o alimento e é esta a responsável por destruir o corpo que gerou. A terra se alimenta destes corpos, come-os, corrompe-os, devora-os como abutres em cima da carniça. “Feliz são aqueles que a terra come”, proferem muitos sambeneditenses.

O corpo seco pena em cima da terra, assim como a alma que vaga. O corpo da mulher, penando ao ser expulso durante três cantadas de galo, suplicava aos que presenciaram: o horror, a piedade, o temor, a compaixão e, conseqüentemente, as orações. Servindo semelhantemente às almas penadas também como exemplo: sejam

³²² LOPES, Maria da Conceição.

bons, pois até a terra é “orgulhosa” e não os receberá. O corpo da mulher é ainda aceito, não somente pela mudança de cova e pelos aparatos do coveiro que assumem o poder de fazer que o cadáver à força baixasse terra adentro, e nem somente pelas orações do sacerdote. Isso, porém, é sinônimo de que a mãe terra, embora ainda brava, foi capaz de perdoar a vil pecadora no terceiro dia, assim como foi no dia terceiro que Cristo ressuscitou.

A “ruindade” é um conceito aberto que macula o corpo tanto quanto a alma. Contudo, a carcaça seca é também punida pelo silêncio da família, que teima em não reclamar pelo seu estado, passa a ser um assunto interdito entre os familiares que se envergonham com o fim de seu parente. Esqueceu-se até o lugar onde fora pela última vez sepultada a morta seca.

Outros corpos também incorruptos tomam um conhecimento público e é possível identificar de quem sejam. O corpo de Chica da Silva no arraial do Tejuco, nas Minas Gerais, teria também ficado ressequido, salienta a autora Junia Ferreira Furtado:

Por volta do segundo quartel do século XX, o jornalista Antônio Torres recolheu, em diversos cadernos, apontamentos sobre personagens e acontecimentos da história do Tejuco, já então renomeado Diamantina. Sobre Chica da Silva escreveu: “Reza a tradição que seu cadáver foi encontrado, muitos anos após sua morte, com a pele seca e negra”. A primeira vista, a afirmação parece sugerir santidade, afinal Chica não seria a primeira, nem a última, na longínqua tradição luso-brasileira, a ser encontrada nesse estado, considerado uma vitória sobre a putrefação pós-morte, a indicar a santidade e a pureza do morto. Exemplo desse fenômeno pode ser encontrado em 1752, quando a *Gazeta de Lisboa* noticiou a morte da irmã Isabel de Madre de Deus, natural da Bahia, atribuindo o fato de seu corpo permanecer flexível e suar no esquife à vida virtuosa que levava, “havendo vivido tão abstraída das coisas do mundo, que só para servir a Deus conservava a memória e a diligência”³²³.

O corpo incorrupto da ex-escrava teria sido interpretado por aqueles de sua época como mais um truque, e principalmente como um sinal de bruxaria, de Chica da Silva. O corpo seco, por seus pecados, apresentava, além disso, que a terra assim como a sociedade mineira dos tempos áureos dos diamantes a renegava:

O corpo de Chica da Silva foi enterrado na igreja de São Francisco de Assis, no Tejuco [...]. A visão do corpo intacto de Chica da Silva não causou tal impressão de pureza em seus conterrâneos, tampouco sugeriu santidade. As reações de repulsa e medo descritas pelo autor (Antonio

³²³ FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes**. O outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 17-18.

Torres) – muito diferentes dos sentimentos que Chica evoca hoje – expressavam o que a população, na época, sentia em relação à visão de seu corpo incorrupto, imprimindo ao mito da ex-escrava tejuicana outros significados³²⁴.

Na mesma década de 1970, quando foi encontrado o corpo seco no cemitério de São Benedito, surgiu também um corpo seco no município vizinho, o de Ibiapina, num distrito chamado Alto Lindo. Desta vez trata-se de um homem, e as interpretações são divergentes das obtidas no caso de São Benedito. Ambos, porém, assemelham-se quanto à exposição pública do corpo, que motivava, além do horror, tratamentos que profanadores do defunto:

Foi mais ou menos pelo ano de 70, uma coisa assim, mais ou menos por este tempo, eu não tenho tanta recordação assim. Era um homem, da família dos Ducas, dos Araçá. Não tenho muita lembrança do nome dele, não. Morreu afogado no rio Peijoaba. Caiu lá nesse rio Peijoaba, e vieram tirar ele aqui quase no Alto Lindo. Saiu de tarde, num dia de domingo, e a família não se preocuparam muito por ele, e quando vieram à procura dele, que vieram achar no rio. Aí levaram pra casa, aí foram preparar para fazer o enterro. Mais ou menos dois anos, ocorreu que o pessoal foram fazer um enterro lá no cemitério e quando cavaram a cova, a terra desfez e viram aquele corpo seco assim dentro da cova. Aí foi o que fizeram, foi que o mesmo pessoal que estavam no cemitério, aí começou a sair o comentário: tem um corpo seco aí no cemitério, tem um corpo seco, tem um corpo seco, tem um corpo seco, e lá vai história. Aí tem um corpo seco, tem um corpo santo. Aí o pessoal despreparados, eram tudo despreparados, pessoal sem conhecimento de lei judiciária, foram e se reuniu. Foi uma caravana e foram, abriram a cova e arrastaram o corpo seco. E andaram, arrastaram rua arriba, rua abaixo, como quem arrasta uma esteira velha de animal, arriba e abaixo. A família, então, o velho no outro dia veio aqui em casa e falou comigo, o pai do rapaz. Eu já de manhã tinha ido lá olhar. Nesse tempo eu era de conta lá do Alto Lindo. Dipinduraram lá no cruzeiro do cemitério, e aí, quando foi no outro dia, eu fui lá olhar e tava deformado as frentes dele. Eu tirei a mortalha e cobri e tudo. Vim embora, quando foi mais tarde o pai dele veio aqui. Eu falei com o pai dele que ia avisar o padre. Nesse mesmo dia o padre veio celebrar uma missa, o padre Cardoso. O padre falou muito contra do pessoal de ter faltado com o respeito dos restos mortais, que nós precisamos ter muito respeito com as carnificina dos outros. Que as nossas carnes não

³²⁴ Júnia Ferreira menciona, por meio de citação, a descrição feita por Antônio Torres das reações que cercaram o cadáver de Chica da Silva: “Era como um saco de ossos, que ao menor movimento chocalhavam sinistramente. O coveiro teve escrúpulos de guardá-lo em lugar sagrado e atirou-o em grotas afastadas, como restos de animal selvagem. Rolado ao vento, produzia vibrações estranhas, que atemorizavam, semelhando gargalhadas de mofa. Os que passavam, mais corajosos, balbuciavam o insulto costumeiro: ‘Toma lá, quingongo!’. Os demais passavam apressadamente a benziam-se ao ouvir o chocalhar dos ossos”. Júnia Ferreira assegura que: “A interjeição popular de ‘Toma lá, quingongo!’ com que reagiram os moradores refletia seu temor. Quingongo, divindade ligada à profundidade da terra na religião banta – por isso também associada à doença, à morte ou à regeneração –, era exortada a levar seus restos mortais” (Ibid. p. 18). No caso de Chica da Silva, a análise da autora chama atenção para o sincretismo: é africana a divindade responsável por expulsar os restos mortais.

eram para serem jogadas em meio de rua. Foi feito o enterro, em outra sepultura³²⁵. (grifos da autora)

O narrador, seu Orácio Pedro, é um cristão católico, praticante, reside no sítio Ingazeira, a poucos quilômetros do distrito Alto Lindo, onde se passou o acontecido. Pela fidelidade com que freqüentava o referido distrito, sua presença se firmava costumeira diante das atividades desenvolvidas pela paróquia, construindo a imagem do homem religioso. Isso lhe rendeu a possibilidade de atuar na organização de festas de santos, grupos da igreja do distrito. Conhecido pelo povo a serviço dos padres, servia como ponte para as alegações dos fiéis ao padre responsável pela paróquia, o padre Cardoso, que se achava estabelecido na sede do município de Ibiapina.

O corpo morto, o do afogado, surge, no cemitério do Alto Lindo, intacto, similarmente ao primeiro caso analisado. Ao contrário da ocorrência de São Benedito, este é encontrado de modo casual. A necessidade de tirar o corpo do espaço denuncia a repulsa e o estranhamento com que é vislumbrado por muitos que assistem a sua aparição. O medo e o temor compõem a aversão sentida e compartilhada.

Outra sepultura, no cemitério do Alto Lindo, foi necessária. Podemos inferir que a mudança de espaço compõe parte dum ritual que se segue por outros tratamentos dedicados a estes cadáveres secos e, portanto, compreendidos como sobrenaturais. Além disso, a delimitação de uma nova sepultura que recebe o defunto seco é o início de uma nova trajetória que busca apagar sua condição de diferente, de pecador expulso, quando a terra não o refugará mais.

Maria de Fátima, filha do senhor Orácio, explana uma possibilidade diferente para o acontecido. A exposição do corpo morto era determinada não pela profanação:

Em 70 [...] morreu afogado dentro do rio grande. Tava com vários dias que ele tinha sido sepultado [...] Ele apareceu, a família pedindo que fossem tirar ele, que ele tava seco e que ele queria passar três dias no braço da cruz, dentro do cemitério do Alto Lindo, e três dias na porta principal da igreja do Alto Lindo. Então foram arrancar ele e tirar ele para fazer esse acesso desses dias conveniente lá do que ele tinha pedido. Não sei quem ajudou o padre, mas teve várias pessoas que foram ajudar. [...] a menor parte do pessoal viu. O pessoal da família só comentava que não sabia como tinha acontecido um acesso daquele, através do que tinha acontecido, mas todo

³²⁵ SOUSA, Orácio Pedro. 72 anos, agricultor aposentado, residente no sítio Ingazeira, em São Benedito-Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 22/05/2004.

mundo ficou ciente, porque ele tinha morrido dentro d'água. E sempre diziam, o pessoal mais velho gostavam de falar, que a pessoa que morria dentro da água, disse que a terra rejeitava de comer as carnes, a razão dele ter secado. Diziam que ele bebia muito, a família tinha muita pena, muita dó entre filhos, mãe. Nessa época ele ainda tinha mãe. Quando a mãe chegava lá, tinha muita dó. Como era que acontecia? O filho dela ser tão bom e ter acontecido um acesso daquele, que ela tava com aquela idade e nunca tinha visto. O corpo seco era Zé Lunga. Ele era agricultor. [...] ele tava despido, mas depois foi colocado um pedaço de mortalha na cintura dele para ele não ficar tão acesso da juventude ver. Tava perfeito, ele só tava desperfeito do joelho para baixo, porque as partes dele tinham ficado dentro da cova e do meio do braço dele para mão foi separado. Ficou do meio do braço pra cima, pra cabeça do ombro, pro acesso do ombro tava normal e do joelho pra cintura tava tudo normal. Ele ficou, na porta da igreja, três dias. [...] Foi sepultado novamente, sepultado na mesma cova. [...] Rezava, mandavam celebrar culto, comungavam na intenção dele, porque o padre sempre falava, porque o corpo da gente é matéria, o corpo da gente a terra pode rejeitar e a terra pode refugar, mas o espírito é de Deus. O nosso ser humano, ele é um ser de muito jeito, aí dentro desse objetivo da gente, a gente não pode nem falar através do pecado³²⁶. (grifos da autora)

O tempo passado sobre as cruzes clama a oração, a comunhão dos que o assistem padecer, e proporcionando, além disso, a interpretação de quem busca um perdão para alcançar a salvação, sendo assim a cruz o objeto simbólico cristão que inscreve a purgação dos pecados. Cristo morreu pregado na cruz para a remissão dos pecados dos seres humanos. Estar na cruz é purgar os pecados de Zé Lunga, libertando-o.

Se o corpo é feito de matéria, o espírito é encarnado no corpo; o espírito sossegará se o seu corpo passar pela penitência, ao contrário do que ressalta o senhor Orácio, que distingue a carne do corpo:

Isso aí, eu acho que deve ter ficado seco, a pessoa não vá pensar que a pessoa que o corpo fica seco, a pessoa morre e vai para o inferno, foi para o inferno, porque o corpo ficou seco. Não foi isso não. A pessoa, é porque ele morreu dentro d'água, então o sangue dele, a água tirou o sangue, no gelo da água tirou o sangue, congelou e ficou só as carne, então aí quando ele foi sepultado, aí então as carnes não tinha sangue para formar turbulência e desfazer as carnes, então as carnes se restringiu em nervo e ficou, como se diz, só seca. Tanto faz morrer afogado, como muitas pessoas também que é morto, vive só do soro, o soro também faz tudo isso. Cristo diz: “Eu vim ao mundo para com que todos tenham vida, vida de salvação”. Não veio para condenar ninguém. ‘Eu vim para que todos tenham vida’. Ora, se o Cristo mesmo diz que todo aquele que crer e tem fé, ainda que seja morto, viverá. E como é que a pessoa vai para o inferno? Carne é carne, espírito é espírito. A

³²⁶ BRITO, Maria de Fátima de Sousa. Costureira. Residente no bairro Cidade Alta, em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 01/06/2003.

carne não tem nada com o espírito e nem o espírito com a carne. O espírito é vivo e a carne é morta, o espírito sai e a carne fica. Então é o resto³²⁷. (grifos da autora)

No imaginário que percorre os cemitérios, as narrativas estabelecem que o campo santo só mostra um corpo seco quando neste espaço também insurge um santo, assegura a senhora Tereza Viana:

Eu até conhecia a mulher, era a finada Maria, ela morava lá na rua. As negradas disse que butaram foi em pé assim, lá no cemitério, e jogavam eram preda e era só aquele couro velho seco. Ela era solteira, solteira (mulher da vida). Ela era mãe do finado Tarcísio, que morava ali. Ninguém sabe de quê que ela morreu. É porque as pessoas vão enterrar outras pessoas e desenterra. Aí quando dá no corpo seco, eles arrancam e botam em cima da terra. O corpo seco é a pessoa fica seca, aí a terra não come, não se estraga não. Dizem o pessoal que é porque é ruim, né, a pessoa faz muita ruindade e a terra não come as pessoas. Fica a coisa mais feia: os dedo seco. Muita história mesmo, que as pessoas aí dizem que, quando tem assim um corpo seco, tem um santo. Só aparece um corpo seco quando tem um santo. O pessoal dizem, eu não sei, que quando aparecem essas coisas assim no cemitério, vem uma pessoa de fora [...] sem ser padre, que vem para levar aquele corpo santificado e levar para Roma. Aí eu não sei, nesse momento, o quê que fazem, vão enterrar outra pessoa, e não vão butar um corpo seco em cima do outro. Desde d'eu pequena que eu ouvia falar dessas histórias. Eu acredito, eu acredito que tem, quando tem um corpo seco, tem um corpo santo. Porque dizem que cheira muito a flor³²⁸. (grifos da autora)

O cemitério do Alto Lindo, que antes, por três dias, havia exposto o corpo seco de um homem, é palco do santo, como afirma seu Orácio:

Tão poucos dias aconteceu que eu fui num encontro na Meruoca (cidade serrana localizada na zona norte - próximo a Sobral), eu e o Euclide Pimenta e o padre Cardoso. Aí o padre Cardoso falou para nós, disse que ele tinha sabido que tinha um corpo santo no cemitério do Alto Lindo e era para nós ir tirar. Arrancar o corpo para ir para Roma. Eu e o Euclide Pimenta. Então o Euclide Pimenta mais eu, nós até ficamos espantado, o padre Cardoso disse que era para nós ir levar a imagem do Senhor, levar cordão de São Francisco³²⁹. (grifos da autora)

De acordo com o senhor Orácio Pedro, o processo de captura do corpo é mais sigiloso, se comparado ao corpo seco. O mistério assiste todo o processo, as informações são proibidas a leigos, que nada podem ou devem saber e principalmente

³²⁷ SOUSA, Orácio Pedro.

³²⁸ SILVA, Tereza Vieira da. 57 anos, agricultora, aposentada, casada, residente na avenida da Confiança Norte, no bairro do Corrente, em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 03/11/2007.

³²⁹ SOUSA, Orácio Pedro.

comentar. Entretanto, o senhor Orácio narra que teria sido incumbido de realizar a tarefa da retirada do cadáver. Muitos que afirmam que apenas os padres, bispos, clérigos enfim, são os encarregados legais de pôr em prática a retirada do santo de sua sepultura. Mas, no fim, o mistério prossegue:

E na mesma semana o que aconteceu foi que o Vicente Barbosa lá do Alto Lindo ouviu falar, ouviu falar não, ouviu à noite a zuada do carro, um carro como se fosse um jipe, e passou para o lado do cemitério e, quando foi mais tarde, o jipe voltou e subiu no rumo da Ibiapina. Quando foi de manhã lá tava, a catatumba, o túmulo lá, tirado o corpo que tinha sido sepultado [...] lá só tava o perfume de rosas, de flores³³⁰. (grifos da autora)

O corpo santo teria sido anunciado por sonho a Vicente Barbosa, que por sua vez teria informado ao padre Cardoso:

Através de um sonho do dito Vicente Barbosa. Ele dormindo aí sonhou com o corpo morto, o defunto mandando tirar, queria sair fora, queria que tirasse ele. Aí o corpo santo foi que ele também teve uma visão no sonho, mas que depois o pessoal começaram a sentir um cheiro de perfume ao redor, e olharam, brecharam por lá e viram as coisas que tavam se dando diferente, aí tava o corpo santo³³¹. (grifos da autora)

Levado na calada da noite por personagens desconhecidos, mas imaginados: os padres. O destino do cadáver seria a capital da fé. O espaço adequado para a matéria é Roma, sendo o papa o guardião, por indicação divina de zelar pelo significativo tesouro. Por essa razão, ao observarem a aparição anormal desse fenômeno, os dirigentes paroquiais devem ser avisados para que tomem os procedimentos cabíveis:

[...] vai para Roma, lá tem o santuário, um local lá que os corpos santo butaram lá. Lá tem a irmã Tereza de Calcutar, tem a irmã madre Paulina, tem outros e outros santos. [...] Toda vida eu ouvi falar, e acreditar, eu acreditava demais. Porque se Cristo foi sepultado e todos os outros e transformaram santo, né³³².

Gabriel García Márquez, em um de seus *Doze contos peregrinos*, intitulado “A santa”, narra a trajetória de um pai que busca a legitimação em Roma para a santidade da filha. As características para a santidade seriam o cheiro das rosas e principalmente a incorruptibilidade do corpo:

³³⁰ Id.

³³¹ Ibid.

³³² SOUSA, Orácio Pedro.

Margarito Duarte [...]. Aos dezoito anos, sendo o escrivão do município, casou-se com uma bela moça que morreu pouco depois no parto de sua primeira filha. Esta, ainda mais bela que a mãe, morreu de uma febre essencial aos sete anos. [...] quando foi preciso mudar o cemitério de sua aldeia para construir uma represa. Como todos os habitantes da região, Margarito desenterrou os ossos de seus mortos para levá-los ao cemitério novo. A esposa era pó. Na tumba contígua, porém, a menina continuava intacta depois de onze anos. Tanto que quando destamparam o caixão sentiu-se o hálito das rosas frescas com que a haviam enterrado. O mais assombroso, no entanto, é que o corpo carecia de peso. Centenas de curiosos atraídos pelo clamor do milagre lotaram a aldeia. Não havia dúvida. A incorruptibilidade do corpo era um sintoma inequívoco da santidade. [...]. Não parecia uma múmia murcha como as que a gente vê em tantos museus do mundo, mas uma menina vestida de noiva que continuava dormindo ao cabo de uma longa estada debaixo da terra. A pele era polida e morna, e os olhos abertos eram diáfanos, e causavam a impressão insuportável de que nos viam da morte. A tule e os jasmims falsos da coroa não haviam resistido ao rigor do tempo com tão boa saúde como a pele, mas as rosas que haviam sido postas em suas mãos permaneciam vivas³³³.

Aqui insiste outro mistério: como um corpo morto poderia parecer-se com um vivo? De acordo com Phillippe Áries, é essa incorruptibilidade das formas que apresenta a santidade do corpo³³⁴.

No *santo*, assim como no seco, a terra não toca e nem o corrompe. Entretanto, por motivos divergentes. Generosa, a mãe terra rejeita por não se compreender como digna de receber, engolir o corpo, a *matéria/alimento* santificado. Sua natureza é celestial.

A família do defunto santo não é comunicada. Teme-se que os parentes, ao tomar conhecimento do fato, possam comprometer e desvirtuar a santidade do morto, com a possibilidade de propagarem a pertença e, conseqüentemente, a linhagem do ilustre parente, induzindo a um orgulho familiar que é impróprio e desnecessário. No imaginário popular, o túmulo é violado sem a permissão, seja familiar ou judiciária. Embora revolido de mistério, é denunciado, apenas, que o corpo santo tem sempre

³³³ MÁRQUEZ, Gabriel García. **Doze contos peregrinos**. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 19 (grifos da autora). No conto, o pai, Margarito, decide ir a Roma. Espera em vão, anos se passam e o velho senhor não consegue seu intento, a filha não é reconhecida pelo clero romano como santa. Gabriel García admite que o pai era o próprio santo, lutando por sua causa.

³³⁴ Philippe Ariès salienta: “Os velhos processos de embalsamento serviam principalmente para comunicar aos mortos célebres e venerados algo da incorruptibilidade dos santos. Um dos milagres que provam a santidade de um defunto é a maravilhosa incorruptibilidade de seu corpo. Ao ajudá-lo a se tornar incorruptível, colocamo-lo no caminho da santidade, cooperamos na obra de sacralização” (ARIÉS, op. cit. p. 269).

como destino a capital do catolicismo, Roma, como nos assegurou Maria de Fátima, sobre o corpo santo encontrado no cemitério do Alto Lindo:

Teve um corpo santo depois. No sepultamento de uma criança que foi sepultado lá e o coveiro encontrou o corpo santo. É porque dentro do acesso da cova ele sentiu cheiros de rosa, e dentro do cheiro de rosa ele impatou de cavar a cova e cavou em outro lugar para ser sepultado o corpo. E aí foi atrás dos dirigentes para ter o acesso de chegar até o padre e falar. Aí foram chamar o padre, que veio, batizou, deixou o acesso feito para os dirigentes tomar de conta para ninguém enfrentar, pros bebos não tarem com acesso de ignorância até quando chegou o acesso do padre chegar até lá e tirar o corpo santo pra Roma. Ninguém sabe, suspeita mais ninguém pode falar, ninguém sabe quem é. Ele convivia na Ibiapina, mas fazia o acesso da comunidade do Alto Lindo, ele era o padre Cardoso. A cova ficou aberta três dias dentro do acesso de que o padre pediu, depois de três dias foi feito a cova novamente, remodelada e colocada muitos dias de coisas verdes até completar os sete dias. Enquanto tinha o cheiro na cova, não podia ser sepultado, a não ser colocado coisas verdes, tinha que ter coisas verdes, isso para conservar cada vez mais dentro do acesso da cova. [...] Não era para ser dito nada para ninguém, para não ter orgulho dentro da família. Só ficou na história, ninguém comenta mais, já esqueceram³³⁵. (grifos da autora)

Esquecer a aparição do santo corpo é contribuir voluntariamente para a permanência de sua condição divina. Um esquecimento que segue assim abrangendo não apenas os familiares, mas também, de modo geral, a sociedade que o viu ou ouviu surgir.

As lacunas se agregam em dúvidas pela falta da comprovação, pelo ver. Isso não significa, porém, que a não visualização do fato possa retirar do *corpo santo* o desprestígio de um fato verídico, pois, neste caso, não é necessário ver para crer. Afinal, lacunas e faltas de provas fortalecem a crença de sua misteriosa existência nos cemitérios aqui analisados.

O corpo que é retirado sem que perceba lembra o corpo do filho do criador. O corpo de Jesus desapareceu da tumba onde foi sepultado. Não houve testemunhas. No lugar se encontravam, segundo a Bíblia, apenas os panos ensangüentados que o cobriram, denominados de santo sudário. O sumiço, a inexistência do corpo do filho de Deus representa para os cristãos a comprovação da ressurreição anunciada antes da crucificação.

³³⁵ BRITO, Maria de Fátima de Sousa.

Maria de Fátima confia que a cova, assim como o seu defunto, é sagrada. E por essa razão reside a proibição de outra inumação na sepultura perfumada pelo aroma das rosas. De fato, sem desconhecer ou conhecendo, a cova do defunto santo nem sempre é visualizada pelo poder divino que fora concedido. Assim, no cemitério do Alto Lindo nenhum sepulcro foi feito de altar e não há nenhum defunto cultuado como santo.

Corpo seco e corpo santo se juntam, embora os processos sejam diferentes. O desfecho se produz sempre quando se dá um destino final ao corpo do protagonista. O destino do cadáver é sempre anormal³³⁶.

No cemitério de São Benedito o cadáver seco já havia sido encontrado. Baixado à terra com as iniciativas do coveiro Sula, segundo nos reportou Maria da Conceição, anteriormente. O ritual que correspondeu à troca da sepultura assegurava que o perdão havia sido concedido ao cadáver. Ao invés do seu surgimento ser esquecido, o acontecido causou rebulição nos que presenciaram sua aparição, despertando a curiosidade daqueles que esperavam o anúncio da presença do outro, ou seja, o surgimento do corpo santo. É vago descrever precisamente em que espaço da cidade o boato é propagado primeiramente. Maria da Conceição afirma que ouviu boatos:

O povo falavam que tiraram um corpo santo deste cemitério [...] Disseram que era do finado João das Pedras [...] mas ele é milagroso, ele. O povo lá do cemitério viram, disse que os padre de fora mais o daqui, aí tirando esse corpo dele. Disseram que era o dele. O povo só falavam nessas coisa. Mas diziam mesmo que, aonde tinha um corpo seco, havia um corpo santo. Aí foi tempo que a terra botou essa mulher pra fora. [...] Ele já tirava das pessoas que tinha para dar aos que não tinha³³⁷.

João das Pedras é pela senhora Maria da Conceição anunciado como o possível *corpo santo*. A santidade da matéria e da alma é plausível e aceita na concepção da lavadeira, porque o falecido foi autor de *boas obras*, e é aqui que se configura a legitimidade juntamente com o surgimento da carcaça ressequida.

A presença do padre é indispensável nas narrativas. O padre é o encarregado da tarefa divina de, além de retirar, conduzir o cadáver santo a outro espaço, como diz

³³⁶ SÁEZ, op. cit. p. 51.

³³⁷ LOPES, Maria da Conceição.

Francisca Roberta: “Começaram fazer promessa com ele depois de um ano. Aí tinha muita vela. Aí o povo disseram que uns padre vieram aqui e levaram ele santo”.³³⁸

De fato, em São Benedito, a possibilidade de João das Pedras ter sido retirado da sepultura é aceita por muitos. Assim, sua cova repousaria sem o corpo. Padre João Batista, quando interrogado sobre isso, desconsidera a possibilidade:

(risos) É tão interessante essas coisas. Pra você ver: a igreja, para poder levantar um estudo sobre a vida de um fiel, não é, que morreu, que fez o bem, para tentar se, assim, uma futura canonização, é preciso no mínimo cem anos depois que a pessoa morre e de levantamento da sua vida. Significa dizer que muito de seus parentes e familiares já nem existem mais. Por quê? Pra não ficarem vaidosos, porque eu tenho não sei quem santo, pai santo, uma mãe santa, um tio. E são estudos tão delicados que não são feito aqui e que primeiro são encaminhados pela autoridade máxima da Igreja: no caso o bispo, né, se o caso fosse aqui em São Benedito. Outra pessoa não teria condições de levar esse caso ao Vaticano para um estudo, né. Você vê que pessoas que tiveram uma grande influência no meio como, vamos botar aqui, padre Ibiapina, o próprio padre Cícero, que aliás ainda está em volta de estudos para poder chegar uma futura beatificação, canonização. Então você imagine uma pessoa que não teve essa influência toda no meio eclesial, né, nem no meio da comunidade. Podemos dizer que foi um caso tão isolado pra São Benedito. Então eu acho que essas pessoas que pensam assim: que teriam levado pra Roma pra um estudo. Eu acho que tão indo muito além do pensamento, dentro da própria Igreja. Não é porque o caso aconteceu na minha casa. Eu tou dando uma análise, assim, sem paixões. Poderia ter acontecido na casa vizinha e talvez eu estaria dizendo a mesma coisa e de fato não está baseado em cima de documentos da Igreja, que não é tão fácil, né, canonizar uma pessoa. Entra dinheiro no meio, tem toda uma política também³³⁹.

O critério que denuncia a santidade de João das Pedras pertence a outros princípios que não os ditados pelo Vaticano, embora se reconheçam as semelhanças, como a família que não deve orgulhar-se do parente santo. A canonização popular de João é uma verdade possível, construída por outros critérios: João roubava para os pobres, era preso por estes roubos, apanhava, tinha o corpo maculado, morreu de choque e teria se arrependido, foi carregado como um porco, sepultado na cova sem caixão. São estas especificidades que o consagram como santo.

O caso, dito pelo padre sem influência e isolado, não é o primeiro. É interligado a outros:

³³⁸ SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte, em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004.

³³⁹ RODRIGUES, João Batista. 38 anos. Sacerdote. Entrevista realizada na secretaria paroquial de São Benedito, no dia 02/10/2005.

Os padres tinham levado ele. Mas o povo não acreditam, não, porque o povo não acreditam também que meu padre Cícero é santo. Eu acredito, eu acredito que a pessoa que sofre, um dia Deus santifica ele³⁴⁰.

Em São Benedito, nos arredores do cemitério e da cidade, o sigilo é uma norma não alcançada. O *disse me disse* quebrou as normas populares quando os próprios populares se encarregaram de contemplar em conversas o acontecimento. E o burburinho chega aonde principalmente não deveria chegar: aos ouvidos e olhos da família. A mãe Maria Ferreira Gomes seguiu ao cemitério, guiada pelos boatos e pelo cheiro de rosas:

Quando nós chegamos lá, quando nós fomos chegando perto, a cova tava toda, tava direita, mas não tava do jeito que era. Menina, era um cheiro de flor tão grande, um cheiro de flor tão grande! E ela disse assim:

- Dona Maria, tá sentindo esse cheiro de flor?

Eu disse:

- Tô.

Ela:

- Ô, minha filha de Deus, onde que será?

Ela disse assim:

- É nessa cova.

Era a cova dele. Nós chegamos lá, a cova tava toda ribulida, tava, tinha endireitado, mas não era do jeito que tava, que fazia pouco tempo que ele tinha sido sepultado. Não fazia nem um ano. Nós fomos, eu mais essa mulher. Mas era um cheiro muito grande lá nessa cova, um cheiro, um cheiro [...] lá da entrada do cemitério. A cova dele, o lajão dele fica assim mais embaixo. Nós tivemos lá, andamos por lá, aquele tudo assim revirado ao redor. Ela disse:

- Vamos, dona Maria, vamos embora?

[...] Mas nunca chegou falar comigo, não, o padre. Porque a mulher me disse que os padres tinham ido para a casa dele, os padres tinham vindo de fora. E aí pronto. Não, deixa. Não vou me orgulhar de nada, não³⁴¹.

Para Maria Ferreira, as evidências da retirada do corpo do filho seguem a idealização da cova rebolida e do aroma das rosas.

Apesar de ser identificado, e ter a família o conhecimento da suposta santidade, João das Pedras continua santo. O mistério do ritual, embora tenha sido quebrado, reduzido, não comprometeu a imagem milagrosa da alma e da sepultura sem corpo. João das Pedras teve para muitos a graça de ter seu corpo, mesmo que carbonizado, preservado. Entrando pelas portas do céu, vestido pela permanência de suas carnes, dos seus ossos. O corpo são é sinônimo de uma alma também são.

³⁴⁰ SILVA, Francisca Roberta da.

³⁴¹ GOMES, Maria Ferreira.

Se o silêncio não foi conseguido em São Benedito, a crença na divindade do corpo e da alma abre para os crédulos no fenômeno sobrenatural a possibilidade de ser o defunto um santo de corpo e alma. E João das Pedras posiciona-se, desse modo, como o intercessor entre a criatura e o seu criador. Antes a cova, no presente o túmulo, é revestida pela denominação de espaço que se destina à devoção ao santo, registrando o lugar que marca a ausência do corpo, indicando o encanto e a áurea de lugar sagrado que anuncia a estada do corpo santo naquela morada.

O duelo entre Deus e o Diabo, entre o certo e o errado, o pecado, arrependimento e o não arrependimento, o perdão elevam no imaginário religioso e social de alguns habitantes de São Benedito a premissa de que ainda existe castigo, salvação. Suscitando e alimentando a crença numa vida após a morte, que segue pela ponte que pode conduzir ao céu ou ao inferno, uma travessia que é aberta pela fenda da morte, ainda aqui mesmo na cidade dos vivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As remodelações no túmulo de João das Pedras ano após ano têm se prolongado, sempre realizadas pelo senhor Tomaz Bezerra Silva. Neste dia de finados de 2008, a cor azul revestia o jazigo, as plantas crescidas o ornavam ao redor, a placa ainda inscreve: “João das Pedras Lembrança de Aгуém 1978 Amo São Benedito”.

Mesmo tendo o nome, percebi pela manhã que alguns devotos demoravam em reconhecê-lo e perguntavam: “Esse é o túmulo de João das Pedras?”. A falta de reconhecimento ocorria porque, mesmo havendo a placa, muitos dos devotos são analfabetos ou semi-analfabetos e a identificação acontece em maior proporção com a visualização dos ex-votos que ficam em cima do jazigo.

Os ex-votos estavam no chão, próximo ao jazigo do lado esquerdo do de João das Pedras, e era comum perceber os devotos que iam nesta direção (ver foto ao lado).



Fotografia tirada às 9:00 da manhã do dia 02/11/2008. Acervo da autora.

O depositário das velas que está localizado na lateral do túmulo foi revestido por cerâmica. Na parte superior, a fotografia de João está posicionada, ao seu redor quatro imagens de santos: à esquerda são Francisco, Nossa Senhora de Fátima, à direita a Sagrada Família e Nossa Senhora Aparecida. A imagem borrada da fotografia de João das Pedras é a mesma do monóculo de Maria Ferreira Gomes, aquela do time de futebol.



Os devotos, ao perceber a presença da foto, proferiam: “Espia, será que é ele?”; “Nunca tinha visto ele, agora tô vendo ele!”; “O túmulo ficou bonito”, “Ele era desse jeito aí mesmo, ainda me lembro”. Pela primeira vez João das Pedras tinha seu nome e sua fotografia no seu túmulo.

Poucos, entretanto, observaram que havia outra placa que indicava: “Alguém pede p/ acender as velas no local certo aguem agradece Deus nos abençoe”. Uma questão notável, quando vislumbradas as velas acendidas no decorrer do dia de finados. O espaço que circundava

o depositário das velas se punha estreito para a concorrência dos devotos, e dessa forma os arredores do túmulo serviam para as velas serem acesas.

De fato, as velas são os ex-votos em grande proporção. Maria de Fátima Paula, 33 anos, agricultora, residente no Mundo Novo, em São Benedito, estava acendendo três maços de velas no dia de finados de 2008. Segundo a devota, sua promessa foi feita quando o pai, Edmilson Correia da Silva, estava em estado de coma induzido, internado na Santa Casa de Sobral, Ceará. O pedido feito pela devota era ter seu pai restabelecido

em casa; o pagamento seria acender três maços de vela todos os anos de finados no túmulo de João das Pedras. Aos 57 anos, o pai faleceu vitimado por uma trombose e anemia. Findo o pai, isso não significou o fim da fé ou da promessa de Maria de Fátima.

Maria do Socorro Rodrigues, 30 anos, agricultora, residente no Sítio Bom Jesus em São Benedito, também me afirmou, posicionada ao lado do túmulo de João das Pedras, que sua promessa é para a vida toda. Segundo a devota, um primo viciado em drogas teria sido o motivo para a feitura da promessa. Após ter rogado o auxílio do santo, seu primo aceitou ser internado numa clínica de reabilitação em Sobral, além de ter deixado de andar, de acordo com Maria do Socorro, “com as más companhias”. O pagamento seria “acender velas para ele até enquanto eu estiver viva”³⁴².

As velas também compunham o pagamento de Maria Lucimar Bezerra, que, contida e concentrada, procurava arrumar e acender os treze maços de velas que trazia em uma caixa:

Eu tava passando um momento muito difícil, tava muito doente, preocupada com as minhas filhas, e aí eu me apeguei com ele e fui atendida. Eu vivia com um entalamento, com um nervoso, com medo de eu morrer. Eu sempre ia para os médicos e os médicos não descobriam o que era que eu tinha. Aí eu me apeguei com ele. E alcancei as graças: tô boa. Faz dois anos. D’eu pagar ele era acender treze pacotes de velas e rezar um pai-nosso e uma ave-maria. Vim hoje, acendi e rezei. Ele é um homem muito milagroso, as coisas que a gente faz, ele ajuda mesmo. Ele foi muito sofrido, a gente se apegava com ele e ele ajuda³⁴³.

Durante a pesquisa, quando procurava as pessoas em São Benedito e dizia sobre o que estava pesquisando, era comum ouvir alguns que proferiam: “Vá pesquisar na cadeia, que esse é o lugar de ladrão”; ou “Minha filha, tanta gente de bem e você vai atrás de quem não prestava?”.

Com a pesquisa aqui construída foi possível compreender que João das Pedras é de muitos lugares: da casa, da igreja, do cemitério e principalmente da fé de cada um.

³⁴² Entrevista realizada no dia 02/11/2008 no cemitério de São Benedito, durante a visitação de finados.

³⁴³ MESQUITA, Maria Lucimar Bezerra. 31 anos, dona de casa. Residente no Sítio Bananeira em São Bendito. Entrevista realizada no dia 02/11/2008 no cemitério de São Benedito, durante a visitação de finados.

Após a matéria intitulada “O ladrão que se tornou santo”³⁴⁴, apresentada pelo jornal **Diário do Nordeste** no dia 9 de novembro de 2008, pude evidenciar mais uma vez que João das Pedras tem muitos lugares. Muitos leitores de São Benedito, de outros estados e países enviaram e-mails comentando a reportagem, alguns relatando sua opinião sobre a pesquisa. Cito dois casos:

Assunto: João das Pedras
De: **Jose Nicanor Filho** (nicanor_filho@ig.com.br)

Enviada: sábado, 15 de novembro de 2008 22:22:44

Para: michellefmaia@hotmail.com

boa tarde,

Sou graduando de história e grande admirador da matéria. Li esta semana no site do diário do nordeste, uma matéria sua sobre o João das Pedras, e salvei para reler depois.

Interessante o caso e sua perspicácia. Parabéns.

abraços

Nicanor Filho

União dos Palmares – AL

Assunto: reportagem

De: **expedito** (eloisio22@hotmail.com)

Enviada: segunda-feira, 10 de novembro de 2008 0:43:14

Para: michellefmaia@hotmail.com

Oi Michelle tudo bem?

Estou em Portugal, na Universidade de Lisboa, fazendo o estágio sanduiche. Assisti à aulas de história de Portugal do início do século XIX e pesquiso na Torre do Tombo.

Vi sua reportagem no jornal, através da internet, e adorei. Parabéns para vc.

Aos poucos, os e-mails davam informações sobre a morte de João das Pedras numa descrição de personagens já conhecidos, mas principalmente a construção chama a atenção pela indicação de outros personagens que eu desconhecia. Houve também o caso de quem, além de pontuar o seu posicionamento quanto à devoção a João das Pedras, mostrou opiniões distintas de acordo com o antes e depois da leitura da reportagem, caso do e-mail abaixo:

Assunto: João das Pedras

De: **Francisco de Assis Lopes da Rocha Filho**
(lopesfilho2007@hotmail.com)

³⁴⁴ VIANA, Karoline. O ladrão que virou santo. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 09/11/2008. Os e-mails só foram possíveis porque na matéria foi indicado o endereço eletrônico da autora da dissertação.

Enviada: domingo, 9 de novembro de 2008 19:45:26

Para: michellefmaia@hotmail.com

Michelle, boa tarde, li hoje pela manhã no jornal Diário do Nordeste a material sobre a história de João das Pedras, "o ladrão que se tornou santo" e gostei muito. Eu também era umas dessas pessoas que não concordava com essa devoção ao "ladrão que virou santo", mas confesso que esta matéria mudou meu modo de ver. Eu não sabia que ele depois de morto tinha sido vítima de vilipêndio.

Na verdade, eu nunca me interessei pelo assunto, um erro da minha parte, pois sendo cidadão sambenedicense, deveria me interessar mais pela cultura e história de minha cidade. Acho que todos deveriam fazer isso.

Conversando com minha mãe há pouco sobre o assunto, ela me confirmou que houve realmente esse vilipêndio e que o João das Pedras seria enterrado numa rede, como indigente, mas uma senhora chamada Raimundinha, ex-vereadora da cidade, tomou a frente e disse que ele era um ser humano e merecia um enterrado como tal. Providenciou então um caixão, um pequeno velório e um sepultamento.

Outra coisa, descobri hoje que meu pai (Tenente Lopes) era o delegado de São Benedito na época do ocorrido. Vou tentar falar com ele na próxima semana (ele mora em Fortaleza) e perguntar se ele lembra alguma coisa da época. Se ele me disser algo relevante eu mando por e-mail pra você, ok.

Um abraço e parabéns pela pesquisa. Vá em frente, pois ela é do gosto popular e o POPULAR é maioria no mundo todo.

LOPES FILHO

As descrições se seguiram, como afirmações sobre a índole do ladrão dos pobres:

Assunto: eu conheci ele

De: **Absalan Silva** (absalan@oi.com.br)

Enviada: domingo, 9 de novembro de 2008 13:46:37

Para: michellefmaia@hotmail.com

Morei 20 anos em São Benedito e conheço e lembro do João das Pedras, ele realmente roubava os ricos e dava aos pobres, lembro uma vez um senhor dormindo na rua ele chegou com vários casacos roubados dos ricos e o cobriu, o homem nem se quer soube quem fez aquilo pois dormia e o frio era intenso.

José Augusto tel 21 2290-4534

As divergências sobre se João das Pedras era ou não ladrão dos pobres surgiram nos comentários enviados pelos leitores via internet para a redação do jornal

Diário do Nordeste, assunto que foi publicado pelo periódico no dia 10/11/2008:

As mais comentadas

O ladrão que se tornou santo. A historiadora Michelle Maia foi muito elogiada pela pesquisa que fez sobre João das Pedras. Outros leitores escreveram para desprezar o objeto de pesquisa: "O que ele fez muito em

vida foi afanar os porcos que meus avós criava com extremo sacrifício para sustentar os dezoitos filhos”³⁴⁵.

A escrita que me propus na dissertação buscou ser detalhista. Se as agendas foram a única vez em que vi João das Pedras por escrito, esta dissertação, assim como a reportagem no jornal, também o registram pela primeira vez aos olhos de muitos.

Para compreender o culto a João das Pedras era necessário ter uma aproximação com a relação dos entrevistados a respeito da morte, os mortos, os sonhos, as promessas e devoções, com o cemitério, com o mundo visível e o invisível. Inquirindo sobre o além vivenciado nas relações familiares, e pelas fronteiras entre o mundo terreno e o espiritual, tencionei visualizar como essa relação é construída, como as barreiras são atravessadas, pelos sonhos, pela crença no aquém e no além e como essas questões são postas pelas interpretações³⁴⁶.

João das Pedras, o ladrão santo, era um caso específico, mas não estava isolado, e por essa razão florescera num consenso social³⁴⁷. Por isso também optei por uma escrita às vezes comparativa, que segue de João e a outros. Do micro ao macro, do particular ao coletivo.

Em São Benedito fiquei sabendo de tantas mortes violentas: homens degolados e o corpo jogado serra abaixo; mulheres esfaqueadas porque recusaram uma dança num forró; mulher de resguardo assassinada tendo os seios cortados pelo assassino; senhora aposentada violentada pelos adolescentes vizinhos, que retiraram toda a pele da face da senhora; acidentes violentos de colisões de carros, caminhões e motos. Nenhuma destas

³⁴⁵ Opinião. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 10/11/2008. p. 2.

³⁴⁶ Oscar Calavia Sáez define o mundo invisível brasileiro como inconsciente: “Mas um inconsciente comum, que não se vincula ao oculto, mas ao conhecimento vulgar, ao cotidiano. A descoberta e a ação desse Além dão-se principalmente no meio das relações familiares, de um modo intuitivo e não-explicito; inconsciente porque demasiado próximo ao olho. Quando esse inconsciente se formula, adota a forma de um discurso científico que, por meio da interpretação, afasta a percepção dos fenômenos da percepção de seu contexto e com isso, por assim dizer, preserva toda a potência desse contexto. O Além brasileiro, único entre todos eles, instala-se no aqui e no agora, eliminando a distância de espaço e de tempo que dá razão aos outros. Se os outros Aléns são utopias, o Além brasileiro é uma hipertopia, uma intensa promiscuidade no aqui-agora de fatos e categorias que em outras culturas se mantêm afastados no espaço e/ou no tempo, e onde a transgressão das fronteiras entre mundos é fácil e tentadora” (SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas falados**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 179).

³⁴⁷ Sobre as divindades e a crença das pessoas no que fazem, Oscar Calavia suscita que: “A suposta existência de deuses catalisa inúmeras atividades dos seres humanos; os deuses estão, no mínimo, no mesmo caso que outras enteléquias, sem suporte corporal como o fim de ano, a data do carnaval, o metro, o superego, a inflação. Está claro que tais seres não seriam a mesma coisa sem um amplo consenso social quanto à sua essência e existência [...]” (Ibid. p. 153).

mortes, embora causando indignação e piedade popular, santificou outro santo ou uma santa popular em São Benedito. Somente o túmulo de João das Pedras queima pelas velas de seus devotos, por suas preces, pagamentos e pela contemplação de quem acredita no ladrão concessor. O senhor da fotografia abaixo nem desviou o olhar da vela que tentava fincar no chão. Sua fé concentrada não o fez perceber o *flash* que disparava da minha máquina fotográfica.



Imagem fotografada às 17:30 do dia 02/11/2008. Acervo da autora

FONTES

IMPRESSOS

JORNAIS

- MARIA, Leda. **O santuário**. Caderno 3. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 06/10/2006.
- Mercado ascendente de flores. Página Regional. Estado em Destaque. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 16/03/2008.
- As mais comentadas. Opinião. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 10/11/2008. p. 2.

ESCRITAS

- Agendas de marcações nos anos de 2003, 2004, 2005 e 2006. Encontram-se na igreja Matriz de São Benedito, Ceará.
- Oração de São Jorge Guerreiro.
- Oração das Treze Almas Benditas.

Virtuais

- Site [pt.wikipedia.org/wiki/São_Benedito_](http://pt.wikipedia.org/wiki/São_Benedito_(Ceará)) (Ceará).
- IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Mapa de São Benedito 2002.

Entrevistas

ARAÚJO, Aparecida de Souza. 28 anos. Dona de casa. Entrevista realizada no dia 02/11/ 2008 no cemitério de São Benedito.

ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos, funcionária pública. Reside na rua Monsenhor Custódio em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004.

BATISTA, Cleomar Ferreira. 43 anos. Desempregada. No momento da entrevista, no dia 03/07/2007, residia na Rodovia da Confiança Norte em São Benedito.

BATISTA, Renato Ferreira. Natural de Crateús, Ceará, 22 anos. Solteiro. Auxiliar de pintura e lanternagem de carro. Residia no bairro do Corrente em São Benedito, agora está em Independência, também interior cearense. Entrevista informal realizada em 03/07/2007.

BRITO, Maria de Fátima de Sousa. Costureira. Residente no bairro Cidade Alta em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 01/06/2003.

CARVALHO, Expedita Ferreira de Carvalho. Funcionária pública aposentada, 57 anos, residente na rua Ministro Antonio Coelho. Embora não permitisse gravar a entrevista, a senhora Expedita me permitiu escrever sua sucinta fala, que na dissertação transcrevi.

CARVALHO, Maria Aparecida de Matos. 53 anos. Agente de saúde. Entrevista realizada em sua residência, na Rodovia da Confiança Norte, em São Benedito, no dia 07/03/2005.

COUTINHO, Expedito Jorge. 78 anos. Pedreiro aposentado. Residente na travessa Francisco Cavalcante em São Benedito. Entrevista realizada no dia 03/01/2008.

CRESCENÇA, Joaquim. 83 anos, aposentado, residente no Sítio Pimenteira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004. Seu Joaquim foi carcereiro da Delegacia Municipal de São Benedito e acompanhou muitas das prisões de João das Pedras.

GOMES, Antonio José. Agricultor aposentado, 70 anos, residente no Sítio Bom Jesus. Entrevista realizada em sua residência, no dia 02/02/2005.

GOMES, Maria Ferreira. Casada. Aposentada. 64 anos. Nascida no dia 30/03/1930. Entrevistas realizadas em sua residência: primeiro no Sítio Pimenteira no dia 01/06/2003; após 2005 as entrevistas informais e as gravadas foram realizadas na atual residência, no bairro do Corrente, também em São Benedito. A última entrevista ocorreu no dia 03/07/2007.

GOMES, Maria das Graças Marques. 53 anos. Dona de casa. Entrevista realizada no dia 12/02/2005, em sua residência, no Sítio Pimenteira, em São Benedito. Irmã de João das Pedras.

GONÇALVES, Antonio José. 70 anos. Agricultor aposentado. Conhecido como Antonio Simão. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Bom Jesus, no dia 02/02/2005.

GONÇALVES, Francisca das Chagas. 59 anos. Cozinheira do Hospital Municipal de São Benedito. Residente no bairro Vila Franco. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito no dia 02/11/2008.

GONÇALVES, Luciano. Agricultor. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Pimenteira, em São Benedito, no dia 02/11/2005.

LIMA, Antonia Ferreira de. 37 anos. Casada. Agricultora. Residente no Sítio Pimenteira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 01/06/2003.

LIMA, Francisco Augusto. 42 anos. Pedreiro. Residente na Rua Irineu Pinto da Silveira. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito no dia 02/11/2008.

LOPES, Lucineide Matos. 41 anos. Feirante do Mercado Municipal. Residente no bairro do Chora. Entrevista realizada no Cemitério no dia 02/11/2008.

LOPES, Maria da Conceição. 54 anos, lavadeira, residente no bairro da Cachoeira. Entrevista realizada em sua residência, no dia 01/06/2003.

LOPES, Maria de Fátima do Carmo. 53 anos. Professora aposentada. Casada. Natural de Crateús. Residente na rua Washington nº 307, bairro Santa Rita em Crateús, Ceará. Entrevista realizada no dia 19/07/2008 em Fortaleza, quando esta senhora estava de visita à casa de sua filha Ana Keyla Lopes, que reside na avenida Jovita Feitosa, na capital cearense.

MAIA, Francisco Arruda. 64 anos. Policial militar aposentado. Residente no bairro Papicu, em Fortaleza-Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 09/05/2005. Sargento Maia, como é chamado por muitos em São Benedito, foi o executor de várias prisões de João das Pedras.

MAIA, Raimunda Ferreira. Dona de casa. Casada. 50 anos. Residente no bairro do Corrente. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/07/2007.

MARQUES, Raimunda. Agricultora, casada. Irmã de João das Pedras. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Baixa Grande, no dia 12/02/2004.

MELO, Alfredo Roberto de. 67 anos. Residente no bairro do Cruzeiro. Entrevista realizada no dia 02/11/2004, no cemitério de São Benedito.

MESQUITA, Maria Lucimar Bezerra. 31 anos. Dona de casa. Residente no Sítio Bananeira em São Benedito. Entrevista realizada no dia 02/11/2008 no cemitério de São Benedito, durante a visitação de finados.

NASCIMENTO, Francisca Muniz do. 81 anos, aposentada, residente na rua Deputado Vicente Ribeiro, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, em sua residência.

OLIVEIRA, Vicente Paula de. 94 anos. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência no dia 03/04/2004, no Sítio Pombal em São Benedito.

PAIVA, Gonçala Araújo de. 57 anos. Funcionária do Conselho Fiscal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Diretoria do Comitê do Fome Zero. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, no dia 02/02/2005.

PAIVA, Manoel Franco. 78 anos. Casado. Aposentado. Residente na 1ª etapa do Conjunto Habitacional José Walter, Rua 59. Entrevista realizada no dia 08/05/2005.

PAIVA, Raimundo Pereira. 79 anos. Aposentado. Residente no Sítio Lagoa em São Benedito. Ainda desenvolve atividades na Rádio Planalto como trovador e apresentador de programa. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, na Rádio Planalto.

PAULA, Maria de Fátima. 33 anos. Agricultora. Residente no Sítio Mundo Novo em São Benedito. Entrevista realizada no dia 02/11/2008 no cemitério de São Benedito.

PEREIRA, Antonio Gomes. 51 anos. Agricultor. Residente no município de Carnaubal, Ceará. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, no dia 02/11/2004.

RODRIGUES, Francisca Mota. A senhora Francisca, conhecida como Chica da Égua, concedeu-me a entrevista em sua residência, na avenida Tabajara, no dia 19/03/2004, aposentada, estava com 68 anos. Nascida em 25/10/1936. Em 18/06/2006, a senhora faleceu vítima de um AVC, tendo então 70 anos.

RODRIGUES, João Batista. 38 anos. Sacerdote. Entrevista realizada na secretária paroquial de São Benedito, no dia 02/10/2005.

RODRIGUES, Maria do Socorro Rodrigues. 30 anos. Agricultora. Residente no Sítio Bom Jesus em São Benedito. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, no dia 02/11/2008.

SANTANA, Nilo Paula. 76 anos. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Pombal, em São Benedito, no dia 03/04/2004.

SANTOS, Maria Helena Sousa dos. 29 anos. Casada. Secretária da paróquia desde março de 1999. Residente no bairro Cidade Alta em São Benedito. Entrevista realizada no dia 03/11/2007, na secretaria paroquial.

SILVA, Francisco Manoel Rodrigues da. 40 anos. Motorista, residente no bairro Cidade Nova, em São Benedito. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, no dia 02/02/2005.

SILVA, Francisca Rodrigues da. 73 anos. Aposentada. Residente na rua Ministro Antonio Coelho. Entrevista realizada em sua residência, no dia 25/02/2005.

SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte, São Benedito. Entrevista realizada no dia 19/03/2004, em sua residência.

SILVA, Tereza Vieira da. 57 anos, agricultora, aposentada, casada, residente na avenida da Confiança Norte, no bairro do Corrente em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/11/2007.

SILVA, Tomaz Bezerra. 66 anos. Pintor de casa. Residente na avenida Tabajara, em São Benedito. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando sua visita ao túmulo de João das Pedras, no dia 02/02/2005.

SOARES, Otacílio Viana. 22 anos. Residente no Sítio Lagoa. Auxiliar de escritório do Cartório Amaral do 2º Ofício. Entrevista realizada no dia 02/02/2005, no cemitério de São Benedito.

SOUSA, Luiz Antonio. 37 anos. Professor de História do Colégio Ministro Antonio Coelho. Residente no Quadro São Francisco. Entrevista realizada dia 02/11/2004 no cemitério de São Benedito.

SOUSA, Maria Auxiliadora Ribeiro. 33 anos, agricultora. Residente na Rodovia da Confiança Sul. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, no dia 02/02/2005.

SOUSA, Orácio Pedro. 72 anos, agricultor aposentado, residente no sítio Ingazeira, em São Benedito-Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 22/05/2004.

SOUZA, Maria Ferreira de. 67 anos. Aposentada. Casada. Entrevista realizada em sua residência na rua Deputado Francisco Júlio Filizola, no bairro do Corrente, no dia 03/07/07.

VALE, José Rodrigues do. 73 anos. Agricultor. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, na residência de sua comadre Francisca Muniz do Nascimento.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fenelon. **Jararaca: o cangaceiro que virou “santo”**. Recife: Guararapes, 1981 (Cadernos Guarapes, 1).

ALVES, Kesia Cristina França. **O santo do purgatório**. A transformação mítica do cangaceiro Jararaca em herói. Dissertação de mestrado –Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2006.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro. 2003.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

A Bíblia Sagrada. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, Brasil, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. Prefácio de José de Sousa Martins. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRANDÃO, José Hudson. **São Benedito: dos tabajaras ao terceiro milênio**. Fortaleza: Premium; Ed. Livro Técnico, 2002.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Testemunha ocular: história e imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: Edusc, 2004.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Ed. 70, [s.d.].

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1983.

_____. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

CAVALCANTE, Antonio Mourão. **Dr. Argeu: a construção de um santo popular.** Fortaleza: Ed. UFC. 2003.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural.** 2. ed. Campinas: Papirus, 1993.

_____. **A escrita da história.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Trad. Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Trad. Mary Del Priore. Brasília: Ed. UnB, 1999.

CORREIA, Iara Toscano. A santidade no imaginário popular. In: _____. **João Relojoeiro: a construção de um santo no imaginário popular – Uberlândia/ MG (1956-2002).** Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

DEL PRIORE, Mary. Mentalidades e práticas em torno do parto. In: _____. **Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia.** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1995.

DOSSE, François. **História e ciências sociais.** Trad. Fernanda Abreu. Bauru: Edusc, 2004.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo.** Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho.** Rio de Janeiro: Record, 1987.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes.** O outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FURTADO, Maria Stella. **História geral e política de São Benedito.** Sobral: Secretaria da Cultura e Turismo, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica.** Trad. Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GINZBURG, CARLO. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** 3. ed. Trad. Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HOBBSAWM, E. J. **Bandidos.** Trad. Donaldo Magalhães Garschagen. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (org). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d'Água, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LIMA, Francisco Assis. **Conto popular e comunidade narrativa.** Rio de Janeiro. Funarte; Instituto Nacional do Folclore, 1985.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Doze contos peregrinos.** Rio de Janeiro: Record, 1992.

MILLIET, Maria Alice. **Tiradentes: O corpo do herói.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela História. **História Oral** – Revista da Associação Brasileira de História Oral, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, jan.-dez. 2006.

ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memória sobre Juazeiro do Padre Cícero (1935).** Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória. O Massacre das Fossas Ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. **História e Perspectivas**, Uberlândia, Nº 25 e 26, 2002.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944). Mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. “O momento da minha vida”: funções do tempo na História Oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (org). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’Água, 2004.

QUEIROZ, Maria. Isaura Pereira de. **Os cangaceiros**. Tradução da autora. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. **História do cangaço**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Narrativa em fogo cruzado: Padre Cícero, Lampião e a Guerra de 14. **Trajatos** – Revista de História da UFC, Fortaleza, vol. 2, n. 3, 2002.

_____. ‘O objeto gerador’. In: _____. **A danação do objeto**. Chapecó: Argos, 2004.

_____. **O verbo encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **História da vida privada no Brasil 2**: Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. Ilustrações de Maria Luiza Ferguson. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido**: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão. Rio de Janeiro: Funarte; IBAC, 1993.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasma falados**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev. 1997.

SCHNEIDER, Marília. **Memória e história** (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001.

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte**. Um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982.

SOUZA, Laura de Mello e. Deflagração de conflitos. In: _____. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Ilustrações de Romero de Andrade Lima. 35. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

TÁVORA, Franklin. **O Cabeleira**. Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

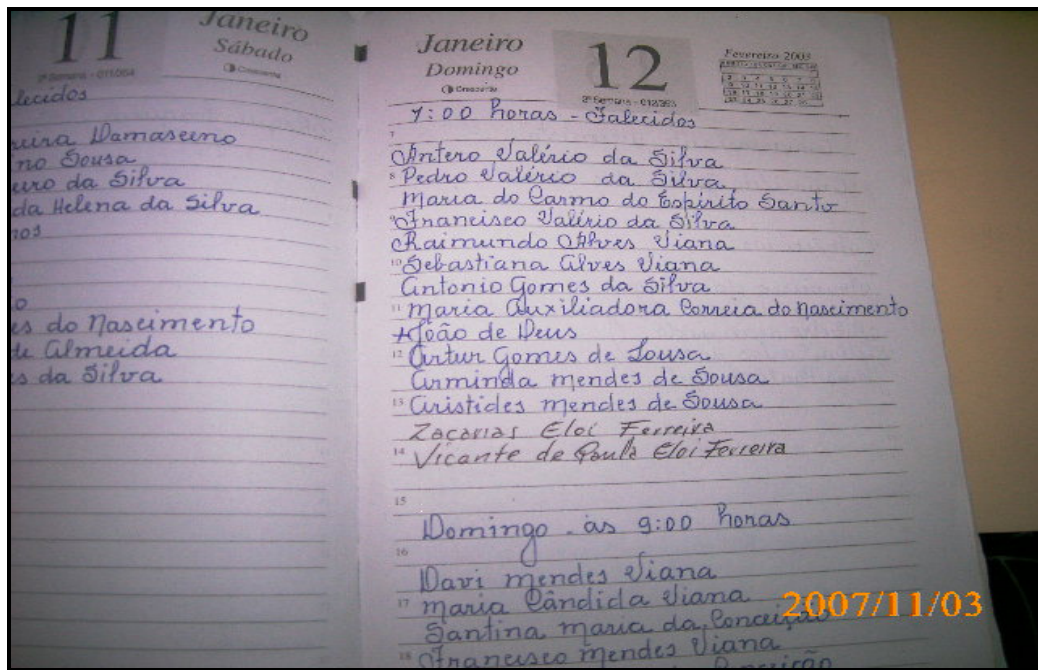
VIEIRA, Antônio. **Sermão do bom ladrão**. São Paulo: Princípio, 1993.

ANEXO I – MARIA FERREIRA GOMES.

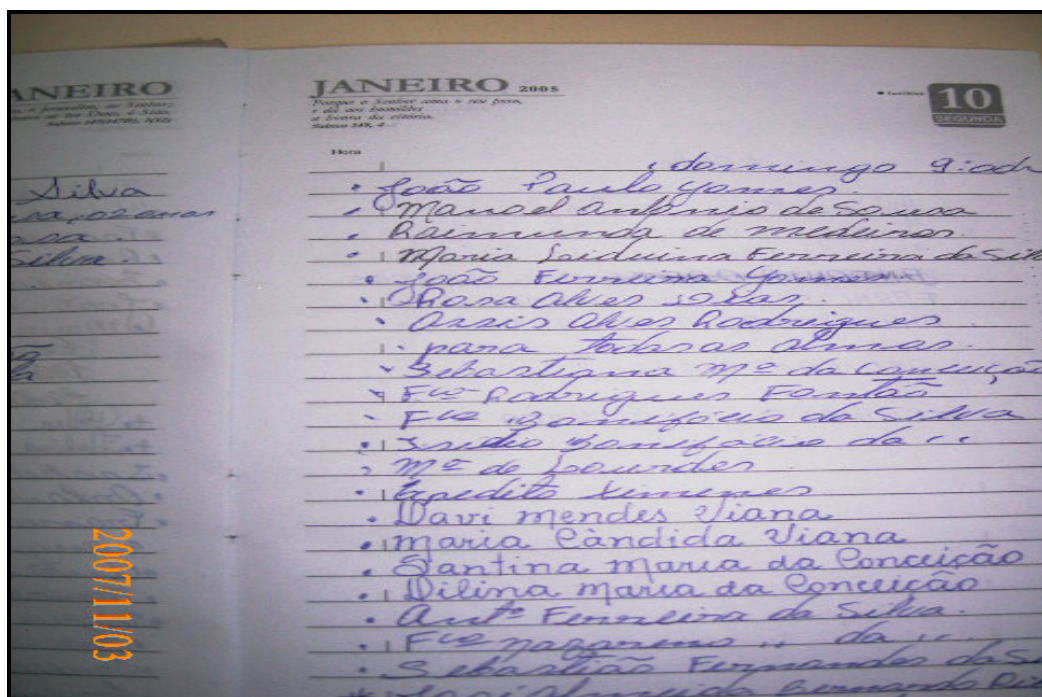
Maria sentada em frente a sua casa localizada no Bairro do Corrente em São Benedito, Ceará. Fotografia capturada por Juliana Steffany Maia irmã da autora da dissertação em Agosto de 2008.

ANEXO II - PÁGINAS DAS AGENDAS DE MARCAÇÃO DA IGREJA MATRIZ DE SÃO BENEDITO DO ANO DE 2005 E 2006.

ANO DE 2005:

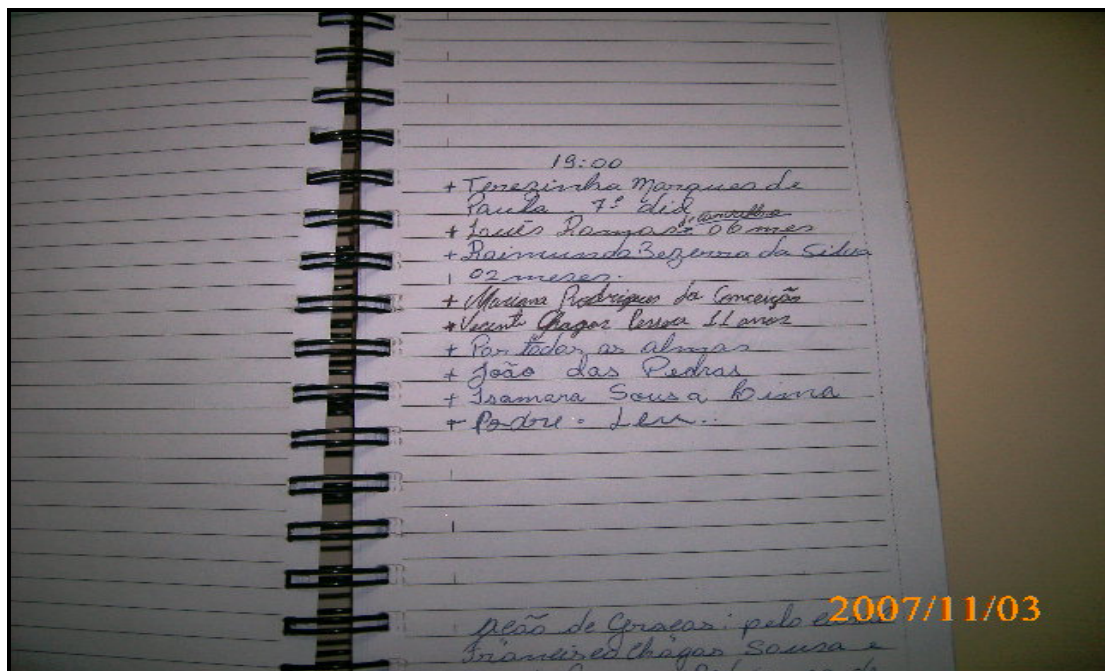


Acima na nona linha lê-se o nome João de Deus.

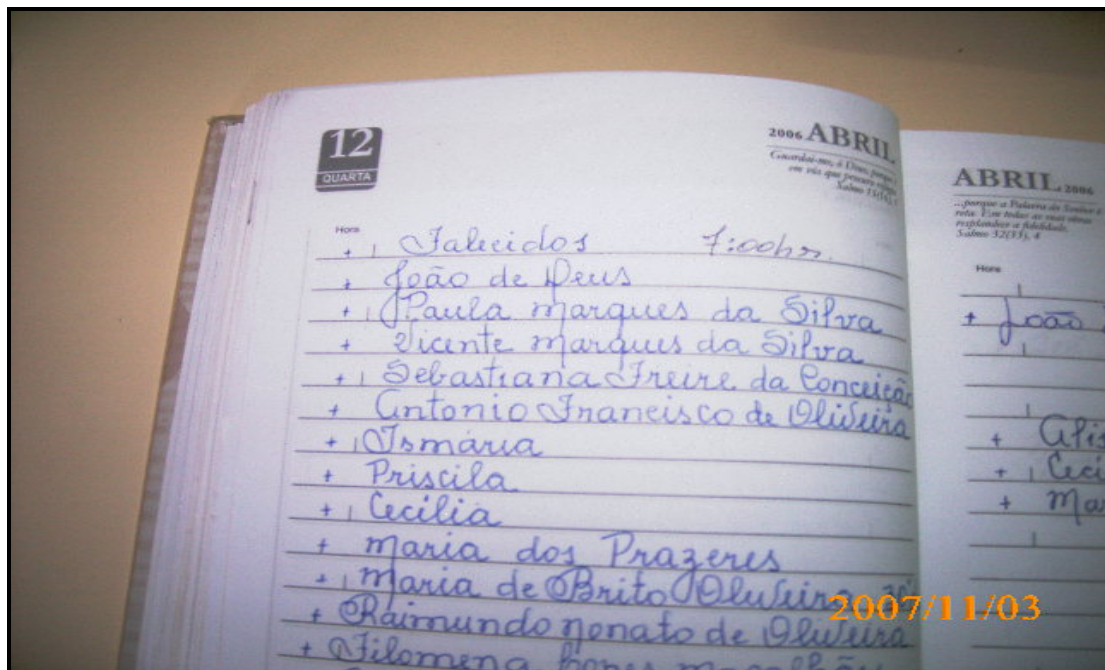


Na quinta linha lê-se João Ferreira Gomes.

ANO DE 2006:



Acima lê-se na nona linha lê-se João das Pedras para a missa das 19:00 do dia 09 de Janeiro.



Na primeira linha lê-se João de Deus.

Imagens Fotografadas por Michelle Ferreira Maia no dia 03/11/2007. Todas as intenções aqui postas foram celebradas na Igreja Matriz de São Benedito.

ANEXO III – DIA DE FINADOS DE 2003.

É comum observar crianças acendendo velas a João das Pedras como analisamos no item 2.2. A Fotografia a esquerda foi capturada as 9:00 da manhã. A outra foi fotografada as 16:00 horas. Perceba que uns aguardam a saída dos que estão acendendo as velas para acender as suas. Observe as velas queimam os ex-votos, enquanto os devotos rezam. Imagem capturada as 16:00 horas.





A Imagem acima foi fotografada as 8:00 da manhã. Observe que João das Pedras é o milagreiro dos homens tanto quanto das mulheres. Abaixo as fotografias capturadas as 16:00 horas.





Fotografada as 18:00 horas.



Esse horário a maioria dos visitantes da morada eterna estão terminando de assistir a missa de finados em frente a Capela de São Miguel, uma das razões que não se percebe a aglomeração dos devotos em torno do túmulo, o outro motivo, é a fumaça e calor vindo das velas. Imagem fotografada as 18:30 horas.

ANEXO IV: DIA DE FINADOS DE 2004.

Maria de Nazaré Cordeiro, aposentada, 64 anos, residente no Sítio Potós em São Benedito. Comentou que sentia dor no ouvido há mais de ano, admitiu ter usado medicamentos, mas persistiu o problema. Maria decidiu então fazer uma promessa com João das Pedras e disse que foi atendida. A promessa foi paga neste dia de finados quando após minha abordagem Maria depositou o ex-voto e rezou. A senhora não nos permitiu utilizar o gravador em sua entrevista, porém nos possibilitou fotografá-la. A segunda imagem apresenta o senhor Antonio Gomes Pereira pagando sua promessa. Analisamos a feitura e o pagamento no item 2.2. Imagens Fotografadas pela manhã. Abaixo devotos acendendo velas.



ANEXO V – DIA DE FINADOS DE 2005.

Na fotografia esquerda a senhora segurando a coroa de flores é Francisca Rodrigues da Silva que alcançou uma graça para seu filho que abordei no item 2.1. A senhora que segura o bilhete é Gonçala Araújo, este é o bilhete que discuti no item 2.2 e que após a fotografia a devota o queimou. As fotografias capturadas pela manhã.



Imagem fotografada pela tarde.

ANEXO VI - DIA DE FINADOS DE 2006.

Como comentei no 2º capítulo nem sempre foi possível entrevistar todos os devotos. Entretanto, me permiti registrá-los pelas fotografias aqui apresentadas, capturando o momento em que pediam e pagavam suas promessas. Imagens fotografadas as 9:00 horas da manhã.

ANEXO VII – 03 DE NOVEMBRO DE 2007.

Dia de finados de 2007 estive como desde 2003 o dia inteiro ao redor do túmulo de João das Pedras: realizando anotações somente, pois o gravador estava com problemas. Fotografei os diversos devotos com o auxílio da câmera digital. Entretanto, findo o dia, ao chegar em minha residência em São Benedito e por um lapso ao manusear o aparelho, as fotografias foram apagadas. Por essa razão, no dia 03 de novembro fotografei as mudanças do túmulo realizadas pelo senhor Tomaz Bezerra, porém sem a presença de nenhum dos devotos.



Na estrutura tumular nota-se duas principais modificações. A primeira no nome que lê-se João das Pedras. A segunda na data de morte que agora se apresenta 1978. De fato, o nome Pedras teima em surgir. Abaixo outros ângulos fotografados pela manhã.



Visto de cima os ex-votos desordenadamente apresentam-se empilhados sobre o túmulo de João das Pedras: jarros, chinelos, coroas, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e os costumeiros pedaços de madeira.



O depositário de velas foi construído em 2006 e no ano de 2007 foi aprimorado com estas três divisões, em cima, dentro da pirâmide encontram-se imagens de santos católicos: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graças, São Francisco. Todas estas imagens foram fotografadas por Michelle Ferreira Maia.

ANEXO VIII - DESCANSA EM PAZ.

Em meados de Julho de 2008, assim descansa o túmulo de João das Pedras a espera dos devotos do ladrão-santo, e de outros dias de finados.



Abaixo os ex-votos escondidos ou guardados em sacolas de açúcar ao lado de um túmulo vizinho, seriam jogados no lixo ou queimados como tantos outros:



Imagens foram fotografadas por Juliana Maia.